

A ÁGUIA

Órgão da RENASCENÇA PORTUGUESA

Vol. V—2.^a Série

(Janeiro a Junho de 1914)



Pôrto—1914

BIBLIOTECA

2A

RENASCENÇA PORTUGUESA

- A Águia (2.ª série)—Revista mensal—10 centavos. (Volumes I a V—Cada 60 centavos.
- A Vida Portuguesa—Boletim—1.º volume de 162 páginas, 40 centavos.
- Regresso ao Paraíso—*Teixeira de Pascoaes*—vol., 50 centavos.
- A Evocação da Vida—*Augusto Casimiro*—1 vol., 40 centavos.
- Esta Historia é para os Anjos—*Jaime Cortesão*—1 vol., 10 centavos.
- O Espirito Lusitano—*Teixeira de Pascoaes*—1 vol., 10 centavos.
- A Sinfonia da Tarde—*Jaime Cortesão*—1 vol., 10 centavos.
- O Criacionismo—*Leonardo Coimbra*—1 vol., 80 centavos.
- Romarias—*A. Correia d'Oliveira*—1 vol., 10 centavos.
- A Educação dos povos peninsulares—*Ribera y Rovira*—1 vol., 10 centavos.
- A Primeira Nau—*Augusto Casimiro*—1 vol., 10 centavos.
- Cintra—*Mário Beirão*—1 vol., 10 centavos.
- O Doido e a Morte—*Teixeira de Pascoaes*—1 vol., 20 centavos.
- ... Daquem e dalem Morte—(Contos com Illustrações de Cervantes de Haro e Cristiano de Carvalho)—*Jaime Cortesão*—1 vol., 60 centavos.
- O Último Lusitão—*Mário Beirão*—1 vol., 50 centavos.
- O Génio português na sua expressão poética, filosófica e religiosa—*Teixeira de Pascoaes*—1 vol., 20 centavos.
- Elegias—*Teixeira de Pascoaes*—1 vol., 30 centavos.
- Camillo Inédito—Prefácio e notações de *Vila-Moura*—1 vol., 50 centavos.
- Só—*Antonio Nobre* (3.ª edição, esgotada).
- A Morte—*Leonardo Coimbra*—vol., 1 40 centavos.
- A Teoria da Mutação—*Armando Cortesão*—1 vol., 70 centavos.
- Doentes da Beleza—*Vila-Moura*—1 vol. de 160 páginas, 50 centavos.
- Glória Humilde—*Jaime Cortesão*—1 vol. de 192 páginas, 50 centavos.
- Verbo Escuro—*Teixeira de Pascoaes*—1 vol., 50 centavos.
- À Catalunha—*Augusto Casimiro*—1 vol., 20 centavos.
- Miss Dolly—*Costa Macedo*—1 vol., 10 centavos.
- O Problema da Cultura—*Antonio Sergio*—1 vol., 20 centavos.
- A Era Lusitã—*Teixeira de Pascoaes*—1 vol., 20 centavos.
- Cancioneiro Popular—*Jaime Cortesão*—1 vol. 40 centavos.
- A Saudade Portuguesa—*Carolina Micaelis de Vasconcelos*—1 vol. 50 centavos.
- Literatura Nacional—*Alfredo Coelho de Magalhães*—1 vol. 20 centavos.
- O Génio Peninsular—*Ribera y Rovira* (No prelo).
- Nova Teoria do Sacrifício—*José Teixeira Rego* (No prelo).
- Bohemios—*Visconde de Vila-Moura*—(No prelo).
- Crónica de D. Duarte, de Rui de Pina—*Alfredo Coelho de Magalhães*—(No prelo).
- A Grei—*Ezequiel de Campos*—(No prelo).
- Contos de Madame d'Aulnoy—(No prelo).
- Contos de Shakespeare—(No prelo).
- A Esmeralda de Nero—*Carlos Parreira*—(No prelo).
- Cantigas do Povo para as Escotas—(No prelo).

A ÁGUIA

Revista mensal, órgão da «Renasçença Portuguesa» — Directores, Teixeira de Pascoaes e António Carneiro; secretário da redacção e administrador, Álvaro Pinto — Redacção, administração e tipografia, Praça da República, 160, 161 e 162. Porto — Gravuras de Cristiano de Carvalho, Rua de Cedofeita, 95-1., Porto. ○ ○ ○ ○ ○ ○ ○ ○ ○ ○ ○ ○ ○ ○ V volume — 1914.

LITTERATURA

REGENERAÇÃO E TRADIÇÃO, MORAL E ECONOMIA

A Teixeira de Pascoaes

Meu querido e illustre amigo:



A SUA frente, gladio em punho, pusemos o Pascoais. — Isto me escrevia ha dois meses e meio, annunciando-me o seu artigo que recebi hontem, o nosso Augusto Casimiro. Fiquei sabendo dessa forma que me enviava o saudosismo o seu Aquiles; contra mim, que não sou Heitor de gente alguma, — o saudosismo arrojava não sómente o seu Aquiles, mas o seu cabeça e o seu chefe: o proprio Agamemnon, o rei dos reis; e não só o rei dos reis, mas o Mago, o Sacerdote, a Pitonisa!

Confesso ser este ultimo caracter, — nocturnamente sacerdotal, — que na sua pessoa acima de tudo me aterroriza e me conturba; porém os seus comentarios foram ainda para mim mais transcendentales e incompreensiveis; são de um espirito celeste que nada tem de comum com a minha humana natureza; pareceu-me que o meu amigo me refutava com uma sonata de Beethoven.

O seu pensar é encantador e feiticheiro. As suas palavras tem a doçura e a insubstancia do vôo espirital dum silfo: e se fosse possível conceber a claridade dum raio de lua, numa noute de nevoeiro mistico, ao beijar o mais fundo do oceano, — eu diria que a sua alma é alguma coisa ainda de mais delicado e de mais tenue, de mais ultramundano e de mais puro. Com que sentido vislumbrar a subtilidade do seu Verbo? Ele é, para o meu espirito, o perfume de uma rosa á distancia de mil sonhos...

Eu já sabia, meu amigo, que era infinita a distancia entre um poeta amabilissimo (divino salgueiro que se debruça nas aguas lentas do puro sonho) e um voluntarista-intelectualista, esculpido á custa de machadada num tronco já seco da antiga Helénia; entre um romantico e um classico; entre um elegiaco lusitano da escola de Bernardim, que vai encher um cantaro puro á bica cantante do Amor-Saudade, e um aluno de Albion e da Germania, admirador de Antero e de Herculano, todo atascado, como bem cre, no carvão de pedra da suja Europa; entre um sedentario, finalmente, que se tornou o bardo dum cantinho da doce terra portuguesa, e uma alma bronca

de cosmopolita, de vida arquejante e por vezes rispida, operario de uma faina que com dôr se eleva, pioneiro forçado da larga Terra, marujo do oceano que não tem fim...

Mas a diferença (o seu artigo mo demonstra) é maior ainda e mais profunda. Não somos dois homens muito diferentes: somos substancias incomunicaveis; somos, pelo menos, duas especies diversissimas; somos como um Rouxinol e como um Peixe.—V. é o rouxinol e eu o peixe.

II

Peguei na pena para desfiar os seus comentarios, e desisti. Os peixes compreenderão imediatamente porque assim foi: os rouxinóis dirão mais uma vez que o saudosismo é « invulneravel como as criaturas sobrehumanas, em cujas veias corre divino sangue. » Seria atacar a bisturi o proprio hálito duma deusa...

Criador de divindades com seu sangue imperituro, V. atira as suas frases humanamente inexplicaveis, quando afirma que o sangue lusitano é uma mistura *em partes iguais* de sangue ariano (?) e sangue semita (1), ou sangue romano e sangue semita (2), donde nasceu a Saudade; que o semita criou o culto do espirito e a *Virgem dolorosa*, e o pobre ária (coitadinho!) só o culto da forma, a beleza objectiva (3); que ter alma e corpo é propriedade exclusiva de alguns dos nossos escriptores (4); que a Turquia foi vencida por se ter germanizado (5); que « pelo desejo a Saudade descende do sangue ariano, e pela dor, do sangue semita » (6); que os dois grandes ramos ethnicos (arianos e semitas) deram origem a todos os povos europeus (7); que nós somos a synthese do paganismo e do cristianismo, ao passo que foi « exclusivamente pagão o povo italiano » (8), quer dizer, o que produziu o mais cristão e admiravel de todos os grandes movimentos misticos, a cristianissima comoção *nacional* do seculo XIII, de que S. Francisco de Assis, Arnaldo de Brescia, Joaquim de Flora, etc., são as figuras mais interessantes; que é puramente pagã a arte italiana, quer dizer, a que deu ao mundo a forma cristianissima do sentimento cristão nas pinturas de Giotto e de Fra Angelico, e no poema cristianissimo do Dante (9); que « a Inquisição dos Jesuitas » (assim

(1) *O Espirito lusitano*, p. 8.

(2) *O Genio português*, p. 15.

(3) *O Espirito lusitano*, p. 8.

(4) *O Espirito lusitano*, p. 9. O que se tem achado muito extraordinario nos lusitanos é simplesmente o uso da imagem, processo fundamental de *todos* os poetas, de *todas* as linguas, de *todo* o pensamento.

(5) Já não sei onde.

(6) *O Espirito lusitano*, p. 10.

(7) *O Espirito lusitano*, p. 11.

(8) *O Espirito lusitano*, p. 10.

(9) Bastar-lhe-ia abrir a Enciclopedia mais vulgar no nosso país, a do Larousse, para encontrar frases como estas: « C'est pendant se second séjour à Assise que Giotto, pour glorifier Saint François, peignit quatre fresques allégoriques qui sont une des plus pures inspirations de l'art chrétien. C'est la parfaite exaltation du plus sublime idéal religieux que le moyen-âge ait connu. » « Transformé en musée en 1867, ce convent (San Marco, Florença) est un véritable monument consacré par notre

diz) foi um estrangeirismo desnacionalizador, como o constitucionalismo francês (1); que as guerras se produzem porque « as patrias mais selvagens atacam as mais civilizadas (2) » (por onde deduzo que os seus lusíadas eram mais selvagens do que o negro, ou do que o índio do Brazil); que « a Saudade é a essencia do Cosmos, o *Fiat*, o Verbo, a Alma do Mundo » (3); que o poeta estrangeiro nunca passou de « interprete deste ou daquele livro de filosofia », sendo que « no panteísmo de Hugo, por exemplo, ha sublimes pensamentos, mas que se não encontra a alma do poeta a criar vida » (4); que isso de criar vida é só para os lusitanos, o que se demonstra com um verso de Antonio Nobre que se diria traduzido de Victor Hugo (5); que só depois de Spinosa viu o mundo poetas panteístas (6); que em materia de poesia « o pessimismo nasceu de Schopenhauer » (7); que só em Portugal « a emoção poetica antecede o pensamento filosofico » (8), pois, « lá fóra, o pensamento filosofico gera a emoção poetica, aquele é anterior a esta » (9); que o novo verso saudosista é escultural » (10), como se isso de verso escultural não fosse uma velharia franceza, como tantos outros recursos poeticos que nos afirma inovações; que « a palavra *silencio* na nossa lingua não quer dizer simples ausencia de ruido, como nas outras linguas » (11); que as palavras *medo, lugubre, occulto, espectro, abismo, fantasma* (quasi todas por sinal eruditas, cheirando a rapé, em opposição ás verdadeiras formas nacionais e populares) « são palavras sagradas da nossa Lingua, representam a feição original do genio lusitano, e não encontram porisso nos outros idiomas vocabulos que lhes correspondam » (12); que um escritor francês chegou « a conclusões saudosistas » porque disse umas frases banais em que entram as palavras *ressouvenir* e *pressentiment*, e pronunciou uma não menor banalidade sobre o principio cristão e o princio luciferiano, como se a saudade tivesse alguma coisa a ver com tudo isso) (13); que nos devemos limitar a ser uma republica rural, em plena Europa do se-

sublime artiste (Fra Angelico) à l'exaltation mystique du christianisme. C'est un peintre subjectif et spiritualiste au dernier degré... Pour lui l'art ne devait servir qu'au triomphe de la religion. Son unique préoccupation fut de fixer l'idéal qu'il portait en lui et d'incarner ses visions célestes. Ses oeuvres reflètent admirablement son âme tendre et rêveuse, la chasteté de son imagination, l'humilité de son caractère, la profondeur de sa foi, la ferveur de sa piété, l'élévation de son esprit et la sainteté de sa vie, vertus qui lui valurent d'être mis au rang des bienheureux (le Beato). On l'a appelé le peintre des rêves sraphiques.»

(1) *O Espirito lusitano*, p. 7 e 11.

(2) *O genio português*, p. 12.

(3) *Idem, idem*, p. 16.

(4) *Idem, idem*, p. 17.

(5) *Idem, idem*, p. 21. « Cai, folhas, cai, tombai, melancolias ! »

(6) *Idem, idem*, p. 22.

(7) *Idem, idem*, p. 22.

(8) *Idem, idem*, p. 22.

(9) *Idem, idem*, p. 21.

(10) *Idem, idem*, p. 29.

(11) *Idem, idem*, p. 29.

(12) *Idem, idem*, p. 33.

(13) *Idem, idem*, pag. 44.

culo xx (1); que «o que torna o Sentimento da Saudade *extraordinario* e nosso, é o haver nascido na alma do povo, e não do temperamento excepcional de certos individuos» (2); que «a tendencia da alma portugüesa para a religiosidade (muito originaes somos nós!) é uma forma da saudade» (3); que «é necessaria a fundação definitiva da Igreja lusitana, devendo ella ficar integrada no Estado e por elle superiormente dirigida, sendo o Estado representado, é claro, por autenticos portugüeses de intelligencia e coração» (4); que «a saudade é criação, perpetuo casamento fecundo do Mal com o Bem, da Vida com a Morte» (5); que «Camões é um Neptuno etereo, banhando plagas de estrelas» (6); que «a Nau, em movimento sobre as ondas, descreve o proprio ritmo da Saudade» (7); que «foi a Saudade, transfigurada em Acção e Victoria no corpo de Afonso Henriques, que riscou na Iberia as fronteiras de Portugal» e «a Saudade que venceu em Aljubarrota» (8); que... que...

E para comentario de tudo isto, reboam aos meus ouvidos as palavras do «filosofo do saudosismo», seu comentador e seu discipulo: «Essa obra (a sua, Pascoais) seria uma absoluta metafisica, integral e definitiva. E é-o.» (9)

Veja, Pascoais: V. deo ao mundo, não só a metafisica absoluta e definitiva, mas ainda no-la deu integral, completa, inteirinha: nada deixou por fazer á humanidade. Pois não é um absurdo que por esse mundo — em gabinetes, universidades, bibliotecas, — se continue a trabalhar, a discutir e a comentar? Que lhe resta a fazer á humanidade senão gastar dois tostões, e comprar um dos seus livros?

V. mesmo declara que «tão grande é este sonho, que se não atreve a acreditá-lo *em voz alta*»: só em voz alta V. não acredita que o seu saudosismo é «a precursora luzerna matutina do novo sol espirital que a Humanidade espera...» (10)

E no meio de frases que me deliram, eu encontro-me a pensar num mundo fantastico e serafico onde as montanhas são de mel, e os rios são de leite, e os passaros dão flor, e das gingieiras brotam homens, como das nossas brotam ginjas...

Pois que é isto, santo Deus, donde veio? Será sempre essa

(1) *O Espirito lus.*, p. 17.

(2) *Comentarios á minha pessoa*, «Águia» n.º 22, p. 105.

(3) *O Espirito lusitano*, p. 14. Todas as originalidades que o meu amigo attribue ao povo portugüês são comuns a todos os povos europeus, ou a todos os povos, ou a toda a animalidade: a *idela-sentimento*, a festa do S. João, que não é para o nosso povo o asceta comedor de raizes, etc. etc.

(4) Essa igreja do Estado, dirigida por autenticos portuguezes inimigos de ino-vações estrangeiras, existiu já: chamou-se Inquisição. Tambem ella era a *intransigencia no campo religioso* que o meu amigo declarou ser. («Águia» n.º 10, p. 114) uma das virtudes do saudosismo.

(5) *Comentarios*, «Águia» n.º 22, p. 107.

(6) *O Espirito lusitano*, p. 9.

(7) *O Genio portugüês*, p. 24.

(8) *O Espirito lusitano*, p. 14.

(9) «A Águia», 1 vol. p. 198.

(10) *O Genio portugüês*, p. 46.

nossa terra a dos Espectros e Sonâmbulos? Ah, Pascoais, Pascoais, meu querido amigo: V. é um puro, excelso e nobilíssimo poeta, mas uma vítima também desse ambiente social, como nós todos: desse horrível Isolamento que V. louva e eu maldigo; do assassino trabalho secular da Purificação. V. adora e bendiz a Purificação e o Isolamento, como os Moabitas adoravam o Moloch devorador:— esse devorador de crianças que é a figura da nossa escola, como as chamas do seu ventre são a imagem da Inquisição!

III

Consequente, o meu poeta exclama: «Louvemos o isolamento em que ele (o povo português) tem vivido!» (!)— Como a historia se repete na nossa terra desgraçada! Pois que significa esta palestra, senão um minimo episodio (minimo, decerto, porque eu não sou ninguém) na grande luta portugêsa entre o Isolamento e a Cultura, entre a Inquisição e o Humanismo, entre os Jesuitas e Verney, entre Pina Manique e os *pedreiros livres*, entre os *rigoristas* e os *francêses*, entre os Ouriquistas e Herculano, entre o grupo de Castilho e Antero de Quental?

IV

Deixo pois a aventesma «invulneravel como as criaturas sobre-humanas», e tratarei ao de leve duas materias importantes: o valor tonificante do culto do passado, e as relações do «ruído da Materia», da «electricidade e do carvão de pedra», com os grandes surtos da Alma, nestes tempos que o meu caro julga «embrutecidos de estreito materialismo mercantil», «escuros e dólóricos», e que eu creio ao contrario os mais luminosos, idealistas e esperançados de toda a historia. É pela leitura de certos poetas que se insinua no meu espirito a escuridão e o desalento, e pela de certos economistas que me alvorecem dentro d'alma os soberbos idealismos. «A Economia Política,— diz um economista contemporâneo,— é a sciencia das roseas esperanças» . . .

A Europa, o mundo civilizado da electricidade, não é tão suja, bronca, sceptica, encarvoada, como lhe parece em Amarante; e não é comnosco (ai de nós!) que a Inglaterra manufactureira aprenderá o idealismo . . .

Mas revertamos ao passado:

O culto do passado, meu poeta, é um efeito e não a causa das energias atuais, — quando ha energias atuais. Se o Poincaré em Londres sustentou «que um povo, quando quer encontrar energias novas, tem de ir procurá-las ao passado», — disse o Poincaré uma vacuidade diplomatica, uma simples retórica de brinde politico. Ou por outra: criou um mito que lhe é util para os seus fins presidenciais. Não se grangeiam energias no passado; é esse um erro de cronologia e uma reversão da ordem logica: *as energias veem primeiro do*

(!) *O genio português*, p. 11.

presente; e quando sentimos energias novas criamos um Deus ou herói propício á nossa imagem e semelhança; criamos um mito projectado no passado ou na eternidade, onde as energias atuais se transpõem heroicizadas...

Na decadencia nacional ou no esplendor, ha sempre o culto do passado. A nossa historia lho demonstra: onde houve idolatria do passado como no Portugal da decadencia? Nas epochas de fraqueza, porém, esse culto é frio, retórico, bolorento, como a propria alma do presente; e nos tempos de vigor é vivo, forte, ditirambico, como a propria alma que o fabrica. Não são as energias do passado que suscitam as do presente, mas as energias do presente que, ressuscitam as do passado.

O mesmo succede aos historiadores. Os que «ressuscitam o passado» não são os que estudam mais a fundo: são os que, concentrando em seu espirito bastante vida *do presente*, a fazem estuar diante de nós sob as caraças de outras eras. Puxa a locomotiva pelo vagão? Empurra o vagão a locomotiva? O resultado, para quem vê de fóra, é sempre igual: mas quem entra lá para dentro logo descobre em dois minutos que é do Presente-Locomotiva que toda a força dimanou. A carcassa do passado vem sempre a reboque: quando os diplomatas dizem o contrario, lá sabem eles porque é que o dizem.

Cita-me o presidente de «Paris de França»; deixe-me recorrer ao mesmo metodo, mas citando autores da nossa terra — os dois grandes mestres da nossa terra — portuguezes e não luzitanos, da especie a que chama *estrangeiros*.

Herculano:

«*Que são essas palavras retumbantes de regeneração pelas tradições, senão sons ocos, que não correspondem a nenhuma idea? Suponhamos, porém, que todas essas recordações chegavam ao povo. Podem elas servir-lhe de exemplo, e de lição para as suas necessidades atuais? Num país onde a riqueza passageira destruiu os habitos do trabalho e da economia, entorpeceu pela miseria, resultado infalivel da prosperidade ficticia, a enérgia do coração, que faz lutar o homem com a adversidade e vencê-la, de que serve estar de continuo a prègar ao povo: — Teus avós levaram o terror do seu nome aos confins do mundo, saquearam e queimaram emporios opulentos em plagas remotas, meteram a pique poderosas armadas, derribaram os templos alheios, violaram as mulheres extranhas, passaram á espada os que eram menos valorosos que eles, abriram caminho ao engrandecimento dos outros povos da Europa, e afeitos a gosos facéis, depuseram aos pés do absolutismo as suas velhas franquias, beijaram os grilhões que lhes deitavam aos pulsos porque eram dou-rados, e ternaram-se lubribio do mundo?» (*Opusculos*, tomo III, 111-112.)*

Antero de Quental:

«*Que é pois necessario para readquirirmos o nosso logar na civilização? Quebrar resolutamente com o passado... A nossa fatalidade é a nossa historia».* (*Causas da decadencia dos povos penin-sulares*).

Na impossibilidade de citar agora muitos estrangeiros em meu sufragio, limitar-me-ei a Guizot:

«Quando em vez de avançar para o futuro, uma nação não invoca senão lembranças e imagens do passado, é então que a decadência é verdadeira; pouco importa o tempo que a sociedade leva a cair: desmorona-se com um desabamento incessante». (*Histoire des Origines du Gouvernement Représentatif*, 2.^o leçon).

E já que estamos em citações, ao seu exemplo dos literatos belgas operei a de um grande sociologo: «E' preciso abrir os olhos á evidencia, e reconhecer que o genio de um povo ou de uma raça, em vez de ser o factor dominante e superior dos genios individuais que se imagina serem os seus productos e manifestações passageiras, é simplesmente o rotulo comodo, a sintese anonima das originalidades individuais, unicas verdadeiras, unicas eficazes e atuantes que estão em fermentação continua em cada sociedade, graças aos seus empréstimos incessantes e á troca fecunda de exemplos com as sociedades vizinhas. O genio colectivo impessoal, é pois *função* e não factor dos genios individuais». (Tarde, *Les lois sociales*, 44-45) «A estes genios colectivos, entidades ou idolos metafisicos, attribuia-se outrora uma originalidade imaginaria, aliás muito mal definida». (*Ibid.*, 43).

«Aí de nós se não tiveramos passado», exclama o Pascoais convictamente: «nele murmura a fonte onde bebemos novas energias!» Em sua opinião «uma Patria necessita de se firmar constantemente na sua individualidade esculpida pelos seculos». Já lhe não falo nessas Patrias que se reformam aos nossos olhos, em opposição ao seu passado: para um puro luzitano um japonês não é gente; mas nada me impede de perguntar:—e antes de as Patrias terem seculos? Como se formaram Patrias novas sem as energias necessarias de um passado inexistente? Serão as Patrias como as pescadas, que antes de o serem já o eram? Vá que nos seja necessario firmar no Portugal de D. Manuel: mas ao Portugal de Aljubarrota falecia esse bordão. Poderia comtudo abordoar-se no Portugal de D. Diniz. Muito bem: e o Portugal de Afonso Henriques? Foi do passado de Portugal que o Portugal de Afonso Henriques arrancou as energias?

Não sei eu se estes assertos, e alguns outros semelhantes, o justificam de me attribuir certos intuitos pavorosos, como o de «pretender eliminar Camões». Caramba! Pois eu pretendo realmente eliminar Camões? Dir-se-ia que fui eu quem lhe previu o caimento — para breve (muito breve!) — quando apparecesse o Super-Dito, matematicamente anunciado. Qual de nós todos será ele, bom amigo, qual será? Eu cá não sou: palavra de honra que não sou!

V

Passemos á materialidade com que me imblema, ao meu scepticismo e carvão de pedra, inoculados pela Europa «nestes tempos embrutecidos de estreito materialismo».

O meu amigo pretende primeiro o progresso espirital; obtido

ele, «o resto nos será dado em excesso». *Ora a minha tese é que o progresso moral de um povo está dependente do seu progresso económico.* Ainda aqui a sua ordem é invertida pelos factos.

Cada estado de economia determina os limites da moral pública; quer dizer: os limites entre os quaes poderá ser a pregação verdadeiramente operosa. Como sabe, a quantidade maxima de assucar solúvel em dada porção de agua aumenta com a temperatura. Nesta minha comparação, o assucar é a moral, e a temperatura o estado economico: ha para cada grau de temperatura economica um certo grau de saturação moral, que só poderá ser excedido pelo previo levantamento do estado crematístico. Quem visita os paises de industria avançada, e porisso mesmo de salario maximo, como a Inglaterra, encontra o operario nobilitado, humano, com o sentimento da dignidade, resolvendo as suas questões pelos processos da discussão pacifica; quem fôr ás regiões de atraso economico, e por isso mesmo de salario minimo, como a Italia meridional, verá um bruto trabalhador, epileptico no proceder e sanguinario, sem características racionais, sem dignidade e sem nobreza. O nosso pessimo estado moral é consequencia, como eu já disse algures, da economia parasitaria. Já pensou, Pascoais no que seria o seu espirito se tivesse nascido na miseria, e sido obrigado de criancinha a trabalhar espasmodicamente?

A estatistica é uma invenção de Satanás; e tão satânica, que revelou uma relação de dependencia entre a moralidade feminina e o preço do trigo. Nos anos em que sobe a economia, diminue a prostituição; nos anos de mau «mercantilismo», querido poeta idealista, não cante versos ás raparigas se não quer ter desilusões...

Para que a moral vá sucessivamente ganhando as mais baixas camadas da sociedade, cumpre que as condições economicas vão permitindo esse resultado. Cada melhoria no material da grande massa da população é uma base para o desenvolvimento da sua vida espiritual; porisso as virtudes democraticas florescem sobre um desafogo suficientemente generalizado, sobre a distribuição equilibrada da riqueza. Os alicerces da democracia politica são abertos na economia: a humanidade ergue seus templos, como os gregos, no alto da dura solidez dos promontorios de granito (!).

Para defesa da minha pessoa farei uma pequena observação. Não é da Europa, meu amigo, que me veem horas de scepticismo; é de Portugal e dos portugueses. Depois, sou sceptico em relação a dadas coisas, mas não o sou em relação a outras. Creio na ascensão da humanidade, na possível regeneração da minha patria; sou sceptico a respeito de muita idea, como as virtudes da saudade e as profecias do Bandarra. Ligo de feito muita importancia aos problemas economicos, mas em circumstancias de me defender com uma frase de Herculano, segundo a qual o bem material de outrem é para nós um caso de ordem moral; e não tendo eu a propensão, nem

(!) As reformas livre-cambistas reclamadas no *Rebate* seriam um prologo de primeira ordem para a acção moralizante.



AO FIM DA TARDE

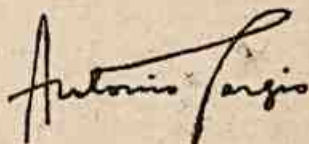
A Águia-25 (2.ª série)

De Júlio Ramos

o gosto, nem a aptidão para o negocio, posso atestar-lhe que me é necessario muito mais esforço, sentimento do dever, — idealismo, em suma, — para tratar quaisquer negocios que para escrever as minhas liricas — literariamente côxas e mesquinhas, bem o vejo, mas que até hoje ninguém negou que fossem nobres, idealistas e sinceras.

Numa carta particular, querido amigo, que com esta irá, mais curialmente lhe poderei dizer quanto o estima e o venera o seu muito grato admirador

Rio de Janeiro.



Por falta absoluta de espaço não posso responder, neste número da «Águia», á carta do meu querido e admirado Amigo Antonio Sergio. Ficará para o próximo número. — TEIXEIRA DE PASCOES.

ILIBISCUS MIRABILIS

(Malva ou Rosa Louca)

A Henrique Wenceslau



OGO ao alvorecer, a corolla contracta,
Ella, a um raio de luz que em claridade a inunda,
Abre timidamente, esquiua e pudibunda,
Alva como o afflorar da espuma na cascata.

Meio dia. Ao calor que sensual a circunda,
Córa, córa, inda mais, em ancias, timorata.
Ruborisa-se, emfim! e não mais se recata:
— E' a seiva! E' o sangue! E' o sol! E' a vida! Ei-la fecunda!

Desce a tarde. E' a exastão. E' o deliquio. Fenece.
Volve a empallidecer, mas já não irradia
No primitivo albôr de hostia ou de uma alma em prece.

E' o amarellecer da cêra e da agonia.
E' o desmaiar de quem a gloria e a dôr conhece.
De ser virgem, ser mãe e morrer num só dia!

Rio de Janeiro. 1913.



A MINHA ALDEIA

A Villa-Moura



ERRA da minha infancia! Ó patria solidão!
Que a minha inspiração
Seja um pouco de sol para os teus montes,
E um riso de agua a mais nas tuas fontes...

Aldeia da primeira noite escura,
Primeira terra que o luar beijou...
Terra d'onde o Marão é nevoa rôxa, altura,
Escuridão que o tempo em cêrros condensou...

Minha aldeia das casas sem ninguem,
Dos que fôram por esse mar além,
Expostas às nortadas...

Outras, ao Campanario humilde aconchegadas...

Outras, a branquejar no meio das colinas,
Entre pinhaes, a sós...

Algumas, já velhinhas, em ruinas,
Onde floresce apenas o Abandono...
Dentro dos seus salões é sempre outomno...
Passos na noite morta... Apparições de Avós...

Ó minha aldeia da beirinha da agua... Ó Rio!
Salgueiros ao luar, canções de rouxinol.
Neblina da manhã, o lacteo veu de frio
Rasgado pelo sol...

Azenhas a moer o pão, farinha pura...
Açudes, borbotões de espumas a cair;
Grupos de arvores, massiços de verdura,
Cercados de agua, a rir...

Tamega dos açudes rumorosos,
Vozes de agua inundando a noite adormecida...
Ó Tamega dos pégos tenebrosos,
Sitios negros do Rio, extaticos, sem vida.

Ó Tamega das margens viridentes,
Povoadas de salgueiros...
Aguas vivas de côr, aguas correntes,
Onde, triste, fluctua a sombra dos outeiros...

Rio da minha aldeia!
Pelo chuvoso inverno, maré cheia
Das lagrimas profundas do Marão...
Tu és, ó Rio, a dôr da grande Serra,
O seu drama de fragas e de terra
Esvaido em agua tórva de paixão!

No estio, és a tristeza, ao luar que nasce,
D'aquela montanhosa soledade...
A lagrima baixinha de saudade...
Que lhe escorre da face...

E assim, a dôr estranha
Que mina e rói por dentro a lúgubre Montanha,
— Espingue de olhos tristes, a chorar, —
Encontra o seu alivio em pleno mar...
O Mar vivo das ondas alivia
O Mar morto de terra e penedia...

Gente da minha aldeia no trabalho,
Ermas fronteiras banhadas de suor...
Gotas de agua e poeira, angustioso orvalho...
Almas presas á terra pelo amor!
Negros vultos curvados sob a enxada,
Projectando nas leivas fumegantes,
Sua sombra de gestos esforçada...

E os grandes bois pacatos e ofegantes,
Puxam o ferreo arado, revolvendo
As entranhas do solo...

E uma donzela
Vae, á frente, a sorrir, olhos azues volvendo
Ao homem da rabiça, olhae! que só de vê-la,
Não sente o tósco arado que lhe pesa...

Homens que trabalhaes na minha aldeia,
Como as arvores, vós sois da Natureza!...
E se, um dia, vos falta o caldo para a ceia
E tendes de emigrar,
— Troncos desarraigados pelo vento,
Levaeis terra pegada ao coração,
E partis a chorar!
E o vosso tenebroso soffrimento
Deixa mais solitaria a patria solidão!

Alpendres, largas eiras,
Aureas de milho e trigo, airozas e soalheiras...
Horas ardentes do trabalho. Meio dia.
Afogueado céu vibrante de zumbidos,

Azas flamantes de oiro, enxames de harmonia,
 Ventos adormecidos.
 Ó *malhas* entoando! Estrondo surdo e fundo!
 Roças de matto, *cégas* . . .
Esfolhadas, canções, visões do fim do mundo . . .
 Julho. Sol-pôr. Frescuras de agua . . . *Réguas*.
 Agôsto, tardes calmas.
 Relampagos ao longe, tempestade . . .
 Sapos cantando, além . . . Chora nas suas almas,
 Como um remoto espectro, a Fealdade!

Vindimas. Alegria. Outono exangue . . .
 Negros fructos do nectar côr de sangue;
 Liquido riso em flôr,
 Pintando as mangas da camisa ao lavrador
 E os seus labios que ficam a sorrir . . .
 Lagares a ferver, vermelha espuma a abrir!
 Divino cheiro a môsto;
 Luz em perfume, espirito, embriaguez . . .
 Esparso e alado gôsto,
 Almas de Bacchanaes em sombra e palidez . . .

Minha aldeia dos êrmos, dos recantos
 Escuros, solitarios . . .
 Montes de velhas rochas com encantos;
 Outros, tendo uma cruz no tôpo: são Calvarios.

Boccas negras e múrmuras das furnas,
 Negros bôcos que a noite afunda mais . . .
 Carvalhidos de sombra e de rumor, nocturnas
 Vozes do Mêdo, môchos piando aos, ais!

Ó pinheiraes dos Ermos,
 Que lúgubre irmandade!
 Triste colonia vegetal de enfiêrmos,
 A sua doença é a noite, a soledade! . . .

Como eu vos amo, sim!
 Ó verdes elegias, no ar, subindo . . .
 Vós sois, á luz da lua, o meu jardim,
 Em maguas e crepusculos florindo . . .
 Sois a tristeza em arvore corporea,

A tristeza que, ao vento e ao luar, murmura
 E reza a minha historia . . .
 Se vós tendes na fina rama escura
 A saudade que ensombra o meu olhar . . .

Ó êrmos pinheirões com môchos a cantar! . . .

Pequeninos caminhos solitarios,
Morrendo em curva, além,
Por onde andam, ao luar, imaginarios
Vultos do meu Desejo . . . e mais ninguem . . .

Carreirinhos subindo tortuosos,
Empoados de oiro, á tarde, os ingremes outeiros . . .
Ignotas direções, destinos misteriosos,
Traçados pelo andar de tristes caminheiros . . .

Mendigos, pobresinhos,
Fincados no bordão . . .
Oh, que tristeza, olha! a dos céguinhos
Que andam, á luz do sol, em plena escuridão!

Quantos annos lhes pesam sobre a fronte
Negra do sol, do pó, sulcada em rugas . . .

E os que a sorte engeitou!
Aleijados, viúvas!
Velhinhas a rezar na sua voz de fonte
Que já secou . . .

Ó minha aldeia humilde da Pobreza!

Depois da reza,
Junto ao lar,
A tigela de caldo a fumejar,
E o loiro pão de milho que 'inda cheira
E sabe ao sol da eira . . .

Choupanas a cair, enegrecidas telhas,
Deixando trespassar o zimbro e o vento
Nas frias noites velhas . . .

Ó faltas de trabalho! Inverno! Isolamento!
E a terrivel secura pelo estio,
Quando mostra o esqueleto, em pedra e areia, o Rio . . .

Baldios despovoados de arvoredos;
Terras de Portugal que dá rochedos,
A urze, a inveja, o odio . . . e pouco mais!

Interminaveis, miseros maninhos,
Só rebanhos de fome alimentaes!

Ó negros, tristes montes pobresinhos,
Mendigos desgraçados,
Com feridas abrindo ao sol poente,
Vestidos, que miseria! simplesmente
De farrapos de tójo esburacados!

Ó minha aldeia quando nasce a aurora!
Egreja alumiada!
Gotas de orvalho onde a alegria chora,
Cantos de Anjos na flôr da madrugada...

Ó promessa do dia!
Anunciação!
Êrmos montes vestidos de harmonia;
Rochedos, pinheiraes, a rir, na solidão!

Tudo contempla, em extase, o nascente,
Pousou na terra um místico sorriso...
Dir-se-ha que n'ela pairam vagamente
Visões do Paraíso...

E a crença de outrora,
Rompendo a noite escura do Passado,
Em mim, sorrindo, aflora...
E eu sinto-me sagrado!

Minha aldeia no outomno. Ó martir estação!
Profecia do Fim!
Silencio, soledade, escuridão...
Pégadas de penumbra e luar no meu jardim...

O fumo escuro sobe dos casaes...
O pôr do sol em chama...
E a mão da Palidez, chimerica, derrama
Oiro de morte sobre os tristes salgueiraes...

E a minha aldeia pela noite escura
Nas êrmas horas mortas! Abandono!...
Choupanas abysmadas, sem figura;
Ruínas que a sombra faz, onde vagueia o Sômnio!...

Escuros tons. Phantástica Paisagem!
Sepulturas da Côr! Sumidos arvoredos...
Vultos só de rumor's. O vento em tôrva imagem...
Aparições! Segredos...

Ó minha aldeia na semana da Paixão...
 Nevoa esparsa de luto fluctuando
 Sobre as cousas e o nosso coração...
 Etéreo veu de sombra o rosto ao sol velando...
 Aves cantando em voz mais baixa, a medo...
 Flôres anoitecendo a sua côr...
 Fontes manando em intimo segrêdo...
 A *Ceia*, o *Horto*, a *Angustia* do Senhor,
 Todas essas dramaticas imagens,
 Já delidas no tempo que passou,
 Turvam de misticismo as almas e as paisagens...

À tarde, vem o luar dorido... é que tocou
 De livido palôr o corpo de Jesus,
 E a sombra de Maria desenhou,
 Sobre as urzes e a fraga, aos pés da Cruz.

E a procissão na villa, á noite. Os *fogaréus*
 E os brancos penitentes,
 Sob os andôres, a arrastar correntes,
 De férreo som enchendo a escura rua...

Grossas nuvens rasgando-se nos ceus,
 Deixam descer á terra a luz da lua...
 E ao luar apparece a imagem do Senhor,
 Em alta cruz pregada...
 Oh, que expressão phantastica de dôr
 Transfigurada!

E nos labios de Christo o luar murmura
 Palavras de piedade...
 E a *corôa de espinhos* embrandece,
 E ei-la uma auréola apenas de ternura...

Divina claridade
 Que as resequidas dôres humedece!...

Ó grande Imagem sobre o andor, na ponte!
 Corpo banhado em sangue e luz do luar...
 Braços da Cruz cingindo a noite n'um abraço,
 Palpitações, relampagos no espaço...
 E o Rio, n'um murmurio, é voz de fonte;
 Dir-se-ha que vae parar...

Paschoa! Ressurreição! Domingo da Esperança!
 Sinos cantando aleluias, no ar!
 (Os olhos me ficaram de creança
 Que para mim é ver o recordar.)

Ó minha igreja antiga, rumorosa
De Povo, luzes, flôres!
O *Compasso* a sair. Já sob a luz radiosa,
Ergue-se a Cruz de prata florescida...

Vêde; lá vae Jesus
Sobre a terra de abril, enverdecida,
Entre as arvor's vestidas de oiro e luz!

Ei-lo que entra contente nos casaes
E, com amôr, nas rusticas choupanas...
É Ele, esse que trouxe aos miseros mortaes
As grandes alegrias sobrehumanas!

Lá vae, lá vae, por ingremes caminhos!
Linda manhã, canções de passarinhos!
A *Campainha* a tocar, sorri, fulgura,
Doida de luz!
E vê-se o padre e a sua branca estola,
O povo atraz, em longa procissão...
Opas vermelhas entre as arvor's da Verdura...
E o fresco rosmaninho, á entrada dos casaes,
Seu místico perfume, no ar, evola...
É divina oração
Que os êrmos montes rezam a Jesus.
Lá vêm os filhos, vêde, e vêm os paes,
Em cabelo, com séria devoção,
Beijar os pés da Cruz...

Ó minha aldeia do Passado, feita Imagem!
Phantastica paisagem
Que se espuma nos longes do meu sêr...
É é a mesma que eu avisto á luz do dia,
Desdobrando-se em nevoa eterna, sem perder
Sua viva e real fisionomia...

Ó Paisagem da minha intimidade,
Que, dentro em mim, eu trago em terra e céus,
Tal como trouxe o mundo, outrora, Deus,
Antes de o modelar em sombra e claridade...

(Da 3.^a edição do «Sempre», a sair.)

Teixeira & Paiscos



MARIA

De António Carneiro

A Canção do Novo Restelo

PORTUGAL! Portugal! — pequeno berço
De herois que as ondas andam a embalar,
Porto donde partiu, para o Universo,
A eterna raça um dia abrindo o Mar!

Portugal! Terra mãe, campo lavrado,
Subindo a serra anciosa pelo ceu,
Onde nasceu Nun'Alvares soldado,
Onde Luiz de Camões, — poeta, — nasceu! . . .

Terra de herois e de poetas
À Beira-Mar! — Jardim em flôr
De almas anciosas e inquietas,
Fortes na lucta mais no Amor!

Portugal é o campo enorme
(Tu és a nossa gloria, ó Mar!)
Em cujo seio, oculta, dorme
Uma outra India a conquistar! . . .

Portugal navegou outrora,
Marujos fôram os avós . . .
— A India está na terra agora,
Quem a procura somos nós!

Deus dá á terra a primavera
E a nós deu braço p'ra lavar! . . .
Irmãos, a patria anciosa espera!

— Vá, marinheiros, — navegar!

(Das Canções da Patria e do Amor.)

A canção do luar



OMBA o luar sobre os montes
O céu desfaz-se em luar . . .
É luar a agua das fontes,
E a voz da agua a cantar.

Luar, claridade plena,
Espaço, — resar, voar!
Ó terra, ó alva assucena,
Ó céu alto, alvente mar!

É ao luar, namorados,
Que os beijos dizem, — ao luar, —
Os tesoiros encantados
Das almas grandes no amar . . .

E a terra calada e calma
Na maré cheia do luar,
É um lirio aberto, é uma Alma,
De mãos postas, a rezar . . .

Estrelas, — pálidos cirios,
Alminhas a desmaiar,
Ó luar, chuva de lirios,
Ó ceu de arminho a nevar!

Luar, ó místico dia,
Alvente pranto dos soes,
Ó noturna alêluia,
Ó canto dos rouxinoes! . . .

Coimbra, 1912.

(Das Canções da Patria e do Amor).

Augusto Faria

MONUMENTOS DA ARTE

considerados como subsidio para a Historia
da Civilisação portugueza

I



NAÇÃO portugueza que só no meado do sec. XIII libertou o seu territorio completamente do jugo sarraceno (1249), teve até ao termo da primeira dynastia (1383) apenas um intervalo de seculo e meio para concentrar os seus recursos, até alli dispersos em contendas internas.

Não conseguiram as artes florescer enquanto o paiz não descançou seguramente de uma lucta bisecular ininterrupta. Quasi sómente a architectura podia progredir, e esta sobretudo na sua feição militar, como é evidente nos proprios edificios religiosos, porque são fortalezas improvisadas, na sua estructura interna e externa as Sés da Guarda, de Lisboa, do Porto, de Evora, de Silves, etc., (1) não fallando nos castellos defensivos como Leça do Bailio, Leiria, Thomar, Palmella, etc., que as ordens militares se encarregavam de levantar, manter e ornamentar.

O recheio d'esses edificios, considerado sob o ponto de vista das artes decorativas, devia limitar-se á applicação de duas artes, principalmente: a ceramica para revestimento interno e a industria dos estofos, tecidos ou bordados que se prestavam á ornamentação e ao labor de mãos femininas.

Veremos mais adiante o que nos resta d'essas reliquias.

A preocupação constante da lucta armada dava trabalho apenas ao alvenel.

A arte mãe, que envolve e dirige as artes decorativas, a architectura, mirava sobretudo a um fim pratico: defender-se bem.

Segurar o reino contra qualquer tentativa imprevista do mouro, que occupava ainda uma parte consideravel dos visinhos estados hespanhoes até fins do sec. XV e—fazer frente ás incursões frequentes dos reinantes castelhanos a que D. João I poz termo (1385)—eis o problema nacional.

Pode affirmar-se que nenhum principe foi como D. Diniz (1279-1325) o verdadeiro rei constructor; e se não tivera já o bello

(1) Sobre a importancia d'estes monumentos para o estudo da arte nacional vejam-se os volumes da publicação: *A Arte e a Natureza em Portugal*, editor E. Biel & C.ª, Porto, 1901-1908 em 8 vol., onde demonstrámos a sua importancia com o auxilio de numerosas estampas.

cognome de *Lavrador*, poderia merecer, com igual razão, o outro de *Edificador*, (1) como promotor diligentissimo das obras mais valiosas. Já Camões o proclamou no seu immortal poema:

Nobres villas de novo edificou,
Fortalezas, castellos mui seguros;
E quasi o reino todo reformou
Com edificios grandes e altos muros (*Lus. c. III E. 98*).

Com effeito, quem houver recolhido como nós o temos feito, as inscrições que assignalam ainda numerosos castellos do Reino, encontrará frequentes vezes o nome de D. Diniz sobre as portas de entrada, ou nas torres de menagem. Elle teve a fortuna de segurar e ampliar as edificações dos reis anteriores, e deixou um consideravel legado artistico que El-Rei D. João I reformou e D. Manoel, com excepçoes recursos, enriqueceu, promovendo uma efflorescencia artistica que se estendeu a todas as artes maiores e menores.

Esses tres nomes: D. Diniz — D. João I — D. Manoel — são marcos da historia da arte nacional, na sua, infelizmente, curta florescencia.

D. Diniz segurou o reino, como disse o grande epico; D. João I legou á nação o seu mais bello monumento gothico, e D. Manoel concentrou em Belem e em Thomar, por meio de admiraveis labores symbolicos — os do chamado *estyllo manuelino* — a expressão mais artistica do pensamento plastico nacional.

Elle, D. Manoel, fez de uma fortaleza — a Torre de Belem — um quasi brinco artistico, cobrindo-a de labores rendilhados, como senhor que está seguro da sua posse.

Elle approvou a transformação das edificações severas de Thomar; e se não fôra a mudança de residencia da sua côrte, em constantes viagens pelo reino, é de presumir que a capital ficasse dotada com o grandioso paço regio que foi uma ideia favorita de D. João III e deu lugar aos magnificentes projectos de Francisco de Hollanda, que sobre elles insistiu até D. Sebastião. (2) (Vid. Codices das Bibliothecas da Ajuda e do Escorial.)

Os fôcos onde se concentrou o pequeno movimento artistico durante a primeira dynastia affonsina, foram, sem duvida, as casas religiosas. Santa Cruz de Coimbra, Alcobaça, Lorvão, Cellas, Arouca,

(1) O documento mais antigo e mais valioso que possuímos para o estudo da nossa architectura militar é, sem duvida, o *Livro das fortalezas do Reino*, desenhadas por Duarte das Armas, cerca de 1507. Este precioso codice que se guarda na Torre do Tombo contem mais de sessenta desenhos, feitos á penna, que indicam o estado dos nossos castellos medievaes no reinado de D. Manoel, a cuja côrte o desenhador pertenceu.

(2) Este assunto foi amplamente tratado e documentado nas nossas edições do celebre escriptor e artista: Na *Fabrica que fallece à cidade de Lisboa*. Porto, 1879. Primeira edição feita pelo codice de 1571, da Bibliotheca da Ajuda. E nas edições do *Tratado da Pintura antiga*, publicadas de 1890-1892: finalmente na edição dos *Quatro dialogos*. Porto, 1896; e Vienna de Austria, tradução allemã de 1899.

Pombeiro, etc. abrigaram os primeiros monges architectos, esculptores e illuminadores. A pintura seria, no seu inicio, puramente decorativa, porque da primeira pintura mural figurativa, *al fresco*, apenas um especimen medievico sobreviveu até ao sec. xix, na crypta da igreja destruida de S. Christovão de Coimbra (1862).

A pintura em taboa só muito tarde apparece, no meado do sec. xv, ficando o archeologo reduzido nos seus estudos dos costumes e da civilização portugueza ao exame dos codices illuminados, cujo numero é mui restricto. (!) Entre elles occupa o primeiro lugar o chamado *Cancioneiro da Ajuda*, não acabado infelizmente, nem quanto ao texto, nem quanto á illuminura e ao qual falta tambem toda a notação musical.

Comtudo, as dezasseis illuminuras d'elle, contando as incompletas, constituem um documento precioso para o estudo dos trages, do mobiliario, dos costumes, dos instrumentos musicaes, etc. Estudámo-las já em 1877.

O periodo que elle abrange (1270-1320) é o da influencia da arte franceza do sec. xiii, sendo o modelo adoptado, sem duvida, o Cancioneiro de D. Affonso o Sabio de Castella, avô de D. Diniz.

O Rei-lavrador figura n'elle notavelmente, como poeta distincto. O monarcha foi incansavel durante o seu longo govêrno (1279-1325).

Não só percorreu em repetidas viagens todo o reino, inquirindo pessoalmente as necessidades das povoações, mas preveniu crises graves. Instituiu a Ordem de Christo, salvando para ella os bens dos Templarios, condemnados em 1311. Com uma grande parte dos rendimentos do mestrado cobriu o Infante D. Henrique as avultadas despesas das novas descortas, como é sabido.

Por outro acto arrojado desligou a Ordem de S. Thiago portugueza do mestrado de Castella; e para affirmar ainda mais a autonomia nacional instituiu a primeira universidade do reino em 1290, dotando-a generosamente e garantindo a sua existencia com pessoal docente idoneo.

Seu mestre e educador foi um prelado francez: Ayméric d'Ebrard, depois Bispo de Coimbra. São de estylo gothico, isto é, francez, as fundações religiosas do rei em Odivellas, e a da Rainha Santa Izabel em Santa Clara de Coimbra. Pertencem á escola franceza, pelo estylo, as illuminuras do Cancioneiro mais valioso que possuímos, o da Bibliotheca da Ajuda, já referido; são, enfim, de França um grande numero de artefactos industriaes, principalmente tecidos lisos e lavrados, uns de luxo, outros de uso commum, que importavamos no

(!) Estudámos por differentes vezes, desde 1887, o precioso codice da Bibliotheca da Ajuda e facultámos o resultado dos nossos estudos, investigações historicas e os desenhos a Ferd. Denis para o seu trabalho sobre os codices portuguezes illuminados.

A edição hespanhola do Cancioneiro de D. Affonso o Sabio, intitulado *Cantigas de Santa Maria*, que tivemos presente, é a que publicou com raro esplendor a Real Academia Espanhola. Madrid, 1889, em 2 vol. in folio. A edição do Cancioneiro da Ajuda, critica commentada, é de Halle (Allemanha, 1904), por Carolina Michaëlis de Vasconcellos.

seu tempo. (1) O cuidado com que D. Diniz tratou da agricultura, das mattas (Pinhal de Leiria), das minas de ouro e de ferro, de todos os recursos naturaes do paiz, não foi, infelizmente, imitado por D. Afonso iv. Os successores, occupados em luctas internas, não nos legaram monumentos que atestem o adiantamento das artes. Os bellos sarcophagos lavrados de D. Pedro i e D. Ignez de Castro em Alcobça, por serem uma gloriosa excepção, sem precedentes, estão quasi dizendo que não teem raizes na arte indigena, tão perfeito é o seu lavor, tão distante está a sua technica dos exemplares anteriores, que são os de D. Diniz em Odivellas e da Rainha Santa em Coimbra. A architectura estaciona.

Temos de esperar até ao reinado de D. João i para lhe admirarmos as obras; temos de aguardar a formação de uma nova sociedade, a constituição dos officios e mesteres na *Casa dos vinte e quatro*, em Lisboa, que o mestre de Aviz tanto favoreceu, o advento de uma burguezia enriquecida pelo commercio e pelas descobertas, para podermos apreciar os progressos da arte e as novas manifestações das industrias artisticas.

As relações com os paizes de Flandres, (2) favorecidas principalmente pelo casamento da Infanta D. Isabel, com o Duque de Borgonha Felipe o Bom, em 1430, e continuadas pela expatriação dos filhos do Duque de Coimbra, puzeram Portugal em contacto intimo com provincias do Norte da Europa que vinham sendo desde o sec. xiv os centros florescentes da arte e das industrias mais valiosas.

De Flandres veio pois á côrte de Lisboa o mais celebre pintor do sec. xv Jean Van Eyck, para retratar a formosa noiva do Duque

(1) As fontes de informação para a península são raras e difficéis de encontrar. Consultámos sobretudo: *Recherches sur le commerce, la fabrication et l'usage des étoffes de soie, d'or et d'argent, pendant le moyen âge*, etc., por Francisque-Michel. Paris, 1852-1854 em 2 vol.

Dr. Gustav Rolin. *Documents relatifs à l'histoire du commerce des draps dans la peninsule ibérique au XIII siècle*. Prag, 1892.

Pedro A. de Azevedo. *Um inventario do sec. XIV*. Copiado e commentado. Lisboa, 1902.

É necessario especializar a Lei de D. Afonso iii de 26 de Dezembro de 1253, publicada nos *Portug. Monum. Hist.* Vol. *Leges*, 1858, que carece ainda de amplo comentario; apenas o teve na parte relativa aos tecidos pelo dr. G. Rolin, supracitado.

(2) Ainda é excellente fonte de informação a Memoria do Barão de Reiffenberg: *Coup d'oeil sur les relations qui ont existé jadis entre la Belgique et le Portugal*, no vol. xiv des *Nouvelles mémoires de l'Académie*. Bruxelles, 1841. Ha a accrescentar os opusculos posteriores de E. Van den Bussche, Bruges, 1872-73; Varenbergh e E. Cantineau. Lisboa, 1901.

É elemento complementar d'estes estudos o vol. de R. Francisque-Michel. *Les portugais en France et les français en Portugal*. Paris, 1882.

Emfim, uma obra importantissima; Comte de Laborde. *Les ducs de Bourgogne*. Paris, 3 vol. 1849-1852. Os resultados apurados foram resumidos no fasc. iv da nossa *Archeologia artistica*, nos additamentos sobre as Relações de Portugal durante os sec. xv e xvi com a côrte de Borgonha, com a Allemanha e com a Italia. Recentemente, em 1897, publicámos na *Revista de Guimarães*. Vol. xiv, a Relação coeva, authentica da Viagem de Jehan Van Eyck, segundo o Codice da Bibliotheca de Paris, com o commentario indispensavel.

de Borgonha (1428-1429). Foi de Flandres que a Duqueza mandou á Sé de Braga o bello monumento em bronze que recorda a morte prematura do seu irmão o Príncipe D. Affonso. Foi a mesma generosa senhora que custeou o monumento glorioso de seu outro irmão, o Cardeal D. Jayme, em S. Miniato de Florença, obra prima de Antonio Rosselino; emfim, a essas terras fecundas e industriosas de Flandres foram estudar os nossos melhores pintores e illuminadores; de lá vieram as quasi innumeradas tapeçarias ⁽¹⁾ ou pannos de raz que enchiam os paços regios e illustravam maravilhosamente as paginas mais fulgentes da nossa historia, como n'um livro sempre aberto: as empresas da India, as victorias do Condestavel e de Tunes.

Ainda hoje se conserva na Bibliotheca do *British Museum* a *Genealogia* dos Reis de Portugal, serie de maravilhosas illuminuras de Simão Beninc (Benichius) ⁽²⁾ em que collaborou tambem Antonio de Hollanda, pae de Francisco de Hollanda, auctor dos celebres *Dialogos da Pintura*. Os preciosos escriptos theoreticos do amigo de Miguel Angelo e de Vittoria Colonna são a prova mais clara do predominio da influencia flamenga na pintura portugueza e nas artes menores que d'ella dependem ainda no primeiro terço do sec. xvi.

Nenhum historiador e crítico que examinar com attenção os quadros portuguezes, pintados de 1500 a 1540, poderá contestar esse predominio.

Antes de a influencia da arte e das industrias de Flandres se impôr ao genio portuguez, valiosos e fortes interesses commerciaes antigos abriram caminho ás intimas relações dos dois paizes. Bastará citar, além dos casamentos regios com princezas do Norte da Europa, a intervenção pessoal de um principe, D. Affonso III o *Bolonhez*, e o seu consorcio com a Condessa de Boulogne em 1238. Antes d'isso, no sec. xii e depois, no sec. xiv, abundam os documentos diplomáticos que attestam os interesses que nos ligavam a Flandres antes do estabelecimento das Feitorias que regularisaram o convivio (Vid. Reiffenberg).

O estabelecimento das feitorias portuguezas n'esses paizes septentrionaes, favoreceu não sómente o trato economico, mas ajudou em muito o desenvolviméto das relações litterarias e artisticas. A feitoria de Flandres, sobretudo, foi de enorme influencia sobre a emigação dos artistas e a permutação das suas obras durante os sec. xv e xvi. A cidade de Bruges primeiro e depois a de Antuerpia passaram a ser para Portugal o que foram nos tempos modernos Paris e Roma: os centros de attracção dos estudantes (*boursiers*) portu-

(1) Vid. o nosso Estudo *Os pannos de raz em Portugal* na *Rev. de Guimarães*. Vol. xvii, anno de 1900. A extraordinaria riqueza de tapeçarias nos paços regios, no paço ducal de Villa Viçosa e nos palacios da nobreza, é assignalada pelos nossos chronistas, principalmente por Damião de Goes e Garcia de Resende (festas de Evora, no casamento do Príncipe D. Affonso, em 1490), confirmada nos documentos da *Historia genealogica* da Casa Real e no exame que fizemos pessoalmente em Evora, em 1901, na magnifica collecção da casa Barahona.

(2) O Codice das illuminuras de Simão Beninc foi publicado em 1905 pelo professor allemão Kaemmerer, com commentario, para o qual aproveitou os nossos estudos na edição allemã do Hollanda.

guezes, que por varios motivos, e para diversos fins procuravam o amparo dos feitores, representantes da corôa, sendo alguns d'elles, não poucas vezes, escriptores celebres, amadores notaveis, relacionados pessoalmente com as summidades litterarias e artisticas dos paizes do Norte. Damião de Goes foi um d'esses feitores illustres de Flandres, cujas relações com Alberto Dürer mereceram já estudo especial; a elle, ou a outro feitor, Rodrigo Fernandes, da familia dos Almadás, devemos o possuirmos hoje uma das obras primas authenticas do grande pintor e gravador allemão; é o *S. Jeronymo* do Museu Nacional.

Innumeras foram as encommendas que elles fizeram em Flandres para a côrte de Portugal, como o attestam os documentos publicados.

Outras feitorias como as de Rouen e Lyon em França e transitoriamente agencias em diferentes cidades hanseaticas do imperio germanico, como Lübeck, Colonia, Augsburg, Nuremberg, Basileia, cidades que foram centros de grande actividade e producção artistica mantiveram relações preciosas que explicam a importação de valiosas obras d'arte que os principes e uma nobreza faustosa pagavam generosamente, tanto para a decoraçáo de suas residencias, como para presentes enviados em embaixadas deslumbrantes.

Para citar uma só bastará recordar a que D. Manoel mandou em Março de 1514 ao Papa Leão x, dirigida por Tristão da Cunha, faustosissima, sem precedentes e sem successora, que á propria côrte pontificia causou assombro, taes e tantos foram os incomparaveis presentes que o embaixador portuguez depoz aos pés do Papa. Embora uma parte das dadas fosse de procedencia estrangeira, como o celebre *Pontifical*, bordado nas officinas de Flandres, outras, como as peças de ourivesaria, eram obras de artistas nacionaes. E não deviam valer pouco essas provas, se as julgarmos pelas amostras bem reduzidas em numero dos museus nacionaes e, melhor ainda, pelos thesouros reproduzidos nos quadros antigos da escola portugueza em série quasi inexgotavel.

Junte-se a esses presentes de significação diplomatica as offeras dos monarchas aos santuarios peninsulares de fama consagrada, como S. Thiago de Compostella, Nossa Senhora de Guadalupe, Santa Maria de Loreto, na Italia, para citarmos só os mais conhecidos.

Accrescentem-se finalmente as generosas dadas enviadas aos drincipes do Oriente. Se não era possível preencher tudo com artefactos nossos, não pôde negar-se que a acquisição de exemplares estrangeiros e exóticos serviu de estimulo nas officinas d'arte nacionaes; bons modelos foram sempre raros e procurados entre nós.

Em um resumido quadro, como é o presente esboço, só podemos apontar os factos mais salientes das ephemerides que nos servem de guia.

Desde Reiffenberg e Raczynski, isto é desde 1840, considerou-se sempre a viagem de Jehan Van Eyck á peninsula (1428-1429) como



TORRE DA EGREJA DE S. DOMINGOS
(Vila Rial de Trás-os-Montes)

um facto de importancia capital para a historia da arte peninsular e para a transformação do estylo do proprio pintor chefe, com seu irmão Huberto, de uma gloriosa escola, que mais do que nenhuma outra da Europa se impoz á admiração geral durante tres gerações. Nenhum factó paralelo igual ou semelhante foi exposto, até hoje, e abonado n'uma Relação de embaixada, coeva, minuciosa e authentica. A pay-sagem meridional, peninsular, encontrou o seu primeiro e mais celebre apologista no primeiro terço do sec. xv.

Não é sómente a techica da arte estrangeira, que se impõe aos nossos, o maravilhoso colorido, a arte de interpretar as scenas e de caracterisar as figuras da Sagrada Escripura; é o amoroso cuidado, o infinito trabalho com que o artista reproduz os menores incidentes da vida intima portugueza, applicando ás taboas da pintura, em ponto grande, o processo de desenho artistico que os illuminadores dos sec. xiv e xv haviam levado á ultima perfeição e os gravadores do sec. xvi:—escolas flamenga e allemã—vulgarisaram em infinitas tiragens das suas estampas religiosas, em cobre e em madeira.

Sendo raras as leis sumptuarias portuguezas, e sendo raros tambem os inventarios, com excepção dos que menciona a *Historia Genealogica da Casa Real*, fica-nos, felizmente, como elemento precioso de estudo, a riqueza das nossas antigas taboas do sec. xv e xvi, para uma avaliação razoavelmente completa dos nossos thesouros nacionaes. Ahí está a demonstração de uma parte da opulencia que os terramotos destruíram em successivas catastrophes desde o sec. xiv.

Durante a segunda dynastia a côrte não tivéra residencia fixa, como já ficou dito; andava por Coimbra, Leiria, Santarem, Evora, Almeirim e Cintra. A primeira não tivera tempo para amontoar thesouros, a não ser, por excepção, para o culto para a casa de Deus. A terceira dynastia era intrusa; explorou o paiz e levou para Madrid thesouros valiosos artisticos, como está demonstrado em documentos insuspeitos. A quarta dynastia, a Brigantina, trouxe de Villa Viçosa, residencia dos Duques, o recheio de uma opulentissima casa historica em 1640. O chronista da Casa Real D. Antonio Caetano de Sousa legou-nos na sua *Historia Genealogica* o inventario dos enormes thesouros que se juntaram d'esse modo em Lisboa. Foi uma centralisação de resultados funestos. Um seculo depois tudo desaparecera na insondavel voragem do terremoto de 1755 e subseqüente incendio da capital. É preciso lêr com attenção a preciosa obra do Padre João Baptista de Castro — *Mappa de Portugal antigo e moderno* e confrontar as suas duas primeiras edições (1745 a 1758 e 1762 a 1763) para se apreciar, por alto, o que perdemos com o terremoto de 1755, principalmente na capital. O terceiro volume, que trata especialmente da cidade de Lisboa, dos seus templos, conventos e palacios, accusa o que foi esse incommensuravel desastre. Perderam-se as collecções da Casa Real, as galerias d'arte e bibliothecas da nobreza, os museus das casas religiosas. O que fôra opulencia volveu-se em penuria.

(Continúa).

João Baptista de Castro

Nova teoria do Sacrificio

XIII

Porque ha uns castrados que nasceram assim no ventre de sua mãe; e ha outros castrados a quem outros homens fizeram taes; e ha outros castrados que a si mesmo se castraram, por amor do Reino dos Ceus. O que é capaz de compreender isto, compreenda-o.

S. MATEUS, XIX, 12.



PRODIGIOSA a sensibilidade do mito das origens humanas, do pecado original. Apesar do incalculavel tempo transcorrido, ele registra minuciosamente os mais subteis detalhes da mudança da vida do antropeide para a do homem. A necessidade do trabalho, a irracionalidade da vida, a origem da familia, a queda do pêlo, as dôres do parto, a menstruação, a civilização, o alimento primitivo (os frutos), a carne dos animaes como causa perturbadora fundamental, tudo isto transparece nesse mito remoto de acordo com o saber moderno, garantindo-lhe a sua sinceridade e verdade. Circunstancias especiaes fizeram da tradição hebraica uma das mais bem conservadas, se bem que, em certos pontos, o sentido se obscurecesse, quer pela interposição de interpretações sacerdotaes e racionalistas, quer mesmo por especiaes conveniencias, sendo mister, para a sua decifração, o recurso aos mitos paralelos dos outros povos. E' o que temos tentado, dando aos nossos leitores um esboço desses mitos, que muitas vezes, eles tambem, por obscuridades ou deficiencias, precisavam duma interpretação conveniente. O principio fundamental de que partiamos — um facto que fatalmente se deu no inicio da humanidade, sem duvida o maior e mais perturbador acontecimento da vida da especie, e que devia deixar eco na tradição — fez-nos, com relativa segurança, achar interpretações satisfatorias, sem acrobatismos de dialectica, antes respeitando os dados fundamentaes com rigoroso escrúpulo. Quasi em meio deste trabalho, necessario se torna recordar ao paciente leitor deste árido estudo, que a porfiada pesquisa de tantos mitos do pecado original tem um duplo fim — estabelecer uma nova interpretação da tradição da queda do homem e, derivadamente, uma nova interpretação do sacrificio.

Dissemos da grande sensibilidade das narrativas que nos ocupam. Um factor ha, de ordem sexual evidentemente, que é quasi constante nessas tradições e que merece demorada discussão para cabal esclarecimento do assunto. (1) Queremo-nos referir ao já assina-

(1) Damos aqui apenas umas breves notas da questão. Reservamos para ulterior estudo uma exposição mais sistematica e com conveniente documentação.

lado papel da mulher, associada á queda, e que, por vezes, mesmo, é dada como causa unica da catástrofe. Ora, assim como procurando a que correspondia a variação de ordem alimentar acusada no mito encontramos um facto positivo servindo-lhe de base, tambem podemos esperar, estudando as variações sexuaes que o mesmo indica, encontrar qualquer facto real, causador desse elemento da tradição. De resto, não é só o mito que nos mostra grandes misterios na vida sexual. São do dominio de todos as festas orgiasticas, o culto do phallus, o pudor, o celibato ecclesiastico, as mutilações dos órgãos sexuaes, a circuncisão, o valor da virgindade e da castidade, o horror ao incesto, a exogamia e a endogamia, os mil tabús sexuaes, numa palavra, ser a questão dos sexos uma questão moral.

Tudo isto não nasceu espontaneamente, é de crer. Tem uma razão profunda que pensadores eminentes, taes como Spencer, Crawley, (1) Reinach, Durkheim, Morgan, Frazer, etc., etc., têm procurado descobrir. Para nós, o problema põe-se do seguinte modo. — Houve alguma variação importante no regime sexual, na aurora da humanidade, capaz de produzir os rudimentos da questão sexual? Dizemos os rudimentos porque muitos dos factos apontados são já o produto duma longa evolução. E ainda: poderia a alimentação carnea, directa ou indirectamente, ter influencia nessa variação?

Ha, a nosso ver, duas profundas modificações. Em primeiro lugar, houve evidentemente uma mudança de attitude no acto sexual. Lucrecio ainda se refere a uma opinião corrente no seu tempo, que até se procurava justificar com razões fisiológicas. Eis as suas palavras:

«O modo como os homens se entregam ao amor, não é tambem para despresar. Crê-se geralmente que a união dos esposos se deve praticar segundo o exemplo que dão os quadrúpedes, porque, nesta attitude, a situação horisontal do peito e a direcção dos rins favorecem mais a direcção do fluido gerador.» (2)

Se admitirmos a descendencia simiana do homem, é indubitavel que esta variação se deu. Pensamos que essas estranhas divindades silvestres — faunos, sátiros, driades, etc., etc., não têm outra origem — a idealisação do primivo regimen.

É o que se depreende da inspecção de certos monumentos antigos. Da mesma forma nos parece que o segredo das inumeraveis esfinges, mulheres com corpos de animaes quadrúpedes, consiste na referida mudança, e que a celebre resposta de Oedipo foi singularmente desvirtuada. Qual seria, porém, a causa dessa variação? Naturalmente o abandono da vida arboricola, a attitude definitivamente vertical, factos dependentes da mudança de regimen alimentar.

Mas outra variação se deu tambem, acaso com mais profundas consequencias. As funções sexuaes deixaram de ser periodicas, como o são nos animaes que vivem em estado natural, para se exercerem em todo o tempo. Ha sobre este assunto um recente, profundo trabalho do Dr. Havelock Ellis, nos seus «Estudos de psychologia sexual», cer-

(1) Crawley — «The Mistic Rose.»

(2) Lucrecio — «De Rerum natura», L. IV.

tamente a obra mais notavel no género. Esse estudo vae-nos fornecer elementos valiosos para o que segue. (1)

Já Laycock (*Nervous diseases of women* 1840, pp. 61-70) reuniu muitos factos interessantes mostrando que o organismo sofre modificações, no momento dos equinoxios da primavera e do outono, e que estas modificações são d'origem sexual. Edward Smith fez pela primeira vez observações bem definidas acerca dessa periodicidade no homem. Kulischer, (*Die geschlechtliche Zuchtwahl bei den Menschen in der Urzeit, Z. für Ethnologie*, 1876, pp. 152 e 157) estudando os costumes sexuaes das diversas raças, chega à conclusão de que, primitivamente, o coito só se realisava durante duas épocas do ano e que, quando deixou de ser restricto a estas duas épocas, as representações simbolicas do acto continuaram, mesmo na Europa civilisada, a ser executadas só nestes momentos. Da mesma forma conclue Wiltshire, e Westermarck (*History of human marriage*) tratando desta mesma questão, reúne factos que provam que a primavera, ou melhor o principio do verão, é a occasião do augmento do instincto sexual, o que ele considera *como uma sobrevivencia duma antiga epoca de cio, contemporanea do tempo em que o homem era frugivoro*. Tambem Rosenstadt crê que o homem herdou um habito fisiológico de procrear em certo momento do ano, assim como Heape e Cohnstein. A domesticação (no homem, a civilisação) (2) tende a perturbar a periodicidade que existe nas especies selvagens, e a tornar os animaes capazes de se reproduzirem com mais frequencia. É assim que, no cão selvagem, a femea só tem o cio uma vez por ano, na primavera, e no cão domestico, a este periodo da primavera, junta-se outro no outono; mas o periodo primitivo fica o mais importante, e os melhores cachorros nascem na primavera (Dalziel, *The Collie*); a egua tem os seus periodos na primavera e no verão; a ovelha aceita o macho no outono (Smith, *Veterinary Physiology*.) Muitos macacos menstruados, tenham ou não desejos sexuaes do principio ao fim do ano, só concebem na primavera e no outono. (3)

O Dr. Cook observou que, nos esquimós, as secreções deminuem durante as longas noites de inverno, que a força muscular é fraca e as paixões atenuadas. Logo que o sol reaparece, uma especie de cio se apodera da gente moça. Fremem de desejos sexuaes e passam então semanas fazendo-se a córte e entregando-se ao amor. Donde segue que a maior parte das creanças nascem nove mezes depois, nos começos dos quatro mezes da noite continua. Esta periodicidade sexual tão acentuada, não é especial ás regiões árticas. Encontra-se tambem nos tropicos: Mondière observou no Cambodje que duas vezes por ano, em Abril e em Setembro, os homens são tomados dum verdadeiro cio e chegam por vezes a matar as mulheres que lhes

(1) Dr. Havelock Ellis—*Études de Psychologie Sexuelle*—1^{er} vol. tr. fr. de Van Gennep, Directeur de la Revue des Études Ethnographiques, 4.^e edition, Paris, 1912, *Mercur de France*. São deste livro as citações que seguem no texto.

(2) O parentesis é nosso.

(3) Dr. Havelock Ellis, *ob. cit.* pag. 184-5.

resistem. (Dictionaire des Sciences Antropologiques, art. Cambodgiens. (1))

A estatística dos nascimentos fornece também impressionantes conclusões.

O leitor a quem este assunto interessse, deverá ler a citada obra de Havelock Ellis, onde encontrará minuciosas investigações acerca dos obitos de creanças, mais frequentes nas que nascem fora dos periodos normaes; dos sonhos, da moralidade dos prisioneiros, aparição da loucura, atentados sexuaes, etc., tudo tendente a provar a periodicidade sexual.

Continuaremos no proximo numero o mesmo assunto.

(Continúa).

Matosinhos, 13/1/14.



(1) Dr. Havelock Ellis, ob. cit. pag. 188.

LETTRES PORTUGAISES

Les Études portugaises. — Ribera y Rovira, *Allantiques*. «L'Aveng», Barcelone. — Ribera y Rovira: *Contistes portuguesas*; Societá catalana d'edició, Barcelone. — Teixeira de Pascoaes: *O Genio Português*; «Renascença Portuguesa», Porto. — Leonardo Coimbra: *A Morle*; «Renascença Portuguesa», Porto. — A. Corréa d'Oliveira: *A Criação (Vida e Historia da Arvore)*; Espozende.



UNE FAIBLE curiosité, dont ont bénéficié jusqu'à ce jour en France et même en Europe les **Études portugaises**, nous a toujours été sujet d'étonnement. Aureste, Camoens est généralement peu compris et, quant aux autres lyriques lusitaniens, on a trop peu parlé d'eux à l'étranger pour que leur influence ait pu rayonner comme elle le méritait. Nous n'en devons que plus vivement rendre hommage à des hommes comme le regretté Wilhelm Storck en Allemagne, comme le Dr. Goran Bjorkman en Suède, Edgar Prestage en Angleterre, Antonio Padula, Mario Antonio Canini, Prospero Peragallo, Vittorio Pica en Italie, Curros Henriquez en Espagne, lusophiles fervents, critiques avertis. Leur phalange s'illustre encore des travaux et de la haute personnalité catalane de M. Ribera y Rovira, que passionne la question de l'ibérisme. C'est en patriote catalan autant qu'en simple tétre que M. Ribera y Rovira s'intéresse au Portugal. Il cherche à établir un rapprochement, mieux une communion d'idées et d'aspirations entre la patrie de Camoens et celle de Verdaguer. Disciple de Juan Maragall, il débuta par des vers, *Mos tres amars*, publiés en Portugal, à Thomar, où il résida quelque temps. Il y célèbre, non seulement sa propre patrie, mais aussi la beauté de la terre lusitanienne. De là la révélation qui devait peu après s'imposer à son esprit pour lui indiquer sa mission. Les trois nations irréductibles du sol ibérique: Portugal, Castille, Catalogne, lui appaurent, et il conçut, sous les espèces du fédéralisme, la solution du problème po-

litique dans la péninsule. Le propagandiste a succédé au poète, et depuis douze ans il est sur la brèche. Dans *Le Portugal artistique*, il révéla à ses compatriotes les caractéristiques d'une civilisation qu'ils ignoraient et avec laquelle ils purent prendre plus étroitement contact, grâce aux traductions du recueil intitulé *Poésie et Prose*. L'apparition du livre *Ibérisme* marqua un nouveau pas en avant et, sous l'égide de Théophilo Braga, vint affirmer hautement la nécessité de fonder dans la péninsule hispanique « une confédération consciente, rationnelle, historique et démocratique des trois nationalités indestructibles: Portugal — Galice, Castille et Catalogne — Baléares; Espagne atlantique, Espagne centrale, Espagne méditerranéenne, trois zones géographiques, trois bandes verticales et parallèles du haut en bas de la Péninsule. Comme on voit, derrière le lusophile, il y a l'apôtre, et il semble que la proclamation de la République en Portugal ait encore accru son activité. Sans laisser d'être poète catalan, il a, dans les deux volumes successifs intitulés *Aux pays des orangers*, rassemblé ses impressions de voyage en Portugal, cependant qu'une série d'ouvrages publiés coup sur coup insistait sur la valeur politique, littéraire, économique de la jeune République.

Complétant l'œuvre ébauché par *Poésie et Prose* en 1905, voici qu'il nous donne aujourd'hui, sous le titre d'*Atlantiques*, une anthologie des modernes poètes portugais. Dans une savante et originale préface, l'auteur s'excuse d'être incomplet; mais on remarque vite qu'il a donné la préférence en son recueil à ceux dont l'inspiration s'alimente au plus pur du génie portugais, à ceux qui instinctivement ou par préméditation sont retournés vers les origines spirituelles de la Race.

On s'aperçoit en même temps que l'auteur a découvert un lien de plus entre le lusisme et le catalanisme, et ce lien, ce sont les poètes de la *Renascença portuguesa* qui sont venus le lui procurer. Un mot *saudade* (l'inspiration et le souvenir) résume toute l'âme lusitanienne et tous ceux, qui depuis les siècles, ont chanté la vérité de la vie animique et corporelle du peuple portugais peuvent être englobés dans le *saudosisme*, qui est l'étiquette préférée des poètes d'aujourd'hui. La *saudade* est l'esprit lusitanien sous son aspect religieux. Historiquement elle prend le nom de Sébastianisme; en musique, elle a créé le *fado* et toute la lyrique populaire.

« Or, dit M. Ribera y Rovira, entre tous les peuples du monde, seul le peuple catalan est capable de sentir et de comprendre pleinement la *saudade* portugaise. C'est que les Catalans possèdent l'*anyorament*, où se synthétise le songe de la Race. Dans son idiosyncrasie particulière, dans sa poésie, dans sa religion, dans sa philosophie, dans sa politique, dans son art, la Catalogne, aussi bien que le Portugal, réalise le mariage du Paganisme des races aryennes avec le Christianisme nourri d'influences sémitiques. »

De cette union spirituelle est issu le caractère catalan symbolisé dans l'*anyorament*, et dans l'esprit d'indépendance religieuse ou de mysticisme manifesté tour à tour par les Arnaud de Villeneuve, Félix d'Urgel, Raymond Lulle, dont le poète actuel Juan Maragall est le successeur en matière lyrique. Toute la renaissance contemporaine est à base d'*anyorament*, et cet *anyorament* jailli tu entier du ciel et du sol, ce sentiment mystique dont on trouve le germe fécond chez le vieil Ausias March, doit atteindre un jour ou l'autre sa pleine efflorescence dans toutes les manifestations de la vie nationale autonome.

A l'appui de telles idées, M. Ribera y Rovira invite ses compatriotes à goûter le lyrisme lusitanien des João de Deus, des Anthero de Quental, des Antonio Nobre, des Afonso Lopes Vieira, des Antonio Corrêa d'Oliveira, Antonio Patricio, Augusto Gil, Eugenio de Castro, Guerra Junqueiro, Julio Brandão, João de Barros, Jayme

Cortesão, Silva Gayo, Mario Beirão, Teixeira de Pascoaes, etc., qui se sont penchés, sur l'âme de la race comme sur une source de Jouvence, et qui ont souvent rejeuni leur inspiration aux ondes pures de la tradition populaire.

Dans un autre volume et pour compléter l'illustration de ses théories, l'éminent lusophile rassemble une gerbe de proses caractéristiques, signées des meilleurs **Conteurs portugais** depuis Camillo, Eça, Fialho, Trindade Coelho jusqu'à Teixeira de Queiroz, Teixeira Gomes, Villa-Moura, Julio Brandão, Jayme Cortesão, etc.

Les idées de M. Ribera y Rovira sont exactement conformes à celles dont Teixeira de Pascoaes s'est fait le propagateur en Portugal, et qu'il exposa si éloquemment au cours de ses conférences sur *l'Esprit lusitanien ou le Saudosisme*, sur le **Génie portugais dans son expression philosophique, poétique et religieuse**.

Après avoir démontré l'existence d'une âme portugaise autonome, dont les meilleurs poètes lusitaniens, de Camoens à Garrett et à Antonio Nobre, ont été les interprètes plus ou moins conscients, le poète mystique du *Retour au Paradis* définit la *saudade*, dont il prophétise l'intervention pour la rédemption de la race et l'instauration d'une religion nouvelle.

Après s'être exprimé lyriquement dans tout la spontanéité de ses aspirations faites de souvenir attendri et de songe ardent, le génie de la Race cherche actuellement à se traduire philosophiquement. Chez Leonardo Coimbra, la *Saudade* a déjà reçu la forme idéique; elle exprime l'union de la matière et de l'esprit dans leur constante activité créatrice. En elle se marient l'oeuvre de Jéhovah et celle de la Créatura, le Mal d'origine divine et le Bien d'origine humaine. La *Saudade* réalise au sens religieux une forme d'animisme, qui vient des anciens Egyptiens et que l'on retrouve dans les philosophies panthéistes. Dans l'animisme lusitanien, toutefois, les choses sont animées de notre propre vie. C'est par sympathie cosmique que notre âme déborde hors de nous-même, pour inonder d'amour les choses mortes qui prennent vie.

Teixeira de Pascoaes insiste sur l'originalité absolue du Panthéisme lusitanien.

Ce panthéisme est né de la *Saudade* révélée, au sein de laquelle se réalise la fusion vivante et parfaite de la Nature et de l'Esprit. Pour le poète essentiellement portugais, il n'y a pas de distance entre sa vie et la vie qui l'entoure. Il crée par l'émotion; il se sent possédé de la vie religieuse des choses.

A l'inverse du symbolisme, le *Saudosisme panthéiste*, révélateur des aspects vivants et mystérieux de la Création, est essentiellement sculptural et s'éloigne de la musique.

Le Saudosisme voit Dieu au delà de l'homme. L'ancien Dieu était contenu dans la Nature, parce que celle-ci était son oeuvre; le nouveau Dieu est intégré dans l'Univers, parce que celui-ci fut son créateur. La Nature a créé l'Homme, afin de conquérir son état de conscience nécessaire à l'apparition de Dieu.

Le Dieu des vieilles religions se *satanise* dans le *saudosisme*, pendant que son Lucifer, l'ambition créatrice de l'homme, se *déifie*. Ainsi dans la *saudade*, le souvenir spiritualise le désir, et le désir matérialise le souvenir. Dans l'être humain s'élabore l'*Être spirituel*. C'est dans l'homme que l'univers conquiert sa phase animique. Tout moment spirituel est éternel; mais cette éternité ne se réalise pas dans le temps; c'est l'Esprit même qui la conçoit et qui la crée. Croire en l'Éternité, c'est être éternel. L'Esprit est matière évoluée. En imaginant un être parfait qui échappe aux contingences matérielles, l'homme donne naissance à Dieu. Le rôle de la Religion est d'atténuer la terrible contradiction qui existe entre ce que nous faisons et ce que nous pensons. Satan se rachète en Dieu, et l'Homme est la Croix de sa rédemption. La *Saudade* contient le germe d'une foi nouvelle qui reconcillera Jésus et Pan, et qui ne saurait être ni anti-chrétienne ni anti-scientifique. Dans les traditions religieuses du Portugal, se trouvent les éléments primordiaux d'une Eglise lusitanienne, que la République devrait aider à naître.

Ainsi Teixeira de Pascoaes nous propose de ressusciter les dieux nationaux. N'en sourions pas. Les dieux sont peut être indispensables à la vie des nations; ils

meurent, quand l'esprit de sacrifice se refuse à nourrir les énergies collectives. Teixeira de Pascoaes a l'accent de ces *rishis* qui rédigerent les Upanishads de l'Inde et qui s'évertuèrent à concilier le Védanta et le Sankhya, préparant ainsi l'admirable ascension mystique, qui devait permettre la réalisation de la Baghavat-Gita, et dont on retrouve l'élan merveilleux dans les poèmes actuels d'un Rabindranath Tagore.

Leonardo Coimbra est de la même lignée; mais c'est de philosophie qu'il a souci, non de prophétisme. Sa conférence: *La Mort*, complète l'exposé du *Créationisme*, et nous fait envisager le problème de l'être aux lucurs de la nouvelle doctrine. Le *Créationisme*, en effet, n'est autre chose que le Saudosisme philosophique.

La réalité, dit Leonardo Coimbra, est oeuvre de la pensée. La pensée est, depuis les origines et toujours, réalité, forme et matière. Une Pensée infinie et cosmique fait converger en elle chaque pensée; une Réalité infinie fait converger dans un au-delà illimité les réalités successivement immédiates. De tous les côtés, l'esprit créateur, la pensée à haute tension de liberté enveloppe la création. Aux termes vagues de nature, matière, etc., nous substituons le mot Etre, qui marque l'identité de la réalité et de la pensée intégrale, réalité dont la nôtre se rapproche d'autant plus que notre pensée se rapproche de cette pensée absolue. Rien ne s'oublie; voilà le suprême principe de l'Etre. Par ainsi, la Mort ne saurait être autre chose qu'un rajeunissement. La nature ne serait rien sans la *transnature*. Il n'y a pas d'action sans agent; mais l'agent n'existe que par ses actes.

Antonio Corrêa d'Oliveira s'avère dans son art essentiellement saudosiste. Il chante la Vie sous le symbole de L'Arbre et, dans une note phantéistique analogue à celle du Junqueiro des *Oraisons*, il nous donne le premier des quatre chants de son épopée mythique de la *Création*. Le poème est divisé en six parties, qui célèbrent tour à tour la *Genèse de la Vie*, les *Quatre Eléments*, l'*Ascension* divine vers l'Esprit. La partie intitulée *Voix de la Forêt* contient les pièces les plus originalement inspirées; mais, à se risquer trop délibérément dans l'aride sentier de l'abstraction, le poète peine parfois à retrouver le beau soufle émouvant des *Tentations des Sam-Frei Gil*, dont certains morceaux de l'actuel poème restent pourtant dignes.

Dans son ensemble, nous préférons ce livre à quelques-uns qui l'ont précédé, l'*Eloge de Sentiments*, par exemple. Les rythmes y sont exquis, la langue adorablement chantante et pure.

MEMENTO.—Theophilo Braga vient d'ajouter un volume nouveau, *Cancioneiro popular português*, à sa monumentale oeuvre de folk-lore. Nous y reviendrons en détail.

Comme suite au mouvement d'attention suscite par la publication des lettres inédites de Camillo par le Vicomte de Villa-Moura, qui écrit à ce propos une éloquente préface, Jayme Cortesão propose, dans la revue *Águia*, qui poursuit sa marche vaillant, de transporter enfin au Pantheon des Jeronymos les cendres du grand romancier, pure incarnation du gento de la Race. Ce serait justice.

(Do *Mercurio de France*, n.º 396).

J. B. Leblond

Resposta a Antonio Sergio:



ocê é um poeta! V. é um rouxinol! V. vive a sonhar, ignora a realidade, o sitio onde se deve pôr os pés, etc., etc.!

É com identicas palavras que os individuos que fazem profissão de prosa, n'esta vida, pretendem lapidar os outros de mais vastos e fundos desejos, inconformaveis com um mundo asfiziado entre as quatro paredes sem buracos do Positivismo.

É com tristeza, meu caro amigo, que o vejo tomar essa attitude, hirta e deserta, perante a Vida.

Eu sei que a Vida é restricta ou vasta, conforme os olhos que a contemplam. Ela obedece ao nosso poder de visão. Ha pessoas que lhe apreendem apenas a forma carnal; ha outras que atingem a sua expressão espiritual e eterna. Com as primeiras não se pode discutir. São creaturas no sentido restricto da palavra, enclausuradas, mortas dentro das suas proprias ideias sem alcance. Meteram-lhe em cabeça que o Mundo é só feito de pedra... e ei-las, para todo o sempre, empedernidas! Que lastima!

Não imagina, meu querido amigo, quanto me custa vê-lo enfileirar-se ao lado de semelhante gente!

É por parentesco? Não. Eu conheço muito bem o seu espirito; sei o que ele tem de delicado e susceptivel ás altas e belas cousas. O meu amigo é egualmente um rouxinol que se mascarou de peixe para meter medo ao Saudosismo...

E em seu louvor direi que a mascara não lhe esconde o rôsto.

A sua ultima carta, publicada n'esta revista, permite-me tal afirmação. Que fez o meu amigo, n'essa carta? Riu-se! Á minha *sinfonia de Beethoven* responde com um sorriso. E que é um sorriso?

Um sorriso equivale a um *sim*...

Mas deixemos o *sim*. Que ele finja de *não*, em harmonia com o seu desejo.

O meu querido amigo abandonou o seu ataque á originalidade da Saudade, ponto principal da questão, assim como ao seu poetico e filosofico significado que torna a alma portuguesa creadora d'uma concepção formosissima do Universo e da Vida, a qual deve orientar superiormente a nossa actividade social. Eis o que ficou de pé; diria mesmo intangivel, se eu pretendesse a intangibilidade para alguma cousa.

Como já disse, o meu amigo limitou-se a rir, o que é muito agradável, pois se a beleza é o esplendor da Verdade, o riso é o esplendor d'uma alma.

V. limitou-se a rir, e a baralhar, n'uma pagina, algumas frases minhas, arrancadas ás suas companheiras naturais... Mas isto é ainda uma chalaça. V. gostou de ver as pobres palavras, longe do

seu meio natal, entreolhando-se espantadas e interrogando-se mutuamente: — Quem és tu? D'onde vens? Quem vos trouxe para aqui?

Foi o sr. Antonio Sergio . . . mas por simples buincadeira, isento de maus intuitos. Soceguem!

Logo na primeira frase o meu amigo sublinhou as palavras *em partes iguais* . . . Para quê? Eu desejei apenas notar que, na raça portuguesa, o sangue semita e o aria existem em partes equivalentes, o que se revela pela sua criação da Saudade, onde o principio espirital e o sensual (lembrança e desejo) se casam e combinam, formando assim uma admiravel sintese de Vida que se reduz, na essencia, áquelles dois principios. Porisso, disse que a Saudade é a alma do Cósmos.

Cita-me Giotto, Fra Angelico e Dante (tres italianos) para demonstrar que o povo italiano não é nada um povo pagão!! Sabe a historia do lord inglez que tinha um criado francez? Conto-l'ha em duas palavras.

Este bom creado serviu o inglez irrepreensivelmente, durante cincoenta annos. Mas, um belo dia, encontrou um charuto no quarto do amo. A tentação do fumo empeceu-lhe, e o bom do homem, já velho e cansado do trabalho, para espalhar a melancolia, acendeu o charuto e fumou-o. O inglez, ao dar pela falta do havano, exclama furioso: «Bem se vê que os francezes são um povo de ladrões!»

A sua longa estada em Londres tornou-o como aquele inglez, meu querido amigo!

E considera o Dante christianissimo! O Dante é profundamente catholico. A Divina Comedia é o grande poema do catholicismo, essa degenerescencia pagã do Christianismo.

Que é o *Inferno*, senão a suprema plastisação da Dôr, a materia do Christianismo roubada a Jesus e entregue a um Deus Pan, nocturno e tragico?

Afirma depois que este verso do Nobre: «Caí, folhas, caí, tom-bae melancolias!» parece traduzido de V. Hugo!

Eis uma affirmação gratuita, com menos realidade ainda *que o halito duma ninfa*.

Se ha poetas distantes um do outro, são V. Hugo e Nobre. Hugo é o Hercules do Verbo; Nobre, a encantadora creança emotiva.

Classifica de banal (só porque isso lhe convem) um periodo de Eduardo Schurée, que eu transcrevi. Leia a «Evolução Religiosa» d'este belo escritor francez, e verá que esse periodo contem o pensamento principal da obra citada.

Diz também que o verso escultural é uma velharia. Eu sei que o verso classico é mais escultural que musical — o que não quer dizer que o verso da nova poesia portugueza não encontrasse uma forma sua de expressão. O verso classico é seco e rigido. O verso moderno alia á nitidez do ritmo que n'ele predomina, a flexibilidade, a brandura firme de todos os corpos que vivem. De resto, é uma cousa secundaria.

Estranha também que eu considere introduzível o sentido intimo de palavras, como silencio, lugubre, nevoeiro, medo, oculto . . . Ora leia este periodo de Miguel de Unamuno: «Saudades, soturno, luar, nevoeiro, magoa, noivado . . . cuya alma és intraducible».

Ahí está o que affirma no seu livro «Por tierras de Portugal y de Hespaña» aquele escritor, um dos maiores da Peninsula e um dos que melhor conhece a raça portugueza.

A proposito: leiu a sua ultima obra «Del sentimiento tragico de la vida en los hombres e los pueblos»? Se não a leu, peço-lhe que a leia. Encontrará, n'essas paginas imortaes, profundas verdades, prenhes de vida eterna e creadora! É um sublime protesto contra a Morte, ou antes, contra a vida *morta*, satisfeita na sua restricta acção puramente material, que o meu amigo finge admirar . . .

Diz ainda que aquelas palavras são eruditas e cheiram a rapé. Que importa a sua origem e o seu aroma? O que importa, é a alma que o sentir do povo e dos poetas lhes insufflou, acordando-as para uma nova vida. A alma nova galvanisa a antiga carcassa que se veste de mocidade.

Imagina ainda o meu bom amigo que eu desejo uma republica puramente rural. Eu já lhe disse que o Saudosismo não é inimigo do Futuro. Pelo contrario, ele pretende firmar-se no Passado e no Futuro — o que resulta da sua propria essencia de *lembrança* e *desejo*.

E julga também que a Igreja lusitana de que eu falei nas minhas conferencias, é a igreja da Inquisição!! Essa Igreja que eu admiro, morreu ás mãos do primeiro rei de Portugal que a subordinou a Roma, tirando-lhe a sua independencia reveladora do espirito original e livre da raça portugueza. E o meu bom amigo a rodeá-la tragicamente de fogueiras! Tudo isso para que? Para vêr se queima o Saudosismo! Ele é invulneravel como já disse; invulneravel e incombustivel, acrescentarei.

Affirma ainda que eu considero o Saudosismo como criação do meu espirito, capaz de dar á Humanidade um novo sol espiritual. O Saudosismo é uma criação da Raça. Basta ler a Poesia popular e Camões! Nunca, jamais, em tempo algum, o considerei como obra minha!

O Saudosismo é a alma portugueza atingindo uma clara expres-

são poetica e filosofica. Eu limitei-me a desenhá-la, embora imperfeitamente. Fiz o retrato, mas não a figura retratada . . .

Quanto á minha crença de que o genio lusiada contem uma viva e imortal aspiração do Homem, esse novo Sol por que esperamos, tal crença, no coração d'um portuguez, nada tem de extraordinário, nem de censuravel, creio eu.

Mas o meu bom amigo, no entusiasmo da sua chalaça, lançou-me, sem querer, uma pontinha de ridiculo!

Não pense que tenho medo ao ridiculo. Eu digo como Miguel de Unamuno na segunda obra citada: «Hay que saber poner-se en ridiculo, y no sólo ante los demás, sino ante nosotros mismos . . .

Pues fué poniendo-se en ridiculo como alcançó su immortalidad Don Quijote.»

Depois, o meu querido amigo considera Portugal um paiz de espectros e de somnambulos. O espectro sou eu. Assim seja. Faço-lhe a vontade. Tenho uma simpatia especial por essa condição phantastica . . .

Ah, meu amigo, os espectros vivem! A sua materia de ilusão é mais real e viva que a de muitos corpos humanos, cuja presença é revelada apenas pela sombra que projectam . . .

Ora aqui tem um Phantasma que lhe estende a mão comovida, atravez do oceano, pois, para nós, Phantasmas, não ha distancias, nem tão pouco resentimentos.

O meu amigo coloca-me ainda violentamente a encontrões demagogicos, no meio dos jesuitas, entre Verney e Pina Manique. E vae, depois, muito lepidamente, enfileirar-se ao lado dos *pedreiros livres* e dos *franceses*. Conhece, por ventura, a origem d'essa gente? Olhe que ela descende d'aqueles *bons* lusitanos que, por dinheiro romano, assassinaram Viriato, o ultimo heroe digno dos tempos homéricos, segundo a opinião de Mommsen, esse estupendo historiador em cujos miolos palpitarão sete seculos de vida romana!

Sim: Viriato é o Isolamento; quer dizer, a Cultura do Povo firmada nas suas qualidades ráticas. A outra, a *sua*, de que serve? Que importa á Civilização que a França, a Inglaterra, a Allemanha estendam em pequenina nodoa até este cantinho occidental?

O que importa é que este cantinho affirme a sua independencia espiritual, razão da sua independencia politica, sem cortar, é claro, as relações com o resto da Europa, aproveitando o que ela produza de util no campo industrial, scientifico, etc.

Sim: Viriato é o isolamento e os seus assassinos (perdoe a violencia do termo) são esses homens mascarados de romanos, hespanhoes e agora de francezes que têm vindo atravez da nossa Historia, em guerra aceza contra a Sombra do homerico montanhez da Beira, que ha-de, apesar de tudo, reencarnar, tomar novamente corpo vivo e alma heroica.

O meu amigo é uma victima simpatica das Cartas Constitucionaes, dos electricos, do *under ground* furando, n'um delirio, o subsolo de Londres, do vapor, do *bico auer*, e oxalá o não seja da viação aérea!

Eu tambem estive em Londres, meu bom amigo! Penetrei-me de sombrio nas escuras celas da tragica Torre!

Passiei, cá fóra, na esplanada, entre os miseros corvos, borrifados de lama, e de spleen, mal representando cada um o seu mitologico papel de Rei Arthur encantado...

Bebi o *fogg* a largos haustos. Vi pastar ovelhinhas nos verdes campos de Hyde Parck. Vi os leões de Regent Parck, as pontes sobre o Tamisa, esse rio parente do meu Tamega... Vi centenas de canudos fumegantes farruscando um ar já enfarruscado... Fui, por momentos uma gotta de agua n'esse profundo e agitado turbilhão de povo que eu tanto admiro! Sim: eu admiro a Inglaterra, a França, a Allemanha! Amarante já está ligada por caminhos de ferro a todos os grandes centros. Não sabia?

Mas esta admiração não destroe o amor á minha raça capaz de evoluir pelas suas proprias forças originaes e originarias. Portugal creará a sua Cultura. Mais restricta que a dos outros países? Naturalmente, pois não pudemos equivalê-los em riqueza.

Sim, senhor! Eu tambem considero a Economia ou vestida ou despida de roseas esperanças... Eu sei o grande papel que o estomago representa. Mas não posso esquecer aquele versiculo da Biblia: «Nem só de pão vive o homem.»

O meu caro amigo não crê no genio dos povos; creio eu. Sim: eu creio que um homem de genio que aparece num Povo, é um *enviado* d'esse Povo, uma sua sintese individual. Todo o Povo está n'elle; e, por intermedio d'ele, cria as suas novas aspirações e o processo de as realisar. Ha momentos em que um só homem é um Povo: Camões.

O genio colectivo, encarnando, torna-se factor dos genios individuaes que, por sua vez, influem sobre o meio racico, imprimindo-lhe novas feições dependentes das antigas, como um filho depende do pae. E, assim, um Povo vae definindo, fixando a sua personalidade, cada vez mais profunda e concentradora de potentes energias.

D'aquí resulta o grande valor do Passado, da Lembrança...

Uma patria de recente formação é uma figura apenas esboçada, hesitante... Veja o meu amigo os Estados-Unidos, por exemplo, que apesar de serem uma nacionalidade riquissima e valoroso, é ainda uma Patria informe. Com o andar dos seculos puderá crear a sua lingua, emfim a sua alma, a sua fisionomia moral.

Portugal primitivo tambem era uma patria apagada que, por fim, se definiu em claro e alto relevo...

Não sei quem disse que as Patrias eram feitas de pó de sepulturas...

Fala-me no Japão? Dir-lhe-hei que actualmente se nota n'aquelle Povo um desejo de firmar a sua cultura nas tradições do Passado. Os japonezes perceberam o perigo da desnacionalisação. Eles souberam,

por fim, que a tendencia imitativa destroe o genio inventivo, a unica verdadeira força de progresso.

Assimilar sómente é vegetar. Ora, um Povo deve ser mais que uma floresta de homens.

Continuo a affirmar que o progresso espirital é causa e não effeito do progresso economico. A grande Allemanha industrial e comercial de hoje foi creada pelas Universidades que o filosofo Fichte fundou. Quem criou a França actual prospera e forte? O espirito do seculo XVIII.

Sim: a alma é que molda o corpo e lhe dá actividade. E do trabalho é que resulta a riqueza. Mas antes de tudo, é preciso saber trabalhar. Primeiro o saber, isto é, o progresso espirital que cria as competencias.

Mas o meu bom amigo acaba por confundir o progresso espirital com a moral burgueza, com a *moralina*, como lhe chamou Nietzsche.

O meu amigo adora de tal maneira a questão economica, santo Deus, que pretende colocá-la, de gladio em punho, quixotesicamente, como guarda vigilante á honra das Donzelas!

O Cid Campeador tornou-se diabolica estatística!

Mas que fazer? O Ruido e a Velocidade estão na moda. Tambem os *futuristas* converteram o Pégaso, cavallo de carne e osso, em H. P... V. acha que lhe fica bem essa blusa encarvoada de economista. Quando me lembro de si, da alma gentil que murmura nos seus versos, da sua exterior apparencia, e o visio mascarado de ferreiro, tentando forjar, a golpes de martelo, uma patria nova pelo derradeiro modelo de automoveis, eu fico espantado e afflicto; como que vejo a alma patria camoneana, morta de pallidez, esvaír-se na sombra do tumulo! Ah, meu caro Antonio Sergio, V. é um Romeu *travesti* de Othelo.

Eu amo tambem a Economia, mas não assim, com essa feroz paixão exclusivista, que vê no sol uma peça de ouro, na lua cinco tostões em prata e na terra um pataco de cobre com verdete!

Sabe o que aconteceu ao Deus Midas? Cuidado!

Acalme, bom amigo, essa furia economica investindo contra tudo o que não reluza como ouro. A creatura humana é mais alguma cousa que um armazem de *comes e bebes*... O estomago digere na visinhança d'uma alma que sonha. E entre a digestão e o sonho não ha graus de realidade. O halito da ninfa *existe verdadeiramente*, como a luz, o carvão e o ferro. O canto do rouxinol é essencial á Vida como as barbatanas do peixe... Nada de limitar a Realidade a quatro palmos de materia bruta, e a eternidade d'uma alma ás horas do almoço e do jantar! O mundo não é só restaurante, é Igreja tambem. Se o Diabo existe, Deus não é uma chimera...

Finalmente, eu quero Portugal rico de pão e de espirito, um Portugal consciente e acreditando n'um belo destino a cumprir.

Creja na sincera admiração e amizade que lhe dedica o seu camarada

Teixeira de Moraes

DOIS ESTUDOS PARA OS VERSOS
DAS *SCENAS INFANTIS* DE SCHUMANN

ORAÇÕES

DEUS, á noitinha, que é quando
as crianças lhe vão rezar,
sorrindo fica-se escutando
as preces que sobem no ar.

Deus, encantado de ir ouvindo,
manda acender logo as estrelas,
e enleiam-se no oiro delas
as orações leves subindo.

E a graça de tanta oração
é tão gentil, tão pura e linda,
que Deus sente-se mais ainda
amigo de toda a Criação.

O velho avô manda-lhes dar
tudo que lhe estão a pedir,
só para as ver lindas sorrir,
para as ouvir lindas rezar.

— Meu Deus, faze que o meu doce
largamente me seja dado,
tal se o teu mundo todo fosse
um grande bolo, um rebuçado!

ADORMECENDO

PARA uma criança adormecer
as estrelas do ceu vem embalá-la,
com aquela vaga música que exala
a sua fala ao anoitecer.

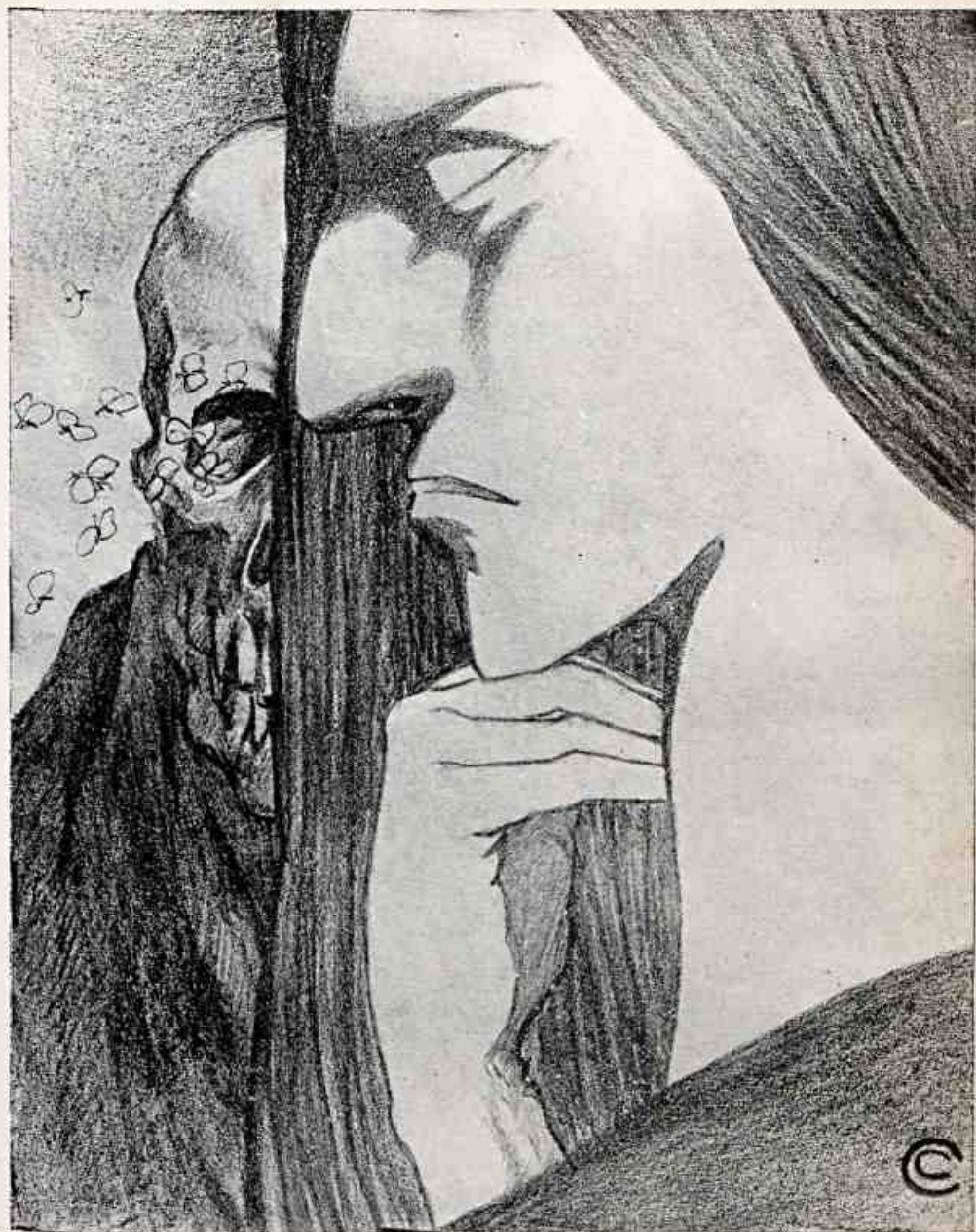
— Dorme, dorme, meu menino,
um sono bem descansado,
no grande colo embalado
do ceu profundo e divino. —

As crianças ouvem a voz das estrelas
e ainda sorriem para elas . . .

— Dorme, meu menino, dorme,
que estes olhos, vigilando,
vão teu bercinho guardando
do alto do ceu enorme. —

Então as crianças ficam-se dormindo
embaladas no canto das estrelas;
e as estrelas sobre o sono delas
tremulamente velam reluzindo . . .

Afonso Lopes Gomes



AO GRANDE POETA TEIXEIRA DE PASCOES

NON OMNIS MORIAR

De Cristiano de Carvalho

MISTERIO

A José Pacheco



SUA dôr era tão grande que pondo a mão na sua fronte sentia todo o seu esqueleto.

O omnibus que o conduzia resvalava agora barulhento de ferragens pela Avenida monumental, e esse ruído acre, unindo-se ás luzes imensas que o fustigavam zebrando-se através das vidranças tilintantes, dava bem a expressão rítmica da sua alma actual. A sua alma de hoje era toda vidros partidos e sucata leprosa.

Disperso, o artista olhou em redor de si. Atentou no panorama que o envolvia e pôs-se a delirá-lo, seguindo-o na sua multiplicidade. Pois o scenario interior do auto-omnibus era inconstante; variava momento a momento em função da paisagem exterior: Ao dobrar as esquinas, os grandes predios e as arvores atravessavam-no resvalando em semi-circulo, e os candelabros zig-zagueantes vergavam-se enclavinhadamente, penetrando em rodopio pelas janelas.

Depois, o tranzeunte que esperara o carro num portal e subira com o veiculo a andar, trazia ainda consigo o quadro da porta aonde se incrustára; bem como a rapariga gentil e europeia que se assentára agora ao lado dele, vibrava toda ainda de luar, perlada de movimento, pois corraera fugitiva do grupo das suas companheiras a trincarem, a rir, laranjas de Espanha—lá longe já—e sobre as quais, saudosa a alma, a lua de dezembro incidia ecos de platina.

E no ambiente da mobilidade, olhando mais, ele distinguia, realmente distinguia á força de concentração, gomos de ar que se entrechocavam e sossobravam em catadupas, vértices esbatidos de luz, calotes de côr, planos que ora volteavam ora se delinham, harmonizando-se bizarramente, e eram assim—com as coisas que sustentavam ou traspassavam—uma beleza nova talvez, em todo o caso bem digna dum pintor imortal.

Desviando a sua atenção para as formas materiais que tinha em sua volta, o artista via agora as oscilações arripiadas e berrantes dos bancos vermelhos da primeira classe deserta, e as fisionomias multiplas dos passageiros cujos rostos se confundiam successivamente com os dos tranzeutes que deslisavam pela rua, paralelos a eles, e que eram só os seus próprios quando o veiculo parava . . .

O movimento! o movimento!—o grande renovador que tudo multiplica, e vibra, e delira . . .

Porque era a sua desolação tamanha? Precisamente porque a sua vida era uma existencia parada de alma e corpo—uma existencia onde nunca succedera coisa alguma. *A sua vida era como se não existisse.* Por isso, uma tarde de ansia, o artista tomara a decisão esbraseada de a procurar febrilmente, de a construir por suas proprias mãos unidas á força de aventura. E desde aí, elançara-se soffrego sobre o mundo, sobre a vida em suma, transpondo, correndo, estrebuchando . . . Mas nada até hoje vencera erguer dela para si. O seu corpo e a sua alma pareciam ter a estranha propriedade de afastar as horas, assim como, inversamente, o iman atrai o ferro. Tudo girava em seu redôr e fugia; só ele era sempre o centro da enorme circumferencia. Desfocando-se em alma ou corpo, a querer aproximar-se do que lhe esvoava—ás horas o mesmo acontecia, de maneira que a sua posição era sempre a mesma relativamente ao que, cingindo-o, se lhe esgueirava em rodopio longinquo. Ele era aquele que não tinha papéis na suas gavetas, que podia mostrar a sua carteira a qualquer. Um criador. Por isso mesmo, quem sabe, não lhe existia a vida.

Orgulho! Orgulho! Mas em todo o caso o resgate, uma agonia tão sêca . . .

Entanto descera na grande praça. Chamou por si fortemente, e para maior ser a sua dôr, começara agora a ver-se em toda a lucidez.

Que desconforto! A sua alma era uma casa enorme, com a mobília atravancada, forrada de sarapilheiras, e as janelas abertas por onde o vento se engolfava sibilante. . . e muito pó, sobretudo muito pó, em grandes rimas de livros e manuscritos.

Nada o atraía já nem o entusiasmava; as coisas raras que ainda não tivera positivamente, se acaso as aproximava, fugia-lhes na maior das disillusiones, como ainda essa manhã fugira da rapariguinha loira com quem almoçara.

Depois — e era essa a última tortura — o descalabro da sua alma, já ele o sofria fisicamente, traduzido por um torpôr constante, um sôno invencível — um desejo insaciável de viver de olhos cerrados. E esse sôno, penetrando-o, era como que um alcool que o ruisse; não lhe entorpecia só o cérebro, embebedava-lhe todo o corpo. Pois esse sôno prostrado, ele sentia-o em toda a sua carne. Toda a sua carne tinha vontade de fechar os olhos.

Turbilhões de pensamentos por a mínima coisa suscitados lhe sibilavam no espirito sempre redemoinhante, e mesmo quando em verdade não pensava em coisa alguma, sentia emtanto, nitidamente sentia, o seu cérebro a trabalhar. Apenas a sua febre lhe não chegava aos ouvidos. Martirio sem nome! Martirio sem nome!

Ah! se pudesse descansar emfim . . . E antevisionava um quarto de hospital, muito branco, aonde, para não mais se erguer, se deitasse num grande leito, muito branco também.

Outras vezes, fustigavam-no ideias despropositadas, sobretudo lembranças vagas, reminiscências ínfimas que lhe ocorriam sem motivo. E assim, agora mesmo, de subito, lhe acudira a recordação bem nítida dum dia de chuva da sua infancia que vivera em uma praia do norte, no seu país. Chovera todo o dia, sinistramente, torrencialmente. O céu conservara-se noturno, houvera relampagos, trovões, muito vento — ah!, um vento horrível que silvara desolador, arripiante, pelas ruas do pequeno jardim do chalet. Era já pelo outono. E as folhas sêcas, amarelas, as folhas mortas, haviam redemoinhado largo tempo, vergastadas sem piedade de encontro às vidraças.

Mas pela tarde amainara o temporal. Morrera o vento, cessara a chuva, tinha-se asulado o céu. E o sol, um sol triste, o sol nostálgico das tardes outonais, surgira amável, confortadoramente dourado. Então, com a velha ama de seu pai, fôra a comprar pão de milho, pão quente e loiro a sair do grande forno provinciano. E lembrava-se tão bem das ruas alagadas, das ruas estreitas e cinzentas, friamente cheirosas à humidade penetrante do ar que o sol fraco iluminava . . .

Mas porque motivo, aí, porque motivo, lhe viera ao espirito essa tarde banal da sua infancia, só húmida e chuvosa? Porque motivo? Porque na sua alma — descobriu com horror — êle tinha hoje a mesma sensação de desconforto estagnado: Sim, na sua alma havia hoje a mesma humidade penetrante, esguiamente arrepanhada, que desolara uma tarde agreste da sua infancia . . .

Em voz débil, um mendigo suplicou-lhe uma esmola. Era um velho homem de barba florida, e alto, e heraldico, tiritante de frio. O artista levou a mão à algibeira. Tirou algumas moedas de cobre, estendeu-lhas. O velho homem agradeceu. E assim como muitas vezes chorara a infancia das pessoas idosas que estimava, uma piedade infinita começou agora a tortura-lo — piedade por todos os que sofriam, e mesmo pelos que não sofriam: os felizes, os mediocres, toda a gente . . . À força de egoísmo, sentia-se quasi morto de ternura compadecida.

Entre estes pensamentos esmagadores, chegou ao seu quarto. Era um vasto aposento num bom hotel, atapetado, confortável, do qual emtanto êle desertava todos as horas que lhe era possível. Pois quando, especialmente de dia, se encontrava nesse quarto, parecia-lhe que todos os móveis e os reposteiros o traspassavam, e que as proprias paredes, mimando esgares obscenos, cresciam sobre ele a esmagá-lo. Uma noite acordara até horrorizado: A casa inteira endoidecera e, se não fugisse para o corredor, decerto que, numa loucura furiosa, as cadeiras e o guarda-vestidos de mogno o teriam estrangulado. Tratara-se apenas dum pesadelo, era claro, tão estrambótico porém que, embora medonho, o fizera rir sózinho ás gargalhadas quando acordara dêle.

Deitou-se logo e, antes de adormecer, pensou ainda: « Todo o meu sofrimento provém d'isto: sou um barco sem amarras que vai bêbado ao sabor das correntes. Se conseguisse lançar ancoras . . . Mas aonde . . . aonde? . . . »

E na manhã seguinte, após um sôno seguido de dez horas, acordou morto de sôno para viver mais um dia igual e vazio da sua vida . . .

Logo de manhã lembrara-se: « Que sensação tão bizarra eu tive ontem ao colocar a mão na minha fronte... Senti todo o meu esqueleto. Mas senti-o singularmente. Senti-o em sombra. É verdade: quando levei a mão á minha fronte, senti que por debaixo dela se esgueirava a sombra esguia do meu esqueleto. Era esta a expressão da dôr maxima, compreendi. Mas porquê... porquê?... E se eu enlouquecesse?... »

Muitas vezes o artista, para remedio da sua angústia, pensava no suicídio. E então dilacerava-o uma ternura infinita, uma piedade ilimitada por si proprio. Pois havia de se destruir, êle?... Sim, era essa talvez a salvação... Que tristeza!... E via-se alguém que atravessasse uma ponte transportando um fardo precioso e que, por não ter mais forças para o carregar, fosse obrigado a lança-lo ao rio, no ultimo desânimo, perto já do seu destino.

Entanto por mais duma vez ele decidira, positivamente decidira, meter uma bala no coração. Chegára a comprar uma pistola. Mas por fim, até hoje, sempre renunciara á sua ideia numa grande alegria—alegria porém logo dispersada: É que, mesmo não se suicidando, havia de morrer mais tarde. *Ainda se, ao menos, o não suicidar-se lhe evitasse a morte...*

II

Sim, precisava ancorar porque era preciso viver para as suas obras.

Ha bem pouco recebera uma carta dum amigo íntimo. Em resposta aos seus lamentos, aos seus gritos de desolação, dizia-lhe este, depois de rodeios em que se desculpava por aconselhar tal remedio a uma alma genial como a sua, que talvez (estava mesmo certo) as horas se lhe erguessem, se lhe limpassem, se êle quisesse procurar uma companheira gentil, acariadora, que o entendesse um pouco e a quem o artista desse a vida—isto é: que fosse a razão, emfim, da sua existencia destrambelhada.

Porque era verdade: até hoje a sua vida fôra passada aos tombos e aos gritos. Afogueado, suado de alma, tendo visto todas as coisas mas nenhuma inteiramente conhecido—sentia-se uma criança que, na ansia de jogar com todos os brinquedos que ao mesmo tempo lhe houvessem dado, se lançasse sobre eles, mal tocando em cada, e logo farta, desencantada, por saber o que todos faziam, sem verdadeiramente ter brincado com nenhum...

Uma companheira... uma companheira... Uma noiva talvez... Sim, ás horas enternecidas, por vezes ele sofrera a nostalgia dumas mãos brancas que lhe apertassem os dedos... e duma boca húmida que se vergasse para a sua... e de tranças louras bem cheirosas a mocidade e a amor...

... As ruas duma grande quinta; um ar sadio, aureolado—confiança, singeleza, paz...

Por isso, respondera ao amigo que fôra inutil pedir perdão pelo conselho. Oh, se essa companheira existisse... se a encontrasse... Sim, sim, talvez fosse esse o remedio da sua vida...

Procurá-la?...

Ai, para quê, procurá-la...

Se fosse como todos... Mas não. Ele, ao amor, exigia que fosse o amor. E o amor não existe.

Nem eram sequer lances de paixão, requintes estranhos ou perversões longinquoas que sonhava. Apenas isto: uma alma que conhecesse inteiramente e que tambem lhe soubesse toda a alma. Sendo assim, o maior affecto ás uniria. E punha-se a antevisionar uma existencia quimerica: ele, o Artista, realisando pouco a pouco, sem febre, ungidamente, as suas obras imortais, acastelando sonho após sonho—e em baixo, quando do alto da montanha olhasse, uma vida de aurora: uma companheira sincera, espontanea, pequenina e loira, a beneficiar-lhe a existencia, a aquecer-lha... Braços nus e rosas brancas desfolhadas.

No fundo queria muito á vida. Eh! não o fossem imaginar alguém divagando por outras regiões, fechado numa torre de marfim erguida além-céu. Simplesmente amava uma vida despida de tudo quanto nela o nauseava. Ora o que o nauseava era precisamente a vida de todos e de todos os dias...

Não, estava decidido, não fôra feito para a felicidade.

O remedio era outro: renunciar, vivendo, ou vencer, morrendo.

Já raras vezes procurara até vagamente essa companheira afectuosa. Mas fugira sempre apavorado do abismo que, ao aproximar-se um pouco, se lhe deparava entre ele e a encantadora. De modo que a todas podia aplicar a frase que escrevera a uma: « Na tua vida, meu amor, eu não fui sequer alguém que passou, alguém que surgiu — fui um desaparecido »

A incompreensão!

Fôra esta a barreira em que sempre tropeçara e em que sempre havia de tropeçar — era irremediável, demasiadamente o sabia.

De resto essa barreira interpunha-se entre todos os homens — os perpetuos isolados. Apenas, a *maioria* se contentava em trocar olhares, sinais vagos, de cada margem do abismo. E nenhuma destas almas diligenciava sequer aproximar-se da outra, que existia além do precipício! . . . *Era como se fosse impossível.*

Ao fim duma convivência de muitos anos, duma convivência quotidiana, jámais toldada, se os velhos esposos se olharem bem, se se descerem bem, encontrar-se-hão — ai, fatalmente se encontrarão — dois estranhos separados por mil ninharias; mil pequenas mentiras, mil desialdades insignificantes. As suas almas nunca se souberam — mesmo que, sinceramente, elles tenham acreditado na sua amizade e no seu amor.

. . . É que a amizade, na vida-normal, não passa duma ideia falsa, dum preconceito a que pouco a pouco nos fomos adaptando. E o amor . . . Ora, uns laivos de literatura barata e de espasmos humidos com que excitámos a convenção e a unguimos de pacotilha . . .

Aliás o artista concordava em como era difficil desvendar uma alma. Mesmo quando nós queremos dizer a nossa a um amigo querido — escapam-nos sempre alguns detalhes que não podemos explicar, talvez á falta de palavras, e que sentimos serem exactamente aqueles que a descreveriam em toda a luz. Estrebuchamos, debatemo-nos contra um denso véu que não logramos romper, *que só sossobrarria se o nosso interlocutor nos comprehendesse por outra coisa — não por palavras.*

E eis porque ás vezes o artista receava: « Seriam as almas segredos? »

Ah, se ao menos soffresse . . . Sim, em ultimo caso, era possível que fosse encontrar no sofrimento o sentido da sua vida — a raiz. Presentira-o quando uma noite, ao caminhar solitario por uma rua estreita, cheio de tristeza soffrida, se descobrira muito mais feliz, com a existencia bem mais cheia e embelezada, do que ainda ha pouco, por uma grande praça, antes de lhe descer essa amargura. E talvez fosse justamente por esse motivo que, num requinte, embora sem premeditação, ele desprezava — para os vincar de sofrimento e assim os tornar mais sensíveis — alguns raros instantes que, se os ampliasse, lhe poderiam seguir dourados. Assim, ainda essa tarde o ansioso de ternura, aquele que se lastimava por nada lhe succeder, renunciara á rapariga gentil que lhe sorria no boulevard, tão expontanea e amavel . . . Em vez de lhe apertar as mãos, falara-lhe em fantasia, dissera-lhe um adens sem caricia, deixara-a perder para sempre . . .

Mas é que, na realidade, ele nem mesmo soffria. Pois no seu espirito tudo se alterava diluido em literatura. Das suas dôres motivadas e das suas tristezas imateriais, apenas trouxera obras-primas. Ora em face das maravilhas que umas e outras lhe suscitavam, logo claramente deixava de as sofrer para só as abençoar e admirar.

A sua dôr, enfim, era, quando muito, a melancolia que nos fica da leitura dum livro angustiante e imortal.

Sentia-se numa grande intensidade por essa tarde linda de inverno. A multidão pejava os boulevards europeus da grande capital — uma multidão bem contemporanea, ultra-civilisada e latina. E o artista que sempre se aprazera tanto no ondear da vida moderna, levado pela corrente, era quasi feliz. Subira-lhe ao cerebro, como um alcool de extase, toda a agitação urbana . . .

Esvaído num entusiasmo azul, á sêde de ventura, pôs-se a entro-sonhar, como que acordado entre nuvens de ópio. Achara finalmente a sua companheira d'alma — achara-a uma tarde rôxa de sol, nos jardins maravilhosos dum grande palacio rial acastelado e historico. Tudo fôra quimera . . . Conhecera-a por acaso e logo, ás primeiras palavras, fremira adivinhando-a . . . Depois, com o prosseguir das tardes cari-

nhasas, pouco a pouco descera a sua alma — num assombro, numa irrealdade . . . Não, não era enganado! Descobrira-A emfim, tinha-A emfim ao seu lado! . . . Aqueia alma saberia sonhar toda a sua, bem como já não guardava segredos para a dele. Aurora! Aurora! . . .

E percorria, construindo-os, mil episódios gentis, banalmente quotidianos, até á realização inteira da sua ansia — divagava toda a paisagem rural em que a sua felicidade desabrochava, esboçava o perfil da encantadora, via as suas tranças, as suas joias, os seus pés nus na agua fria dum regato, o seu rubor, os seus beijos e sorrisos, os seus véus, os seus dedos agrestes de unhas polidas, vermelhas . . .

Mas, de subito, um ruido dissonante fe-lo despertar, e logo uma raiva estranha se apoderou do seu espirito. Pois como lhe havia de suceder alguma coisa, se tudo imaginava? Era, claro, o bastante haver sonhado dantemão um scenario, um enredo, uma figura — para jamais viajar esse panorama, viver esse episodio, conhecer essa personagem. Sonhos não se realisam. Ora ele sonhava tudo . . .

Não tinha repugnancias morais — só tinha repugnancias fisicas e, nesse sentido, as maiores repugnancias. Sabia-se capaz de roubar, mas não de matar.

Eram estes talvez os segredos da sua vida deserta; eis pelo que talvez a sua vida se restringia ao moral — isto é: ao irreal.

O mais perturbador emtanto era que, de tudo isto, trazia em verdade uma angústia inveficivel — mas ao mesmo tempo um orgulho de aureola, um orgulho imenso, tão cioso e dourado que talvez fosse ele até que lhe criasse todas as impossibilidades, imaginariamente.

De subito, sem saber como, encontrou-se num grande jardim tradicional e romantico. Foi-o percorrendo enternecido, a olhar naquele ar humido, sadiamente aromatico, as crianças jogando a correrem afogueadas, de pernas nuas, e raparigas loiras lendo livros de versos ou, de mãos enlaçadas, a falarem com os seus companheiros, jovens como elas. A gente-média, a gente feliz . . .

As crianças . . .

Era agora um turbilhão em seu redór. Perto, um orgão de Barbaria rouquejava musica. Aproximou-se; parou em frente dum corroussel infantil . . . O aparelho girava vertiginoso, numa alegria de feira, transportando um enxame de crianças a montarem a rir, bem convictas, elefantes e pombas, leões e abelhas, panteras e cisnes.

Ora o artista, quando olhava para a sua infancia, sofria uma saudade tão grande, um enternecimento tão comovido . . . Só nessa época indecisa ele fôra feliz — tivera tudo. E porquê? Percebera-o nitidamente nesse instante — tinha ali o exemplo em sua face: É que, na infancia, não possuímos ainda o sentido da impossibilidade; *tanto podemos cavalgar um leão como uma abelha* . . .

III

Noite a noite o sofrimento do artista se fôra exacerbando. Mais do que nunca, sentia agora uma necessidade atroz de aportar. Pois num ultimo tédio, olhando a existencia, vinha-lhe a sensação incoerentemente bizarra, de que as horas o arrastavam consigo na sua carreira alucinante, e de que ele entretanto permanecia sempre no mesmo tempo . . .

Se se descia bem, se se media bem, achava-se numa grande amargura sem forças para se vencer. De modo que era este o seu futuro — conformára-se —: ir-se habituando instante a instante á ideia do suicidio. Uma vez, era fatal, chegar-lhe-hia a força de se destruir, de ser vencido, já que não podia vencer — em suma, de pôr termo áquella situação intoleravel, humida, estagnada, viscosa . . .

E foi, desde aí, só esta a sua esperanza. Mas, esperanza triste que fazia por olvidar, esquecendo-se a si proprio, anestesiando-se com a vida diaria . . .

Como todas as tardes, lá divagava ele, solitario, pelas grandes ruas . . .

De subito, num gesto expansivo, alguem lhe estendeu a mão . . . Era um conhecimento banal, a quem nada o ligava, que ha muito não via — mesmo com quem raras palavras tinha trocado ainda . . .

.

... E á noite, cedo, ao encaminhar-se para sua casa, a pé, o artista ia relembrando as agradáveis horas que passara com esse estrangeiro distante. Como fôra encontrar nele uma alma aberta, e ampla, e intensa...

Tinham pouco falado de arte, imediatamente resvalando, numa subita intimidade, para a descrição das suas próprias almas. E que pontos de contacto logo acharam entre si! Como o artista, também o estrangeiro delirava em grandes ideais — e pem grande tórpores, grandes nauseas. As vezes, confessara-lhe até, assaltava-o um desejo esbraseado de enlouquecer a fim de pôr termo á sua vida, de qualquer forma, e não pensar mais nela. O suicídio repugnava-lhe — quisera sempre tão orgulhosamente á existencia... E, doído, existiria — embora morto na ansia, tranquilo, morfínizado, visto que por convulsionada que fosse a sua loucura, nunca o seria tanto como a sua vida de aspiração. O artista concordava com ele. Endoidecer — que vitória!... E posera-se a falar de si. Contara-lhe como se sentia vogando ao sabor da corrente, barco sem amarras, ébrio de ouro sobre a água profunda, lodacenta, amarga. Descrevera-lhe a sua angústia. Dissera-lhe do segredo eterno das almas. E o estrangeiro observára:

— É desolador, é horrível. Duas almas, por mais lias, por mais unidas, separa-as sempre um turbilhão de pequeninas coisas que se aglomeram em uma nuvem impossível de varar. *Mas, ai, quem sabe se é por isso mesmo que elas existem...*

Emfim, emfim, tinha achado um belo companheiro — ele que ha tanto não encontrava um homem. E a convivencia entre os dois prosseguiria...

Esteve uma semana sem o ver. Durante ela a sua angústia foi a mais dolorosa. Parecia-lhe realmente tocar um limite.

Endoidecer! — ah, se conseguisse semelhante triunfo...

Numa obsessão, o seu cerebro imaginoso, o seu cerebro literario, logo começou a trabalhar essa ideia, depressa fantasiando um homem que, no desejo de enlouquecer, saísse á rua e desfechasse de subito um tiro sobre a primeira criatura que passasse e ele não conhecesse. Escolheria mesmo uma rapariguinha galante, suave e loira, porque se escolhe sempre em todas as circunstancias. Assim haveria um pouco de ternura na tragedia. Ora esse homem, matando alguém que nunca encontrara, cometera um acto injustificado — isto é: *um acto de loucura*. Seria preso. Explicaria o seu crime: fôra para endoidecer, praticando uma acção incoerente, que assassinará — e juntaria a razão enfermeada porque escolhera a sua victima. A primeira vista este homem deixava de ser um doído: houvera um motivo no seu crime — querer endoidecer. Mas, por amor de Deus, tal motivo melhor vinha provar ainda a sua loucura: só a um doído podia ocorrer semelhante ideia. E emfim o assassino seria dado por irresponsavel, seguramente, e encerrado em um manicómio...

Porém, na verdade, depois de se ver em tal situação encruzilhada, este homem era ou não era um doído? Misterio. Pois êle chegara a essa situação *coerentemente louca* por um raciocínio bem seguido, bem voluntario e bem certo.

Entanto, colocando-se dentro da sua personagem, o artista logo concluiu que esse homem, *ainda que não fosse um doído*, havia de enlouquecer, sem duvida — pelo menos após a sua entrada no manicómio — na ansia de se descer e atingir se tinha ou não vencido.

Sim, tamanho rodopio afogueado havia de silvá-lo, que fatalmente as ideias se lhe emmaranhariam até sossobrar no azul, num ultimo crepusculo...

... E de todo este estranho devancio, é claro, só restou ao artista o assunto para uma das suas complicadas novelas. Aliás succedia-lhe sempre o mesmo — com as suas divagações, e as suas tristezas, as suas dôres. *Por isso nunca se tomara a serio.*

O sofrimento fisico em que se lhe convertera ha muito a desolação moral, era agora requintadamente torturante: Ainda o mesmo alcool, o mesmo sono em toda a sua carne. Mas outrora essa vontade impossível de dormir, que era a febre da sua alma angustiada, espalhava-se-lhe pelo corpo inteiro. Emquanto que hoje, entre a carne sonolenta, havia pequenas porções, intervalos nitidos, bem despertos. O que mais o ennastrava de angustia pois, destrambelhadamente, lhe vinha enclavinhar em tórpôr excitado a ansia abatida desse quebranto infernal.

Correram alguns dias. De novo encontrou o estrangeiro.

Uma bela convivencia se ia agora prolongando entre os dois; quasi todas as tardes passavam algumas horas juntos — e uma vez o amigo disse-lhe para vir jantar

com ele, a sua casa. Habitava com a família, o pai e duas irmãs, uma linda propriedade nos arredores da capital assombrosa. Queria-lhe ler um poema, e mostrar-lhe os seus livros e as flores da quinta. Tanto insistiu que o artista, preferindo recusar, aceitou.

Pelo caminho foi-se lembrando que era essa a primeira vez que alguém o levava a jantar em sua casa, com a sua família. . .

IV

. . . E agora, ás tardes perfumadas, ele revia etéreamente todo aquele sonho, hoje bem real, junto da sua companheira affectuosa, no jardim singelo da «vila» isolada que os noivos tinham vindo habitar num país do sul — o país do artista, um país luminoso. . .

Maravilha! Maravilha!

Quando o amigo lhe apresentara a sua irmã mais velha, quem lhe dissera que naquele corpinho lindo e fútil estava a realização do seu sonho? . . . Mas logo depois, pouco a pouco, irrealmente, de enlevo em enlevo, fôra descobrindo naquela alma A que nunca esperara encontrar — a velada subtil! Até que, de quimera em quimera, erguera enfim a realidade, salvando a sua vida na aventura desigualvel. E hoje — vitória azul! — tinha *alguem*: alguém que sabia inteiramente quasi, alguém que não era um estranho, um desconhecido astral; alguém que, por seu turno, o comprehendia já sem segredo.

Aureola! Aureola! Lançara pontes sobre o abismo insuperavel — conquistador iriado da sombra; e pela vez primeira, duas almas estavam ali, sim, face a face, libérras de mysterio! . . .

O esforço de romper uma ténue rêde aurea, e seria inteira a sua gloria. . .

Ah! como se encontrava radiosamente feliz, hoje. . .

Tinha concavos de mãos brancas, sadias, onde mergulhar os seus dedos ansiosos, e uns lábios dourados para morder — toda uma carne sensível a divagar. Sentia vida dentro de si, ele que sempre vivera em morte. *Tinha*, finalmente, ele que nunca tivera. Pois agora, ao fremir sobre o corpo gentil da amante precoce, daquela pequenina esposa que se lhe entregava com toda a carne velada em rubor, ondeante de rosas — um orgulho infinito o ascendia porque, nas suas mãos, em extases ruivos, oscilava, realmente oscilava, não só um corpo — como outrora, nos abraços desiludidos — mas tambem uma alma. E, vibrando esse corpo, emmaranhava ao mesmo tempo essa alma — sim, possuía-a carnalmente, em ansia rôxa, num espasmo de crepusculo, numa agonia fluida, num arrepio de aureola esbatida, subtil de transparencia sonora. . .

Noite a noite o triunfo era mais nitido, era mais sensível. Emtanto alguma coisa faltava ainda — uma pequena luz — para chegar ao fim: ao além, que ele entrevia definitivo de Oriente, e musical, ecoando timbres esguios de arômas ritmizados.

Sim! Sim! Erguera-se! Deixara de ser um estranho: coisa alguma o isolava dessa alma estremeçada! Companheiras ideais, herôicas e profundas, reciprocamente se haviam aprendido aquelas duas almas. E era-lhe ainda mais caricioso saber d'alguem que o conhecia sem segredo, do que ter varado enfim o mysterio d'alguem.

Ai, como ele sofrera outrora nos seus grandes momentos de ternura maguada, á ansia de se lançar — pobre coisa, triste coisa — nos braços d'alguem que, *sem palavras*, o entendesse um pouco, sentisse um pouco a sua dôr. E em face da incompreensão total, mesmo de certos amigos liais que na verdade o estimavam e que, não obstante, tão a miúdo o feriam — quantas vezes não sufocara um desejo feroz, um desejo perverso, de lhes atirar com a sua alma como quem arremessasse com um globo de ouro, tilitante de luzes. . . E então, que eles ainda lha poluissem — que lha pisassem, ah, que lha pisassem! . . .

Hoje porém vencera. Irrealidade! — tinha o que sonhara! Tinha uma doce companheira a cujos braços débeis se podia confiar silencioso e que, em silencio, adivinhava os segredos da sua alma — as pequeninas coisas veladas que se não sabem dizer — enfim: alguém que lhe *sentia* toda a alma como se *sente* uma obra genial.

Pela primeira vez não estava só. Com efeito, como nunca existira em relação a ninguém, andara sempre só — mesmo na companhia dos seus camaradas se sentira sempre um ausente. Apenas vivera um pouco mais acompanhado, no estrangeiro, em grandes períodos de isolamento, devido á concentração do seu espirito, tanto mais intensa quanto menos o atingia a vida diaria, e que por isso o lembrava melhor a si proprio, o fazia viver um pouco mais dentro de si. Hoje, como existia em relação a outra alma, *como achara a sua alma perfeita*, vivia enfim realmente acompanhado.

Muita vez o artista presentira que lhe faltava qualquer coisa que os outros possuíam. Ignorava o quê. Emtanto, fosse o que fosse, tinha a certeza que se resumiria num ponto de referencia. Pois bem : hoje preencherá esse vácuo. Eis tudo.

E mesmo, em verdade, só agora é que se conhecia — *por haver alguém que o conhecia*. Triunfara. Deixara de ser um isolado — mas realmente ; não como os outros, hipocritamente.

Nessa atmosfera cariciosa e tépida o seu corpo destrinchara-se — porque era assim : ele tivera sempre a sensação de que o seu corpo andava ennastrado, contorcido, embaralhado.

Se se divagava, logo via, numa ascensão, como se lhe substituíra o scenario d'alma. Amanhecera dentro de si numa antemanhã gloriosa. Todas as nuvens se haviam desacastelado, deixando o sol raiar sobre o oiro. Um montão de coisas cizentas se desmoronara em ruínas de azul. As sarapilheiras tinham voado, descobrindo móveis de marfim e prata . . .

Depois, ele percorria-se hoje em larga avenidas, enquanto que outrora, dentro de si, apenas tropeçava por bécas e saguões.

Tambem lhe não vinham já desejos de se estender no chão, ao comprido, nas ruas das grandes capitais, como dantes — talvez por ser essa a posição dos mortos sob a terra.

A sua alma que fôra sempre um canal estreito, viscoso e méffico — ou, quando muito, um pantano alusado — era hoje uma torre branca erguida a meio do mar.

A sua vida enfim, lançara amarras — fundeara numa baía de festa, cheia de sol, embandeirada, ruidosa, imensa, ondeante de mastros e velas.

Tudo era horizonte em seu futuro.

A «vila» que os noivos tinham vindo habitar, engrinaldava bem uma felicidade milagrosa como aquela. Assemelhava-se a um desses sensatos «cottages» ingleses e, por fôra, revestia-a um manto de glicínias. Um jardim afectuoso, muito verde, todo relvado e aromatico, cingia-a num círculo de frescura e saude. Em volta, um grande isolamento. Apenas, a uma centena de metros, fronteiramente quasi, uma outra «vila» habitada por um poeta doido e o seu enfermeiro. Um jardineiro e uma criada velha serviam os dois noivos.

Emtanto, a capital adivinhava-se ao longe num tumultuar de luzes, pressentida num vago éco a movimento e a civilisação que melhor vinha frizar ainda a tranquillidade e o isolamento da moradia encantada.

Sim, sim ! — tivera um termo a sua vida.

Pois toda a existencia futura ele a percorria do presente, em bonança : arômas novos, novos sons, outras côres, no mesmo fundo eterno a ouro e a azul. Sem mais estrebuchar, ir-se-hiam criando as suas obras, lisamente, em paz, só em febre ideal — e nunca lhe faltaria um ombro dócil para recostar a sua frente sagrada.

Estava prestes agora a fulgir o ultimo triunfo — a comunhão inteira daquelas duas almas. E era tão grande a felicidade do artista, tão sonhada, que lhe vinha até um desejo singular de morrer com a companheira das rosas. Mas esse desejo logo se dispersava, claramente, numa ansia de vida, num júbilo de mãos frias que lhe ennastravam os dedos.

Emtanto, com as ideias de morte, tambem uma dúvida — longinqua dúvida — o assaltara : *Poder-se-hiam, em verdade, abater todas as barreiras entre duas almas?* . . .

la sabê-lo essa noite. Sim, essa noite — estava certo — havia de atingir o além



MADONA

De Antónia Carneiro

da sua felicidade : a ténue réde de ouro que, embora translucidamente, ainda separava as duas almas, voaria emfim dispersa.

Por isso era a sua gloria ilimitada quando, ao recolher, subindo para o seu quarto, entrelaçara o corpo agreste da amante aureoral e a mordera na boca, confundido com ela na mesma sombra . . .

V

A loucura do poeta que vivia proximo, era a loucura tranquila e etérea dum naufrago do irreal. Assim os seus amigos, compadecidamente, lhe tinham evitado o manicómio, isolando-o naquela vivenda carinhosa e aprazível.

Entanto, essa noite passou-a ele muito agitado. Numa grande vibração, só queria vir á varanda do seu quarto — e debruçava-se olhando o espaço.

Seriam umas tres horas, erguera-se mesmo do leito e de novo corra a varanda. De subito — segundo o enfermeiro devia contar no outro dia — csgasaram-se-lhe os olhos, todo o seu corpo oscilara e, apontando na «vila» fronteira a janela do quarto dos noivos, tinha soltado um grito estridente. Depois, num delirio, contara que vira sair por essa janela uma chama, uma grande e estranha chama, ou antes : uma forma luminosa que galgara o parapeito e que, num espasmo arqueado, numa ondulação difusa, ascendera, voara perdida . . .

Na manhã seguinte, como fossem onze horas e os patrões não dessem sinal de si — eles, tão matinais — a velha criada decidiu ir acordá-los. Bateu á porta, chamou-os, gritou . . . Não obtendo resposta, dispôs-se a entrar. Mas, coisa bizarra, a porta estava fechada por dentro, quando, habitualmente, eles a deixavam entreaberta para o ar circular. Então, num pavor, correu a dizer o caso estranho ao jardineiro que, por seu turno, subiu ao quarto dos noivos. Chamou. Como ninguem lhe respondesse, deliberou por ultimo forçar a porta, cuja chave tinha ficado no trinco, do lado interior . . .

No grande leito, serenamente, dormiam os amorosos. Apenas os seus corpos estavam rigidos e frios. Mas nem um sinal de violencia, uma bellscadura.

Pelo quarto, nenhum vestigio de luta. Tudo no seu lugar. As joias sobre o toilette. Nem uma arma. Nem mesmo um frasco que pudesse ter contido um liquido venenoso. Coisa alguma, emfim, coisa alguma. Nem um rastro, uma pegada. A porta ficara fechada por dentro. A janela, entreaberta. Mas a janela rasgava-se á altura dum segundo andar. Fôra impossivel encostar-lhe uma escada sem deixar vestigios, sem amachucar as glicinias.

E em todo o decorrer das diligencias policiaes, apenas se averiguou que o poeta doído tinha passado essa noite numa agitação desabitual e que affirmara ter visto, pela madrugada, galgar a janela do quarto dos mortos uma chama, uma grande e estranha chama, ou antes, uma forma luminosa que, num espasmo arqueado, numa ondulação difusa, ascendera, voara perdida . . .

Triunfo? Quebranto? . . .

— Misterio, perturbador misterio . . .

O velho e a arvore antiga

TUDO lida e se agita; só no termo
da aldeia e onde o sol se vae a pôr,
n'este instante se aponta
certo velhinho enfermo,
o que mais annos conta
dez leguas em redor.
Esse já não trabalha; vae sentar-se,
scismar e consolar-se,
à doce sombra amiga
d'uma arvore antiga
que à morte foi ha dias condemnada
pelo crime de muito enraizar . . .
mas o velhinho ao ter conhecimento
da noticia afflictiva
dissera n'um lamento:—
« Por Deus deixae-a estar emquanto eu viva!»
e em nome d'uma lagrima, já rara
nos olhos da Velhice, que não chóra,
a arvore ficára . . .
Do seu Passado é tudo o que lhe resta
que andasse unido à sua vida honesta:—
Só ella o vio brincar em criancinha;—
só ella vio a aurora
da noite em que se afunda,
noite calma e profunda . . .
E hoje, na meiga sombra, ainda acarinha
sua nevada frente que se acurva
e vae a declinar,
n'essa mansuetude e no remanso
de quem já vive só de recordar,
de quem se não perturba
de ver tão perto a terra do Descanço . . .
que ella é aquella «Terra Promettida,»
e para nosso bem sempre alcançada,
e que é tanto melhor,
quanto mais longa fôr,
mais firme e bem andada,
essa viagem que se chama . . . a Vida . . .

Cantada Ayres de Trigueiros

MONUMENTOS DA ARTE

considerados como subsidio para a Historia da Civilisação portugueza

II



ODAVIA, repito, ainda nos resta um meio de reorganisar uma parte do inventario, indirectamente, embora. Os quadros da antiga escola portugueza de pintura, estudados devidamente, fornecem-nos elementos precisos para elle. As scenas que vemos n'elles representadas abrangem:

1.º *O local da acção com a architectura nacional representada dentro de paisagens caracteristicas; essa architectura é de tres especies:*

A. *Religiosa, figurando templos ou casas conventuaes.*

B. *Civil, figurando palacios, edificios urbanos e casas de campo.*

C. *Militar, representando torres, muralhas, portas defensivas, fossos e accessorios bellicos variadissimos do armamento offensivo e defensivo nacional.*

2.º *Os personagens da acção, com a sua physiognomia propria, os seus trajes caracteristicos, que abrangem as classes principaes da sociedade portugueza dos sec. xv e xvi. Apuramento de retratos historicos.*

3.º *O meio social em que a acção se desenvola, o interior da familia portugueza, rodeada dos innumerous objectos que formavam o recheio das casas de nossos ante-passados.*

Tudo está reclamando estudos detalhados, com abundantes illustrações.

Da architectura nacional civil dos sec. xv e xvi pouco resta infelizmente. Ainda conhecemos, medimos e desenhámos em 1882 o interessantissimo paço do Infante D. Fernando, pae d'El-Rei D. Manuel em Beja, destruido ha poucos annos. Ainda pudémos apreciar o plano do primitivo paço real de Evora, junto ao convento demolido de S. Francisco em que o Rei Venturoso tanto se deleitava. Apresentavam feições muito caracteristicas da arte mudéjar ambos os edificios, tendo o segundo pinturas *al fresco* de valor, no genero dos *groteschi* italianos e distinguindo-se ambos pela engenhosa e artistica combinação dos marmores nacionaes com o tijolo decorativo polychromico e com os *sgraffiti*, nos elementos constructivos.

Depois d'estas demolições que nenhuma necessidade local justificava, ainda na mesma provincia do Alemtejo foi transformado, deturpado, o famoso palacio da *Sempre-Noiva*, fundação da Casa Vimioso, perto de Arraiolos, uma joia manuelina, tambem com pronunciada feição mudéjar. Era um maravilhoso agrupamento: paço, capella e quinta, arruinado, mas não deturpado, com os jardins or-

namentados que deviam ser, como os da Bacalhôa¹ (Casa dos Albuquerque em Azeitão) um documento do elevado gosto artistico de seus possuidores.

Os jardins da *Sempre-Noiva* haviam porém quasi desaparecido em 1901. Melhor sorte tiveram os dos Albuquerque.

Uma decoração exterior e interior *ceramica*, como a d'esta residencia senhoril de Azeitão, calculada dentro das mais bellas proporções architectonicas — porque não é a grandeza das dimensões que seduz a vista e encanta o espirito — foi invenção de um artista eminente. Causa dô e indignação observar os vandalismos commettidos na Bacalhôa nos últimos dez a quinze annos.

Havendo sido reproduzidos pela photographia, modernamente, tantos monumentos nacionaes, sem valor, ou apenas de mediocre importancia, não ha uma única vista interior do palacio da Bacalhôa, ou das suas *Loggias*, ornadas com soberbas esculpturas da Renascença!

A profusão decorativa ceramica que até nos jardins se manifesta, enchendo os muros de medalhões do genero Robbia, revestindo os canteiros, as fontes e os assentos dos jardins, realçando os nichos, onde o fundador collocou os bustos de varões da historia romana, para estímulo e exemplo da geração vindoura — só tem um paralelo no palacio Fronteira e seus jardins de Bemfica provavelmente contemporaneo de Azeitão. A ornamentação ceramica da residencia dos Mascarenhas avança porém na decoração dos jardins até ao fim do sec. xvii, porque celébra as victorias dos Condes da Torre durante as guerras da Restauração.

Não podia passar desapercibida dos nossos antigos pintores essa arte de insignes oleiros nossos, adestrados na antiga technica arabe, mas seduzidos, como se vê na Bacalhôa, pelas novas invenções da arte italiana. Os quadros da pequena Sacristia da Madre de Deus (Legenda da Santa Auta) reproduzem parte dos medalhões, genero Robbia, que decoravam a frontaria do celebre convento; outros guarneciam as arcarias do claustro principal e passaram indevidamente para as collecções do Paço das Necessidades (D. Fernando).

Não é este o unico exemplo da reproducção de uma obra architectonica religiosa em quadros antigos. N'uma das taboas da serie de Setubal (Convento de Jesus) está pintada a frontaria da igreja.

Uma commemoração d'esta ordem é natural, e podemos presumir que outros exemplos appareçam, quando os numerosos quadros antigos hajam sido devidamente estudados.

São frequentissimas as reproducções de edificios civis: palacios,

¹ Quinta e palacio da Bacalhôa, em Azeitão, Seria injustiça e ingratição não prestar aqui homenagem aos excellentes estudos de Joaquim Rasteiro sobre este monumento notavel. A sua monographia historico-artistica, como elle lhe chama (Lisboa, 1895), que é só texto, completa-se com os desenhos de A. Blanc (54 estampas, lithogr. a côres) Lisboa, 1898; mas por muito louvavel que fosse o emprehendimento não dispensa o auxilio fiel do photographo, em larga escala, e do artista moldador, para a parte esculptural.

edifícios urbanos e casas de campo. Os quadros da chamada Escola Grão-Vasco representam, a este respeito, uma mina abundante que está pedindo a collaboração assidua de todos os que se interessam pelo estudo da nossa antiga architectura dos sec. xv e xvi. Em vez de phantasiarmos uma nova arte pseudo-manuelina, de gosto, por vezes muito duvidoso, como no paço do Bussaco, nos modernos chalets acastellados de Cascaes, do Estoril e de Cintra, deveríamos recolher esses *testemunhos pintados*, mas authenticos. As nossas escolas d'arte deveriam pôr a concurso a colleccionação systematica dos desenhos d'esses edificios que foram, sem duvida, copiados do natural, e se encontram espalhados por dezenas de quadros, pertencentes ás seguintes séries:

Lisboa: Museu de arte antiga; egreja da Madre Deus.

Setubal: Egreja do Convento de Jesus.

Evora: Paço do Arcebispo; altares da Sé; museu da Bibliotheca publica; egreja de S. Francisco.

Thomar: Egreja do Convento de Cristo; matriz de S. João Baptista.

Coimbra: Sacristia de Santa Cruz; museu do Instituto.

Vizeu: Sacristia da Sé; serie da Casa do Capitulo; série da Misericordia; quadros do Paço de Fontello.

Tarouca: Egreja do mosteiro de S. João.

Não exageramos, afirmando que só d'estas séries principaes se poderiam extrahir centenas de desenhos, com exemplares valiosos e variadissimas applicações.

Outras fontes preciosas de estudo existem occultas nas colleções particulares que guardam no paiz e no estrangeiro quadros antigos portuguezes. Recordaremos apenas, no paiz, as colleções: Conde do Ameal (Coimbra) e Conde de Burnay (Lisboa); e taboas dispersas em Madrid (Prado), Sevilha, Dresden, Vienna de Austria, etc.

Dissemos atraz que os typos architectonicos representados nos quadros apontados foram, sem duvida, copiados do natural.

Baseia-se esta affirmação no confronto das escassas reliquias existentes com os typos pintados. A analogia é evidente ha muito para nós, que havemos inventariado essas reliquias durante mais de trinta annos, por todo o paiz. Esta é ou deve ser a base para assentarmos novos estudos positivos da antiga architectura nacional, dos sec. xv e xvi e sobretudo da civil ou domestica, que é a menos estudada e mais rara nos seus exemplares.

A architectura militar acompanha a civil com typos valiosos, que estão reclamando tambem uma colleccionação methodica e um exame escrupuloso. Por um assiduo estudo, feito durante longos annos em localidades que conservavam um aspecto archaico authenticico, reconhecemos que os nossos pintores quinhentistas reproduziram os muros, as torres, os baluartes contemporaneos. Terras importantes da provincia como Freixo de Numão e Trancoso, na Beira Alta, e Vianna do Alentejo podiam servir ainda em 1882 de modelo para confronto, tal era n'essa epocha a sua physiognomia artistica, o seu cunho na-

cional, accentuadamente historico. Eram já então exemplos raros, mas de um alto interesse artistico, que não mereceram menção a ninguém, até hoje.

A escultura só em rarissimos casos sahiu da sua função decorativa e adquiriu um aspecto monumental, desprendendo-se da architectura. Já demos a entender que os sarcophagos de certo valor estatuario são pouco frequentes no sec. xiv e xv. El-Rei D. Manoel, promovendo a construcção de dois grandes monumentos dos primeiros monarchas na Igreja de Santa Cruz de Coimbra, em estylo gothico florido, não teve seguidores. Os tumulos da Capella do Fundador, na Batalha, foram uma bella homenagem historica do sec. xv, mas a sua importancia está toda na decoração; apenas o do Infante D. Henrique tem um só vulto na tampa, honra saliente, porque só foi concedida a seus paes, aos fundadores D. João I e a sua esposa. Os pequenos mausoleus d'El-Rei D. Duarte e de sua mulher junto dos degraus da Capella-Mór apresentam-se muito modestamente; todos os outros reis e principes da Dynastia de Aviz, sepultados na Batalha, ficaram em jazigos provisorios e pobrissimos até nossos dias.

A fidalguia portugueza tambem não foi generosa para com os seus mortos; não se preocupou com a arte senão por excepção. O jazigo da illustre familia dos Silvas (Regedores da Justiça) em S. Marcos de Tentugal¹ é um admiravel monumento da escultura nacional e prova que a escola dos lavrantes de Coimbra teve durante tres gerações, pelo menos (1500-1575) a hegemonia da escultura tanto decorativa, como monumental, no centro do paiz. Se o pulpito de Santa Cruz² não nos provasse, com a sua technica de *ourivesaria em pedra de Ançã*, que seus auctores eram capazes de realizar os maiores prodigios do cinzel, teriamos em S. Marcos documentos eloquentes e abundantes do talento dos nossos esculptores. A sua grande riqueza contrasta com a penuria das restantes provincias do paiz.

¹ Veja-se o nosso estudo especial sobre este monumento notavel na *Rev. de Guimarães*, vol. xiv; os artigos e competentes estampas na publicação *A arte e a natureza em Portugal*. Porto. Em. Biel e C.^a. Não devemos esquecer o esplendido monumento sepulchral do 1.^o conde da Sortelha em Goes (egreja matriz;) todavia, é uma excepção na familia dos Silveiras. São uma excepção um ou dous tumulos artisticos da familia dos Menezes, em Santarem, no genero dos que foram consagrados aos Infantes na Batalha. (Capella do fundador.) O maravilhoso lavor da Renascença de S. Marcos apparece-nos já adulterado nos tumulos da familia Lemos (Igreja da Trofa, perto de Agueda,) que pertencem á segunda metade do sec. xvi. Enfim, um terceiro grupo merece especial menção, os sarcophagos da familia dos Almeidas (Marquezes de Abrantes) na igreja de Santa Maria do Castello; o desenho e até o material (calcáreo brando) recorda a obra da Batalha. São composições muito decorativas, mas não ha esculturas de vulto, salientes, como em S. Marcos e na Trofa. Vejam-se as photographias da collecção Sartoris.

² É justo citar os quatro baixos-relevos do Claustro, infelizmente muito damnificados, que feem o caracter monumental. (Photographias Sartoris.) O seu valor artistico é consideravel, e maior ficou sendo desde a recentissima publicação dos documentos, contidos no seguinte volume: *João de Ruão*. Documentos para a biographia de um artista da Renascença, colligidos pelo Conego Prudencio Quintino Gracia, com um prefacio do dr. Teixeira de Carvalho. Coimbra, 1913.

(Continúa)



O aguarelista Alberto Sousa



ENTRE os nomes de artistas que appareceram firmando trabalhos na Exposição de Aguarelas, que ha pouco encerrou as suas portas, um merece especial e cuidadosa referencia: o de Alberto Sousa.

Destacá-lo no meio da larga cohorte de trabalhadores do seu aocmp, é prestar uma justa e merecida homenagem a quem, modesta mas vigorosamente vem lançando de ha anos a esta parte nos seus cartões, aspectos normaes ou desusados da vida e cousas portuguezas, principalmente as populares, disseminando por eles uma obra que num futuro mais ou menos proximo, artistas, eruditos e ricos colecionadores disputarão a peso de ouro, como nós o fazemos hoje com a que deixaram em gravuras e desenhos, Sequeira, Bertaloozzi, L'Evêque, e poucos mais.

De facto, nada, a não ser a gravura, quasi esquecida, se presta tanto como a aguarela para marcar rapidamente, com a cor, a luz e o movimento locais, todos os quadros que a Natureza, as suas modificações pela intervenção do trabalho dos homens, e as combinações do factor humano nos fornecem de momento a momento, fugidamente quasi sempre, limitadamente para o tempo de que dispõe o artista para os fixar. E é por isso que o aguarelista para bem comprehender a sua arte tem de, mais do que qualquer outro artista, conhecer a sua terra, deixar-se impregnar, embriagar do perfume subtil que se desprende de todas as suaves e velhas custumeiras das suas provincias, dos trajes regionaes miraculosamente conservados, dos caracteristicos ethnicos perpetuados no olhar, na frente, nos cabelos, nas curvas plantuosas ou esbeltas da plastica feminina, para poder produzir obras sentidas, ao mesmo tempo evocadoras e documentaes.

Desta maneira reconhece á primeira vista que pensa Alberto Sousa, quem examinar uma galeria dos seus quadros.

Colorista insigne, tratando as aguarelas com um á vontade e um bem marcado notaveis, escolhendo para as suas composições os assuntos descurados que o regionalismo provincial e os motivos architectonicos do passado tão prodigamente oferecem a quem os procura, ele consegue ser hoje no nosso paiz, o artista que melhor representa a já impetuosa corrente dos que buscam notivos de Arte, na Historia, Architectura e Etnografia de Portugal.

Em cada um dos seus trabalhos ha sempre um cantico de louvôr a alguma cousa bela da nossa terra; a algum gracioso traje enclausurado nas aldeias perdidas alem montes, a algum costume cristallizado no acanhado ambito de um concelho, a uma maneira de construção esquecida, a uma ruina que os seculos olvidaram, a uma sobrevivencia religiosa popular, de seculos cahidos.

É esse o carater da sua arte que mais me interessa, e que me domina inteiramente ao falar do seu labôr artistico.

Para chegar ao desideratum de ser um bom e fiel interprete das cousas portuguezas, Alberto Sousa não se deixou comodamente ficar em Lisboa recolhendo aspectos da cidade, ou copiando trajas e maneiras através de illustrações ou de estampas antigas; percorreu e percorre com regularidade o paiz. Conhecem-no as amendoeiras de Silves e os castanheiros de Vila Rial e Bragança. A Beira, sua patria, bem como Traz os Montes e o Alemtejo, são-lhe familiares; e da variedade de apontamentos tomados em regiões onde costumes, povo e edificios apresentam faces tão diversas, vem um dos capitães encantos dos seus trabalhos.

A aldeia algarvia, escaldante de sol africano, os typos e trajas alemtejanos, escuros, tristonhos, semi-barbaros, a frescura da Beira, ressumante de agua, o ouro pardo dos granitos trasmontanos, passam nos seus cartões fortemente batidos de luz, cheios de verdade e côr local. É tomar ao acaso os quadros, pintados numa excursão do verão passado, por Traz os Montes e Beira, e agora expostos pela primeira vez, do castelo de Ucanha, chafariz de Bragança, varanda florida de Lamego e azenha dos arrabaldes da mesma cidade.

Esse castelo de Ucanha, pesada torre de defesa de uma ponte, à entrada da qual assenta, imponente, desmantelada pelo alto, formidavel, vem do tempo do inteligente e infeliz Fernando I, como reza o letreiro colocado à esquerda numa como rustica moldura de tabernaculo. Uma calçada, lajeada de granito, à romana, desce do burgo entre o casario de portas primitivas, chanfradas nas esquinas, para estreitar no gargalo do arco de passagem para a ponte, sobre cuja volta cheia um nicho entre rosetas sexifoliadas, ornamentaes e religiosas, guarda uma virgem gotica de olhos parados, mal distinta entre o gradeado da porta envidraçada.

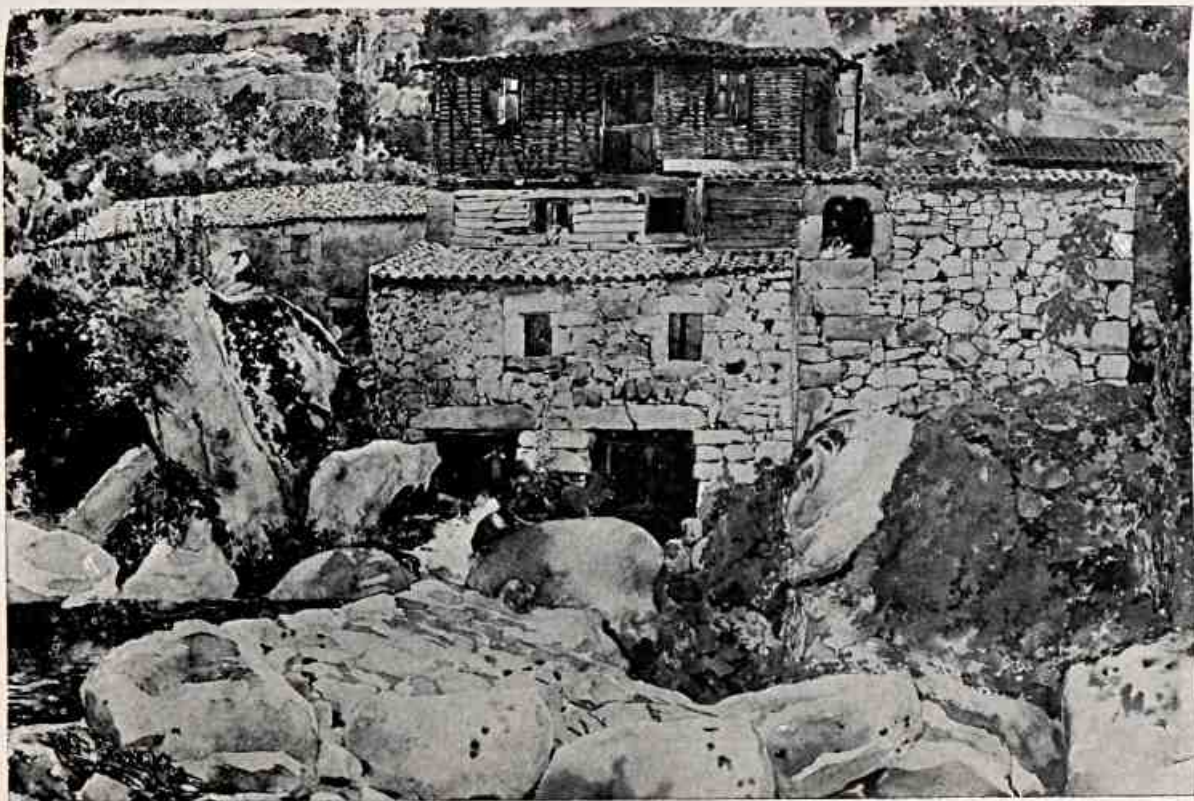
Tudo aquilo é sólido, medieval, fielmente reproduzido, desde o tom das pedras, tismadas do sol de seis seculos, ao azul violento e recente de cercadura do nicho e das rosetas.

À torre segue-se a mais linda ponte que meus olhos devotos da antiguidade conseguiram até hoje divisar. Cortada em duas aguas, fica-lhe o ponto mais elevado sobre o gume de um arco gotico, largo, alto, bem lançado, idealmente perfeito, acolitado por dois outros mais pequenos, sob os quaes a agua do Varoza adormece. A povoação, desce em tropel de uma e outra banda da ponte, lembrando uma multidão que se apinhasse esperando a passagem forçada e estreita.

Pena foi que Alberto Sousa não quizesse apanhar este conjunto, unico creio, em Portugal e se limitasse à torre.

No chafariz de Bragança, uma daquelas robustas e curiosas fabricas, floreadas, armoriadas, inscritas, esmagadas por corôas que assinalam os reinados da construção, e que os seculos xvii e xviii nos deixaram profusamente por essas vilas e cidades fóra, aparece uma das feições mais pitorescas das terras do norte.

A varanda florida de Lamego, é um encanto. Eu conhecia-a de visu, e já a fotografára. Mas onde é que as lentes poderam já dar a



MOINHOS NOS ARREDORES DE LAMEGO

côr e a vida que se desprendem daquela aguarela! Nela aparecem bem conjugados, o motivo arquitetónico da construção de varandas sobre a madeira prolongada dos vigamentos, cujas extremidades, varas de ferro ou de pau aguentam contra a parede inferior, (frequente de Lamego a Chaves) e o motivo natural, na transbordante massa de flores vermelhas do quintal visinho.

A aguarela seguinte é também muito interessante; representa uma azenha dos arredores da mesma cidade, açapada no fundo de um vale. O granito, escurecido das humidades seculares é dado com flagrante verdade naquela casa modesta em que uma janela manuelina, humilde, atira a sua volta ondeante sobre os boqueirões escuros donde devem sair espumando as águas da levada. A aguarela reproduzida em separata no anterior número da *Águia* leva-nos ainda para Traz-os-Montes, para uma terra que a vida moderna esqueceu amodorrada no seu promontório granítico, naquela disposição estirada de povo que se acoberta de ataques; para a Vila Rial das varandas rotuladas e da feira de Santo Antonio com seus minúsculos pucarinhos de barro negro. Representa uma vista da igreja de S. Domingos, cuja modesta fachada quatrocentista se afoga na coma do arvoredado, ao lado da pesada torre dos sinos que só as bandeirolas de ferro dos pináculos, marcando o vento do Marão, alegam. É sempre o motivo artístico aliado ao documento do passado.

Este carácter das obras de Alberto Sousa, manifestou-se mais uma vez, recentemente, nos desenhos com que ilustrou a «Patria Portuguesa» de Julio Dantas. Todos aqueles apontamentos rápidos, de épocas tão diversas, são duma honestidade e rigor histórico que admiram em Portugal, onde a reconstituição da indumentaria dos séculos passados ainda não se encontra feita.

Ahí como nas aguarelas se reconheceu mais uma vez o homem que trabalha dedicadamente para fixar os aspectos da vida actual e passada do seu paiz.

Por todo esse trabalho de reconstituição, que muito poucos compreendem quanto custa, o futuro o julgará mais convenientemente do que eu o faço aqui.

Feyili Comia

Studies in Portuguese Literature

Oxford, 1914.

por A. F. G. BELL



PORTUGUESE poet perhaps not very widely known, certainly at least out of Portugal, is Teixeira de Pascoais.¹ He has the immense distinction in modern times of being a poet who is content to feel the poetry of Earth and Heaven without being haunted by the fear that he will be found deficient in rhymes and metres sufficiently clever to express it. He does not strain at originality; for him life is poetry, and hence his poetry is living. Those who demand of poets that their works should be of polished marble or a-glitter with gems should beware of reading Teixeira de Pascoais; those who can appreciate the true poetry of Wordsworth and William Barnes, of the *Imitatio* and the *Fioretti*, will probably read his poems and return to them with delight. In his sadness and *saudade* he is very Portuguese, singing of love and sorrow and death, the chief themes of Portuguese poetry since the time of King Diniz:

Um poeta português talvez não largamente conhecido, pelo menos fora de Portugal, é Teixeira de Pascoais. Tem a imensa distinção nos tempos modernos de ser um poeta que se compraz em sentir a poesia da Terra e do Ceu sem o incomodar o receio de que lhe achem deficientes as rimas mas ou os metros insuficientemente habeis para a exprimir. Não o atormenta a preocupação da originalidade; para êle a vida é poesia, e por isso a sua poesia tem vida. Aqueles que exigem dos poetas que as suas obras sejam de mármore polido ou faiscentes de pedrarias deveriam abster-se de ler Teixeira de Pascoais; aqueles que sabem avaliar a verdadeira poesia, a poesia de Wordsworth e William Barnes, da *Imitatio* e dos *Fioretti* lerão provavelmente os seus poemas e a êles voltarão com prazer. Na sua tristeza e saudade é muito português, cantando o amor, a dôr e a morte, temas dominantes da poesia portuguesa desde o tempo do rei Diniz:

O Amor
É irmão da dor, e a Morte é irmã da Vida.

¹ Joaquim Pereira Teixeira de Vasconcellos. His first book of poems was *Sempre* (1897), followed by *Terra prohibida* (1899), *Jesus e Pan* (1903), *Para a Luz* (1904), *Vida Etherea* (1906), *As Sombras* (1907), *A Senhora da Noite* (1909), *Marános* (1911), *Regresso ao Paraíso* (1912).

¹ Joaquim Pereira Teixeira de Vasconcellos. O seu primeiro livro de poesias foi *Sempre* (1897), seguido de *Terra Proibida* (1899), *Jesus e Pan* (1903), *Para a Luz* (1904), *Vida Etérea* (1906), *As Sombras* (1907), *A Senhora da Noite* (1909), *Marános* (1911), *Regresso ao Paraíso* (1912).

In the perfection of form in which this sadness at times, albeit rarely, finds expression he recalls Leopardi; in his quiet love of Nature and of animals he resembles the Spanish poet Gabriel y Galán. He lives in remote Traz-os Montes, in the valley of the Tamega, far from cities and

Na perfeição da forma, em que esta tristeza, por vezes, embora raras, se exprime, recorda Leopardi; no seu tranquilo amor da Natureza e dos animais parece-se com o poeta espanhol Gabriel y Galán. T. Pascoais vive nos remotos Traz-os-Montes, no vale do Tamega, longe das cidades e de

Essa vida de cega maldição
Entre as turbas vivida e na cidade;

and the quiet charm of streams and woods and misty mountain spaces has entered into his soul. He has woben a magic web of mists and shadows till each of his poems become

e o severo encanto dos rios e dos bosques e das montanhas nevoentas penetrou-lhe na alma. Urdui uma teia mágica de névoas e sombras até cada um dos seus poemas se tornar

Um idílio de sombras, muito além,
Nas distantes florestas,

and even love is no radiant apparition, but

e até o amor é, não uma aparição radiosa, mas

Amor que tudo vai anuveando.

His own spirit becomes a shadow in a world of shadows:

O seu próprio espirito transforma-se em sombra, num mundo de sombras:

Sombras que vejo em mim
E em tudo quanto existe.

(Sempre)

His philosophy is vaguely pantheistic. The Kingdom of Heaven is in the heart of man, and so, too, is the Kingdom of Earth. God is in everything, and everything is one and one is everything:

A sua filosofia é vagamente panteísta. O reino do céu está no coração do homem, e o mesmo sucede com o reino da Terra. Deus existe em tudo, e tudo é um e um é tudo:

Por isso, se quero ver-te,
Olho as aves e as estrelas,
As montanhas e os rochedos,
Coração.

(As Sombras)

In spirit man can stay the sun and stars in their courses, and trans-

Em espírito o homem pode deter o sol e as estrelas no seu

form a stone into a sentient thing:

curso e transformar uma pedra numa criatura sensível.

Sim, a vida do espírito domina
o próprio sol; um gesto, uma palavra
o fez parar no céu! . . . E a luz divina
Ante o sonho dos homens anoitece.

«Tudo é milagre e sombra, ó Natureza.» The river is not divided from the sea, nor the valley from the mountain:

«Tudo é milagre e sombra, ó Natureza.» O rio não se distingue do mar, nem o vale da montanha:

Um vale vai subindo e, enfim, é serra,
Uma fonte vai chorando e, enfim é mar.

Eternity is embraced in one Heaven-sent moment; the sun is reflected in a drop of dew:

A Eternidade contém-se num momento consagrado; o sol reflecte-se numa gota de orvalho:

Às vezes, numa hora consagrada,
Para nós se contém a Eternidade.
Da mesma forma o sol por um instante
Numa gota de orvalho se resume
E nella é viva imagem radiante
De viva luz acesa em sete cores.

Thus Heaven and Earth exist in the spirit of man, and in this pragmatism God is man's creature:

Dest'arte o Céu e a Terra existem no espírito do homem e neste pragmatismo Deus é criatura do homem:

O nosso deus é nossa criatura;
E só nas minhas obras posso crer.
Cada homem é um mundo de ternura;
E Deus é a eterna flor que dele nasce,
Que o inspira, perfuma e eleva aos astros;
Sua expressão perfeita, a sua face
Eterna e projectada no infinito.
Ama o teu Deus; isto é, adora em ti
A criatura ideal que concebeste.

The chief defect of Teixeira de Pascoais is a constant tendency to diffuseness. The philosophy which sees no distinction between stone and flesh Earth and Heaven, seems to have affected his poetry, depriving it of sharp divisions and definite shape. It is characteristic that a sonnet in *As sombras (Uma Ave e o Poeta)* extends to a poem of four sonnets, fifty-six

O capital defeito de Teixeira de Pascoais é uma tendência constante para a difusão. A filosofia que não vê distinção entre a pedra e a carne, a Terra e o Céu, parece ter affectado a sua poesia, privando-a de divisões nítidas e forma definida. É característico o facto de um soneto em *As sombras (Uma Ave e o Poeta)* vir a dar um poema de quatro sonetos,

lines. His long poem in eighteen cantos, *Marános* (1911), may be likened to a grey shadowland, a mountains mist, often lifting to reveal fair regions of noble verse,

cincoenta e seis versos. O seu longo poema em dezoito cantos, *Marános* (1911) pode ser comparado a um pardacento país de sombras, á nevoa da montanha, dissipando-se a meúdo para nos revelar belas regiões de nobre verso,

altas serras coroadas
de neve e de silencio.

and

e

Os longes do céu indefinível,
onde em segredo e sombra os astros nascem.

or crystallizing into exquisite single lines, now limpidly clear as running waters, now gleaming as a sun-glintt hrough the mist. Then his poetry is as in *As Sombras* are the songs of birds:

ou cristalizando em versos exquisitos e simples, ora limpidamente claros como águas correntes, ora faiscando como um raio de sol através da névoa. Então a sua poesia é como são em *As Sombras* os cantos das aves:

Meu canto é luz do sol em mim filtrada :
Vou a cantar . . . e canta a luz do céu.

Then we hear the birds singing to the sun,

Então ouvem-se os pássaros cantar ao sol,

Os cânticos ao sol dos passarinhos,

and the song of half-awakened larks,

e

Canções de cotovias adormecidas.

A voice sounds distantly, misty as is the voice of the sea,

Ouve-se ao longe uma voz, nevoenta como a voz do mar,

Nevoenta como a voz que tem o mar,

or shepherds sing in the whispering dusk,

ou pastores cantando ao crepúsculo,

As canções dos pegureiros
E os sussurros dormentes do crepúsculo

when the shepherd's star brings in mysterious night,

quando desponta a estrela do pastor, precursora da noite misteriosa,

A tarde quando a estrela do pastor
Surge trazendo a Noite com seus mistérios.

Or the mist at dawn is threaded ou a neblina da madrugada se
with rifts of gold, esgarça em aberturas de ouro,

Nevoa de ante-manhã molhada em ouro,

till horizon and trees grow golden, até que o horizonte e as árvores
se cubram a seu turno de ouro:

e o horizonte
Uma montanha d'ouro, e d'ouro as árvores,

Then the mist closes in again, ren- Então a névoa de novo se
dering the shepherds invisible: cerra, tornando invisíveis os pe-
gureiros:

Era tam densa a névoa e tam cerrada,
Que os pastores falando mal se viam.

The poet has Wordsworth's pow-
er of giving vivid relief to things
vague and grey and indefinite, the
slow motion of clouds heavy with
rain or night's immeasurable si-
lence:

O poeta tem o poder de Words-
worth de dar um vivido relêvo a
coisas vagas e indefinidas, como
o vagaroso movimento das nu-
vens carregadas de chuva ou o
incomensurável silêncio da noite:

Que solidão ! que noite ! que silencio !
Dormia sobre os pináculos o vento.
Era quasi sensível o gemido
Do luar sobre as arestas dos rochedos.
Quasi se ouvia a noite caminhar
Num murmúrio de sombras e medos.

Marános is, in the phrase of Francisco de Mello, a quiet poem — «poema quieto.» Throughout the poem the reader is reminded of the way in which, in Wordsworth's *Prelude*, some beautiful word-image or thought continually occurs to belie any feeling of weariness. In several beautiful passages (as in *Sempre* and *As Sombras*) the poet sings his home and the valley of the Tamega and the mountains of Tráz-os-Montes:

Marános é, na frase de Francisco de Melo, um *poema quieto*. Por todo o poema surge ao espirito do leitor a maneira como, no *Prelúdio* de Wordsworth, continuamente ocorre alguma bela imagem ou pensamento para obviar a qualquer sentimento de enfado. Em várias belas passagens (como no *Sempre* e em *As Sombras*) o poeta canta a sua terra, o vale do Tamega e as montanhas de Trás-os-Montes:

« Ó vale das saudades, onde a terra
Idílica do Minho se transforma
No ascetismo granítico da serra
No elegíaco drama transmontano! »

the mist-white river,

o rio branco de nevoeiro:

« Rio Tâmega

Todo mudado em branco nevoeiro, »

and the bronze-hued soil of Traz-
os-Montes,

e o solo abronzeado de Trás-os-
Montes:

« A terra

sombria, em bronzea cor de Trás-os-Montes. »

The beauties of the poem are many and undeniable, but it is a pity that the author has allowed it to trail inordinately. Not only does this prolixity frighten away readers, to their own loss, but the effect is often inartistic, causing his Muse to crawl with broken wing. Were he to correct this failing, Teixeira de Pascoais might easily claim the first place among the living poets of Portugal, and a high place among the living poets of the world, for he has in him the true spirit of poetry, which disdains little ingenuities and rhymed clevernesses. An expression in *Marános* — « *estupidez divina e intelligente*, a divine, intelligent stupidity » — may be applied to his poetry as it may be applied to the poetry of Wordsworth and of Virgil, and could not possibly be applied to the poetry of Byron or of Gautier.

Portugal has many other singers now living¹, and indeed the

As belezas do poema são muitas e inegáveis, mas é pena que o autor lhe desse uma demasiada amplidão.

Não só essa prolixidade intimida os leitores, levando-os a desistir da leitura, com o que evidentemente perdem, mas também o efeito é muitas vezes inartístico, obrigando a Musa a arrastar-se com as asas partidas. Se Teixeira de Pascoais viesse a corrigir este defeito, poderia facilmente ocupar o primeiro lugar entre os poetas vivos de todo o mundo, pois possui o verdadeiro espírito da poesia, que desdenha pequenas habilidades e artificios rimados. Uma expressão no *Marános* — *estupidez divina e inteligente* — pode applicar-se á sua poesia, como igualmente se pode applicar á poesia de Wordsworth e de Virgílio, e decerto se não poderia applicar á poesia de Byron ou de Gautier.

Portugal tem ainda muitos outros cantores vivos, e na ver-

¹ Especialmente Antonio Duarte Gomes Leal, born at Lisbon in 1848, author of *Claridades do Sul* (Lisboa, 1875; second edition, 1901), *O Anti-Christo* (Lisboa, 1884), *O Fim d'um Mundo*, etc., who now stands with Guerra Junqueiro at the head of the older living poets of Portugal.

¹ Especialmente Antonio Duarte Gomes Leal, nascido em Lisboa em 1848, autor das *Claridades do Sul* (Lisboa, 1875, 2.^a edição, 1901), *O Anti-Christo* (Lisboa, 1884), *O Fim dum Mundo*, etc. que está agora com Guerra Junqueiro á frente dos poetas mais velhos (dos vivos) de Portugal.

lovely provinces of Portugal should unfailingly beget many true poets. A University education and the influence of the capital too often, however, direct poetic talent into the muddy channel of foreign imitations. Here too, Teixeira de Pascoais sets an excellent example, for he is thoroughly Portuguese and regional, wrapped in the life of Traz-os-Montes

dade as belas provincias de Portugal não poderiam deixar de produzir muitos poetas. A educação universitária e a influência da capital enveredam, porém, a meúdo o talento poético para o canal lodoso das imitações estrangeiras. Aqui, também, Teixeira de Pascoais nos fornece um excelente exemplo, pois todo êle é português e regional, impregnado da vida de Trás-os-Montes.



No Prefacio diz Aubrey Bell:

The Portuguese poets through the centuries have sung of love and death—of love without joy, and of death as an object of desire:

«Fratelli a un tempo Amor e Morte
Generó la sorte.»

They might take for their motto a line of a *vilancete* by the Conde do Vimioso¹. *Mil vezes a morte chamo (Mil vezes, amor, te chamo)*. They have made a national cult of *Saudade*, and the last lines of a recent Portuguese poem tell us that *Saudade* is eternal and will survive the worlds and stars.² They forget that not in Paradise and not in Purgatory were said the words:

«Tristi fummo
Nell'aer dolce que dal sol s'allegra.»

¹ 1485-1549. He was the father of Dom Manoel de Portugal.

² Teixeira de Pascoaes. *Marános* (1911):

E tudo passará. . . Mas a Saudade
Não passará jamais! e ha de ficar
(Porque ella é o Infinito e a Eternidade)
Sobrevivente aos mundos e ás estrellas.

O DERRADEIRO BUCOLISTA

(EXCERTO)



GRANDE bucólica dos oitocentos já não era a meridional; o cajado de maioral do estilo pastoril passara da Italia e da Espanha para a Germania. Gessner ascendera a mestre, de imperio incontestado nos dominios zagalescos, autenticado pela celebridade universal. Os seus poemas e idilios dão, desde Zurich, a volta á Europa, invadindo todas as literaturas. Mostram-se pela Germania, pela Gallia, apadroados nada menos que por Grimm e Diderot. Os gulosos deliciam-se com o sabor de alcaçus e o halito rural da poesia gessneriana, o derradeiro avatar da bucólica.

Rolou tambem a vaga sobre Portugal, onde o gessnerismo veiu esbater a espuma nas varzeas do Mondego, forradas da fertil herva onde foliaram as Camenas de Camões e de Bernardes, e orladas dos sineiraes onde silvou a flauta de Jorge Montemôr e Rodrigues Lobo.

Ali fôra o ninho do bucolismo, baloiçado sobre as mansas aguas nas franças dos salgueiros; ali solta o ultimo pio, melodia perdida no brando sussurro do Mondego ao roçar pelas lapas da ribanceira.

Despertava a primavera de 1822, quando um rancho de estudantes de Coimbra abica á Lapa dos Esteios; era um piquete de Arcades, moços crismados pastorilmente em Elmiro, Anfriso, Josino, Albano, Francilio, Franzino *et alii* (1), de ramilhetes em punho, em romagem ao gracioso retiro, escolhido para teatro do festejo ao romper da Primavera. Pontifica o entremês pagão, Castilho, ajaezado pelos amigos com listões de heras e grinaldas de loiros. Declamaram-se poemas mocissos de celebração bucólica, solfejados nas pausas com modulações de flauta. Castilho lê o *Dia da Primavera* em dois cantos, o irmão Augusto pespega poemeto sobre o mesmo tema, o mano Adriano repete um trecho traduzido da *Primavera* de Thompson; ouvem-se ainda, entre outras peças, a versão em quadras da *Primavera* de Gessner, e outra da *Primavera* do Gramer. Primavera tudo! Á merenda, servida por dois infantes Ganimedes vestidos de branco, funda-se a *Sociedade dos Amigos da Primavera*, que no dia 1 de

(1) Debaixo destas mascaras sedições escondem-se alguns nomes que vieram a ter notoriedade, taes como os de José Maria Grande e dr. Francisco Cesario Moacho; juntou-se-lhes na festa de Maio Antonio Ribeiro Saraiva, o famoso miguelista.

Maio deita nova festança sobre o mesmo fraguedo onde montara o tablado da sua Arcadia (1).

No desvão do altar de ramaria de verdes e rosas, em cima dum poial rústico tapeçado de hera, poisam o deusinho Maio — um loiro e alvo menino de cinco anos, coberto apenas dum aventalinho com recamos de cedro e buxo e ourela de cravos e rosas; calça coturnos de seda encarnada, e do braço pende-lhe um cabazinho de fruta. O pobre inocente, sacrificado á fúria poética destes fanáticos, aguentou, coitadinho, o estiraçado poema de Castilho *Festa de Maio*, e outros mais versejamentos inéditos, recitados em ritual litúrgico, com recortes de musicata. Não se sabe se o anjinho dormiu, chorou ou estareceu, ele que figurou ao mesmo tempo de ídolo adorado e de vilima expiatoria (2). No cabo merendou-se e bailou-se arcádicamente.

Quem ao ler este relato das primaveradas da Lapa dos Poetas encrespar um sorriso, haja por bem relaxar os zigomáticos; lembre-se que em nossos dias esse apóstolo do belo, esse fervente reformador da estética e do sentimento que se chama John Ruskin, inaugurou e radicou em terras británicas as festas do Maio, a coroação da rainha de maio, na resplandescência lírica da música e da poesia, das flores e da mocidade.

Afinal a pieguice arcádica do Castilho ou a magestade sentimental do Ruskin promanam, como reminiscência atávica, do culto panteista da natureza ao remoço anual da estação que derrama sobre a terra o calor, a vida e a alegria. A essa comunhão de misticismo poético consagrava Roiz Lobo a sua *Primavera*. Os rapazes de Coimbra na ribeira do Mondego repetem e praticam a lição do Lereno e seus zagaes: eles, quando as boninas pojavam do chão do inverno, as varas das arvores se rocam de flores e as aves gorgeavam saudações ao novo sol, vinham juntar-se nos vales do Lis, festejando com bailes de terreiro e cantares á porfia as «entradas do verão»:

Já nace o belo dia,
Principio do verão formoso e brando
Que com nova alegria
Estão denunciando
As aves namoradas
Dos floridos raminhos penduradas...

sanfoneava outrora o Lereno, a que responde agora o harpejo do Castilho:

(1) Mais de vinte anos depois (1844) os bardos do *Trovador*, João de Lemos, Rodrigues Cordeiro, José de Serpa e outros, renovaram a romagem á Lapa dos Estelcos em homenagem á Primavera e ao Castilho, mais escoteiros já de adereços teatraes.

Quando o Imperador do Brazil em 1872 visitou em Coimbra a Lapa dos Poetas, trouxe de lá como recuerdo uma folha d'arvore onde gravou a sua saudação ao Cantor da Primavera.

(2) Camillo num intermezzo comico, publicado nos *Serões de S. Miguel de Seide* (n.º 1) sob a epigrafe de *Infantillidade dos Poetas*, diz com graça que eram tantos os Herodes para um só menino.

El-la que chega a amante Primavera!
Logo ao romper do dia, sussurrando,
Vós, favonios azues, a annunciaveis.
Chega . . . Chegou! as aves a festejam
Desatinadas, doidas . . .

Ao reeditar a sua *Primavera* em 1836, quando melancólicamente olha já o livro «por todos os modos extemporâneo, porque a estação nem é deles nem para eles», explica Castilho o estado d'alma seu e da mocidade académica naquele primeiro quartel do século passado.

Se quanto a feitura de estilo e metro, uns faziam seu idolo de Bocage, outros o seu alcorão de Filinto, um poeta estranho exercia uma forte vassalagem — o Gessner e seus satélites da Alemanha e da França. Castilho vivia na magia gessnérica: «Gessner não era para mim um nome, senão um indivíduo presente, um suavíssimo contubernal; nem já suas obras me eram livros, mas realidade, vida e mundo (!)». Cifra-se nele e nos seus imitadores a sua mais lograda leitura. Da bucólica indigena dá-se por enfarado, e por carta trava uma polemica com o José Agostinho de Macedo, que proclama a graça e o viço da nossa poesia pastoril por sobre a alemã e suíça. Castilho gaba-se de o ter levado de vencido na disputa, derrota confessada pelo duro polemista. Assim por seu mal seria; melhor lhe fôra ao bucólico da Lapa dos Esteios, um portuguez castiço, que se não refractasse à *vis à tergo* dos velhos idilistas pátrios. Do maior deles algum vinco ficou na eloquente defesa do pastorismo com que prologueia a *Primavera*; lá se lê, e é a única citação poética, um verso alado de Roiz Lobo:

A melhor fruta colhe-se mais tarde (?).

A illustre prof. D. Carolina Michaelis, numa carta em que me fala do Lobo, apelida-o «o Castilho do século xvii». A frase é feliz, como expressão do que num lembra do outro; os dois poetas inaugurais dos seicentos e dos oitocentos afrontam paralelo. Ambos foram locucionistas impecaveis, ambos poetas de esmero parnasiano e pro-sadores de arte refinada. Trabalhadores perfeitissimos da dicção, evitaram repuxamentos e deformações, no aproposito da propriedade e da expressividade em liga com a elegância do periodo. Lobo dispõe de uma ductilidade sempre aprazivel; Castilho implica ás vezes por um certo tom de affectação e impertinência. O verso deste, acepillado no torno deixado por Bocage e Filinto, lampeja mais que o verso daquele; mas a veia lirica pulsa sangue mais caudal e mais puro no

(!) Garrett na sua fase ante-romantica tambem era praça assente da falange gessneriana. A *Lirica de João Minimo* abre pela *Primavera* epigrafada por um verso de Thompson.

(?) Dei com o verso nos tercetos do ofertório da égloga II.

herdeiro directo de Camões do que no árcade serodio. O egloguista do Liz e Lena sobrepuja o da Quinta das Canas. O Lerenio inspira-se, no fundo e na forma, do pastorismo peninsular, tradicional e até popular; é um nativista e um pre-romântico (1). Castilho quasi repudia as fontes nacionais; humanista apaixonado pela poética antiga, cola-se ao padrão clássico, recortado do mantuano.

De medula latina, verte-se a si próprio em hexâmetros no *Carmen Galatea* e encharca-se na mitografia sedicã, que o lírico seiscentista tanto refugou dos seus idílios. Lobo, em pleno renascentismo, ia dando de mão ao fabular da Hélade e do Lácio; Castilho, quando o romantismo despontava manhã radiante, sagra ainda nos altares dos nunes d'Ascreu, como pagão relapso. Isso era ele, que não o gessnérico que blazonava, pastor redivivo dos vales da Trácia e dos ribeiros do Taigeto, contubernal de Titiro e de Sileno; tal como André Chénier que vinha repintar a bucólica descorada e expirante com as tintas genuínas arrancadas á paleta da antiguidade.

Visiona a paisagem como lha deixou o cosmorama greco-latino, foqueando campos e vales atravez das lentes da musa velha. O seu idílio quasi não passa de um mero exercício de retórica, pouco mais que um mosaico como o de Sannazaro, um pastichio resalvado pelo milagre da introspecção e pela magia da arte.

Em vão ergue as palmas o neo-bucolista do Mondego á divindade pagã, a deusa do amor que palpita na espessura das devezas é se espreguiça no alveo dos rios:

Pois tu és quem me acorda e me inflama,
A ti, deusa, os meus versos serão,
Mas debalde o meu estro te chama,
Os meus olhos jamais te verão.

Trágica ironia! O derradeiro cantor da natureza idílica era cego: o panorama campestre coava-se-lhe no cerebro fremente de poeta atravez da opacidade de uma retina de emprestimo. Esse o segredo fisiológico do relativo malogro do artista, contra o qual o seu génio se debateu em vão.

Ateado o fogo do romantismo, abraza-se logo o scenario bucólico, como a lavareda que leva num esfregar de olhos as lonas dum palco incendiado. Nos rolos do fumo esvaem-se pelos ares ninfas e silvanos; e da Arcádia, redusida a Troia, os zagais desertam para o arado e para a sachola, tropa fandanga de pelico roto, meia rebentada de pulmoeira de tanto soprar a gaita pastoril.

Contraregra desta teatrada secular, morria enfim de vez o grande Pan... De vez?!

1912.

Ricardo Jorge

(1) Mais tarde Castilho produziu tambem lindissimas endechas de sabor popular e rústico (*Excavações poeticas, Outono*).

CANTARES

1

QUONDE irei buscar, minha amada, as palavras capazes de te falarem o meu amor.

Queria que elas fossem suaves como o vôo da andorinha, silenciosas e intimas como os enleios das tuas pupilas. Como a onda embebe a rocha em seus abraços de espuma, eu queria, Horeb da minha sêde, cercar-te a vida do veludo dos meus carinhos! Que os meus labios calçassem de beijos o caminho dos teus pés, e a minha alma dilacerada fosse amaciar as arestas da tua vida! Ser a lenha dum sacrificio que valesse a tua felicidade, dar-me à Dôr em troca das tuas alegrias sem mancha!

Mas onde poderei eu escolher as palavras da minha adoração?...

.....

Voga nos crepusculos do estio uma onda de opala, que é como uma prodigalidade de luz a afofar de gloria enternecida o leito da Noite.

Essa hora de humilde triunfo dá-me a côr e a brandura para polvilhar o ceu da tua Imagem. É aí que te contemplo, oh trigo da minha fome!

Sob as verdes aguas da costa eu vi florestas de algas corredias — as nereidas entregavam os longos, tenuissimos cabelos aos beijos coleantes de Neptuno. Assim são os cabelos da tua Imagem, oh flôr do meu sonho! Longos, tenues, arremessados, como poeira cometaria, lucilantes de astros, molhados de opala e ambar.

Nas margens dos regatos eu vi os salgueiros trementes. O seu corpo debil era uma forma da Aragem. Assim, tu és, quimera dos meus sentidos, uma forma do meu sonho, um desejo opresso da minha alma. Como a Aragem os toma e embala, eu queria embalar a tua Vida, tecê-la dos meus devotamentos e humildades.

Tu és a harmonia; as tuas linhas deixam no Espaço a forma musical da rôla. Em torno do teu corpo o ar é brando e escravo, alongado no extase da atitude...

Como o eter conserva a forma magnetica da Terra, assim o meu coração mergulha na harmonia que te repete...

Nas montanhas, tenho eu visto arvores de exiguo corpo enraizadas em desolados e estereis penhascos. A sua carne balsamica ergue-se sobre um heroico tumulto de raizes.

É assim o teu corpo gracil, a caminhar neste mundo de aflicção e morte.

Sob a terra, a tragedia das raizes esboroando a rocha, assediadas de visinhos famintos, rasgando caminho por entre fragas; em cima, carne de formosura e encanto, sinfonia de aroma e côr. Oh senhora deste inutil devotamento, como eu desejaria ser-te a obscura raiz de eternas e perfeitas alegrias! Sob a Terra caminharía o meu coração a abrandá-la e comovê-la, e muito baixinho, sob os teus pés, ficariam fontes a rezar . . .

II

Aproxima-se o meu amado e toda me encho de confiança. O meu amado é a torre de marfim onde me acolheito do Vendaval, ele é como o Templo de Jupiter onde me abrigo do pavôr dos relampagos.

Quando era pequena, sonhava recantos bem cerrados onde escondesse o temôr, acalentadoras sombras onde acolhesse o frio dos meus sustos. De noite vinha o Mêdo a fantasmear o desconhecido e eu minguava-me tanto que caberia dentro duma mão.

O meu amado é o sagrado recanto da minha alma, a sombra amorosa a que me abrigo, a mão onde, como pequena ave inquieta, toda palpito de confuso e misterioso anhelô. Quando lhe abandono as minhas mãos esguias, eu as sinto perdidas entre as suas, como luxuosas conchas na imensidade do Mar.

Ele aí vem, forte e dominador — o seu corpo é esbelto e a sua face é um sol de melancolia. O seu andar é dum triunfador pensativo, os seus olhos distilam uma saudavel tristesa, que consola e alegra.

Porque é triste o meu amado?

Só eu o sei — é que receia fundir-me no calor dos seus olhos, é que julga os seus braços demasiadamente fortes para tomarem a minha fragilidade. É que ele não pode saber como eu desejaria evolvar-me sob a sua luz, ser quebrada, torcida em torno da sua carne de bronze.

Pronta aos seus desejos, eu espero o meu amado, o meu senhor, o dono dos meus sentidos e dos meus pensamentos.

Quero ser a onda, dobrada ao sopro da sua vontade, a relva amoldada ao descanço da sua estatua.

Eu vi o meu amado deitado entre boninas e lirios e desejei pôr na sua boca o aroma dos meus labios. Eu vi o meu amado na encosta da colina, perdidos os olhos nos longes das terras, e quiz ser levada na corrente dos seus sonhos, ao sabôr dos seus caprichos, desmaiada e nula.

O meu corpo é pequenino e ligeiro, mas como ele importuna esta avidéz de entrega com que me dissolveria no querer do meu senhor! Vem, meu amado, toma-me entre os teus braços, leva-me á solidão da Montanha para ser só eu a servir-te de joelhos.

Esta manhã o Sol rompeu por entre nevoa e logo se pôs a

Terra a viver e a falar alto. Assim é, quando avança o meu amado; toda me encho de murmúrios e falas, que ecoam dentro em mim como água nas fragas, como as aves nos poços abandonados, melindrosos de avenca.

E, como a nevoa se morre nos seios da luz, assim eu toda me morro na agilidade vencedora do meu bem amado! Pelo deliquio da minha vontade eu sei a distancia a que de mim mora o meu senhor. Eis que ele se aproxima e toda eu ardo no fogo que o circunda, os meus ossos se derretem em brandura, toda me abandono aos seus mais secretos intentos...

III

Dadas as mãos, vamos, amada minha, para a beira das aguas correntes...

Este sitio é, para a minha alma, o teu par. Não sei recordar-te, oh minha amendoeira! sem esta terra das tuas raizes, sem esta agua das tuas veias.

Este é o logar das verdes ninfas, d'alma transparente e rumorosa; e a tua alma é como uma harpa abandonada ao vento da minha paixão. Este regato corre sobre tapetes de relva, sobre algas rubras, sobre agriões ardentes da volupia dos teus labios, e sob doces de verdura, por baixo de juncos, açucenas e jacintos.

Assim boia o teu olhar, á flôr da Noite, sob os teus cabelos esfuziados soerguidos de relebradas marés, que os entregassem ao ardôr das correrias barbaras; ele boia, no horizonte da Noite, sob a aurora estival das tuas faces. E, atravez da sua profundidade, desdobra-se a sombra em delicadezas e afagos. Carinhos jámais dados, ternuras nunca faladas amaciam o poço dos teus olhos, de forma que a sua escuridão é transparencia d'amôr, brandura e dadiva.

Ah! mas o teu olhar não tem fundo, atravez dele eu vejo o Universo.

Ele é para a minha alma uma janela sobre Deus.

Olha, em cima, a nossa casa, pequena, abraçada e branca. Estende-se docemente, por um caminho de margaridas, até junto de nós, como se quizera haurir a frescura da corrente. E separada do mundo por uma parede de vida, pois a pedra não tem um tamanho da tua boca, solitario e nú. Ali se abriu uma porta que é hoje de grinaldas de madre-silva e colunas de hera.

São assim os teus olhos abertos para o ceu, prolongados em funduras d'amôr até que a vista se me perde num deslumbramento de diamante facetado.

Lá baixo, além dos moinhos, no fundo dagua brilham melindrosas palhetas de ametista. No fundo dos teus olhos, cega-me um diamante de harmonia, que, abraçando o Universo, fulgura de luz intima.

Aqui se encosta a Montanha seixosa. Pelos seus flancos trepam pinheiros e cedros, rescendentes dos sonhos da Sulamita.

Lembras-te, meu amôr, daquela voz nocturna e tragica com que hontem a Terra implorava a memoria dos vivos?

Que arrepio de misterio sulca a face da Terra e o coração do homem, quando, Noite concava, as pedras repercutem o grito de «alerta, pela memoria dos mortos»!

Parece que tudo acorda; é o instante da Ressurreição.

Olha, meu tesouro, os teus olhos são um lago de memorias. Debruço-me e vejo os ceus antigos, contemplo a graça das primaveras mortas. Já viste, no inverno, a terra embalsamada de neve, o Marão refulgente como as asas dum Arcanjo? E, depois, reponã o Sol a lavar os ramos das arvores? Ha, então, um instante supremo de Genesis, ha um momento em que os troncos se comovem; é o esto da seiva.

Quantas vezes eu me senti, de repente, paralisado d'assombro, percorrido pela corrente da vida infinita, tumultuante de cosmicas ondas. Eu tenho sido a praia do Universo, batida das aguas vivas do misterio. É a vida universal que passa... Os teus olhos trazem o perfume dos montes, os crepusculos saudosos, os meus passados assombros.

Eles possuem ainda o encanto dos meus sonhos juvenis.

Eu sonhava-me, então, em interminaveis quedas pela profundidade do Espaço, repassando estrelas, ao de leve envolvido num Eter enternecido. Olhando-te, eu me sinto, de novo, numa queda sem fim, de sentidos apagados, em plena identificação.

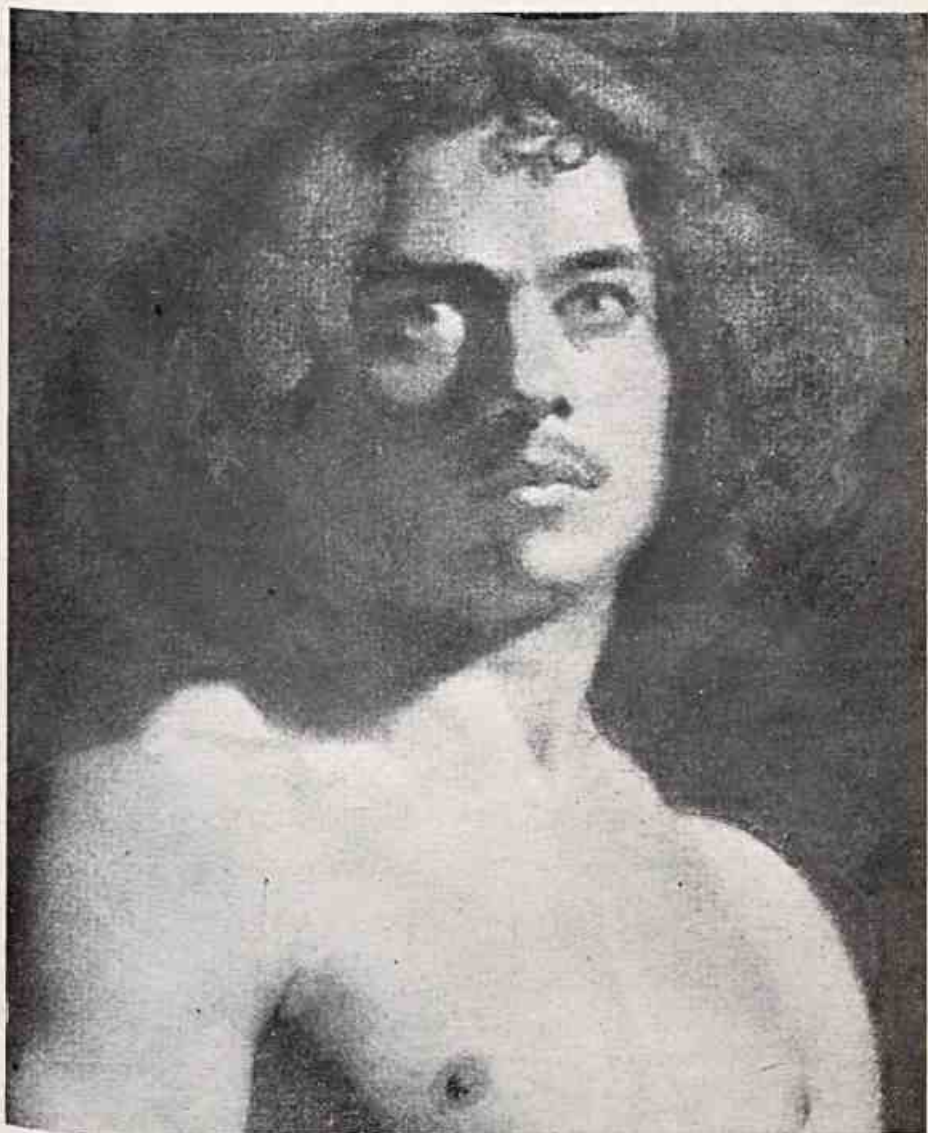
E, se os teus olhos fitam a minha miseria, ela se levanta gloriosa, do horisonte oculto da minha alma. Sob o teu carinho, toda a minha alma incoercivel se revela, em todos os recantos do meu ser penetra uma luz, que os exalta e anima, uma forma de palavra se ergue de toda a a minha anciedade muda. As trevas exultam e cantam, é que *“o abismo fez ouvir a sua voz e a profundidade levantou as suas mãos”*.

Junto de ti morrem as disformidades, e é uma prece de harmonia, jubilo e gratidão todo o meu pensamento.

Quer o nosso povo que o arco-iris vá beber no sorvedouro, abraçando depois o Universo de lado a lado. São duas miserias que, buscando-se atravez do Infinito, se abraçam num beijo de Luz.

Tu és a Esperança, a minha ascenção para Deus, o arco-iris do meu Abismo!!!

Leonardo Coimbra



ESTUDO

De Joaquim Vitorino Ribeiro

VISÃO



LUZ da tarde absorta
Desenha-se em penumbra
A tua imagem morta . . .

E tudo se deslumbra ;
Um íntimo sorriso
De além de ti resumbra.

O dia, de indeciso,
Em noite se intimida,
Ascende ao Paraíso.

Em Morte aparecida,
Tacteando de incerteza,
Vens despertar a Vida.

Imagem da Tristeza,
Teu fluido olhar liberta
Em Deus a Natureza!

Sombra vagueando incerta,
Sonhando ao luar absorto,
Em ti meu ser desperta . . .

Sorri em flôr meu Horto . . .

Mário Barroso

DA MINHA JANELLA



ABRO os olhos tórvos de somno ainda. A penumbra do meu quarto (ultimos vestigios da noite) vae-se escapando pelas friestas de oiro. Em volta de mim, as cousas familiares reconquistam suavemente a perdida fisionomia. Espreitam-me atravez da claridade indecisa. Algumas envelheceram... As suas tintas desbotadas comparo as minhas primeiras brancas. Outras conservam a sua antiga velhice inalteravel. O seu vulto ergue-se como que além do Tempo, esculpido em silencio e indiferença...

II. Levanto-me do leito. Abro a janela. Uma onda de sol penetra no meu quarto; eu e ele sorrimos... Lá fora, os passarinhos cantam a sua alegria ingenua, dos primeiros tempos. As seivas reanimam-se nos velhos caules, e as folhas amarelas do outomno vagamente reverdecem. O vento define e azula os diáfanos longes montanhosos, florecidos de sol... Ha uma illusão de primavera na Paisagem. Sente-se que ela sonha...

III. Vi passar, agora mesmo, a Silvana, tangendo os bois para o monte. Vão submissos, humildes, sob o influxo d'aqueles olhos que parecem duas grandes gotas de orvalho, igneas de riso!

IV. A pequena distancia, eleva-se o fumo d'um lar, desenhando, sobre o escuro telhado, o phantasma aéreo da casa.

Perto de ali, a meio da colina, onde raros pinheiros mostram o seu esguio vulto escuro, Silvana guarda os bois. Como ela vive, e transmite a sua vida áquele pequeno êrmo!

Oh, a presença da Infancia!...

V. Conheço-a desde os seus primeiros tempos. A mulher desabrochou, quasi de repente, n'aquele corpo de creança. A mulher, não: a apparencia da mulher.

A côr da sua fronte, a luz dos seus olhos, é puramente animal, sem sômbra de alma...

Por isso, tem a sua fisionomia um ar de crueldade que a afasta de nós, que a torna intangivel á nossa ternura...

Se algum rapaz lhe fala, responde, sem saber, com um sorriso encantador que desespera, porque é longinquo e para todos, como a luz das estrelas... E, se pronuncia qualquer palavra, sente-se que ela se dirige a nós, indiferentemente, por acaso... É um canto de ave.

Mas a sua indiferença resulta, segundo creio, do seu exterior aspecto; é uma attitude da sua Figura, onde as linhas, as formas e as

côres se conjugam para crear a beleza que, de impecavel e remota, nos offende.

O anno passado, por este mesmo tempo, morreu-lhe o irmãozinho mais novo. Eu vi a grande dôr que a affligiu. Vi-a junto do pequenino

(SEGUE NA PAG. 76)

VI. Eis o que eu pensava, debruçado na minha janela, com os olhos no seu vulto distante e na serra do Marão, n'esses altos pincairos de silencio que formam trechos de paisagem lunar, onde apenas vagueamos em corpo remoto . . .

VII. Quando contemplo esta Paisagem, pelo outomno, não sei que tristeza me anoitece . . .

VIII. As cousas que cercam a minha alma, são a areia do meu deserto, a materia do êrmo em que vivo.

IX. Eu choro sobre a indifferença das Cousas . . .

Na morte em que ellas jazem, paira ainda a sombra da remota vida que viveram . . . sombra que se projecta em meu espirito, e é o seu habito de melancolia . . .

X. Vós sois as ruinas do Passado! Ha fraguados que lembram restos de templos, altares cheios de musgo, estatuas de ignotos deuses carcomidas . . .

XI. Todo o sitio êrmo é legendario . . . O seu silencio é feito de vozes mortas . . .

Ali divaga a Tradição, a mulher phantastica, irmã da Musa que me inspira! Em mim, o seu gesto é vivo e aponta para o Futuro.

XII. E vejo a curva dos outeiros, desenhando esqueletos de antigos mares . . . Nas suas formas resequidas vê-se ainda o ritmo da onda . . .

XIII. Velhinhas cousas do principio do mundo, extintas lampadas manando sombra e silencio, refugiou-se nos meus olhos a vossa antiga luz . . . Ali scintila a sua ultima esperanza; ali, nos meus olhos, a luz primordial é um luar saudoso, banhando as cousas — cinza arrefecida onde ella outrora fulgiu . . .

XIV. Velhinhas cousas da Natura, encarquilhadas, pétreas faces que antigas lagrimas modelaram . . .

Rochedos, vales, outeiros, serranias, sois negras ruinas do antigo astro architetado em lavarêdas . . .

XV. Em tudo paira a noite, o arrefecimento . . . E o meu verbo, ó pobre mundo, misera estrela apagada! é um pouco da tua gélida cinza que eu espalho n'este ar mortuario e surdo . . .

XVI. Sempre que abro os olhos, vejo, em tudo, o berço natal da sua luz e o tumulo das suas lagrimas . . .

morto. O encanto da sua face transparecia mais vivo e lucido atravez das lagrimas . . . Eram lagrimas de inundação . . . Dir-se-hiam tom-badas do alto e não saídas de intima nuvem dolorosa . . .

Lembro-me bem d'esse aborrecido momento, do pequeno cada-ver sobre um pobresinho leito que um horrivel grupo de velhas (as bruxas do lugar, talvez) rodeava, espalhando o mau agoiro da fealdade, a tragica fealdade envelhecida surgindo á luz dos cirios . . .

Um ar cinzento penetrava pelos postigos entreabertos e tor-nava-se livido na penumbra interior. Uma gota de chuva, atravez das telhas, caía, de quando em quando, no soalho sujo de pégadas lamacentas. E o seu humido murmurio de ruina casava-se com os so-luços de Silvana afflicta dentro da sua Indiferença . . .

Sobre o tenro corpo arrefecido, inerte, pairava uma atmosfera de dôr. Nos seus labios roxos aflorava um sorriso de outra vida, lon-ginquo, sem destino, e em suas mãosinhas de cêra, via-se o terrivel desapêgo a tudo . . .

Mas o que vive na minha memoria é a imagem dolorosa da Irmã!

Que estranho encanto o da sua fisionomia, depois de lavada pelas lagrimas! A agua aviva as côres . . .

O seu coração vive e sente, afinal . . . De que serve? . . . A vida morre-lhe á superficie do rôsto; ali se condensa e arrefece em formo-sura de Deusa, fôra do nosso alcance . . .

E assim, a tua beleza, Silvana, vae alongando o êrmo em que apascentas os bois . . . porque tu metes mêdo!

Amar-te, seria amar aquele impossivel de que fala a cantiga do Povo:

Quem adora o impossivel
Que esperança pode ter?
Vive n'uma saudade,
Gosa pena até morrer.

E, ai de ti, tambem, se um dia amares! Teu coração ha-de querer aproximar o que a tua Presença, inatingivel, incapaz de ser possuida, afastará . . .

Morrerás da tua beleza!

XVII. Como se lembra ainda o meu coração do seu antigo es-tado acêzo, radiando vida! Se ele pudesse trocar a lagrima que é pelo raio a arder que foi? . . .

XVIII. Mas o proprio Amôr é sombra . . . Tudo, n'este mundo, provem d'uma luz que se apagou . . . Por isso, eu vi na Sombra a essencia das Cousas, a luz da Vida, — a Alma!

XIX. A Sombra é o genio do meu lar, o meu *demonio*, a Voz . . . Gira nas minhas veias com o sangue, turva a lividez dos êrmos, flo-resce as arvores no abril.

Eu penso, e sinto, e vejo atravez d'ela, porque nasci com este

poder de morte que me inspira e permite ver, ainda em vida, o meu Phantasma, divagando no Além...

XX. Ó Cousas, frios destroços d'um grande incendio extinto! Descubro na vossa figura signaes de fumo, nodoas de peccado... Como eu vos amo na vossa humilde escuridade, expiando ignota pena...

XXI. Quando me perco, á luz da lua, na sombra d'um pinhal, comparo a noite e o silencio do mundo com o seu estado angelico de estrela...

E as duas Imagens encontram-se no meu espirito; — uma, sorrindo aurora, coroada de lirios e rosas; a outra, de olhos descarnados, chorando lagrimas de treva.

A Virgem na flôr da idade e o Esqueleto representam, no meu sêr, um misterioso drama...

XXII. Tôrvo de vagos pensamentos, enevoado como o vale do Tamega pelas noites de inverno, abandono a janela; mas a voz amanhente de Maria, que se dirige, em alvorôço, ao meu quarto e parece vir atravez da minha alma, dissipa o nevoeiro que me encobre. A sua presença esculpe meu sêr em novas formas de alegria. Revivo, torno-me infantil como ela. Faz sol dentro de casa. Esta intima velhice de alma perde as rugas e as brancas... Foge-me o pensamento... Sou apenas instincto, expontanea illuminação de espirito.

Vejo Deus pelos teus olhos, Maria, e beijo a Deus na tua face...

Teixeira de Moraes

(Do «Verbo Escuro», a sair).

O LOBO HUMANO



CADA instante aos meus ouvidos
Chega um lamento, um grito, um ai...
Côro dantesco de gemidos,
Detonações, brados perdidos
E o baque surdo de quem cae;

Soluços, boccas ás dentadas
Numa feroz agitação;
Blasfemias, uivos e risadas,
Imprecações e derrocadas
No ronco tórvo d'um tufão!

É o velho mundo a desfazer-se
E é a raça humana que o desfaz!
O Egoísmo em furia a contorcer-se
Todo a espumar e a remorder-se,
Guinando aos pulos para traz!

Trava-se a lucta, braço a braço,
E não ha trégoa nem perdão!
O sangue espirra a cada passo,
Os còrvos cruzam todo o espaço
E o fogo lambe a escuridão...

N'uma alcateia, foragidos,
Os lobos olham com pavor!
— «É o lobo humano!...»

E, commovidos,
Vão para as furnas, escondidos,
Lamber os filhos com amor...

Juarez

ESTUDO PARA O ROMANCE DE DOIS CARATÈRES

(EXCERTO)

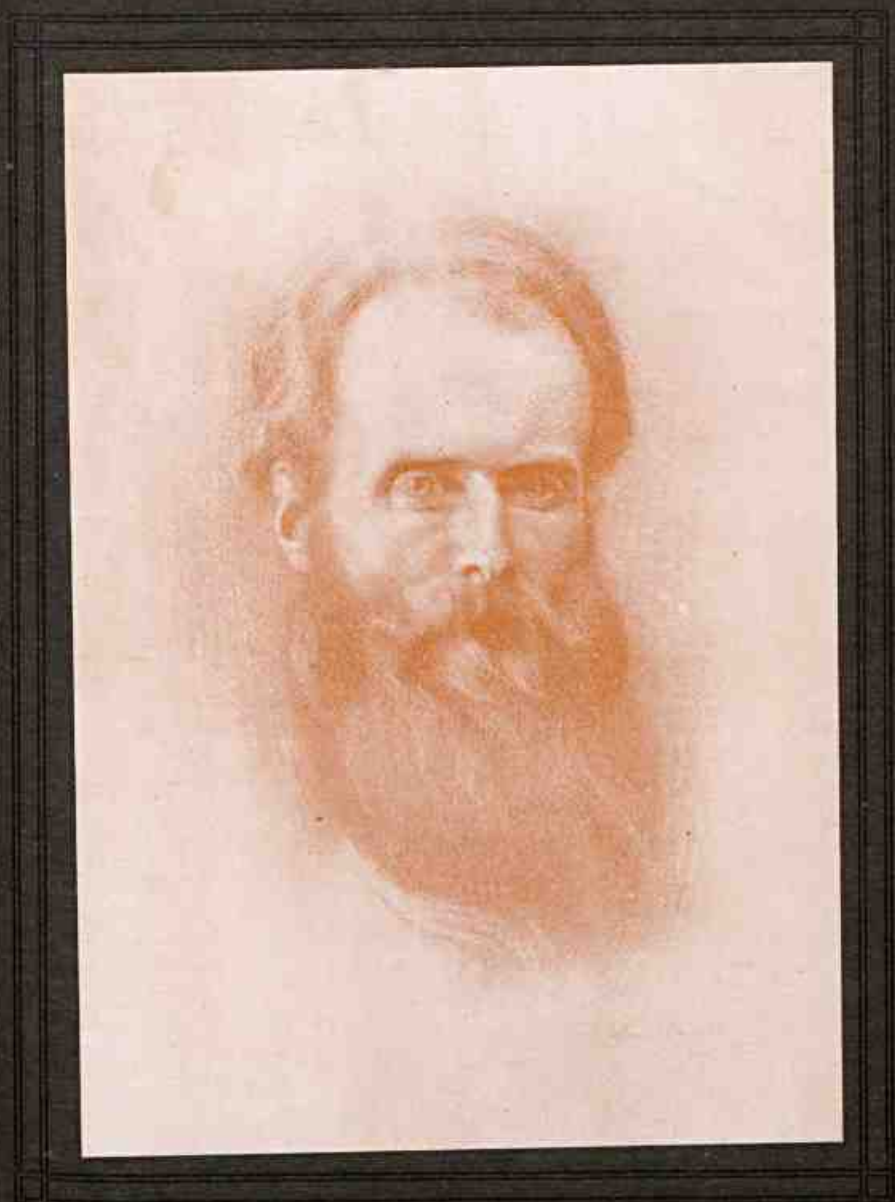


UMA epoca em que toda a gente, com uma obsessão divertida, fixava os grandes olhos parvos de kangurus em Z, um tal, ministro, que havia de suceder a X, tal outro, demissionario, — Emilio e Gustavo, num isolamento aristocratico, liam Tolstoi, Dostoiewsky, Gogol, Ostrowsky, o *Ramayana* e o *Sama-Veda*, o *Rig-Veda* e o *Mahabārata*, a *Biblioteca das sciencias contemporaneas* e as diatribes clastomanicas do phisiologista Max Nordau, Shakespeare e o *Journal des Savants*, e mantinham secretamente, como uma nervosa lampada votiva, o culto goetheano da Grecia do Paganismo. O mesmo desdem magnifico pelas ternuras de familia; o mesmo instinto atávico de vagabundagem que já impelia os Aryas, no seu sonho mystico para o Oriente, mais tarde despolarisava os Phenicios, com a sua monomania centrifuga de instabilidade, que de geração em geração, sempre, sempre, viera atingir a sua forma olimpica e perfeita nesse heleno-latino Lord Byron, Ashaverus de *spleen* e a elles os levava em marchas, para longe, onde escapassem ao grifo deprimente do *homo silex* que as civilisações ressuscitaram; o mesmo sentimento de intransigente analyse com o qual olhavam todas as coisas, um odio equal, nevrotico, desconcertador, por quase todas as frases feitas que um habito imbecil consagrou e os philisteus repisam imbecilmente, e então requintes particulares, fraternos, da vida psychica: a impressão de voluptuosidade intelectual e organica, triplessenciada, que a chuva lhes produzia nos nervos de aristos, hipersensíveis, sobrecitando-os doidamente, assim como certas montras bizarras duma japoneria extranha e fiévrosa; as nuvens que rolam cheias de cinza, num ceu brumático, como corpos nus, atropelando-se, debandando d'alguma Sodoma androgina, destruida pela colera d'um Deus; os amorosos lilazes irradiando n'um copo a sua nubilidade mimosa, cuja folhagem parece beber na agua o philtro magico, fecundante dos amores de Tristão e Isolda; a cõr de ametista vibratil do champanhe que a Emilio tambem o reportava, convulsivo, por uma instantanea associação de ideias, ás lutas athleticas da antiga Helade, á graça rithmica das suas solenidades religiosas, ás *canelures* dóricas, volutas jónicas e frontões polichromos da sua architettura; e ainda as reproduções de certas esculturas internacionaes do francez Rodin; fitas cõr de berilo e oiro-sol, cingindo com frenesis libertinos lascivos cabelos perfumosos de loira ou de morena; o mesmo desprezo atróz pelo burguez, jornalista ou literario, republicano, anarquista, industrial, pelas celebridades muito divulgadas, pela

exteriorisação de todas as homenagens, desprezo altivo (em Emilio exageradamente egotista) que na rua os levava a quasi não olhar ninguem, não podendo — por uma especie de delirio de profundar tudo — como os antigos monjes, possessos de catolicismo e o Des Esseintes de Huysman, subtrair-se ao duro contacto do labôr quotidiano, do *struggle* do soldo a soldo, mesquinho, desprezível, americano, em que os vivos queimam, coração leve, a borboleta da sua ancia irrefragavel de sonho . . . Tudo isto, pouco a pouco, constatado pelos dois, com mimicas vermelhas de regosijo, viera estreitando as suas relações.

Emilio, mais novo que Gustavo dois annos, era uma figura seca e franzina, em cujos olhos duma tristeza infinita e serena, em cuja mascara imprevisita de pezadelo, a vida parece que teimára em fundir todas as nevrôses, caprichos morbidos destructores da vontade e do character, que pelos seculos fóra ella tem vindo a acumular.

Com efeito: irritabilidades deante dum mau quadro ou dum acto de malvadez, das conversas, onde o philisteu chupa, ao desespero. o cigarro das suas parvinhas opinões ou da prosa calma, dócil á força de cosmetico, da prosa arenque-fumada, com resguardos de baeta e maximas de João Felix por via da compostura, que é o rabo-leva das literaturas contemporaneas, — de tudo em suma, que o philisteu consagra ou venera, ou festeja ou adopta, e pelo exatamente oposto, entusiasmos calidos, fogos de bengala de ditos, saphiras de humor feliz, danças de S. Guy de paradoxos, vitraes de lucidas sinteses, fleas vivazes de sol; terrores nocturnos, halucinações, sonhos de ter o craneo aberto e bicos d'aves raivosas lhe estarem repuxando o encephalo, fibra a fibra, de ver uma esquelética mulher côr de absinto, toda angulos, o olhar em adaga, estender para elle os braços filiformes, pegajosos como vermes, e acordando então em suores d'angustia, pedindo — luz! luz! luz! — Meu Deus, não saiam d'ao pé d'elle, ah, não o deixem p'r'ahi só! —; incompatibilidades subitaneas para atravessar um quarto ás escuras, não vão retê-lo devagarinho, tentar sufocá-lo alguns invisiveis dedos malfazejos; um horror fisico pela finalidade, desvairamentos por ter de ficar na lóbrega intimidade da cova, insensível ao tohu-buhu convulsivo que faz a vida esbofeteadá pela Dôr; uma extrema timidez e o amor exagerado pelos animaes, a megalomania e a psicopatia da duvida, a melancolia exacerbada no momento conturbador dos crepusculos, tão viva, terrível e martirizante que dirieis um gume de sabre riscando na espinha dorsal, atrocissima e glácida a ponto de lhe ser forçoso voltar-se a cada momento, como se um olhar o traspassara; uma brava alegria se tinha noticia de naufragios e explosões de minas, massacres ou catastrophes onde baldeiam centenaes de pessoas (oh, que expressões de agonia cruel a surpreender! incomparaveis, completos, japoneses *in rictus* de estertor, fascies tão voluptuosos no calafrio fulvo do *in extremis* como os de Rochegrosse na sua «Morte de Babylo-nia»!); a acrescentar ainda, um desgosto irremovível pelas horas do dia, quando o sol, grosseiro Offenback, anda viravoltando nos salões das praças, pelos corredores das ruas, polkas de luz ribaldeira que



ANTERO DE QUENTAL

De António Carneiro

lhe acendem no cerebro a *scie* orgulhosa de em todos os vultos só ver inimigos irresponsaveis, pequenos monstros infectos, apostados em irritá-lo; tudo coincidindo, para mais, com phenomenos phisicos, taes como: fraquezas musculares, sensações de torno e de capacete na cabeça, perturbações digestivas... tudo, com effeito, dizia eu, conspirava em Emilio para o lançar, Deus o sabe! em uma hora maldita, á carbonosa noite da loucura.

Na sua marcha, por cada cinco minutos, conforme as sensações vertiginosas, dominantes, surpreendia, ora o andar resolutivo, hidalgo, *frappant du talon*, como em Barbey d'Aureville, ora o passo irregular, delirante, dos diabeticos na escuridão.

E quando ria, um riso por pausas curtas, sibilantes, lembrava essas facesinhas sem dentes, caricaturas, dos bebés que têm um ar de velhinhas trôpegas memorando não sei que gasto entrecho da tragedia classica. A reflexão, d'onde, diz Taine, vem a melancolia moderna, transformava, certos dias, essa mascara talhada no bronze de Miguel Angelo, numa cariedade de sombras desgostantes.

Tinha só vinte annos, mas no enigma da boca, no palôr dos olhos, cuja luz vem para nós com «tics» de dedos tremulos sobre feridas, na curvatura patricia do tronco, uma maturidade lazara, murcha, cançada, errava, como phosphorescencia da mocidade morta bem antes de ter nascido, traindo o frenesi duma existencia toda debruçada sobre livros e imagens tristes, donde parece que goteja o sangue de espiritos esparsos de insonias, escruciados em torturas de prometheus.

Sóbrio de movimentos, como um oriental, os seus gestos eram raros e simples, instantaneos, electricos, semelhantes aos primeiros *efforts* dum incendio latente.

Oscar Wilde, levando ao delirio o seu requinte nevrotico: crear animosidade, passeava em pleno Pall-Mall de Londres em gibão e calções, com um toque pitonesco na cabeça, um girasol na mão. Pois no meu vagabundo lucido, no meu desalentado sardonico o mesmo bysantinismo megalomano. Durante mezes vi-lhe eu na orbita esquerda, mordacissimo, um extranho monoculo, óca de côr.

Tinha o amor pelos costumes sumptuosos despejando-se em prégas hieraticas, evocadores da grand'epoca, ultra-decorativos, que, segundo os physiologistas, é uma aberração do instinto da especie. E como nascera pobre affligia-o não poder ostentar um dandysmo cuja caprichosa geometria fosse antisocial, irritante.

As raizes psicologicas da *vis* morbida de Emilio vêm em todos os tratados sobre a degenerescencia dos egotistas, motivo porque eu passo sem as enumerar.

Como o Stockman do «Inimigo do Povo», elle me dizia: «meu filho, o homem mais poderoso é aquelle que é o mais só» e de facto (a vida m'o tem ensinado) falava verdadeiro. Misanthropo, a maneira de Ibsen, só tolerava, como o norueguez, uma unica revolução na humanidade — o diluvio; essa imperfeita, todavia, e o mundo bronco, miseravel, carniceiro, com a sua faina sonambula, não conseguia interessá-lo, escadeirado clovn sem verve.

A esta anomalia psichica ou daltonismo moral se deve, decerto, o seu culto hespanhol, idade-media, por Miguel Angelo, em quem, a par dum genio todo d'agora mesmo, plunivrotico e sublime, feito de combates, de tempestades e pungentissimas dolóras, Emilio admirava, supersticiosamente, a exasperada insociabilidade, desconcertadora dos intimos a ponto de o considerarem doido ou orgulhoso.

De resto a mesma especie de admiração por todos os doentios, os dolorosos, os convulsivos, esses anjos rebeldes que Deus derribou vingativo e bôbo, dos paraísos fecundos do Bem, athenienses olimpicos que vão passando de mão em mão, em turbilhões de vesanias febricitantes, o facho angustioso de *tédium vitae*.

Aquela arte, suada de medos, livida de pezadelos, como que forma esculturas vivas de soluços, beijos, injurias, imprecações, donde, subitamente, gritos estálam que se smórzam, apóz, desfeitos em estrelas... e nessa desvairada noite o pobre franzino se prosternava, sofrendo, cheio dum mediévo pavor lubrico, com toda a sua carne, com todo o seu sangue, com toda a demoninharia dos nervos açoutados.

Elle não lograva soírear guinchos de espanto e ao mesmo tempo um horror jupiteriano, um horror de Brummel e de Petronio, se ao pé de si, num café, entre philisteus archi-prosaicos que espectóram a sua philistine, algum conhecido escrevia de seguida, sem levantar, ou um capitulo de romance, ou uma scena dramatica ou um artigo, uma simples estrophe, uma facil carta.

«Sómente, para o seu fragilissimo organismo esculpir a purpura plastica das emoções, era uma agonia d'esforços sobre esforços, uma raiva sem tréguas, improficua o mais das vezes!»

Marchando, marchando sempre, num delirio ambulante, entre o indigno contacto do mundo que elle não olha, que elle não ouve, ou, longe, no momento dos crepusculos, sob o olhar verde-torvo das arvores, olhar d'ondinas preteridas meditando desforras tragicas, nesse cerebro as sensações entrechocam-se em tumulto, com regougos d'alienados angulando facies humoristicos d'entre a implacavel tréva que os embota. E fugas, evasões, zig-zagues, tremulinas d'instantaneas loucuras eis que surgem; exasperos de virgindade erguendo braços sem mãos, carcomidos, medonhas ressurreições de sensualidades, ha quanto sofreadas! se conflagram, alongando os seus horri-veis ventres de hermaphroditos marinhos (como viboras que libertas d'um demonio hipnótico lhe insinuam a áspide, traiçoeiras, em crispaturas verde-negras de revindicta); forjando labyrintos sardonicos ao fio d'agua da idea ou da imagem que se entortilha e hesita, vae a esvaír-se e lá insiste, cada vez mais debil, para se sumir em lamas de impotencia, sem, quase sempre, uma fibrilha ao menos ficar da exhaustiva luta.

Emfim, extenuado, o espirito sangrando, o systema nervoso lasso de vibrar, as sensações lá se tornam (quando se tornam) imagens: mas agora ainda outro grande martirio, um flagelo maior para os moldar em phrases com sentido, sem multiplicações de *ques* nem termos repizados ou velhótes, phrases que nos deem as coisas como

creaturas, com a vida delirante que ellas teem, e quando definam sons nos turbem o ouvido, quando um perfume, sejam perfume, um quadro ou escultura, deliciem a retina. Se por acaso ei-lo consegue jeroglificar as taes phrases no papel, Deus sabe se o satisfazem, se o não ulcéram de furias pelo sem sangue de tal passagem e a falta de heroismo de tal outra...

Isto tornava-o casmurro, basfemador das artes da escrita. Estava constantemente, portanto, em desacordo contra tudo o que existe. O facto de um conhecido concordar com elle trazia-o, muitos dias, cheio de coleras.

Preocupava-o ultimamente a ideia de poder ir, como o heroe de Huysman (de quem herdara a allotriophagia) corromper os pequenos operarios que desabelham d'uma labuta inutil, errantes, bambaleantes, maquinas rudes de servilismos, grisalhos e em bandos, pondo uma agua-tinta de pavôr na sombra côr de terra-de-sienne do entardecer; infiltrar-lhes, por successivas, pacientes cathechéses, os germens de sinistras revoltas que os inflamassem numa explosão vermelha, pirotechnica. Era de vêr tambem as glotonorias postas na construção de blagues, trocadilhos e neologismos (*rei-learismo*, por exemplo, em vez de denuncia servil) e o seu amôr histerico pelos perfumes — « uma das suas razões de existir. »

Tinha o horror pelos termos baixos, vulgares, como esse Alcibiades, duma beleza insolente e soberana, que sustentava dialogos com Socrates.

A sua *hantise* pelos « olhos pretos » era preciosa. E sobre uns olhos pretos que certa noite o fitaram (noite de festa num jardim) são estas phrases de febre: olhos de lady Macbeth que parecem feitos de coágulos de sangue azul do rei Duncan, ora spasmicos ou convulsivos, como se por dentro uma vibora constantemente lhe estivesse mostrando e escondendo a terrivel cabeça maligna, nocturnos olhos ataxicos como se em tudo vissem chagas incuráveis e olhar lhes fôsse, por conseguinte, um inferno; garras de pantera envoltas no mais inefavel dos veludos... olhos que eu sinto, em horas de delirio, virem poisar nos meus, como duas borboletas negras agoirando. »

Contudo este sceptico de vinte annos, este pessimista á Nietzsche, punha pó d'arroz e havia nelle o sentimento do belo hiperagudo, a mesma ancia de *jouissance* estética que impelia Euripedes a combater nos jogos de Eleusis e o joven Sophocles a apresentar ao povo de Athenas a harmonia loira da sua nudez.

Tambem não pertencia, de modo algum, a essa hórda de barbaros, azafamada e bronca, a quem a ideia duma *souffrance* na volupia enche de pavores, como a sombra de Banquo a Macbeth: bem imparcialmente se lhes distanciava, porque havia na sua sensualidade biceps de gladiador, ancias de gritos e de crispções, raivas de dolorosos spasmos e fulminantes combates.

Corpos esguios e flexuosos de ephebos, bustos de Antinus, primaveris, estatuas vivas de coral, onde os olhos brilham como duas melancolicas estrelas da tarde; e vós, precoces mulheres inda sem sexo, cujas saias curtas dir-se-iam ter nas pontas gumes de chasco, impla-

caveis, vós que sois em carne, musicas do Meyerbeer, alegres, vivas, cheias d'impetos e fugacidades, desfaldando ao ar pavilhões escarlates de saúde, auriflamas de humor e graça lúcila; tranças magneticas onde deliquescem tons d'ambar-gris ou com reflexos raivosos d'asa de corvo; olhos *crystalinos* de creanças, mais crueis que a ponte do inferno dos turcos, feita dum gume de sabre atravessado num abismo... oh, vinde apaziguar-lhe a queimadura horrivel da volupia que o halucina!

Como requinte maximo elle gostaria de amar com um amor suicidante, heretico, anti-humano, alguma hiperbórea *musmée* ainda impubere, num pagode, ao fundo dum parque, á hora da noite « em que a gota d'agua cae sobre a clepsydra de jade sonóro e a flor que cresce no palacio da Lua abaixa a sua sombra sobre o cimo das arvores»; ver-lhe tumescer, tetanizada de lascivia, a facesinha de oriental, toda em linhas chimericas e silvando luxuria as pequeninas mãos tão diaphanas que deixam de ser mãos de carne p'ra sugerirem estofos de seda bordados a fios de casulo; senti-la emfim monstruosa, esfuriada e nua, sobre o seu corpo, prosternado na liana do gozo, ah, senti-la estortegar-se em furias azues-lividas de vampiro.

D'ahi, dessa sensibilidade, exageradamente *maladive*, a sua prosa não ter « o estilo aulico e cardealesco » pelo Dante preferido e antes ser uma admiravel couvulsão de nervos em delirio que lembra a opinião de Taine sobre Michelet: « il outre l'excès de la passion; il n'écrit que par petites phrases saccadées qui ressemblent à des accès de douleur. » Prosa para ser lida declamando, onde ha coleras, insultos, sonhos, esgares, phantasmagorias de noites brancas, dolorosas ternuras e eclampsias cruciantes, soluços de nereide, embevecimentos e esse riso de hiena, rir de dentes carniceros, ávidos de prêsã — para mim vedeta da loucura que avança cautelosa.

Exactamente porque no mundo tripudiam hediondez, animalidade e o obtuso senso pratico é que o meu amarelento detestava o mundo.

No Hospital da caridade, em Sevilha, Valdés Seal tem um quadro... Representa um caixão aberto com o cadaver, cheio de vermes, d'um arcebispo em capa e mitra. Pois atravez de cada vaidade, de cada imbecil passando em cadeira de rôdas para o nada das glórias terrestres, em cada rosto de mulher por esses passeios resvalando com um tom idiota de estribilho, repetido em edições phantasticas, por costureiras falhas d'inventiva —, Emilio via o cadaver do arcebispo cheio de vermes. A imagem da contradicção entre este cerebro feito do delirio e extravagancia, de desesperança e histeria e os equilibrios normaes da vida, encontrei-a numa reprodução da *Barca* de Gleyre:

Sentado na praia, com um olhar que bebe na alegria as energias halucinatorias da dor, o Poeta vê ainda as coisas plasticas e belas, para elle representações, alegorias triumphaes do amor e da esperança, entoando evohés, do Desejo *reussi*. Como uma bandeira estendida sobre o corpo dum heroe, o crepusculo vem trazer, com a sombra inefavel, a recompensa, postuma, ao fulvo sol, moribundo e

vencido. E elle comprehende, elle adivinha, elle descobre a frivola mentira dessa vida radiante, tangivel ainda e já afastar-se. Mas a noite espia, a funebre amante dos corvos, a noite vem ahi, cada vez mais proxima, cada vez mais inexoravel, razando as azas, aguia duma fauna d'impossivel classificação, esfuriada, louca por escorchar a pupila cor de opala do dia a extinguir-se, que trepida acolá, desvairada, afôga-se em névoas, bruxoleia e cêga na grande agua imovel.

... E a barca desaparece, levando consigo as Imagens magnificas... e, como as tres palavras do Festim, terrificantes, os olhos vêem ficarem sós, amarissimamente—o ceu sem reflexo, a agua imovel e o Homem que se resigna e cála.

Mais um momento, só um momento... agora apenas se distingue uma mancha espessa de bitume, por onde, dirieis, a morte vem arrastando a sua cauda lastimosa.

Phisicamente o pólo contrario de Gustavo, em quem o enfêzado admirava o vigor muscular á Antéro e como um Santo Antero preocupado com equações d'algebra do progresso moral. Com effeito o que Gustavo detestava em Emilio era o seu descarte da *sympathia* base do edificio social, era o seu pessimismo feroz.

Elle ainda acreditava em renovações lentas, serenas, transmutando em phalanstério lúcido, a malfadada Capharnaum de embustes. Este renovamento viria, dizia elle, pela ascenção nas almas do progresso moral, paralelo ao progresso scientifico, social. E ficava sonhado humanidades môças a comungarem a hostia da Bondade, da Egualdade e do Amor panteista; os homens aspirando, como budhas iluminados, purificados de toda a culpa, por um ideal de graça que morreu, a mulher tornada de odioso impecilho em afavel colaboradora de todas as horas do homem, redimindo pelo amor cristalino, altissimo, sem calculo, o seu peccado de ter nascido mulher; toda a obra d'arte e da intelligencia tornada, enfim, *producto* imprescindivel na harmonia estelar do universo e cuja recompensa variasse conforme o seu valor intrinseco ou relativo, o tempo gasto, as inergias dispendidas.

«Sê bom para tudo o que existe. Vivâmos felizes, não odiemos aquelles que nos odeiam, vivâmos livres de odio no meio d'aquelles que nos testemunham odio». Os versiculos do *Dhammapada* hindu e do *Fo-sho-king-tsan-king* chinez, as doutrinas moraes dos brahmanes e dos áryas, prêgadas pelo príncipe Buddha é que pelos tempos fora vieram espalhando Confucius, Mahomet, Socrates, Jesus Cristo, Antero e o mujik Tolstoi, archi-possesso de genio...

Mas tinha conhecimento d'alguma traição, d'alguma cobardia ou d'alguma mentira tramada por inimigos reptis, então a sua colera relampaguejava, colera euripideana dos justos por Emilio comparada aos acessos epilepticos que, conta Renan, paroxismavam, no emurcheccer da vida, o doce rabbi da Galiléa.

As mesmas preferencias intellectuaes em ambos.

Gogol, das «Memorias dum doido» e do «Manteau», Dos-toiewsky, Tolstoi, Ibsen, Oscar Wilde, Huysman, os dois Goncourt,

o Ramayana, a Biblia com o Cantico dos canticos, o Livro de Job e os Evangelhos, os hymnos buddhicos, quase toda a literatura oriental, os gregos e livros de sciencia, provocavam, nestes supremos gozadores da vida do espirito, extases de Santa Tereza devota. O mesmo gosto em recitar pateticamente certas phrases das «Almas mortas» de Gogol e as ultimas linhas, magistraes de piedade, das «Memorias dum doido», ou ás noites, nas suas marchas sentimentaes, sob os soluços lascivos da chuva entregando-se debilmente á erotomania furiosa do vento, murmurar, convulsos, numa religiosidade, onde lagrimas se cristalisam, versos de Verlaine ou fráses de Fialho, esculturas sideraes da emoção, duma beleza unica em todas as literaturas.

Na leitura da Biblia e do Ramayana encontravam elles a verdadeira vida, a vida una e toda poderosa, diversa da vida falsa que os burguezes fizeram com a sua civilização, da vida abhominavel que os nossos paes nos legaram e de quem nós herdamos, com nuances maravilhosas, os tics degenerativos, os medos, os esperecimentos do caracter e a resignação vaidosa na fatalidade. Precisamente o que os fazia preferir a literatura adusta do Norte a todas as outras literaturas modernas, era o visível antagonismo moral, na primeira, entre a fatalidade e a consciencia.

A apavoradora impressão de fatalidade que pésa sobre a vida, e que é nos escritores do norte o elemento principal de toda a *souffrance*, o romancista saxonio ou latino (o Deus Zola e o grande Balsac á parte) não a sabe fixar senão por kodaks dum bysantinismo frivolo, em vez de insculpir, com ella, como os verdadeiramente grandes, baixos-relevos cheios do horror gélido e da angustia pesada que tem certos cantos sombrios do Inferno e os capitulos dos tratados de teteralogia. Nas monografias nervomanicas, estravagantes, das populações loiras ou trigueiras do sol e do *ghin*, a victima, não podendo ter repellido o seu vencedor, refugia-se numa resignação absoluta, numa quase passividade satisfeita, tomando philosophicamente prompto-alivios.

Ah, mas como tudo difere nesses analiticos dos gelos arcticos! Ahi constantemente passa o vortilhão ululante dos «humilhados e ofendidos», arrastando o castigo de haverem acolhido na sua argila o fogo divino de Prometeu, caindo debruços, tetanisados de remorsos, bebados de sofrimentos, sob o calmo flagelo dos fiordes e da stéppe, faces crispadas de vicios, horriveis ankyloses moraes, que a memoria se lembrá de ter encontrado já nas mesas de marmore dos frigeriferos.

MONUMENTOS DA ARTE

considerados como subsidio para a Historia da Civilisação portuguesa

CONCLUSÃO

PASSANDO a examinar as taboas antigas sob o ponto de vista das artes industriaes ou sumptuarias, entramos no vasto campo do inventario historico nacional que reclama a organisação de uma serie de monographias, para as quaes já contribuimos com differentes estudos no decorrer dos annos. N'este logar temos apenas tempo para algumas indicações; limitar-nos-hemos a assignalar alguns capitulos avulsos, como amostra:

1.º Ceramica — A *ceramica nacional*, representada pelo vasilhame de origem popular e pela faiança artistica, vidrada e pintada.

O azulejo apparece raras vezes; é mais frequente o mosaico dos pavimentos, não sendo facil distinguir o que é lavor propriamente ceramico, cozido ao fogo, e obra de marmore em mosaico, revestindo os pavimentos.

2.º Tecidos e moveis — Os tapetes são frequentes, com desenhos accentuadamente orientaes, o que não significa sempre importação exotica, porque os estofos das officinas mouriscas foram celebres durante seculos e serviram para adornar faustosamente as habitações e realçar a belleza dos moradores. Sendo raros, em geral, os moveis de lavor precioso, com seus embutidos e incrustações de gemmas e esmaltes, mais raros appareceram na casa mourisca, onde prevaleciam os divans, cobertos de almofadas artisticamente bordadas.

3.º Paramentos. Vestuario — E' admiravel a abundancia e riqueza prodigiosa dos paramentos; e com este termo abrangemos não só as peças de vestir do culto religioso, mas as do uso profano. As salas de lavor das nossas rainhas e infantas serviram de modelos ás officinas dos conventos de freiras; trabalhou-se por toda a parte com a maior diligencia e primor, como se póde ainda vêr pelos numerosos exemplares conservados em museus e nos templos. O luxo dos trages está comprovado em innumeradas descrições de auctores, e nas *Leis sumptuarias* desde o sec. xiv; basta folhear o *Cancioneiro geral* de Garcia de Resende, uma mina de informação abundantissima para todas as artes decorativas.

4.º Armas — Uma epoca heroica, como a das descobertas e conquistas devia ter, e teve, em grande conta as armas offensivas e defensivas e o seu adorno. Nas guarnições custosas, buriladas e esmaltadas, mostrou o ourives portuguez uma arte consumada; pena é que os exemplares conservados sejam muito raros; o ouro, a prata e

as joias dos côpos, dos punhos e das bainhas sofreram as transformações da moda, as armaduras pesadas, até certo tempo o encanto e o orgulho dos cavalleiros, foram depois peças de adorno incomparáveis, subordinadas a uma technica complicada (lavors de damasquino, de tauxia, lavor de martello, etc.)

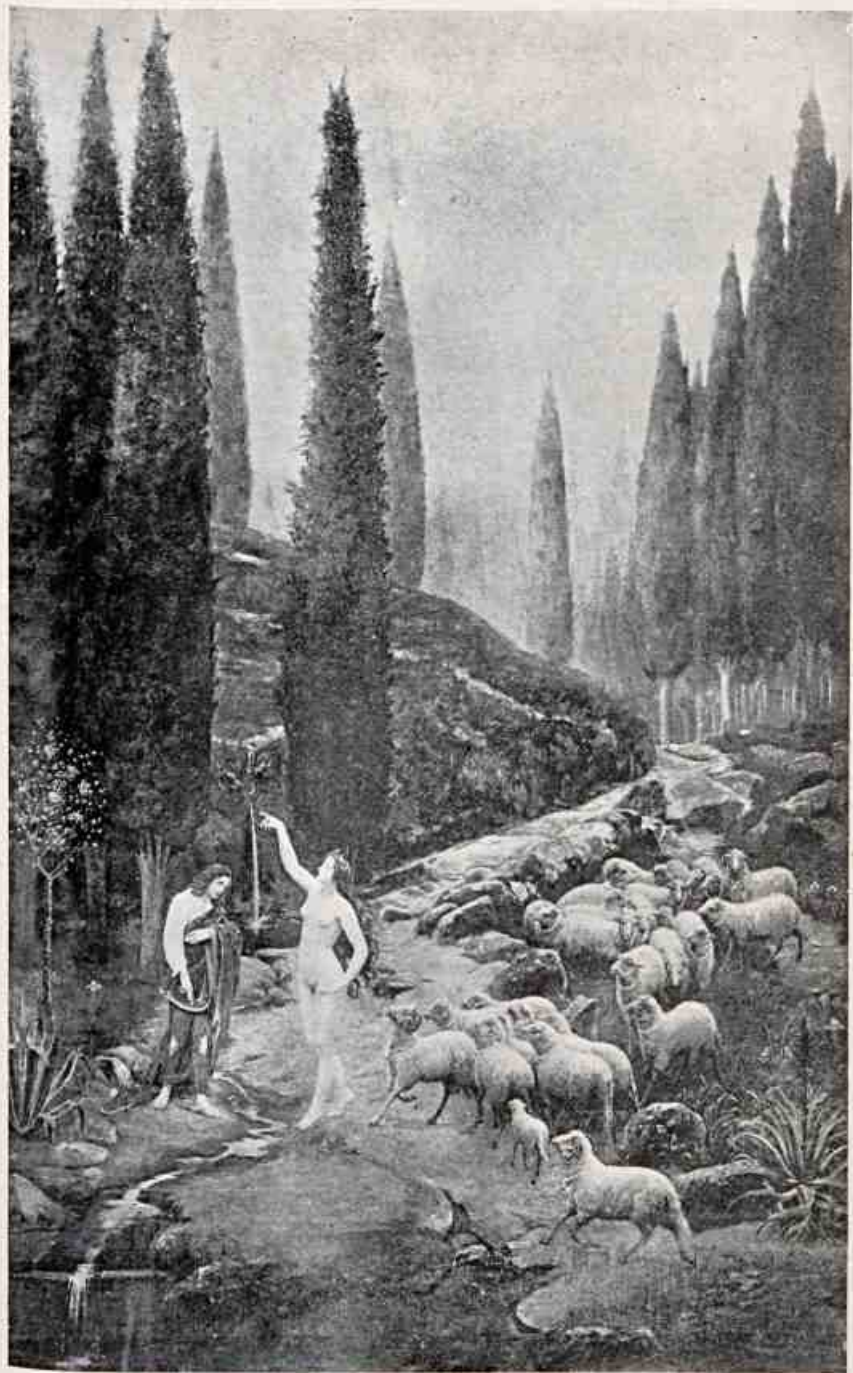
Os quadros de Nuno Gonçalves (1) (serie de S. Vicente) offercem excellentes e numerosos exemplares de estudo. Como as collecções nacionaes são pobrissimas em armas dos sec. xv e xvi, a pintura nacional antiga mais uma vez nos compensa e consola da incrível penuria dos museus; permite-nos uma preciosa reconstituição archeologica e historica.

5.º Ourivesaria e Joalheria—Este grupo constitue ainda o mais abundante, mais variado e, quanto ao merecimento artistico, talvez mais saliente thesouro retrospectivo.

E' certo que as collecções publicas e as riquezas particulares das egrejas e confrarias representam todavia um contingente de excepcional valor; mas elle não dispensa o estudo complementar dos exemplares reproduzidos nos quadros chamados gothicos ou da escola antiga portugueza de pintura. São tantas, em numero, as peças; tão variadas nas fórmãs, na ornamentação e no destino religioso e profano para que foram creadas que bem merecem um inventario á parte; accresce a circumstancia de estarem nos mesmos quadros archivadas innumeradas joias para uso profano da côrte e para ornato de santos e santas, que desapareceram, por exemplo: coróas, diademas, brincos, collares, aneis, cadeias, broches, firmas, medalhas, pontas de ouro e outros muitos enfeites do toucador antigo. A joalheria nacional anterior ao sec. xvii constitue um capitulo precioso da vida profissional da officina portugueza, que nos ajuda, talvez mais do que nenhum outro, a reconstruir determinadas feições do character nacional. Nenhuma industria d'arte conservou como a ourivesaria e joalheria (ora ligadas, ora separadas) mais fielmente certas tradições nacionaes, sob o ponto de vista dos costumes e das crenças populares. Causa profunda pena observar como nos ultimos tempos essas tradições se vão apagando com a invasão de fórmãs e

(1) A publicação da excellente monographia de José de Figueiredo (Lisboa, 1910) sobre este grande pintor, enriquecida com magnificas illustrações, facultou, pela primeira vez, aos estudiosos um exame minucioso dos seus quadros sob o ponto de vista historico e artistico. Até allí eram apenas conhecidos pelos nossos folhetins no *Commercio do Porto* (1895).

O estudo comparado dos antigos quadros portuguezes, espalhados pela capital e por diferentes centros da provincia, foi feito principalmente com o auxilio das collecções Laurent (Madrid) e Rocchini (Lisboa) e das reproduções que devemos ao obsequio do fallecido Bispo de Vizeu (D. José), e aos nossos proprios trabalhos em Evora, etc. E' evidente, porém, que as reproduções dos quadros nacionaes devem ser feitas em muito maior escala, em grande abundancia, systematicamente, por todos os centros conhecidos e com o esculpulo cuidado com que procedeu José de Figueiredo. Uma exposição comparada d'esses quadros seria o melhor meio de propaganda, que andamos lembrando ha trinta annos, (debalde!) ligando a exposição a uma conferencia ou pequeno congresso dos especialistas nacionaes, para realisarmos uma discussão criteriosa.



SAGRAMOR

De Leopoldo Battistini

feitos chamados *modernos*, como se a moda quizesse abastardar a mais querida industria d'arte do povo portuguez.

Ella resistiu á desnacionalisação dos trajes populares, que são nos museus ethnographicos estrangeiros um recurso de estudo incomparavel; mas a indiferença geral tem consentido no abandono de tantas industrias populares, distinctas pelo seu accentuado cunho artistico, que muito receiamos pela sorte da ourivesaria popular e das bellissimas fórmas a que ella se affeiçoou.

N'este esboceto incompleto deixámos apenas indicações que poderão servir a ultteriores trabalhos. Havendo nas collecções publicas portuguezas, ainda as mais ricas, tantas lacunas a preencher, porque faltam typos artisticos, authenticamente nacionaes, para os representar, e não havendo já esperanças de os encontrarmos, no espolio conventual, que está positivamente exaustó, resta-nos o recurso de os inventariar indirectamente nos documentos da arte antiga. Para esse grande trabalho, concorremos com esta tentativa.

Os theoremas que seguem impressos foram delineados para serem apresentados n'um Congresso internacional de historiadores especiaes da Arte em 1912. (1)

Portugal não tem tido representação official nem particular n'esses certamens, infelizmente; se algum dia o conseguir, talvez possam ser aproveitados, estando agora ligados a uma tentativa de demonstração, inedita, que, apesar de ser muito resumida, offerece á discussão numerosas questões interessantes, ainda não tratadas, segundo nos parece.

Não temos duvida em imprimir os theoremas ineditos de 1912 sem alteração, apenas ampliados n'alguns pontos, ficando d'este modo sendo os prolegómenos de um curso de historia da arte peninsular, como entendemos.

Filiam-se os theoremas em estudos do autor de ha trinta annos, publicados em numerosos volumes e espalhados por importantes revistas, como o leitor conhecerá, consultando as annotações, que contem sómente as indicações bibliographicas indispensaveis, porque o curto prazo concedido para a redacção e impressão d'esta these de concurso não permite maior desenvolvimento, e ainda porque a bibliographia da archeologia e da historia da arte tem sido objecto de estudos especiaes do autor, já impressos. Para elles remettemos o leitor.

(1) Foram depois enviados tambem ao Congresso internacional de historia, celebrado em Londres, na primavera de 1913, congresso em que o autor se inscreveu.

THEOREMAS PARA O ESTUDO DA HISTORIA DA ARTE NA PENINSULA E ESPECIALMENTE EM PORTUGAL

O desenvolvimento das artes n'um paiz e das industrias depende sempre de uma triplice collaboração:

- I. Acção da egreja: Ordens religiosas e clero parochial.
- II. Acção da officina (monastica e livre, ou profana) e do elemento municipal.
- III. Relações economicas e commerciaes dentro e fóra do paiz.

A influencia da corôa—melhor: das dynastias—não foi tão preponderante como se julga: o monarcha, a côrte obedeceram—foram levados irresistivelmente (sem o saberem, na maior parte dos casos) pelas correntes dos INTERESSES MATERIAES, formidaveis, que as descobertas maritimas desencadearam.

A Europa estava exhausta, perante a bancarrota economica. Vid. nossas indicações de 1877. *Arch. artist.* fasc. iv Durer. etc.; A Feitoria de Flandres, etc., etc.

JUSTIFICAÇÃO DO ENUNCIADO SOB O PONTO DE VISTA GERAL

I. A influencia da Italia é intermitente; a sua arte é profundamente erudita, de tradições encadeadas, e foi sempre muito dispendiosa pelo emprego dos materiaes os mais nobres.

II. A influencia dos Paizes septentionaes está ligada a interesses economicos e allianças politicas das differentes dynastias reinantes. D'ahi a funcção extremamente importante dos *Consulados* e das *feitorias* (1). Os feitores eram os diplomatas dos sec. xv e xvi.

III. A Italia, dividida internamente pelas *Tyrannias* dos cabeças de familias—mais tarde os duques, principes, marqueses, etc.,—da Renascença, só nas prosperas republicas commerciaes: Pisa, Genova e Veneza teve um elemento compensador, durante as luctas que a dilaceraram durante a Edade Media e a Renascença. Foram os *Tyrannos*, que chamaram as duas monarchias rivaes de Carlos v e Francisco I de França aos campos de batalha e cercos monumentaes da Italia.

(1) *As feitorias* portuguezas de Bruges e Antuerpia, de Rouen, de Lyon, de Lübeck, de Bremen, de Danzig, (Gedanum), de Hamburgo; os *hospícios* de Santo Antonio dos Portuguezes em Madrid, em Roma, etc.

As Academias de Portugal, subsidiadas pela corôa (D. João v), na Italia.

iv. As duas influencias — da Italia e dos Paizes Septentrionaes não luctam na península; correm parallelas, ou vivem promiscuamente.

Apenas os eruditos luctaram theoreticamente, e deixaram d'isso documentos valiosos (1).

v. A arte nacional assistiu quasi indifferente á invasão de ideais e motivos estrangeiros.

D'ahi a sua feição singularissima e UNICA até hoje, na arte popular, que é da Pre-Historia e Proto-Historia.

Pouco assimilou; e esse pouco sem methodo. Qual a causa? desorganisação, ou antes: tardia organisação da officina e dos mesteres e confrarias; compare-se com a Hespanha: Aragão, Catalunha e Valencia.

O que valeu á Hespanha:—Barcelona!! *O Consolat del mar* e sua influencia na civilisação do Mediterraneo.

vi. As relações de Portugal com o Aragão, Catalunha e Valencia—sobretudo desde D. Diniz e a Rainha Santa, sua esposa, é um capitulo—inedito, e da maior importancia.

José de Almeida

(1) Jean Van-Eyck;—Sansovino (Andrea) nas côrtes de D. João I e D. João II. Themas a desenvolver: a pintura *al fresco* não está em boas relações com a pintura em taboa. A esculptura de imagens só em tenues relações com a estatuaria.

Nuno Gonçalves e as pinturas monumentaes da Capella Sixtina. As artes decorativas: Ceramica — Sgraffito, mosaico — intarsiatura, esmaltes sobre barro e sobre metal. O niello dos ourives e dos gravadores; os varios processos da Toreutica. Emfim: a arte da Imprensa, inventada cerca de 1440, de mãos dadas com a *Xylographia* — Tudo acudiu á península, um pouco em tumulto!! — *immigrações artisticas* de que tratei nas minhas theses de 1877-1882, perante a Academia Real das Sciencias de Lisboa.

Nova teoria do Sacrificio

XIV

A CAUSA da quebra da primitiva periodicidade sexual do homem, deve ser procurada na mudança de alimentação e no desenvolvimento mental que a acompanhou. Já vimos que a domesticidade tende a perturbar a periodicidade que existe no cão selvagem, e communicou-me um distinto medico naturista, frugivoro puro, a observação pessoal de que as necessidades sexuaes são menos imperiosas no frugivoro que no omnivoro, o que, de resto, se encontra consignado nos tratados especiaes de dietética. Varias causas ainda, a cohabitação, o vestuario, o amor, seriam tambem poderosos factores para o novo regimen sexual.

Cumpra agora perguntar: a alteração dos velhos habitos do antropeide, o abuso da funcção reproductora, não teria uma funda repercursão no organismo? Sem quereremos entrar em desenvolvimentos que seriam longos, e aqui descabidos, diremos no entanto que, depois que a alimentação e a anormal intelligencia crearam a *liberdade* sexual, foi a intelligencia a seu turno poderosamente estimulada pela maior frequencia e intensidade das representações sexuaes.

Régis, na ultima edição da sua Psychiatria, vulgarisa as ideas da escola freudiana, que dá como causa ás diferentes nevroses, emoções sexuaes (1) e o Dr. Hericourt, um dos mais notaveis higienistas franceses, insurge-se energicamente contra o facto de, em todo o tempo, se realizar a união dos sexos. «Sob o ponto de vista da sua hygiene, sob o ponto de vista da sua saúde, da sua actividade, das reservas da sua vitalidade, o homem, procedendo assim, comete faltas graves, cujas consequencias explicariam não só muitas crises de decadencia individual, mas talvez ainda muitas perturbações sociaes.» (2) Falando depois nas prescrições hygienicas dos hindús, comenta: «a influencia deprimente do acto genésico não tinha escapado, com efeito, a estes maravilhosos observadores.» (3) Tambem á quebra da periodicidade attribue o sabio higienista grande numero de casos de histerias, neurastenias masculinas, (4) loucura, (5) etc.

Estas duas modificações da vida sexual, mudança de attitude e abandono da periodicidade, entradas na tradição, deviam influir nos

(1) Régis, «Précis de Psychiatrie», 5.^e edition. As edições anteriores não trazem a teoria de Freud.

(2) Dr. J. Hericourt, «L'Hygiène moderne, 1907, pag. 96.

(3) Id., pag. 101.

(4) Id., pag. 90.

(5) Id., pag. 97.

mitos e ter a sua representação em ritos. A influencia nociva da quebra da periodicidade manifesta-se, quanto a nós, no papel attribuido á sedução da mulher nos mitos da queda do homem, e breve veremos qual a sua importancia nos costumes religiosos e mesmos profanos.

Agora mostremos um rito curiosissimo, componente do sacrificio na Índia, que evidentemente se filia na mudança de attitude no acto sexual. E' de Silvain Levi a transcrição: «O *adhvaryu* quando o *hotar* lhe dirige o apelo sacramental, deita as mãos ao chão, e desvia a cara; é que os quadrupedes se collocam assim para emitir o sémen. Depois o *adhvaryu* levanta-se e colloca-se em frente do *hotar*; é que os bipedes collocam-se frente a frente para emitirem o sémen.»⁽¹⁾

Os desvios apontados influiram grandemente nos diferentes mitos e cerimonias religiosas. Uma consequencia da periodicidade sexual e que ao mesmo tempo a demonstra, é o facto dessas singulares festas orgiasticas que em épocas proprias se realisam, épocas que coincidem em regra com os periodos sexuaes da espécie humana. Para explicar as diversas fazes dessas festas, temos de recorrer á fusão de mitos e ritos, que será objecto dum capítulo especial. Bastanos agora salientar o factor sexual dessas festas, as desenfreadas orgias, a prostituição ritual. Compreende-se a sua origem. A tradição, reforçada pela impulsão dos sentidos, relatava que outr'ora, em determinado periodo, o commercio dos sexos era natural e livre. Dramatisava-se essa tradição, na época propria, com tanta mais boa vontade quanto, sabemos, era precisamente esse o periodo da maior excitação genésica. E, comprehendido o espirito dessas festas, immediatamente se desvendam antiquissimos ritos e particularidades que pareciam sem sentido. Muitos têm visto a relação entre essas festas e a periodicidade sexual, Havelock Ellis, por exemplo, a cujo trabalho já no anterior capítulo nos referimos: comtudo o que não viram, cremos, foi que essas festas são, não a primitiva impulsão pura e simples, mas um drama, uma representação da tradição da periodicidade sexual. E a prova é que são festas, com cerimonial determinado e figurantes proprios, além do povo que nelas intervinha.

Um exemplo interessante dessas festas, entre os selvagens, é a que se faz em Bengala. «Os *Ho*, escreve Dalton, são em outras estações do ano, tranquiços e reservados, e muito cerimoniosos para com as mulheres; mesmo quando lhes fazem a côrte, nunca excedem os limites da decencia. As mulheres novas, ainda que espirituosas e mesmo maliciosas, possuem uma noção inata do que convem, o que as torna pudicas embora sem affectação, e não parecem fazer uso deste vocabulario obsceno de que de tão bom grado abusam as mulheres de Bengala. São muito sensiveis a palavras grosseiras, e não as preferem a respeito d'outrem. E desde que aprenderam a usar vestuario, vestem-se com tanta decencia como graça. Mas tudo isto abandonam por ocasião da festa *magh*. O seu character parece sofrer então uma mudança temporaria. Os rapazes e raparigas falam a seus paes,

(1) Silvain Levi, «La Doctrine du Sacrifice dans les Brâhmanas», Bibliothèque de l'École des Hautes Études, 1899, pag. 107.

em termos baixos e da mesma forma os paes aos filhos. Os homens e as mulheres obedecem ás suas inclinações amorosas como se fossem animaes. *Executam todos os actos descritos pelos autores a proposito das bacanaes ou das orgias*; e como nem a luz do sol nem o numero dos espectadores refreiam os seus transportes, não se poderia esperar que a castidade retomasse os seus direitos quando as sombras da noite veem cobrir a scena de licença e de devassidão ⁽¹⁾. »

Na Europa antiga, segundo Grimm, só se conheciam duas estações, a primavera e o outono. O começo de cada uma destas estações era acompanhado de grandes festas, dum character religioso e erotico. ⁽²⁾

Os indigenas da Nova Guiné, segundo Weisser, conservam as raparigas ao abrigo dos rapazes; mas, em certas epochas, toca-se todas as noites em grandes trompas, depois do que as raparigas pôdem ir para as brenhas unir-se livremente aos rapazes. No Perú, quando da maturação do fruto do *paltay*, executava-se uma cerimonia que durava seis dias e seis noites, durante a qual se reuniam homens e mulheres, num certo lugar dos jardins, todos nus, e corriam depois para uma colina; o homem que apanhasse uma mulher na carreira, possuia-a. Spencer e Gillen contam que, entre os Australianos centraes, por occasião de certas ceremonias, a que concorre povo de tribus muito afastadas, as regras matrimoniaes são mais ou menos postas de lado. ⁽³⁾

Na festa de Tamuz, na Babilónia, que se celebrava pelo solsticio do verão, uma das funções do ritual era representar simbolicamente os processos naturaes; havia alusões a elementos sexuaes, como o testemunham o papel das sacerdotisas de Islão, as Kadishtrô ou santas, que eram prostitutas, etc. ⁽⁴⁾ Entre os germanos, a noite do 1.º de Maio, a Walpurgisnacht.

Pouparemos ao leitor a descripção de mais festas semelhantes. Todas obedecem ao mesmo principio e quasi todas se effectuam nos periodos indicados no antecedente capitulo. Nessas festas, pelo menos nas do Oriente, Grecia, Roma, etc., domina um simbolo, o Phallus ⁽⁵⁾.

A intervenção desse simbolo nas festas orgiasticas parece-nos que não necessita de comentario. O seu papel não era inicialmente o duma divindade. Era um méro simbolo que só depois, incompreendido, se elevou talvez á categoria de deus. Diz Van Gennep que, se se procura, com a ajuda das publicações etnográficas recentes, vestigios deste culto primitivo que se tivesse desagregado (era a opinião de Dulaure), não se encontram, e que o que se encontra são ritos phal-

⁽¹⁾ Dalton, «Ethnology of Bengal», pag. 196 e seg. cit por H. Ellis, ob. cit. pag. 192.

⁽²⁾ H. Elli, ob. cit. pag. 197.

⁽³⁾ Ob. cit. pag. 190.

⁽⁴⁾ Ob. cit. pag. 193.

⁽⁵⁾ Sobre o culto do Phallus, v. Dulaure, «Des Divinités Génératrices ou du Culte du Phallus chez les Anciens et les Modernes». Mercure de France, 1905.

licos, mas não propriamente um culto do Phallus (1). A nossa explicação supõe, como vimos, que o Phallus era simples emblema e não um deus. A hipótese de Van Gennep de que a « ideia fundamental da quasi totalidade dos ritos phallicos é a crença numa relação entre o homem e a natureza, que se o homem realiza solememente certo acto, a natureza executará forçosamente esse mesmo acto, etc. » (2) parece-nos inferior á nossa. Quando, porém, tratarmos da magia, discutiremos detalhadamente a opinião de Van Gennep.

Matosinhos, 6/3/14.



(1) Van Gennep, « Religions Mœurs et Légendes », serie 1.ª ed. 2.ª ed. 1908, pag. 92.

(2) Id., pag. 29.

Pela pedagogia do trabalho



FENOMENO basilar da vida social é o da coordenação, de que a adaptação é uma forma.

As variações do ambiente obrigam o individuo a modificar os seus habitos, afim de se ajustar ás novas condições desse ambiente. Essas tentativas de transformação na maneira de agir do individuo, caracterizadas pelo esforço consciente, pela indecisão, pela perfeita adequação do movimento aos fins a que se mira, formam os periodos dolorosos que decorrem entre a mudança nas condições externas e a formação de novos habitos. A tais periodos correspondem, na vida social, as épocas revolucionarias.

Tanto na sociedade como nos individuos, a adaptação é tanto mais facil e suave quanto maior é no organismo a flexibilidade, a docilidade com que se amolda, o tino e a intelligencia com que recebe e se submete a todas as forças inovadoras, sem prejuizo da unidade e concentração da sua vida.

A necessidade de adoptar, por muito largo periodo de tempo, invariaveis formas de actividade, é porisso um inconveniente para a futura harmonia social. Quando os habitos e as instituições adquirem desse modo, pela diuturnidade do mesmo tipo de comportamento, demasiado estavel ossatura, resulta a impossibilidade da adaptação pronta a novas e prementes condições, determinadas pela natureza variavel do ambiente — que esse (ai de nós!) não o podemos fixar e ossificar por nossa preguiça e sonolencia . . . Daí as revoluções, e, quando não haja juizo, as revoluções violentas.

Nós, portugueses, fixados num tipo social obsoleto por longuissimos anos de educação depredadora e de isolamento sistematico, apresentamos o acabado exemplo de uma sociedade cuja estrutura guerreira não conseguiu ainda adaptar-se ao ambiente industrial da moderna civilização. O tratamento cumpre por isso que seja intenso, e que actuem concordemente o esforço do economista e o esforço do educador.

A antiga estrutura parasitaria da sociedade tem procurado manter-se de mil formas diversissimas, que todas elas se revelam na insistencia *purificadora*, ou *isoladora*, na má vontade instintiva á cultura do estrangeiro. A educação, a literatura, a retorica patrioteira das glorias depredadoras concordam perfeitamente com este caracter social; e, o que mais é, os proprios homens de iniciativa e de trabalho não lograram eximir-se á ancestral xenofobia. De José Ferreira Pinto Basto, o industrial, escreveu José Estevão no seu elogio historico: «As viagens pareceram-lhe sempre ingratião ao país; a crença no poder estrangeiro um insulto ao nosso pundonor; á confiança da inferioridade das nossas coisas um insulto imperdoavel». Isto explica a verdade destas palavras, que um amavel correspondente me dirigia ha pouco tempo: «Tenho vívido mêses na Alemanha, na França, na Belgica, na Holanda, alguns dias na Inglaterra, na Italia, e sempre que de lá volto soffro a sensação de entrar num outro planeta, onde a vida é ainda rudimentar e acanhada».

A causa e a consequencia de tudo isto é a nossa ignorancia do trabalho, possibilidade por condições historicas especialissimas; — e o que se deduz desta verdade historica é que *a nossa futura pedagogia deverá ser, essencialmente, uma pedagogia do trabalho e da organização social do trabalho*.

Foi isto que vislumbrou ha 70 anos o genio seguro e forte de Herculano. Já em 1841 ele marcava nitidamente o contraste entre «o sistema de instrução nacional que ha-de ser e o da instrução excepcional que foi e é; questão entre a educação e melhoramento dos agricultores, dos artífices, dos fabricantes, e a propagação dos causidicos, dos casuistas, dos pedantes; questão entre o trabalho e o ocio... entre a maquina a vapor e o provará do rábula». E ainda: «Necessario é ao pobre o ser activo e industrioso, e não será decerto com o antigo sistema de instrução que o povo português progredirá na industria. Quando os diamantes e o ouro do Brasil vinham inundar Portugal de riquezas... então era preciso entulhar de frades, de capelães, de conegos, de monsenhores, de principais, *de escribas, de desembargadores, de caturras, de rimadores de epitalamios e elegias, de oradores academicos impertinentes*, e o insondavel sorvedouro das inutilidades publicas. Como doutro modo devorará as entranhas d'America? Esta era a grande industria portuguesa de então; para ela se deviam aperfeiçoar os estudos. O tesouro do Estado substituiu a acção dos homens. Com agentes espertos para vender diamantes na Holanda e obreiros habeis para cunhar ouro nos paços da moeda, estavam supridos trabalhos, instrução popular, actividade, tudo... De quanto possulam nossos avós só nos resta uma tradição saudosa, o arrasamento industrial, e a triste realidade da miseria publica. Cumpra aceitar esta com hombridade, isto é, resignados e resolvidos *a recuperar com o trabalho o que perdemos com o ocio*... Vemo-nos afogados em um mar de doutores, e não temos talvez dez individuos capazes de construir as mais simples maquinas modernas de agricultura ou de industria...»

«O tesouro do Estado substituiu a acção dos homens»; a educação conquistadora produziu a economia parasitaria, o comunitarismo de Estado, e este por sua vez a pedagogia parasitaria. O que a pedagogia parasitaria hoje prepara, em ultima análise, é o peor dos profissionais do parasitismo, o politico de profissão: «A consequencia deste estado de cultura intelectual, falsa, inexplicavel e violenta, é que as muitas esperanças mentidas, as muitas ambições recalçadas, todos os anos arremesam para a area dos bandos civis centenares de corações generosos, que insofridos ante um prospecto de miseria se arrojam ás lides politicas, para perecerem ou prearem no cadaver defecado do patrimonio da republica...»

Um pessimo publicista, que tem passado a sua vida a desfazer em Herculano, perguntava a algures num seu escrito: «leiam-se os seus livros, as obras poeticas, litterarias ou historicas; qual a idea que de aí saiu fecundando o espirito moderno?» — As suas ideas não fecundaram ainda o espirito português, porque o espirito português as não quiz ainda meditar; mas do seu ensinamento poderíamos responder que foi imenso: um traçado de regeneração, que Antero de Quental continuou; porém, nem tanto era preciso, e bastaria que dissessemos, que já é muito: — a sua orientação pedagogica.

Antonio Fergis

A ERA LUSIADA

(EXCERTO DA CONFERENCIA REALISADA NA ASSOCIAÇÃO DOS ESTUDANTES)

PRINCIPIAREI agradecendo a subida e imerecida honra que me deram os estudantes do Porto, convidando-me para iniciar as conferencias que eles se propõem fazer, inspirados por um alto fim patriótico de cultura. E com o meu agradecimento, vão as minhas sinceras e entusiasticas felicitações pela sua magnifica iniciativa. É um belo exemplo que a Academia Portuense dá, nesta hora ainda de incertezas, de sobresaltos e esperanças, em que todos devemos trabalhar para que a Patria prospere, e se eleve, pelas suas forças, á altura dos outros povos civilisados.

Em todas as nações latinas, se nota, nos tempos de hoje, um vivo desejo de progresso e mais do que de progresso—de renascimento. Aquele pode realizar-se á custa alheia, mas o renascimento depende, sobre tudo, da acção das proprias qualidades.

Assim, na Hespanha, o *quixotismo* resurge animado pelo genio d'um homem que se chama Miguel de Unamuno, o grande auctor do «Sentimiento tragico en los hombres y los pueblos». Cervantes encontrou o seu Profeta, o verdadeiro interprete do seu pensamento

Atravez do genio de Unamuno, o andante cavaleiro tragi-comico divinisou-se. O Redentor transparece na ridicula mascara em que se define a sua humana e transitoria apparencia. A alma desvenda-se crucificada no seu pobre corpo de ironia.

Estranho Deus á força de ser homem!

Ele virá salvar a Hespanha. E os portuguezes não devem perder de vista D. Quixote. A sua lança pode voltar-se contra nós.

Na Catalunha, o illustre escritor Ribera y Rovira encontra tambem na palavra *Anyorança* o sentido mais elevado e poetico da alma do seu Povo, fortalecendo assim os laços de sangue que prendem a Portugal aquella admiravel raça mediterranea.

Na Belgica, o espirito de Emilio Verhaeren aplica duches electricos ao indiferentismo burguez, e percorre, em lufadas de vento purificador, a atmosfera natal, suja de fumo. É um Sêr etéreo, ralhando d'entre as nuvens, á baixeza das cousas.

Na India, Tagore é a alma d'uma nova crença redentora, a qual, segundo a opinião do admiravel poeta francez Philéas Lebesgue, tem pontos de contacto com a doutrina saudosista.

Na Italia, nota-se tambem um movimento literario, embora orientado por um restricto ideal de progresso, no frio e metalico sentido da palavra. Refiro-me ao *futurismo*.

«Cantos do Motôr», «Aeroplanos», «Versos electricos», são titulos de Poemas! Vêde até onde leva a obsessão scientifico-industrial! Ó pobre Musa futurista, o teu olhar é um brilho de verniz, em pupilas de vidro! Passeias a vapor, entre nuvens de poeira, no teu ferreo vulto estridente, vestido de reclames commerciaes . . .

Oh, que ilusão, que estúpida ilusão a do homem que tenta matar a divina fome do espirito, dando-lhe a roer carvão e ferro! Ele confunde o movimento simples com a vida complexa, o que se desloca no espaço com o que sonha no Infinito. Mas isto é ainda retorica,—a retorica descendo da epiderme verbal e querendo atingir a essencia viva, a alma!

Não: a Vida, a unica materia prima da Beleza, não está nos motôres, nos aeroplanos ou na luz electrica. Tudo isso é esqueleto. A Poesia, mesmo quando epitafio, não desce ao fundo da sepultura; conserva-se cá fóra, sobre o marmore, onde pousam as aves cantando e onde bate o luar e a luz do sol . . .

O destino das Musas, n'este mundo, é invariavel. Elas tiveram e terão sempre em vista elevar a alma do homem acima da sua propria contingencia, pondo-a em contacto amoroso com os Deuses. O sonho de divindade, isto é, o sonho d'uma vida mais perfeita e duradoura, liberta do sofrimento e da morte, fará parte da creatura eternamente. É como que a sua atmosfera azul, o ether deslumbrado em que ela vóa . . .

O nosso mais intimo aneio já não participa da nossa natureza. Ele cria, para além de nós, o Sobrenatural, o Reino etéreo a que aspiramos.

Cançado da palavra espêssa, erudita, racional, o homem espera, com sobresalto, a pala vra viva, expontanea, que crie uma nova Fé . . .

Mas o destino das Musas, na Italia, é sacrificado ao delirio industrial, á restricta ideia fixa de progresso e de bruto dominio pelas armas.

Um poeta futurista italiano chegou mesmo a cantar as fortalezas de Hamburgo! Ainda se fôra alemão?! . . .

Nós, portugueses, queremos renascer e não apenas progredir. Queremos vida e não movimento inanimado, espirito e não retorica.

Na verdade, a palavra progresso tem um sentido hirto e sêco. Ela evoca imediatamente metallicos ruidos de machinas, sob um ceu tórvo de fumo, no meio d'uma paisagem sem arvores. E peor ainda: transformou-se n'uma especie de divindade egoista e feroz, rodeada de intolerantes e rubros sectarios, — corações encarvoados que perderam o divino sentido das Cousas, almas cegas de fumo tentando reduzir o Universo ás trevas em que vivem ou, melhor, em que se deslocam . . .

Nós queremos renascer. O simples progresso não satisfaz o profundo aneio da alma luziada que quer atingir o além das expressões materiaes e restrictas da Vida.

Eu compreendendo que o belga, o suiso, povos incaracteristicos, mais apagados que os rebanhos dos seus outeiros, como dizia Oscar Wilde, adorem o progresso, o esplendor do ouro, os silvos das locomotivas, velocidades de automoveis, vôos de aeroplanos, emfim, a forma burguesa da Civilização.

Mas nós, os portugueses, devemos amar alguma cousa mais do que o progresso. Nós queremos renascer. Portugal já viveu, já foi alguem. Pois que esse alguem readquira a sua velha fisionomia, animada, muito embora, de nova vida; que esse alguem ressuscite e venha cumprir ainda, sobre a terra, um alto destino.

Queremos um Portugal português e, ao mesmo tempo, humano. Queremos a nossa Patria de acordo com o Passado e o Futuro, mergulhando as raizes na noite da Recordação para florescer á luz da Esperança e criar a sua obra espirital, religiosa, obra de amor e sacrificio.

Essa obra encontra-se esboçada em Camões e no Cancioneiro Popular. O desenvolvê-la e defini-la compete á gente moça.

A alma lusiada esconde, no seu intimo, uma nova luz de Verdade e Beleza, um novo sonho evangelico.

Ora, se nós auscultarmos, ainda que rapidamente, o estado

actual da alma humana, logo se percebe que ela sofre e é triste no meio d'uma civilização indiferente . . .

A alma sofre no intimo do corpo. Falta-lhe o ar e a luz. É uma resignada? Não. Ela começa a debater-se, a inquietar-se; ela procura e sonha uma nova esperança.

Veja-se o grande successo das Filosofias que, nos tempos de hoje, tentam satisfazer esse fundo e secular anseio da alma humana. As palavras de Bergson, em Paris, por ex., são sôfregamente devoradas. Sente-se que elas respondem a uma eterna fome insatisfeita, á necessidade mais viva da creatura.

É certo que varias chalaças inocentes se têm escrito ácerca da grande afluencia de senhoras do *bom tom* ás lições do eminente filosofo francez. Houve mesmo quem comparasse a dança do Tango á «Evolução Creadôra!» Esses homens, que fazem um modo de vida da *philheria*, ignoram que n'essas mulheres luxuosas, scintilantes de perolas, mostrando, á luz electrica, seus finos vultos moldados em frívolas apparencias de encanto, — pode viver e sofrer uma alma pobresinha e nua, uma alma angustiosa de incerteza, doente de eternidade.

Que o genio lusiada se ilumine de nova religião e caminhe ao encontro do espirito humano, ancioso e pálido no seu cárcere.

Porque não? Se ele contem, em si, na sua essencia de Saudade, um reflexo divino imprescindivel ás mais intimas aspirações da Creatura?

Assim como a alma judaica, atravez de guerras, desastres, captiveiros, foi creando uma aspiração moral que se integrou na natureza humana, dilatando-a, assim o genio do nosso Povo, atravez de todos os obstaculos, irá vivendo e definindo o seu pensamento ideal . . .

Ah, o sonho da Era Lusiada! Deve ser a nossa Crença, a Crença nacional, a Finalidade superior da raça!

Que toda a educação e propaganda tenham, como alta estrela orientadora, este *pensamento messianico, redemptor, sobrenatural*, que já vem do longinquo alvorecer da Patria e lhe deu independencia e grandeza atravez dos seculos.

Ele tem vindo, desde a nossa origem, misterioso, indefinido e occulto, traindo-se, de vez em quando, n'esta e n'aquela estrofe de Poeta, n'este e n'aquela gesto de heroe, em certas frases de certos

visionarios, em algumas legendas populares, ou chamando-se Aventura, Sebastianismo, Sonho do Quinto Imperio . . .

Principalmente a nossa criação da Saudade (como já demonstrei n'uma das conferencias da Renascença) revela, em virtude do seu etéreo significado, a existencia d'um ideal messianico, religioso, latente no genio portuguez.

Dêmos, portanto, vida e relêvo, atingivel definição, a este ideal religioso. Eis o que eu tenho tentado, embora obscura e imperfeitamente, na minha obra poetica, desde o «Sempre», (1), livro inicial, intuitivo, amanhecendo de claras revelações que se definiram no «Jesus e Pan», escrito em 1902 e publicado em 1903.

É certo que o antigo sonho da Raça caminhará de perfeição em perfeição, até conquistar, um dia, a sua forma de Actividade, cristalina, contagiosa, que deslumbra e revoluciona as almas, casando-as para uma nova existencia espiritual, religiosa, florescida de eternas esperanças . . .

.

Teixeira Soares

(1) Escrito de 1896 a 97 e publicado em 98.

CARTAS INÉDITAS

DB

Camilo Castelo Branco

XIII

Resposta
 Mma e Sr. S. L. L.

Surpreendeu-me a acerba
 noticia da morte de Placido, o ir-
 mão querido de V. Sa^m e meu adora-
 do amigo. Neste termo em que vi-
 vo ou agonizo até a noticia da sua
 doença ignorei! Eu sei q^e elle encara-
 va a morte com um grande desprezo;
 mas a nova resignação não pode ser
 egual á coragem dos q^e soffrem e des-
 jam a par da sepultura. Não V. Sa^m, no
 decurso de 3 annos, desapparecer 2 ir-
 mãos que a estremeciam. O Manuel

e o Placido sentiam por V. Ex^{ta} a
ternura que oxalá' seus filhos her-
dassem. Qualquer ol' elle agrade-
ceria a Deus a mercê de os levar
adiante da sua imman querida.

Minha senhora, eu não venho
dizer a V. Ex^{ta} palavras de consola-
ção banal. Não conheço senão
as lagrimas como desafogo á sua
angustia. Se Deus m'as desse, a
minha saudade por esse meu perdido
amigo teria algum lenitivo. Creio V. Ex^{ta}
que ha nít quem sinta a grande-
dor desta irremediavel perda; mas de-
ante das agonias de V. Ex^{ta} ninguem
tem direito a deplorar-se.

Com nít respeito e grata estima
Tenho a honra de submeoer-me

De V. Ex^a
seuo respeitador

Lide 8/6/80.

Camillo Castello Branco

Versos do Mar Atlantico

Para minha Mãe



ALTA noite, mar alto—navegando . . .
Ó minha Mãe sósinha na amargura
De me veres partir, numa audácia, cantando,
Atrás dum Sonho, possuido de Aventura . . .

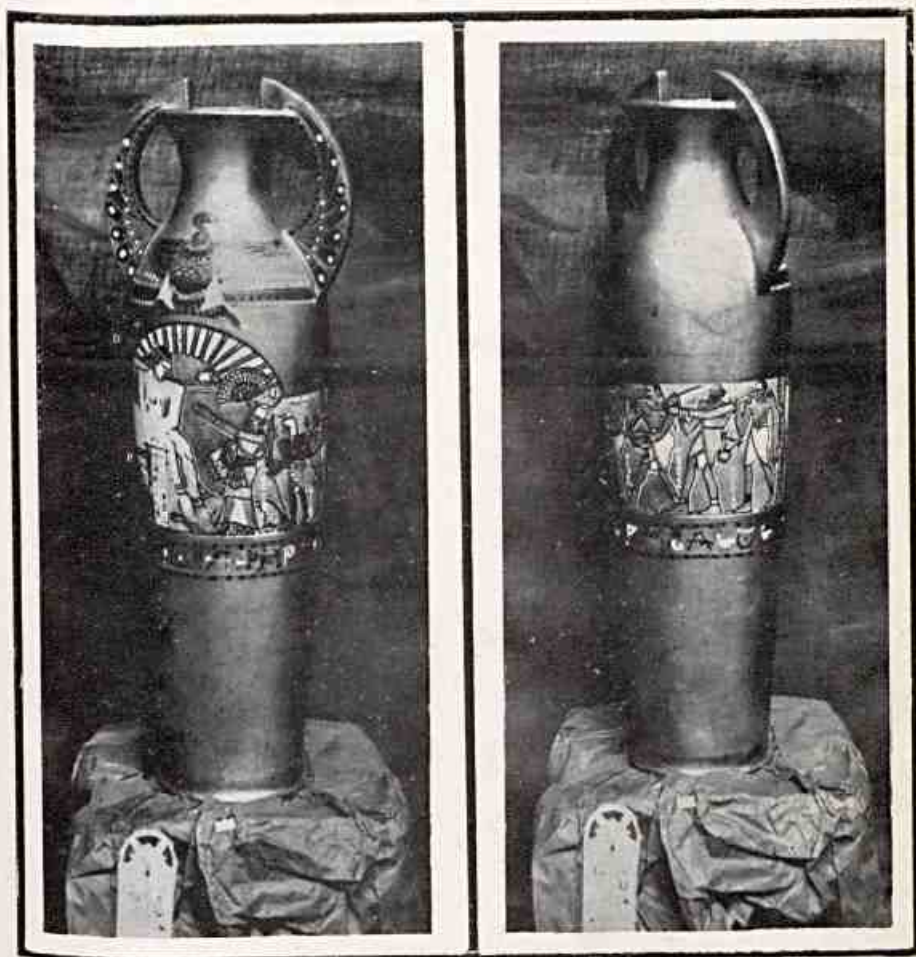
Minha Mãe, ó meu berço, ó meu regaço—
Perdôa a minha ancia audaz, perdida,
—Ancia de acção, aza inquieta do espaço,
—Ávida de transpôr os limites da Vida.

Ó minha Mãe das lágrimas, Senhora
De amarguras, crepusculos e máguas,
Não chores mais, seca o teu pranto . . . e agora
Mãe—escuta o que vai por sôbre as aguas . . .

Ouço-te os ais: «O meu menino que anda
Sobre as aguas do Mar!—Se o Mar o leva!»
E á tua prece ausente, o mar abranda,
E a aurora rompe diluindo a treva . . .

Ouço-te os ais: «Para o que a gente os cria! . . .
P'ra que amarguras más sofremos tanto! . . .
Choras, e em mim exalta-se a alegria,
Choras, e é Sol em mim teu razo pranto!

Nada receies, nada temas . . . Quando
Se erguer a onda, num insulto, ao ar,
De quarto, no *spardeck*, passeando,
Eu rimarei meus versos a cantar.



A ANFORA DO SAUDOSISMO

(DOIS ASPECTOS)

De Correia Dias

Nada receies . . . O teu filho vive
Em plena vida, em pleno ceu . . . Em mim
Rompeu o Sol, caiu um véu! Eu tive
A minha alèluia, ó mãe, emfim!

Ah! minha mãe, seréna! Cinge ao seio
Os teus netinhos, dize-lhes que o pai
Para além-mar partiu sem um receio
E á vida intensa, á luta, ao sonho—vai!

Dize-lhes: «Foi o Amor,—que aos outros prende,—
Quem lhe deu azas pr'a melhor voar . . .»
Que é o Amor que na ausencia me defende
Dilata o peito e me incendeia o olhar.

Dize que é por Amor! E a quem não sabe
Compreender a minha vinda, assim,
Dize que é um Amor que em mim não cabe,
Alto mar, claro ceu, brotando em mim! . . .

A Vida! O Amor! Ó mãe que me trouxeste
Em teu ventre sagrado . . . —Ó vida inquieta!
—Se tu soubesses o que ao mundo deste,
E que mistério é a alma dum poeta . . .

Minha mãe, minha mãe, séca o teu pranto
Como aquela outra mãe a quem me dei
De corpo e alma, em Deus, num puro encanto,
E também, como a ti, abandonei . . .

Não chores, minha mãe,—não ha perigo,
Nas ondas altas não se oculta o mal.
—Quatro séc'los que sam? O mar é amigo.
—Sou Poeta e nasci em Portugal!

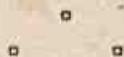
Não chores, minha mãe . . . Eu sinto a alma
Á flor da Vida—e vou na confiança
Que domina a tormenta e faz a calma,
E luta e canta e vence e não descança.

Di-lo aos teus netos, conta-o de maneira
 Que eles a ouçam, a minh'alma . . . E assim
 Ha-de acordar a ancia aventureira
 Que eu quero neles como a sinto em mim . . .

Ó minha mãe ausente! . . . O mar sem fundo,
 Terras de morte, sem regresso,—ó mãe . . .
 —Olho e só vejo á minha frente o mundo!
 —Largar, partir, mar alto, o longe, o além!

Minha mãe, minha mãe! Que sofrimento
 Sentir um vôo prisioneiro em nós!
 Mãe:—parti para o meu descobrimento!
 Vou ter, ó minha mãe,—com meu Avós!

Mar das Canarias,
 Janeiro de 1914.



Versos da Alma ausente

Para minha Mulher



EMBARCAR e partir. Olha o Restelo e a Torre,
 A barra fóra, a terra ao longe, o ceu e o mar!
 E em minha alma, enquanto ao longe a terra morre,
 Um sonho antigo ageita as azas p'ra voar . . .

Meu Amor, meu Amor,—ó nau veleira,
 Num mar de Amor, que só o Amor governa,
 —Ó mais alta, ó mais rútila, ó primeira,
 —Jardim e ceu, gloria de posse eterna!

Mãe dos meus filhos, corpo de Alma, gloria
 Do meu orgulho, e pão dos meus desejos! . . .
 — Suave suscitadora da Victoria
 Que hade ser nossa e hás de cinjir com beijos . . .

Mulher, mulher, corpo de ceu florido,
 Árvore em flôr, outono e Primavera,
 Verso maior dum poema concebido
 Com a Beleza e o Amor que o Amor nos dera . . .

Lirio impoluto, santa, ó escultura
 Dos meus sonhos reais, serva e rainha!
 — Alva da minha noite, ó muito pura!
 — Gloria da minha posse, — ó muito minha!

Anjo da Guarda entre dois berços, bela
 Como a Saudade, o olhar vago e profundo,
 Olhos de choro e mágua como aquela
 Por cujo Amor um Poeta veio ao Mundo . . .

Amor . . . Soror Saudade, — ó branda e triste,
 Ó ceu em flor, ó magua ao Sol Poente!
 Vida em graça de quem sómente existe
 A amar os filhos, a lembrar o ausente . . . »

Meu Amor, — minha ausente, orgulho altivo
 Do meu Amor, radiante diadêma!
 Corpo de Amor e sacrificio vivo,
 Maior que todas, rútila e suprêma . . .

. . . Porque ha o Amor prisão, a algêma abraço,
 O estéril amor que prende e abraza,
 E que em nome do Amor repele o espaço
 E não pôde voar por não ter aza . . .

Se te disserem, meu Amor: . . . « *Pobrinha!* . . .
Tam noiva e linda e já sosinha . . . Ceus! »
 — Ó minha noiva ausente, ó muito minha,
 — Sorri, perdôa, — lê-lhes versos meus . . .

E se alguém te dissér: « *O que me adora
E a quem me dei é meu, de mais ninguém!
Nunca o verei partir pelo mar fora!* »
— Sorri, perdôa, ó meu Amor, também.

E se alguém por julgar-se mais amada
E amar melhor que tu, — pobre ilusão . . . —
Te disser, numa lástima: « *Coitada . . .* »
— Ó meu Amor, sorri, tem compaixão . . .

E se alguém te dissér: « *Ah! nem a Morte,
A própria morte m'o virá roubar! . . .* »
Sorri, ó meu amor, tu que és mais forte,
Não digas nada que é melhor calar . . .

Tu, que és alma e és dádiva constante
De sacrifício e dás sem receber,
Tu que te dêste ao meu Amor radiante,
E sofrêste por mim, sem o dizer! . . .

Oceano Atlantico,
Fevereiro de 1914.

Augusto Pasini

DESPEDIDA DE JULIETA

A TEIXEIRA DE PASCOAES.

Meu querido e admirado poeta:

Não no Brasil, mas em Nice — ou antes, perto de Nice, para onde vim buscar uma pausa á minha actividade «encarvoada» — aqui numa *villa* de repouso me encontrou agora a sua *Resposta*: de maneira que desta feita não precisou de atravessar o oceano a sua «mão comovida» e carinhosa, se bem que tão atrasada me chegasse como se eu estivesse em ultramar.

A tudo, querido amigo, se pode responder, e são todas as discussões por sua natureza eternizaveis; da minha parte, porém, está dito o indispensavel, que era mostrar a *outra estrada* aos jovens leitores da «Aguia» e da «Vida Portuguesa»: a estrada não-saudosista, não-isoladôra, ou não-purificadôra. Que cada um deles decida agora: uma leva a Coimbra, á boa rêtórica, ao curso juridico, ao comunismo de Estado, á Secretaria, e talvez a S. Bento; a outra á independencia, ás profissões usuais, ao desejo de uma patria forte, digna, moderna e sábia, ao culto da acção criadôra e das idéas sólidas, ao apreço da educação que fez da Inglaterra,

Patria da lei, senhora da justiça;

nação mais adiantada na evolução económica, na justiça social, na expansão pacifica, e na dignidade inviolavel do cidadão (1). Só desejo por isso apontar no seu artigo os capitais erros de facto que poderiam desorientar, a meu respeito, esses jovens lusitanos.

(1) «Quem criou a França actual prospera e forte? O espirito do seculo xviii» pergunta e responde o meu amigo (e admirei-me, eu, de o ver attribuir tão lindas coisas ao espirito do seculo de Cabanis, Helvecio, La Metterie e d'Holbach); a essa pergunta eu responderia: a distribuição pelos camponêses das terras da nobrêsa; está

É o primeiro a sua concepção simplista, poeticamente ingénua, de que pretendo limitar a Realidade a quatro palmos de materia bruta, a eternidade duma alma ás horas do almoço, e o mundo, o vasto mundo, finalmente, — a um restaurante! *Sancta simplicitas!* Porque, afinal de contas, sou um pouco mais do que uma besta: com maior justeza falou de mim quando me chamou « modernista », quer dizer: um vulgarissimo bicharoco que horroriza o estado fossil. ¿ Será necessario repetir que o meu desejo não é « ver no sol uma peça de ouro, na lua cinco tostões em prata, na terra um pataco de cobre com verde »; que uma síntese cultural nossa é precisamente o ideal, mas não síntese de vácuo, ou de « poeiras do sepulcro », sendo-nos mister elementos *de hoje*, aprendidos com quem sabe ⁽²⁾; que não são incompatíveis as minhas palavras (e os meus actos; não ando tal mascarado, bom amigo!) com a verdadeira poesia; que o particularista anglo-saxão é o povo da energia produtora mas tambem, ao mesmo tempo, o mais rico de poetas em toda a humanidade ⁽³⁾; e

o caso dilucidado por exemplo em Kropotkine, *A Grande Revolução*. O obstáculo a que essa França esteja tão prospera como devia foi precisamente « o espirito do seculo XVIII », com suas ideas de identificação da Sociedade e do Estado, e consequente governação universal pelo Estado. Quanto ao Fichte, mal calcula, Pascoais, como o espirito da minha doutrinação se coaduna, em ultima analyse, com o da dele! Cumpre lembrar-lhe, a proposito, que vai mal o seu odio ao catolicismo com a sua citação (artigo anterior) da França que se esboça: o espirito da *nova França* é, senão católico, de educação católica (v. os recentes inqueritos, por ex. dos normalistas). A disciplina católica não fez degenerar o cristianismo: deu-lhe consistencia, pensamento, faculdade dirigente (não responsabilizar a idea catolica pelas aberrações em que a fez cair a corrupção dos homens, e a sua ligação com certa politica; ter os olhos no catolicismo dos Estados-Unidos, em Leão XIII, Ketteler, Manning, Lavigerie e Gibbons; e tambem no católico Herculano.)

(2) Depois, quando estiver seguro o resultado e a velocidade adquirida, poderão vir, da esfera artistica, as reacções nacionalistas que quiserem. A vida intellectual (e a moda) é feita de ondulação, de reacção ao antecedente. O importante é saber a semi-onda que convém em cada instante. Não falo para o homem abstracto, mas para o português *de hoje*.

(3) Confirma-se isto em que tenho, na minha pequenez (com grandes diferenças, decerto, e perfeita independencia de juizo) a orientação geral de Herculano e de Antero, dois dos máximos poetas portugueses. ¿ Tambem teria sido, cada um deles, « um Romeu *travesti* de Othello »? Aliás a minha prègação é o menos violenta e o mais borrêga que é possivel, sem nada que se assemelhe ao temperamento de Othello: combato exactamente os efeitos da expansão guerreira e desnatural do povo português. (A expansão anglo-saxonica é uma simples consequencia da constituição familiar dessa gente). Diz-me que viu em Londres « canudos fumegantes ». ¿ E a educação inglesa? a familia inglesa? a justiça inglesa? a mentalidade inglesa? Viu-as? A um amante da alma, descurioso da materia, mais devera impressionar isso que as

que, por derradeiro, eu nada tenho a vêr com o positivismo, com a demagogia (raios a levem!) e creio que tambem com a «moral burguesa»? (*)

O segundo dos erros de facto é essa pretendida mascara, com que me diz desfigurado; e basta citar-lhe as palavras do nosso Jaime Cortesão na «Vida Portuguesa», a respeito do meu exemplo.

Está o terceiro dos erros de facto (dos que vale a pena denunciar) na velha anedota do inglês, que nos conta, para quem todos os francêses eram ladrões: anedota essa não applicavel á minha pessoa, mas á sua, porque da sua parte estão os juizos categoricos, universais e exclusivistas. Não apresentei Giotto e Fra Angelico «para demonstrar que o *povo* italiano não é nada um povo pagão», frase que não chega a ter sentido; mas para mostrar que a *pintura* italiana não era *exclusivamente* pagã, como o meu amigo dissera; e depois, para demonstrar que o povo italiano (agora é que vem o povo) não era exclusivamente pagão, como tambem o dissera o Pascoais, citei-lhe o exemplo do grande movimento místico *nacional*, popular, do seculo XIII. (Não foram três italianos: foram milhares de italianos, durante muito tempo). A figura culminante desse movimento foi S. Francisco de Assis.

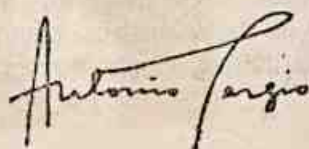
Como vê, apenas cuido de prevenir algumas deturpações dos meus ditos. O resto, e o julgamento, deixo á «perspicácia» e á «paciência do leitor», e mesmo á *real gana* de cada um, que é quem decide quasi sempre das opiniões e das crenças da maioria da humanidade. Creio que soube desta vez conservar o serio; e, no entanto, se os meus sorrisos, como pretende, significam *sim*, (dir-se-ia que sou Julieta, e não Romeu) eu quisera começar e terminar sorrindo:

pontes e os canudos. Leu no *Times* a secção dos tribunais? Assistiu a um comício em Trafalgar Square? Ai está uma idea a aproveitar para a *Renascença Portuguesa*: todos os domingos, numa praça do Porto, um comício. Como sabe, não é preciso mais do que um homem subir a um degrau e desatar a sua arenga: o povo vai affluindo, e tudo está feito. Mas sem maravilhas de Verbo, por amor de Deus; sem maravilhas de Verbo!

(*) Depois de escrita a minha ultima carta li um relatório francês sobre a prostituição, em que se lhe dá como causa geral — a miséria. Como vê, a questão economica continua, quixotesicamente, de guarda á honra das donzelas. Conhece o meu amigo o célebre «quinto quarto da jornada» das trabalhadoras? Em certas regiões elas não chegam a ganhar o mínimo essencial á vida; e porisso, acabado o trabalho, vão completar o salario pelas estradas... Eis um caso que para os materialões é pungente, é afflitivo. ¿Como resolve o Eterismo um caso destes? ¿Ou será esta uma preocupação de «moral burguesa»?

para que esta não tivesse o geito da ultima carta de Julieta, dando por acabado o namoro. Saio do logar honroso que me concedeu, e tão desgeitosamente ocupou a minha boçalidade de menino bronco e dessisudo: na ultima pagina, em tipo minúsculo, — como a *charanga* das escolas no ultimo banco, — me exercitarei applicadamente, até que logre penetrar na Espiritualidade lusitana. Não pretendi convencer saudosistas-natos, porque os sentimentos se não movem pelas alavancas que eu emprego, mas pela Música e pela Facúndia; e porque o Isolamento, se é incombustível como me diz, é comburente como todos os diabos, o que ficou provado na nossa historia de três seculos. Falo e falarei para os neutros, os materialões, ou para os que tiverem degenerado do temperamento fantasista, impulsivo, inconsistente, — por uns classificado de idealista e por outros de rêtórico, — que nos formou a velha sina de conquistadores e aventureiros, retardatarios da Cavalaria. Muito e muito grato o abraça (dado que o não enfarrusque) o « assassino » (não só perdão a violencia do termo, mas o aplaudo, porque tambem está na tradição) e « simpatica vitima do bico auer » que é este seu dedicado admirador,

Nice, Saint-Antoine, 14-3-14.

A handwritten signature in black ink, reading "Antonio Sergio". The signature is written in a cursive, flowing style with a long, sweeping underline that extends to the right.



O FABÃO PASCOAES
GRAVADO EM PEDRA

De Correia Dias

CHARNECA DAS NAVES



ERA á tardinha . . .
Dos longes moribundos
Uma saudade vinha
Discorrendo memorias de outros mundos.
Nos densos, melancholicos montados,
Uma tristeza de alma despertava,
E no balir dos gados
Um longo adeus errava . . .
Um torpôr de abandono
Elanguescia tudo;
Nas lagôas absortas,
A luz de outomno
Vivia imagens mortas
Do occaso tardo e mudo.

Oh charnecas, ao poente, em fundos mestos, graves,
Remotas de distancia!

Oh Charneca das Naves,
Onde vagueia, a rir, a minha Infancia,
Modulada nos canticos das aves;
Como eu recordo em vós o que já fui,
Como em tudo o que vivo sou lembrança!

Oiço o Passado que numa onda avança,
E nelle tudo afluxe, reflue e se dilue . . .

Era á tardinha . . .
Quando as almas e as cousas interrogam,
O silencio nos ermos se condensa,
Dos Ceus a Terra se avizinha,
E na distancia immensa
As sombras vôgam!

Desciam maioraes, tangendo os gados,
Dos perdidos outeiros,
Olhos de longe, embevecidamente,
A contemplar o vago,
Nas mãos terrosas os cajados,
Os troncos varonis . . .
Eram áquella hora, e sob o ceu presago,
Patriarchas derradeiros,

Meus olhos reflectiam
Visões que a Morte e o Acaso resurgiam!

Meus ouvidos, attentos, escutavam
Vozes de extincta raça que, perdidas,
Nos echos memoravam
O sonho eterno das sepultas vidas . . .
E as vozes que no Tempo se perderam,
E o sonho que outras almas conceberam,
Despertavam em mim . . .
E, eis-me a viver em todas as edades,
Entre visões, memorias e saudades;
Presença cuja Ausencia não tem fim!

Como eu evóco, em lagrimas, agora,
Essa infinita hora
De segredos, clarões, revelações!
Oh terras transtaganas,
Tardes da Infancia,
Chóro por vós, por mim — perdido na distancia!
Senhor, perdóá as lagrimas humanas,
As lagrimas, Senhor, são orações!

Longes da Solidão,
Oh ermos que sois barbaros paineis,
Charnecas onde jaz o meu Passado!
Quando os ventos contrarios da Desgraça,
Num furor indomado,
Vencerem vossa brava condição,
Na immensa nostalgia duma raça,
Ao longo do que fui resurgireis!
Minha alma — irmã das urzes rasteirinhas,
Accenderá nos ceus vosso perfume . . .

Assim, saudades minhas,
Lá, onde tudo em Sonho se resume,
As lagrimas de Deus commungareis!

Ancêde, Março de 1914.

Mario Baring

A idealização legendária no Povo português



CONTA-SE que um homem propuzera, um dia, a Temistocles, uma mnemónica, mas este lhe volveu com amargura: «Dai-me antes uma arte de esquecer!» Esse estranho desejo do grande ateniense, mistura de instinto defensivo e idealisadôr anseio, é realizado pela natureza, tanto para os individuos como para os povos, fazendo que facilmente esqueçam as suas desgraças e memorem de continuo as venturas passadas, os actos heroicos e as figuras representativas.

Guyau, analisando essa amnésia instintiva dos sofrimentos no individuo, volvia-a em argumento para contraditar as amargas razões dos pessimistas. E todos os que houverem miudamente estudado a história dos povos, se porventura quizerem tirar ilações dum grupo de factos, referido a uma época isolada, hão de sentir dentro de si as álgidas interrogações da dúvida e da descrença perante a impunidade dos crimes mais espantosos. Por isso Fouillé afirma que o ensino dessa historia pitoresca, tecida de lutas politicas, guerras, choques de ambições e crimes individuais e colectivos se não deve dar no ensino secundário, defendendo apenas, como valôr educativo, o ensino da história da civilização.

O Povo, no seu idealismo ingénuo mas vidente, não só esquece o muito que a história tem de sombrio e crudelissimo para a memória, mas transforma os factos, isola as virtudes dos homens e elege, dentre todos, aqueles que mais correspondam aos seus indistinctos anseios por um processo em que a imaginação fielmente obedece ao seu génio colectivo.

Assim se criaram as legendas historicas, algumas das quais iremos estudar, e em que a verdade *scientificamente histórica* foi concluída ou dilatada ao sabôr duma inspiração poética anónima que nesses estreitos moldes humanos vasou a riqueza espiritual de todo um povo.

Por vezes é a empreza frustrada dum heroi, que o povo pela imaginação vai completar, se o inexistente ferir os seus instinctos de justiça ou mais ainda o seu profundo espirito étnico. Aristógiton e Harmódios dirigiam-se para Hípias, com os punhais occultos sob os ramos de mirto, mas vendo o tirano a conversar familiarmente com um dos seus cúmplices, julgando-se traídos, fugiram e conseguiram apenas matar-lhe o irmão.

Pois o povo atheniense, em cujo espirito palpitava o génio da liberdade, não obstante haver falhado o propósito libertadôr dos dois herois, acabou por se convencer mais tarde que eles tinham arrancado Atenas á tirania.

As mais belas e phantasticas lendas nasceram em volta do caso e o povo nos festins, em honra deles, cantava :

« Hei de trazer a espada escondida no ramo de mirto, como Har-modius e Aristógiton, quando mataram o tirano e estabeleceram em Atenas a egualdade ».

Eis uma pequena legenda reveladôra do génio do povo mais livre e sublime de toda a antiguidade.

O povo romano, amigo dos rudes caracteres e das virtudes austeras, comprazia-se em legendariar a figura de Cincinato, regressando do exercicio do consulado aos trabalhos da lavoura e surprehendido na faina humilde mas nobre de revolver a terra, sempre que era mister investi-lo na ditadura e no comando dos romanos para salvar a cidade ameaçada.

A legenda é uma auréola nimbando de santidade as criaturas eleitas, mais esplendida a cada século, que nos distancia dela, e irisada diferentemente, conforme o fundo luminoso da grande alma colectiva que generosamente a iluminou. Cada povo, pois, tem o seu sistema de legendas históricas, enaltecendo sempre os herois, visto ser o heroismo a mais necessária das virtudes à conservação do agregado, mas enaltecendo nas suas perfeições, segundo a própria moralidade, aquela ou aquelas virtudes que os tornam particularmente épicos.

Para Michelet, o primeiro historiador que analysou com olhos amorosos e profundos a alma do povo, o genio francez, revelado nas suas legendas, consistia essencialmente no proselitismo da fraternidade. Ainda para ele, o sistema de legendas da França é o único completo, o que tem mais sequência e melhor corresponde ás exigências da razão.

A própria Alemanha, o país mais rico em legendas, não tem, segundo a sua opinião, nenhuma que valha como verdadeira poesia e fé nacional. É certo que a Alemanha, não obstante possuir legendas poéticas duma maravilhosa beleza, ao invéz do que afirma Michelet, como as de Siguefredo e Tanhauser, que deram assunto a Wagner para criações de genio, nenhuma conta que enalteça algum dos seus génios nacionais à altura de encarnação patriótica.

O mesmo se não pode afirmar de Portugal. Não só temos a legenda idealisadora dos herois que encarnam o pensamento pátrio na sua sêde de independência, mas possuímos igualmente as legendas do heroismo ou do amor bem nacionais, sem por isso deixarem de ser também representativas dum ideal profundamente humano.

A lealdade, a fidelidade, a constancia nos sentimentos, fundamento de todos os firmes caracteres, eis a intima virtualidade lusitana, expressa nas nossas legendas.

E como ha no genio nacional um fundo sombrio, que se compraz em imaginar as situações dolorosas, quasi todas elas se precipitam num enredo trágico e engrandecem os seus herois, visionando à sua volta a Morte, a Desgraça e o inviolavel Destino, num circulo de noite e maldição.

Para prova analisemos algumas das mais belas e representativas legendas.

Foi da tradição popular que se colheu a façanha de Egas Moniz, e Alexandre Herculano aceita-a como facto histórico, não porque a comprove qualquer documento escrito, mas fiado apenas nas toscas figuras existentes no túmulo de Egas do convento de Paço de Sousa, e que se pretende serem alusivas à sua viagem à corte de Leão. Ouçamos o facto, ou antes a legenda, relatada pelo próprio Herculano:

«Depois de alguma resistênciã, vendo que as suas forças não bastavam para repelir os cercadôres, os barôis e cavaleiros encerrados nos muros de Guimarães declararam em nome do moço Afonso que ele se consideraria de futuro vassallo da corôa leonesa. Egas Moniz, poderoso fidalgo, cujos senhorios se dilatavam pelas margens do alto Douro e que, talvez mais que nenhum, gosava a reputação de homem leal, ficou por fiador da promessa. O rei de Leão levantou o cêrco e, depois de reduzir á obediência D. Tereza, retirou-se para a Galiza. Quando, porém os sucessos de 1128 entregaram Portugal nas mãos do filho do conde Henrique, ele esqueceu as promessas de Guimarães, e com ele as esqueceram os barôis portugueses. Só Egas Moniz se lembrou do que jurára. Seguido de mulher e filhos dirige-se à côrte do monarca e, apresentando-se perante ele descalço e com uma corda ao pescoço, pediu para resgatar com a morte a sua palavra nunca traída. Era grande a cólera de Afonso VII; mas venceu-o aquella inaudita façanha de lealdade. Deixou-o partir solto e livre, e, o que era mais para o nobre cavaleiro, sem a tacha de deslealdade.»

Camôis, o mais alto intérprete da alma portugueza, canta a façanha em versos intimamente reveladores do seu aspecto dramático e sublime:

E com seus filhos e mulher se parte
A alevantar com eles a fiança,
Descalços e despídos de tal arte
Que mais move á piedade que á vingança.
«Se pretendes Rei alto, de vingar-te
Da minha temerária confiança
— Dizia: — eis aqui venho, oferecido
A te pagar co a vida o prometido.

Eis, aqui trago as vidas inocentes
Dos filhos, sem pecado, e da consorte;
Se a peitos generosos e excelentes
Dos fracos satisfaz a fera morte,
Eis aqui as mãos e a lingua delinquentes,
Nelas sós exprimenta toda a sorte
De tormentos, de mortes, pelo estilo
De Scinis, e do touro de Perilo.»

Qual, diante do algoz, o condenado,
Que já na vida a morte tem bebido,
Põe no cepo a garganta, e já entregado,
Espera pelo golpe tão temido:
Tal, diante do príncipe, indinado,
Egas estava, a tudo oferecido;
Mas o Rei vendo a estranha lealdade,
Mais pôde em fim que a ira a piedade.»

E num impeto de inspiração e vidência aponta em Egas Moniz o simbolo nacional:

«Oh! grão fidelidade Portuguesa
De vassalo que a tanto se obrigava!»

A história de Martim de Freitas é porventura mais legendária e não menos teatral, mas Herculano aceita-a e refere-a na sua *Historia de Portugal* não só como simbolo da lealdade que amparou Sancho II, mas como expressão poética das virtualidades generosas da alma popular.

«A constancia do partido de Sancho tinha por certo sido grande: Apesar das excomunições, da corrupção, dos desbaratos e das perdas de castelos, o rei parecia não ter desesperado do esforço e da lealdade dos seus cavaleiros e concelhos, aos quais procurava fóra do reino valentes auxiliaadores. Não era, porém, só nos seculares que esse homem, cujo governo os prelados descreviam como intoleravel, achava quem por ele quizesse morrer, e morrer no meio dos terrores que gerava a maldição vibrada do sólio pontifício contra a culpa da lealdade: entre o clero, e o mais é que entre os próprios bispos, encontrava, tambem, Sancho quem não fraquejasse ante as armas vitoriosas do conde e ante o stigma espiritual das censuras, bandeira negra que o bolonhês fizera desenrolar à frente dos seus soldados. Ao menos, D. Gil, bispo de Vizeu, ainda depois da vinda do infante, reconhecia a autoridade do rei e procurava remediar, no que lhe cumpria como primeiro pastor da sua diocese, os tristes efeitos dos males que affligiam o reino. Todavia, a indiferença de muitos, o valor impetuoso de Afonso, as cominações de Inocencio IV e o favor da maior parte do clero a da fidalguia fizeram, enfim, apesar do socorro dos castelhanos, pender decisivamente a balança para o lado do conde. Diz-se, que, nos ultimos tempos, de todas as povoações importantes do reino apenas restava ao rei a capital. Uma tradição, cujos fundamentos são, aliás, incertísimos, vai acorde com este successo, que tambem carece de certeza absoluta. Refere-se que, partindo Sancho II para Castela, deixava por Alcaide de Coimbra um certo Martim de Freitas.

Poz o conde de Bolonha estreito assédio ao castelo. Nem as promessas, nem os combates poderam reduzir os cercados, que no meio das maiores privações resistiram por largo tempo, até que chegou a nova da morte de Sancho em Toledo. Então o leal alcaide, pedindo seguro a Afonso de Bolonha, passou pelo campo dos sitiadores e, dirigindo-se á antiga capital de Hespanha, fez abrir o túmulo do rei para com os seus próprios olhos saber se, na verdade, morrera. Certificado do triste successo, meteu no braço do cadaver real as chaves do castelo, cuja guarda lhe fora confiada. Depois, tirando-lhas de novo, voltou a Portugal e entregou-as a Afonso, abrindo as portas

aos seus soldados; e, como o príncipe admirado de tanta fidelidade, quizesse conservar-lhe a alcaidaria, ele, longe de aceitar, amaldiçoou qualquer dos seus descendentes que recebesse castelo de rei algum e por ele lhe fizesse menagem. A história do cerco de Coimbra, em ser impossível, não é, porventura, mais que uma destas lendas em que o povo costuma resumir os factos que caracterisaram uma época notavel e atribuir a um individuo só, poetisando-as, as acções que diversos praticaram. Martim de Freitas é o simbolo dos homens que, na queda de Sancho, souberam respeitar o pundonor de cavaleiro e a religião do juramento. Que importa se o cerco de Coimbra foi como a tradição o refere ou se o povo a moldou pelas formas da sua rude, mas generosa poesia? Que importa, sequer, que Martim de Freitas existisse, quando os monumentos nos asseguram que Afonso encontrou naquella obra de usurpação a repugnância de muitos animos firmes na sua lealdade?»

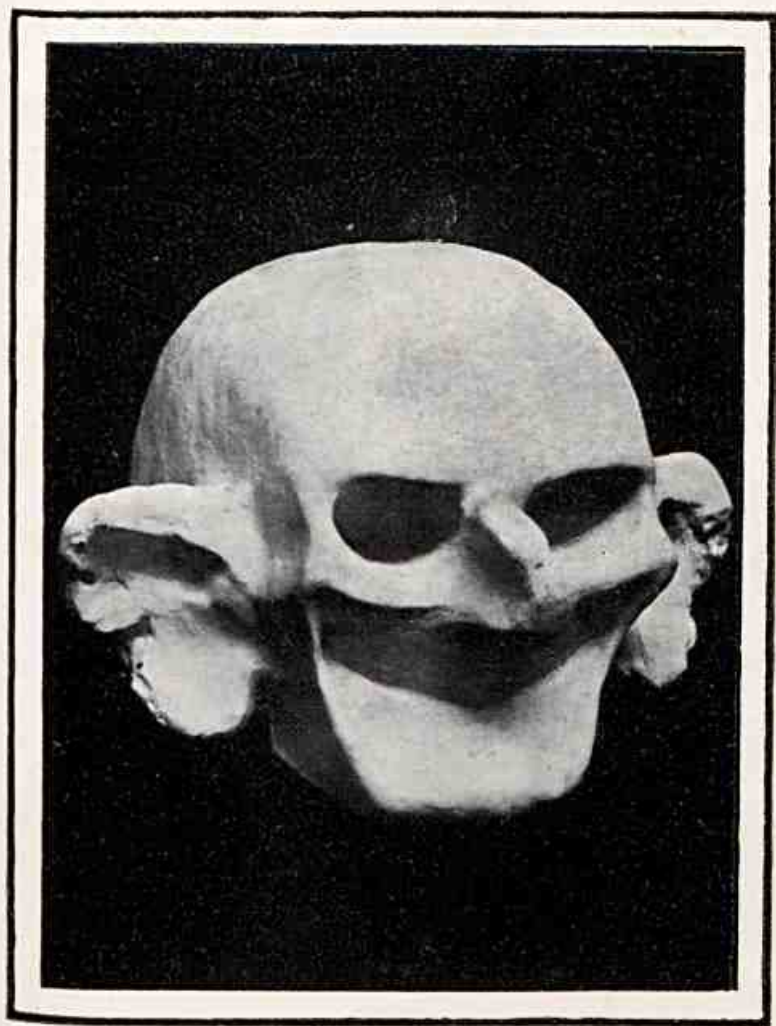
Ainda outro caso que exemplifica o mesmo genero de lealdade — a fidelidade do vassallo — é o que se refere ao cerco de Celorico, de cujo castelo era alcaide Fernão Rodrigues Pacheco, legenda que nos dispensamos de relatar porque desfecha apenas num expediente novelesco de astúcia.

Até aqui a lealdade do homem para homem; mas quando essa lealdade atinge em determinada figura o amor fiel á Patria traída e ameaçada e realisa a salvação nacional, então o heroi passa a ser adorado numa legenda religiosa, feito semi-deus, capaz de inspirar todos os actos futuros de libertação da grei e realizar todos os milagres do agiológio. É o caso de Nuno Alvares Pereira — o Santo Condestabre.

A França orgulha-se de ter a sua legenda continuada desde o rei S. Luiz até Joana d'Arc, encerrando o pensamento da justiça caritativa até á genese da ideia da patria, que segundo os seus historiadores teria aparecido com a *Donzela*. Nós temos a nossa legenda desde a Rainha Santa, Senhora dos milagres piedosos e perfumados, até Nuno Alvares — heroi e santo, exaltando todo o Portugal com a sua bravura, criando o resentimento de patriotismo lusitano e completando o ciclo legendario que o une á Rainha Izabel pela generosa e fraternal renuncia em vida de todos os seus imensos bens temporais.

Em maravilhosa belesa e profundo significado humano não cede a nossa legenda á da França. Simplesmente em Portugal, pelo torpór secular da consciencia colectiva, nós esquecemos o culto do nosso Santo libertador, emquanto a França, com o coração aceso na chama dum eterno entusiasmo, de ano para ano renova as festas do seu sagrado culto nacional.

(Continúa)



CAVEIRICATURA DE LEAL DA CAMARA

De Correia Dias

A Exposição Correia Dias



CORREIA DIAS, o mais fino, equilibrado e inteligente artista que tem produzido a geração que agora cresta os vinte anos ao calor da fornalha da vida, tem patente á apreciação publica no Salão da *Ilustração Portuguesa*, a sua primeira exposição de caricaturas.

Já no ano passado, a titulo de ensaio, o moço artista mostrára á sua terra educadora, Coimbra, uns ares do seu temperamento, numa serie de caricaturas pessoas. A cidade, que emerge em meio da mais religiosa e amavel paisagem de todo o Portugal, imprimiu nas suas obras um cunho de delicadeza que o leva para bem longe da caricatura indigena em que Bordalo e Celso floresceram nos tempos em que, no dizer ironico desse cultissimo espirito que é Veiga Simões, a caricatura entrava na engrenagem burocratica, com repartição assente no Terreiro do Paço.

De facto, até hoje Coimbra não gerou senão artistas equilibrados e sãos. Acaso já viram sahir dessa terra algum poeta ou prosador, cujas obras apareçam vincadas de violencias ditirambicas ou acratas? Descontando pouquissimos trabalhos pseudo revolucionarios cujos autores artificialmente avançados vêem para a vida pratica enfileirar entre as castas mais conservadôras, nada ha na arte ou literatura coimbrã, que incomode ou cause estranheza.

Correia Dias segue a regra geral. Tudo na sua arte é ligeiro, transparente. Até quando magôa o faz com elegancia, com linha, sem descompôr as figuras em contorcionamentos borrachos de individuos alçados sobre botas de palmilhas bocejantes. Não. Ele é um artista correto de cujas mãos todas as personagens podem ser transportadas para o friso de uma sala, para o debrum de um manto ou orla de tunica. A sua arte é de decoradôr, de um delicadíssimo decorador que comprehendesse e quizesse seguir, combinando-os, os coloridos de Tiepolo, a sobriedade elegante de linhas de Douris e a maravilhosa minuciosidade de Jean Pucelle, iluminadôr.

Quem percorre a exposição, seguindo aquela serie de quasi cem trabalhos, notará facilmente uma acentuada diversidade de processos e traços. O lapis do artista forragea um pouco por toda a

parte onde o *ironista sentimental* encontra assunto, liberto e ignorante de escolas.

O velho cujo rosto uma mólhada de barba branca sagra de vaga religiosidade, e que terno, serafico, se inclina sobre a bancada gotica escrevendo atento e recolhido o introito do catalogo da exposiçao,—o mesmo que além num quadro em plena vida nos olha de alto com os seus olhos alegres e maliciosos, é quem lhe revela essa e outras feições do seu temperamento. Correia Dias tem além disso, quanto a mim, a grande qualidade de apreender em cada cousa o que ella tem de original, por vezes obscuramente artistico, e de o apresentar como uma revelação. Isso se nota tanto nas caricaturas pessoases, como nas outras, nos barros e especialmente nos desenhos de cousas regionaes portuguezas, exemplificadas na Exposição pela capa da projectada revista *Terra-Mãe*.

Correndo os olhos pelas paredes de sala, as impressões, primeiro divagantes, passam rapido a agrupar-se, a classificar-se, por assim dizer.

Na caricatura pessoal, *Alvaro amigo* e *João de Barros*, a traço negro, pesado e cheio de retas, parecem gravuras de madeira arrancadas de algum tratado do seculo xv. *Nuno Simões*, em que as taras ancestraes do autoctone minhoto são levadas ao mais alto ponto, aparece com um aspéto trogloditico, que é dado mais pelos efeitos de côr, do que por linhas. *Jalme Cortesão*, ruivo, vermelho como um homem de cobre, esconde no traço cerrado das palpebras um olhar não sei se de dominio se de enternecimento, sobre o mundo. *Junqueiro* é o melro de bico amarelo, debicando as uvas do Alto Douro. *Veiga Simões*, «bacharel em leys que poz em caronica as saudades de Coimbra», segurando um rolo de pergaminho, o braço cahindo sobre o cantarão asado, parece recortado de uma pintura antiga, como os dizeres do letreiro. *Afonso Duarte*, decerto a melhor obra do genero, apresenta-nos o grande poeta do Campo de Coimbra olhos de vidente em face macerada de asceta, a lira ornada com um pedaço ideal de paisagem em que a agua do rio vae fugindo entre as linhas de choupos e a marcha cadenciada das colinas.

Nas *auto-caricaturas*, o artista protelsa-se disformemente, já figura de elegante, segurando um ramo enorme de flores, ora um manequim amaneirado de cartaz, ora exotico môno de vitral, dentro de uma boa combinação de motivos coimbrões. As caricaturas pessoases, porém, encontram na serie dos trabalhos do artista, muita cousa que as eguale e suplante.

É uma serie enorme a dos quadrinhos ligeiros, pequenas obras

primas de frescura, desenhadas a traço miudo como *Os Nossos Corações*, em que, na praia, à torreira do sol dois amorudos elegantes se *content fleurette*, emquanto as pontas da sobrinha e bengala recortam sobre a areia corações, iniciaes, fantasias, capitulo inedito de etnografia amorosa que a primeira rajada de vento desfaz, os *Noivos*, *Se eu cortasse duas barracas*, etc.; ou ainda como o *belvédere* sobre o mar, o *D. Quixote*, esplendida iluminura de documento antigo, e a *Dama do cão*, tão esguia e alta como a faca de cortar papel que o artista talhou em corpo de mulher.

As composições que teem por titulo, *Um beijo*, *Despreso*, *A tentação da carne*, são uma prova clara de quanto se para ahí o encaminhasse o seu temperamento, o artista podia fazer fóra da caricatura. A *Veneziana*, projéto de azulejo, é uma obra diafana de um decoradôr consumado e mostra como se podem aproveitar os elementos de qualquer região.

Coimbra deu-lhe tambem assunto para alguns quadros.

No que vejo donde trabalho é todo um trecho de chaminés, beiraes, grimpas, pilares de torre, com que os olhos deparam, depois de poisar no rebordo da janela, que alguns vasos populares (a panelinha, rochochuda e chefnha como a cara de uma moçoila da Beira, o cangirão de Leiria, alto de gola, etc.), alegam. A *Troupe* de moços encobertos com a volta de um arco, olhos fóra do bioco da capa, mócas pendentes, tem por fundo uma aparição medieva de Coimbra, com casas irregulares adormecidas, um contraforte conventual que as apoia, um pedaço de eirado a aparecer no alto, tudo por cima de um muro nú de couraça ou alarcova.

Margens do Mondego: a tricana que entra nagua, saia arregaçada sob o avental pequeninino e bordado, chale traçado heraldicamente sobre o hombro esquerdo, como uma capa de estudante,—qual deles imitaria do outro a tradicional feição?—lenço chegado á cara sob a trouxa e o asado vermelho em cujo testo o pucarinho oscila, brincahão; por fundo os choupos, erguidos ou cabeceando, veios dagua do rio entre o areal, uma velha que recolhe, corpo em marcha sob a roupa boleando no alguidar, pequenas que lavam ou enchem os cantaros, a ponta de um barco em repouso contra a areia, a prôa recurvada alto como biqueira de chapim. Momento fugidio e repetido da vida coimbrã!

Alem dos quadros, Correia Dias expoz um certo numero de barros e duas anforas ornamentadas. Dos barros muito haveria que dizer; caricaturas, grupos, figurinhas frageis, em que ha delicadezas

de Watteau e musculos de Rodin, formam toda uma serie que indica uma nova via em que o artista poderá lançar-se com felicidade.

A Renascença Portuguesa, que já deve a Correia Dias a capa da *Águia* é lembrada e exaltada em diversos pontos e em especial na caricatura de Teixeira de Pascoaes, e na *Amfora do Saudosismo*.

Sobre uma tabula de calcareo, esborcinada nas arestas, esculpiu e pintou o artista entre colunas de hieroglifos um busto de faraó—Pascoaes—ascetico, hieratico, a cabeça coberta por uma tiara enorme formada por uma aguia, cujas azas se encurvam sobre a lira do poeta. É a representação do sacerdote supremo de uma religião, que na *Amfora* encontra todo o desenvolvimento de uma cerimonia cultural.

Sobre o ventre pando de uma amfora, modelada por ele mesmo, pintou Correia Dias algumas das figuras que á Renascença teem dado o melhor das suas horas e dos seus cuidados.

Ao centro, entre as azas e o bôjo, sob uma aguia colorida com a viveza das pinturas das mumias, espalma-se o *Desterrado* de T. Lopes, a Esfinge da Raça como disse algures Pascoaes numa conferencia, estilizado á egipcia sobre um fundo de sol nascente e agua, que uma caravela enfunada corta ao longe. Em frente começa a desenrolar-se o extranho cortejo dos sacerdotes que veem depôr ante a Esfinge, os seus preitos de adoração. É Teixeira de Pascoaes que levanta os braços longos, seguido de Mario Beirão pequeno e berbére, Augusto Casimiro, alto, adunco, tangendo a lira e tropeçando na espada, Jaime Cortesão, de perfil ruivo, F. Pessoa, aguçado e pernalta, Vila Moura, faces cavadas de *doente da beleza*, Antonio Carneiro barba escura de filosofo grego, Leonardo Coimbra transpondo apenas os umbraes da floresta encantada, o Choupal, onde a Renascença, parece, se ideou. Faltou apenas nesta serie Alvaro Pinto o infatigavel trabalhador a que a Renascença tanto deve.

Correia Dias vae para o Brazil expôr os seus trabalhos, tentar aplicar as suas aptidões de artista decoradôr. Que a fortuna lhe não faça esquecer que alem de tudo mais a Etnografia portuguesa espera o seu concurso como ilustradôr, porque outro não ha que compreenda e sinta tão fundamente o que de amavel, de poetico e artistico ha em todos os regionalismos e cousas populares de Portugal.

Nova teoria do Sacrificio

XV



QUELAS funcções que a tradição ou a razão davam como pecaminosas, não naturaes, eram tidas pelos primitivos em horror e sujeitas a complicados tabús. A funcção sexual pertencia evidentemente a esse grupo. A tradição vaga duma primitiva periodicidade, e a impossibilidade, mercê do desvairamento dos sentidos, de a ela se regressar; o conhecimento, embora confuso, de que uma mudança se operara na primitiva attitude do acto genésico, e, por outra parte, a reflexão sobre as dissensões e perturbações que o ciume trazia, sobre a desorganisação da familia, instituição indispensavel á civilisação, com o adulterio, sobre o facto mesmo das perturbações causadas pelos excessos e o desgosto que se segue á realisação da funcção reproductora (*omne animal...*), a menstruação, derramamento de sangue no desfloramento; tudo fez com que a humanidade considerasse a funcção sexual não como o nosso contemporaneo Dr. Toulouse, «uma funcção de luxo», mas funcção abominavel, odiosa ás divindades, que era mister restringir ou exterminar de vez. A estes remedios logicos, opunha-se porém o instincto, de modo que nunca eles poderiam ser estrictamente seguidos, applicando-se somente em casos especiaes, quando se tratava de profissionaes da pureza, sacerdotes, sacerdotisas, hierofantes, etc., ou quando grandes calamidades sobrevinham.

Na maior parte dos casos atenuavam-se, simbolisavam-se. A castidade, «a mais singular das aberrações sexuaes», como a classica esse endiabrado Remy de Gourmont, transformava-se na monogamia, subtiliava-se impedindo as relações entre individuos do mesmo clan ou da mesma tribu, outras vezes, pelo contrario, evitando-as com agrupamentos diferentes. A emasculação, como veremos, ainda com mais força de razão se deveria modificar, o que deu, quanto a nós, a semi-castração e a circumcisão.

Eis a filiação que nós damos aos originaes costumes que se ligam com a vida sexual. Permíta-nos o leitor que insistamos neste assumpto. A hipótese é nova, segundo cremos, e carece de ser apoiada em factos:

A exigencia da castidade ás pessoas com funcções de culto e de requintada piedade, vem dos mais remotos tempos. Os exemplos são tão numerosos que acodem á maior parte dos leitores. O horror em que as funcções sexuaes eram tidas, transparece até na attribuição de nascimentos sem a sua intervenção, aos diferentes salvadores, messias, deuses, etc. Saintyves dá abundante informação de taes casos num erudito e interessantissimo livro (1).

(1) Saintyves, «Les Vierges-mères et les Naissances miraculeuses», 1908.

A castração existia na antiguidade em larga escala, em sacerdotes e iniciados. Strabão, falando da edificação do templo de Diana, em Epheso, informa-nos que, nesse templo «só se encontravam outr'ora padres eunucos, aos quaes se dava o nome de *megabyzos* e que se mandavam vir, a par e passo que eram necessarios, de paizes mesmo muito afastados, para só haver pessoas dignas de exercer um tal sacerdocio. Estes eunucos eram o objecto duma grandissima veneração, mas tinham de fazer participar nas suas funcções um igual numero de virgens (1).» Para fins religiosos «Periandro, filho de Cypselus, enviara a Alyatte tresentas creanças das melhores casas da Corcyra, para delas fazerem eunucos. (2). Este rito tornou-se, porém, celebre nos misterios da deusa Cybèle.

Os sacerdotes desta deusa eram castrados. Nas festas, a «dança louca proseguia o seu infernal ruido, e succedia que um tresloucado, novo Attis, com uma faca de pedra (3), instrumento sagrado conservado das edades primitivas, amputava celeremente o seu membro viril. Agora era padre, era quasi deus. Sem duvida havia pessoas preparadas a fim de dar ao pobre deus os cuidados indispensaveis para que não seguisse prontamente Attis na morte» (4) O illustre Loisy diz-nos que «a origem e o objecto inicial da mutilação não são facéis de determinar.» (5) A dificuldade vem, parece-nos, de não se ter atendido ás causas que faziam da funcção sexual uma funcção maldita. O remédio—a castidade e a emasculação para melhor a assegurar—era intuitivo. Aqui o caso complica-se, sem duvida porque este rito era uma representação. Mas uma representação de que? Da vida de Attis. Mas se considerarmos Attis como pertencendo ao tipo dos salvadores, como Osiris, Tamuz, Zoroastro, Buddha, etc., tudo se esclarece, porque o seu distinctivo é a pureza, a vida santa, sendo pois, logica, neles, pelas razões ditas, a castidade, embora ás vezes atenuada, ou mesmo a emasculação. No volume que seguir a este, estudaremos a categoria dos salvadores.

Não se está bem informado da extensão destas praticas. Muitos têm pensado e pensam ainda que o costume da castração sacerdotal teria sido importado na Phrygia dos cultos semiticos, e especialmente do culto babilonico, onde estava em vigor. Loisy, é de opinião que tal costume não seria tão geral entre os semitas, mas reconhece que «parece certo que existiam eunucos na Babilonia, no culto de Istar (Naná), desde os tempos mais remotos.» (6)

Sabe-se que os phenicios tambem praticaram a castração, bem como os mexicanos.

Ainda a proposito do horror em que era tido o acto gerador, podemos apresentar alguns dos numerosissimos factos de flagelação

(1) Strabão, «Geographie», tr. de Tardieu, vol. III, pag. 113.

(2) Herodoto, III, 48.

(3) Prova da antiguidade do rito.

(4) Alfred Loisy, Cybele et Attis in «Revue d'Histoire et de Littérature religieuses», ano e tomo IV, pag. 297-8.

(5) Loisy, art. cit., pag. 299.

(6) Loisy, id., pag. 304.

dos órgãos sexuaes, embora os que a praticavam, desconhecida a primitiva significação do costume, lhe attribuissem influencias magicas. Frazer, dando-lhes uma interpretação diferente da nossa, cita varios casos. «O mesmo acontecia com o desgraçado que servia de bode expiatorio. Chicoteavam com scilas, etc., os seus órgãos genitales...» (1) e mais adiante: «... certos indios do Brazil flagelam os órgãos genitales com uma planta aquatica, o *aninga* branco, tres dias antes ou tres dias depois da lua nova.» (2) Não temos duvida em destacar estas flagelações especiais da longa serie de flagelações dada por Frazer, por supormos ter achado a causa dessas outras flagelações.

Voltando á castração. Não era natural que este costume, pela sua barbaridade, se pudesse manter. Devia atenuar-se, humanisar-se. Quanto a nós, o seu abrandamento foi a circumcisão, rito que não tem, parece, até hoje recebido uma interpretação satisfatoria. As mais desencontradas hipóteses se têm feito ácerca da sua origem e nenhuma delas, cremos nós, logra satisfazer o fim desejado.

Dando noticia da obra de H. Webster «Primitive Secret Societies», 1905, o P.^o Loisy relata que, segundo Webster, a circumcisão, que se liga aos ritos de iniciação, teria sido um meio de facilitar o acto da geração, e ao mesmo tempo um signal de admissão á vida tribal, aos privilegios dos homens. E assim comenta o illustre sabio: «A explicação parece simples e natural. Talvez até o seja de mais. E mais adiante, diz-nos que «o *affaire* da circumcisão é muito mais complicado do que o que parece». (3) O caso comtudo, é simples, afigura-se-nos. As interpretações é que atingem uma extraordinaria complicação. Letourneau chega a fazer a hipótese de que a circumcisão tem origem num sentimento estético. «Mas a ideia do belo e os desejos amorosos andam muitas vezes juntos. Outras mutilações como a circumcisão, a infibulação, poderiam, na origem, corresponder a um sentimento estético; depois a religião apoderou-se delas» (4). Para Spencer a castração como a circumcisão têm por causa o uso de se guardar trofeus: (5) Grant Allen vê na circumcisão a atenuação de sacrificios humanos (6), e Reinach escreve: «Diz-se muitas vezes que a circumcisão comum aos Fenícios, aos Hebreus, aos Arabes e a muitos outros povos (mesmo na Oceania), prova a existencia anterior de sacrificios de creanças, resgatadas por este sacrificio duma parte da sua pessoa». E comenta: «Mas este sacrificio parcial pode muito bem ser o simulacro dum sacrificio total *que nunca foi praticado*», etc. (7)

Chegamos a um ponto em que a nossa interpretação parecerá bem aceitavel. Pois se eminentes pensadores concebem que a circumcisão seja a atenuação dum sacrificio humano, com mais força de

(1) Frazer, «Le Rameau d'Or», tr. fr., 1908, vol. II, pag. 384.

(2) Frazer, ob. cit. II, pag. 386.

(3) «Revue d'Histoire et de Littérature religieuses», ano e tomo III, pag. 308.

(4) Letourneau, «La Sociologie», pag. 85.

(5) Spencer, «Principes de Sociologie», tr. fr., tomo II, cap. III.

(6) Grant Allen, «Evolution of the Idea of God, 1897», pag. 200.

(7) Reinach, «Orpheus», 1909, pag. 62.

razão se conceberá que seja o atenuamento da castração. A fortificar os nossos argumentos vem ainda o surpreender-se um rito intermediário entre a circuncisão e a castração. São as semi-castrações, a que, por exemplo, se refere Lagrange (1).

Se a castração entre os sacerdotes de Cybèle era um rito de iniciação, também a circuncisão o era em varios mistérios, o que demonstra a sua analogia e filiação. Sabe-se que Pitágoras foi obrigado a deixar-se circuncidar para obter a sua iniciação nos mistérios de Isis (2).

A ideia de que a higiene pudesse intervir na criação do rito, essa, póde dizer-se completamente abandonada e com justa razão.

(Continua).

Matozinhos, 1/4/14.



(1) Lagrange, «Etudes sur les Religions Semitiques», 1905, pag. 243.

(2) Maurice Vernes, art.º «Circoncision» in «La Grande Enciclopedie».

NO PRÓXIMO N.º — BIBLIOGRAFIA

ULTIMA CARTA?

A Antonio Sergio

Meu querido amigo e camarada:

PRINCIPIAREI por esta afirmação que os homens gostam de repetir, para se darem a ilusão de que tudo o que acontece, dimana do seu querer: *ha cousas cruéis n'esta vida!*

Quando se dá qualquer facto desagradavel, o homem só o considera como autentico, depois de afirmar, pela palavra ou pela escrita, que ele, na verdade, aconteceu... E esta tendencia humana é uma especie de satisfação que damos a nós proprios das cousas más que nos magoam. E, além d'isso, se puzermos o mal, de alguma forma, sujeito á nossa vontade, fugimos assim, ainda que illusoriamente, a esse tragico espectro que assustava os proprios Deuses, — o inexoravel Fado!

Ha cousas cruéis n'este mundo! O meu caro Antonio Sergio desde longos mezes me persegue de martelo em punho, encarvoada blua de ferreiro, os grandes olhos negros faiscantes de metalicos brilhos, a face talhada em fumarentas expressões, todo n'um arremesso destruidor contra o meu *pensamento saudosista*, contra a fragil e trémula Saudade, pobre e delicada Virgem, branca de panico, sob a lança dos judeus!

Ha mezes que vivo assaltado por tão horrivel pesadêlo, e o meu papel protector de S. José, planta-me de brancas a cabeça e, para que elas vicegem, orvalha-me a fronte de suor.

Cousas cruéis d'este mundo! Deixe-me afirmar o facto brutal, isto é, autenticá-lo, para que eu tenha, ao menos, esta vaga consolação de o attribuir ao meu livre arbitrio e não á cêga e desalmada Fatalidade!

Sim: ha cousas cruéis n'este mundo! E a mais cruel de todas é a sua ultima carta! Ah, meu caro Antonio Sergio, então, é no momento em que o seu feio vulto plutonico, vibrando contra mim os raios forjados para exclusivo uso de Jupiter, — despe miraculosamente o tenebroso habito infernal, deixando chegar aos meus olhos encantados a figura de Julieta, onde a beleza feminina atinge aquela altura que já fica alem dos astros; — então, é n'um momento assim que me foge e diz adeus?!

Por isso, não me canço de pregar contra o culto exclusivo e mesquinho das pequenas realidades proximas! Veja o leitor como este culto endurece o coração e lhe dá requintes de maldade!

Sim: a sua ultima carta foi a conclusão fatal das anteriores, o dramático desenlace.

Enquanto o seu vulto era negro e aggressivo, não deixou de me perseguir, a mim e á Saudade...

Agora, chegado o momento da ausencia, transfigura-se em imagem de infinita beleza, a fim de que o alivio que eu deveria sentir, vendo-me em bôa paz e descanso alegre, se transforme em amargo soffrimento!

Mas quem me diz que não serei injusto? Quem sabe, meu caro Antonio Sergio, se o seu anti-saudosismo deseja converter-se, á ultima hora, em fonte de saudade?

Todavia, o drama subsiste...

Pois Othelo, ao dizer-me adeus, se transfigura.
 Seu tragico perfil gravado em noite escura,
 De subito, amanhece!
 E o monstro, cujo vulto o Olimpo entenebrece,
 No momento sem fim da despedida
 Quando a noss'alma fecha os olhos, falecida,
 De si mesmo renasce, e é lirio a perfumar
 E rosa de tocar...
 E este meu coração
 Reza em voz alta mistica oração;
 De medroso se torna confiante,
 Enamorado e amante...
 E julga que a divina claridade
 N'ele se fez (olhae!) por toda a Eternidade!
 Mas, ó caso dramático, sem nome,
 Bem peor do que a peste, a guerra e a fome,
 Eis que a doce Figura encantadora,
 Apparição da aurora,
 Desfeita em frias lagrimas se esvae,
 E aos meus pés de rochedo um raio acezo cae!

Para que apelar n'esta minha desolação? Qual o ultimo recurso?
 Resta-me a carta, a ultima, em cujas palavras madrugantes dir-se-há
 que paira a divina presença radiosa de Julieta, a mistica Sombra
 bem amada...

Vamos lê-la mil e uma vez, até que as lagrimas lhe diluam para
 sempre as inefaveis palavras que são estrelas... flôres... que
 sei eu?!

Mas deixemos Romeu, Ofelia e Othelo, essas figuras sem-
 piternas do drama humano.

O meu caro Antonio Sergio, na sua carta de despedida, principia
 por declarar que o *Saudosismo* leva a Coimbra, á bôa retorica, ao curso
juridico, ao comunismo do Estado, á Secretaria e talvez a S. Bento!
 Como? E porque? Não percebo! Esta sua affirmacão é grave, cruel-
 mente injusta, de quem finge desconhecer, por completo, as mi-
 nhas ideias!

A cultura do character portuguez, a unidade espiritual da Raça,
 realisando-se n'uma alta aspiração religiosa creadora de todos os

bons sentimentos de sacrificio, heroismo, fraternidade; — o retocar com tintas vivas a imagem delida da Patria; o dar ao Povo a consciencia do seu proprio sêr moral inconfundivel, levando-o a crêr n'um mais alto destino, sem desprezar (o que varias vezes tenho dito) a educação tecnica necessaria ao trabalho que produz riqueza; o desejar, emfim, tornar Portugal um sêr vivo com corpo e alma propria, original Presença entre as outras nações, — tudo isto, segundo o seu criterio, leva o nosso compatriota a bacharel parasitario!!!

Despertar as energias da alma, sem as quaes não ha trabalho fecundo, mesmo do sentido restricto da palavra, é, conôrme a sua opinião, provocar o advento da Preguiça, é obra de retorica e de cavalleiros andantes retardatarios...

Essa, meu querido amigo, não lembrava ao Diabo! Mas lembrou-lhe a V. E não queria que lhe chamasse Othelo!

O Antonio Sergio, no seu odio ao *Saudosismo*, já lhe atribue os males de que Portugal soffre ha muitos annos, como se, acaso, ele fôsse antes de sêr... Olhe que o pobresito mal acaba de sair do bêrço. É ainda uma creança inocente, irresponsavel pelo crime dos maiores.

Ele nasceu para combater tambem os males de que fala o meu bom amigo. A sua espada, como a do Archanjo, é feita d'um relampago, emquanto que a do meu caro Antonio Sergio parece-me de pau. Eu explico, para evitar equívocos. As forças que, antes de tudo, desejo pôr em actividade, são as forças espirituaes, pois entendo que uma realidade só é verdadeira e fecunda, quando proceda d'um sonho bem amado, como o fructo procede da flôr.

Mas, se a realidade quer antepôr-se ao ideal originario, ela resultará uma cousa anemica e mesquinha, semelhante a um pássaro que nascesse d'um ovo... artificial.

O meu querido amigo é que está com a retorica, e a peor das retoricas, a retorica *sub-verbo*, penetrando a essencia da palavra, a roer-lhe o espirito! Explicarei. Ha duas especies de retorica. Se uma, a epidérmica, atinge apenas o vestuario do pensamento; a outra, mais insinuante, tenta substituir-se ao proprio pensamento. É o seu caso, meu caro amigo, e o de todos aqueles que insistem, por qualquer motivo, em considerar unicamente a face proxima e restricta das cousas, fingindo esquecer que todas as realidades, até mesmo as que nos ferem, são longinqua e espiritalmente elaboradas... É *n'esse longe espirital*, n'esse *Vago amanhecete*, que devemos dar inicio a qualquer obra, se o nosso desejo é penetrá-la de efficacia e duração, torná-la harmonica e fraterna com a existencia viva que é, por natureza, etérea, ondulante, indefinida, inimiga de rectilíneos preconceitos e frias regras geometricas.

E o seu erro de considerar o effeito e não a causa, como ponto de partida, leva-o, na 1.^a nota da sua carta, a attribuir a actual prosperidade da França á distribuição pelos camponeses das terras da nobreza, á identificação da sociedade com o Estado, etc., como se tudo isso não fôsse o producto real d'um sonho anterior, — o sonho que animou os escritôres do seculo xviii.

Já vê que tenho razão. Eu quero, em primeiro lugar, imprimir actividade ás energias anímicas da Raça, para que ela crie o *seu* sonho redemptor, creadôr d'uma futura e bela Realidade. Claro que este sonho *tem de ser português* (e é sempre o meu caso) e não francês ou allemão... porque só poderá tornar-se útil a um Povo o que ele proprio crear, dentro do seu meio, das suas qualidades racicas, tradições, sentimentos, etc.

O que é verdade em França pode ser mentira em Portugal. Se concorreu a distribuição da terra para a prosperidade francesa, na Grã-Bretanha aconteceu precisamente o contrario. A persistencia do morgadio é considerada a causa primeira do grande desenvolvimento colonial da Inglaterra. Cautela com as imitações! Não nos deixemos fascinar pela grandeza dos outros. De resto, ha varios modos de ser grande, para além do Comercio, da Navegação e da Industria...

Diz tambem que não devo odiar o Catholicismo e que o espirito da nova França é catolico. Porisso mesmo, é que eu não quero o Catholicismo. Eu só quero o que, por natureza, nos pertence. As velhas tradições religiosas da nossa Raça não são catolicas. A primeira igreja lusitana viveu independente de Roma durante muitos seculos. Nós chamavamos ao Papa o bispo de Roma. Foi Affonso Henriques que a subordinou á Curia, por interesses politicos.

A alma portuguesa é livremente religiosa, e a nossa igreja deveria ser livre tambem,—o que daria mais character e autonomia moral a Portugal. O Catholicismo é verdadeiramente hespanhol. De resto, eu não odeio o Catholicismo, como não odeio nenhuma religião. Todas representam formas, mais ou menos imperfeitas, d'uma viva tendencia eterna e superior da alma humana.

Na nota 3.^a o meu caro amigo estranha que eu não tivesse reparado na *educação ingleza, na justiça ingleza, na mentalidade ingleza*, etc. E estranha, porque? Pela simples razão de eu me referir na carta anterior, ás pontes sobre o Tamisa, e ás chaminés das fabricas! Eis o que se chama apanhar um argumento pela ponta dos cabelos! Quem lhe disse que eu não admiro, sobre tudo, na Inglaterra, o espirito nacional que soube encontrar a harmonia entre o Passado e o Futuro, a Tradição e a Evolução?! Oh, se admiro a alma ingleza! alma séria, silenciosa, profunda, nascida d'um raio de luar coado pela nevoa, em vagas scintilações de melancolia, sobre a agua d'um lago assombrado de arvores... Admiro-a e amo-a! sem que este amor destrua ou diminua o mais alto amor que eu dedico ao genio lusitano, esse templo de Tristeza, erguido nos Ermos, com a Saude, lá dentro, a orar a um Deus Menino!

Ainda a respeito da nota 3.^a, não quero deixar de agradecer-lhe as maravilhas de Verbo que generosamente me atribue. É a primeira pessoa que de tal se lembra! Muito e muito obrigado pelo maior obsequio que tenho recebido em minha vida!

Oh, meu bom amigo! O meu verbo é humilde e... escuro!

É uma simples tunica de linho, mal talhada, esburacada, entremostrando a sinceridade nua do meu pensar.

Maravilhas de Verbo! É boa!

Refere-se depois o meu admirado e querido confrade á minha concepção *simplista, poeticamente ingenua*, emfim, á celebre *sancta simplicitas*, latina fraze arrancada aos labios magicos do Fausto que que foi o maior ingenuo d'este e do outro mundo!

Não deu ele a alma ao Diabo por uma noite de amor? Eis ahi a Ingenuidade, — o sacrificio do que é eterno por um efémero instante que encerra, dentro do seu relampago fugitivo, isso que vale mais que a Eternidade!

Ser ingenuo... ser ingenuo... é ser! Eu só conheço uma cousa desiludida — o esqueleto.

Não imagine o meu querido amigo que meia duzia de estatisticas e de nomes e de factos (inclua mesmo toda a sciencia!) metidos na cachimonia, despem a creatura do seu vestuario de innocencia, da fatiota edenica talhada em folhas de hera.

Ilusão! A innocencia é, em nós, profunda, estructural, organica, e tem só como inimigo o Espirito, esse Demonio que se ri de Deus, depois de sondar com a garra adunca as ócas entranhas da sua obra.

Nem se julgue despido de ingenuidade, quando quixotesca-mente (o que é *sympathico*) esgrime com a sua alfangica estatistica contra os Tenorios do planeta!

Sancta simplicitas! Sancta simplicitas! tu és a propria essencia da Vida, o claro espelho fiel onde tudo se reflecte!

A Luz é ingenuidade, e a Cór e o Som! A Virtude é ingenuidade e o Crime é ingenuidade. O mundo é uma esfera de innocencia gravitando atravez da infinita innocencia do Infinito.

No meio da simplicidade que nos cerca, eu só vejo uma face desiludida, êrma de innocencia, cadaverica — e essa face não é a sua, com certeza, meu querido amigo, e ainda bem! — é a face mortal da Lua, essa Caveira fosforescente, radiando o pavor, o medo e a tristeza, a agoreira antevisão do Fim, n'este banquete deslumbrante dos mundos, a que preside o Rei-Sol.

Sim: eu quero ser ingenuo, e mesmo, se possivel fosse, ridiculo, quixotesco, *delirante*, para me servir d'uma frase sua; mas isso é tão difficil! Tal estado só o conseguem os Deuses!

Em seguida, o meu caro amigo insiste em dar um valor nacional ao movimento mistico italiano do seculo XIII. Toda a alma d'esse movimento foi *um homem* excepcional, o maior depois de Cristo. De resto, a sua influencia atingiu varias raças, porque era divina... Mas esse movimento mistico não foi nacional, nascido da alma d'um Povo. Obra d'um homem sublime, com ele baixou á sepultura. Morto S. Francisco de Assis, as suas cristãs comunidades logo se deixaram absorver pelo catolicismo romano. *O Franciscanismo* passou pela Italia, como o Christianismo pela Judeia. Aquele regressou ao catoli-

cismo pagão—ao Vaticano, e este, á sua velha Lei de Moysés,— á Sinagoga.

Eu não deturpei as suas affirmações. Contestei-as. Nem praticaria tal peccado! Escuso repetir-lhe quanto o estimo e considero e admiro para respeitar (embora delas discorde) as suas ideias nascidas d'um belo e culto espirito que muita honra, não só a Renascença, como o actual meio portuguez a que pertence. É o meu querido amigo um dos mais lidimos caracteres e lucidas inteligencias do nosso tempo e ainda aliados a uma fina sensibilidade poetica, prepositadamente occulta sob ferrea couraça de combatente, contra a qual o meu Saúdosismo esgrime, nas suas horas mahometanas em que Deus tambem comanda exercitos.

Peço-lhe, com o maior interesse, que não abandone o logar que tanto honrou e distinguiu n'esta revista. Continue ahi a expôr as suas ideias, que, da minha parte, encontrará sempre o mais amigo e admirador adversario. E deixe-me dizer-lhe alegremente que nos encontramos, em guerreiro convivio, no odio ao *bacharelismo*. N'esta palavra se resume toda a nossa doença nacional. Mas quem criou semelhante specimen foi a decadencia do caracter portuguez, o *estrangeirismo*, que nos tornou amorfos, indecisa materia inerte. O bacharel é composto de umas teorias juridico-sociaes imporadas pelo correio, ignorante completo da tradição espirital da sua taça, que ele não pode amar, porque a não conhece. Não sabe d'onde vem nem para onde vae. É celula d'um corpo, mas desligada e resêca, longe da sanguinea corrente que vivifica, insensivel ao Todo de que deveria fazer parte... No meio dia da sua juventude, é já um sêr crepuscular. Passou, quasi insensivelmente, da alegria de viver ao tedio de existir. Intellectualmente, o pessimismo, um pessimismo de origem funebre, é que o salva. O phantasma ri-se... conquista assim uma attitude superior, sem reparar que o seu proprio riso o não toma a sério... Não anda acordado; somnolentemente divaga ao sabor do zéfiro que é, n'este caso, o *influyente conterraneo*, um outro bacharel em automovel, que se mexe, e fala,—um bacharel com lingua e pernas... mais dentro da zoologia. Às vezes, o bacharel faz versos sentimentaes... vagas palavras anemicas vagamente enfileiradas. É o odio á Inspiração. Faz-se poeta a ver se destroe a Poesia, porque, sendo ele um sêr destruido, é, por vingança, uma causa destruidora. Chimerico vulto de tedio e pessimismo, ha n'ele uma cousa viva apenas,—o estomago. Ganhar o pão de cada dia impõe-se. Como? Galopinando, que é officio leve. Sentimentos de sacrificio, o patrio amor—tudo isso é fumo para a sua alma isolada, apenas individual, sem o menor ponto de contacto vivo com a alma do seu Povo. Eis ahi o mal! O mal é o isolamento, não do resto do mundo, mas da propria terra natal na lembrança do seu passado e no desejo, na esperança, do seu futuro.

É necessario opôr ao bacharel inerte o portuguez activo, ancioso, em sobresalto de alma revelada. Quando ele atingir este grau de vida, de vida humana e lusitana, o resto (trabalho, industria, agricultura, etc.) apparecerá espontaneamente. A questão é que o sol es-

plenda no infinito. Logo as sementes germinam, as flores desabrocham e os fructos amadurecem, como por encanto. Antes de tudo, o sol no espaço e a alma na creatura. A realidade é sonho que se condensa e não é sonho a realidade evaporada. O beijo nupcial é anterior ao filho, a flôr anterior ao fructo, a nevoa anterior á chuva.

Alma! Alma! Alma! é o que nos falta, meu caro Antonio Sergio! Alma que nos eleve da chateza e do vulgar, d'este pantano burguez e bacharelento, d'onde possamos ver, com os nossos olhos lusitanos, mais belos horisontes, vida mais alta, *mais nossa* e mais perfeita.

E, agora, desculpe a estopada d'esta longa missiva, e receba um grande abraço, não de phantasma omnipresente, mas de ser vivo, para quem ha distancias de terra e agua, que ele desejaria percorrer, afim de o abraçar em pessoa, ahi, n'essa formosa cidade suissa . . .

Camarada e amigo,

Teixeira de Passos

Post Scriptum:

Recebi agora a gentil oferta da sua conferencia—O Problema da cultura e o isolamento dos povos peninsulares—proferida na cidade do Rio de Janeiro.

O eu discordar de alguns pontos de vista, não me proibe reconhecer o seu valor. É, sem duvida, um trabalho honesto e inteligente, e o contrario seria, para nós, uma surpresa.

Tem a sua conferencia um grande valor. N'ela aparece, bem nitido, o seu pensamento anti-saudosista, que eu vejo apoiar-se n'um mal entendido que, entre nós, existia.

Ha na sua conferencia, uma palavra magica, até aqui misteriosa para mim, mas que se revela agora com a maior nitidez.

Refiro-me á palavra *purificação*.

Realmente, eu não podia compreender o odio a esta palavra, enquanto ella significasse, como no meu pensamento, o resurgir da alma patria dentro das suas nativas qualidades ou antes de acordo com a sua propria natureza, a fim de ella assegurar a nossa independencia espirital, dando á raça o dom creadôr e assimilador em opposição ás deprimentes, siamêscas tendencias imitativas, que constituem a vil degenerescencia d'aquelle dom precioso.

Mas, afinal, a palavra—purificação—aparece-me, nas paginas da sua conferencia e nas frases dos autores citados, como significando a guerra do catolicismo intransigente ao livre espirito religioso e scientifico! Na verdade, tal purificação foi realisada pelas fogueiras inquisitoriaes que, tentaram queimar, para sempre, na Iberia, pre-

cisamente esse espirito original, creador e livre, não catolico, nem romano,—esse espirito que é a propria essencia da Saudade e da Anyorança e que tem como terra natal Portugal e a sua irmã Catalunha. Ora, esse espirito melhor ou peor formulado, meu caro Antonio Sergio, é o Saudosismo que eu defendo! e essa purificação sua inimiga, é o seu catolicismo! Vejam lá!

Fala tambem na palavra *isolamento*.

Dá-se a mesma cousa com esta palavra. Na sua conferencia e autores citados, ela traduz o medo dos nossos catolicos inquisidoes a tudo o que viesse das regiões infestadas de heresia. Mas não odiavam a Europa: odiavam, Erasmo, Lutero, o anglicanismo, Calvino, etc.

Para mim, a palavra Isolamento quer dizer: evitar o nosso espirito de contagios deleterios, que o adoeçam no seu caractere original; mas nunca, de maneira alguma, eu defendi a quebra de relações com o resto do mundo. Cada povo tem as suas quaidades especiaes que mutuamente se estimulam e completam. E estas *quaidades especiaes* é que é preciso conservá-las sempre acezas. D'elas resulta a riqueza, a variedade, o ritmo da Civilização em geral.

A *purificação e o isolamento de que fala*, nada têm com as minhas ideias. Sim: nós devemos importar o que nos falta agricola, industrial e scientificamente, sobre tudo; isto é, o que constitue o corpo d'uma civilização...

Alma creadora de novas ideias e sentimentos, temos nós. Revelêmo-la, que ela dará ao mundo, não a materia d'uma civilização, mas o espirito, a flôr...

A *ideia individual, racional, artificial, da Renascença italiana*, tornou-se, na raça portuguesa, *genio popular, força viva, instinctiva*, capaz, portanto, de definir socialmente, um dia, o que tem sido, desde seculos, isolada e perdida aspiração de algumas almas. O genio portuguez está, como o de nenhum povo, na logica da Renascença italiana (!)—essa promessa imorredoura d'uma nova Civilização.

Com injustiça o meu caro amigo escreveu o seguinte periodo que vem a pag. 14 da conferencia:

«Pululam hoje na mocidade os defensores do Isolamento, que querem limitar a certos tons nacionalistas não só a lira dos tropeiros (o que não discuto) mas o proprio pensamento e actividade nacional. Significaria isso, sem duvida, insistir no maior erro consciente dos nossos antepassados».

Insistir no que ha de injusto n'estas palavras, torna-se inutil depois do que atraz dissemos, que é, afinal, o que temos dito sempre.

Outras suas affirmações, de menos importancia, poderia contestar, mas esta já vae longa; e, além d'isso, julguei dizer o bastante

(!) A ideia-mãe da Renascença vem desde os tempos mais antigos da Grecia, ora oculta, ora revelando-se nas obras de certos escritores (sobretudo dos escritores modernos) mas só atingiu uma expressão colectiva, popular, na raça portuguesa. D'ahi o grande valor da Saudade, onde encontrou a ideia-mãe da Renascença, o seu corpo de lembrança e desejo, sentimental, activo e creador.



GRUPO DE SANTO ANTÓNIO

De M. Gustavo Bordalo Pinheiro.

ácerca do que é, na verdade, o *pensamento saudosista*, de muito mais alcance social, filosofico e religioso do que esse que o Antonio Sergio lhe quer atribuir.

Peço-lhe, emfim, que acalme um pouco o seu ódio ás Descobertas, ao genio aventureiro. Lembre-se de que o Brazil é hoje e desde muito tempo, a causa principal da nossa existencia. A paisagem portuguesa é muita bela; mas os seus campos são de terra pobre... Pouco valem as machinas, os processos scientificos da cultura, etc., em sêcas terras arenosas, que só as chuvas do ceu fecundam...

As margens dos nossos rios, quasi todas alcantiladas, morrem de sede á vista da agua, como o Tantaló. A nossa agricultura nunca poderá satisfazer ás nossas proprias necessidades... Temos de emigrar, meu caro caro Antonio Sergio. E esta visão fatal do destino, tornou-se na alma portuguesa em genio de aventura; deu-lhe velas para navegar em busca d'outras regiões mais felizes... Um belo dia, aportamos ao Brazil. E quando Pedro Alvares Cabral pôz pé em terra americana, firmou com o tacão da bota a nossa existencia futura. De resto, isso a que Antonio Sergio chama *energia caçadora e aventureira* foi uma forma natural, d'acordo com o tempo, com o instante historico, da actividade europeia. Emquanto nós conquistavamos a India para a vida mundial, os seus inglezes, francezes, holandezes, etc., conquistavam navios mercantes para exclusiva riqueza das suas pessoas...

O desenvolvimento da sciencia, a descoberta do carvão de pedra por um ferreiro de Gand, é que naturalmente converteram a anterior forma de actividade *em trabalho creador*, como lhe chama. Este descende d'aquela... Sejamos razoaveis. Tudo teve a sua época e o seu valor.

Muito teria a dizer ainda ácerca do seu valioso trabalho, mas esta já vae longa, repito, e o direito de massar os outros não faz parte dos *Direitos do Homem*.

T. P.

ANKISES

A Alcides Maia

FIGURAS—*Ankises*—*principe exilado*—*Rosalinda*
—*princeza solitaria*.

Foi no tempo em que os pagens e os heróes tinham cabellos de ouro e as princezas de encanto dialogavam com as estrelas. No meio de um prado muito verde e muito florido erguia-se um palacio tendo na frontaria de lapis lazuli columnatas de marmore rosa encimadas de cariatides sustendo um amplo terraço que as ramas negras de alguns pinheiros elegiacos acariciavam.

Proximo, uma collina destacava na sombra nocturna a sua curva que parecia um seio gigantesco. A princeza habitava um castello visinho, muito só, no silencio d'aquelles páramos de lenda e penumbra. No palacio vivia Ankises, joven e formoso principe-poeta que de uma harpa de cordas de ouro arrancava melodias divinas que a noite profunda ouvia em extase. Rosalinda escalava a collina nas noites em que o luar não vinha.

ROSALINDA

Ouçõ uma voz . . . É a voz dos astros e das flores
Que quando o luar não vem segredam seus amores.
Quero ouvir-lhes assim cantigas muito mansas
Como um bando de sóes e um bando de esperanças . . .
Astros de ouro cantae, que eu sinto as harmonias
Que esse canto profundo em suas notas encerra,
E ante o mysterio dessas melodias
Que vêm brotando desses aureos lumes
Eu presinto o segredo dos perfumes.
Astros — flores do céu, flores — astros da terra !

O céu muito baixo parece querer tocar a terra. No negror velludoso da noite, o ouro das estrellas scintilla mais, e o silencio provoca sonhos mirificos e gera allucinações. As cordas da harpa resoam e a sua musica terspassa o ar, levada na mão invisivel da brisa tranquila e vae ferir os ouvidos de Rosalinda.

ROSALINDA

*Erguendo as mãos para o alto como para
tocar as estrellas:*

Eil-as que cantam. E a sua voz é linda.
Cantae estrellas de ouro o vosso canto
Para o encanto
Dos ouvidos da princeza Rosalinda.

Descei, vinde até mim nas noites calmas,
 Vinde até mim cantar canções singelas
 Vós que sois, ó estrellas,
 Boccas doiradas p'ra beijar as almas.
 O madrigal que os vossos labios cantam
 Nunca eu o ouvi cantado por ninguem;
 As suas notas de fogo me supplantam
 Enchem-me o coração e enchem a terra tambem.

A princeza calou-se. As melodias da harpa continuaram, mais graves, mais solemnes, mais eloquentes. Rosalinda presa dos sons que a deleitavam desceu a collina e foi seguindo a melodia. Acercou-se do palacio e encostou o corpo flexuoso de linhas maravilhosas a uma columnata. Os harpejos pareciam nascer das ramas dos pinheiros que o vento agitava. Ella ergueu a cabeça e lançou para o ar palavras ardentes que o principe ouviu. Subito a harpa silenciou e a figura de Ankises debruçou-se na amurada do terraço.

ANKISES

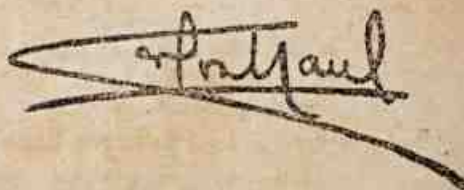
De onde vem essa voz mysteriosa e bemdita
 Enternecida como os trinos de um canario
 Semeando accordes plenos de infinita
 Magia? . . . Onde o cantor extraordinario
 Cuja voz de velludo
 Domina tudo? . . .
 Sinto entrar na minh'alma essa voz que me prende.
 Ouço-a. É como um psalmo que se estende
 Por sobre a natureza.

*Silencio. A voz de Rosalinda eleva-se mais
 aerea, mais subtil, mais velada.*

ANKISES

Não. Não é a voz da Natureza
 Que canta para mim. É a voz de uma princeza
 Que eu sempre imaginei ser um sonho e uma sombra
 Errantes na collina.
 Sim, é uma princeza. Ouço-lhe a voz divina
 Mais doce do que os sons que da minh'harpa arranco.

(Do poemeto «Ankises»)



CARTAS INÉDITAS
DE
Camilo Castelo Branco

XIV

meu amigo

Estas e outras formalidades não me
são muito incômodas, mas não que seja mais que
a minha vida: é - não um supérfluo de alguma,
quando se estão fluctuando na incerteza de voltar
a uma certeza infalível. Se idem para o mundo em
deixar o outro. abrigar-se a fugir
em nome de qual de vós que se liberta de
sua própria família para esta coisa que
deixei em governo e não foi - sobretudo
propriedade a todo o mundo. com elle não se pode fazer
nem abar de fructos. Não se dá mais um pouco
de liberdade a abar. São d. c. Camillo C. B.

A idealização legendária no Povo português

(CONCLUSÃO)



DEVE, todavia, dizer-se que esse culto existiu. A prová-lo estão as cantigas com que o Povo celebrava as virtudes do Santo nas romagens que lhe fazia ao túmulo. Pela Páscoa as mulheres de Lisboa, cantavam-lhe em torno à sepultura:

UMA VOZ:

O gram Condestabre
Nunalves Pereira
Defendeu Portugal
Com sua bandeira
E com seu pendone.

TODOS:

No me lo digades, none,
Que santo é o Conde.

UMA VOZ:

Na Aljubarrota
Levou a vanguarda,
Com braçal e cota
Os Castelhões mata,
E toma o pendone.

TODOS:

No me lo digades, none, etc.

UMA VOZ:

Dentro no Valverde
Venceu os Castelhões,
Matou bons e maos
Só có ha sua hoste
E seu esquadrone.

TODOS:

No me lo digades, none, etc.

E os moradores do Restelo, na segunda oitava do Espírito Santo:

Santo Condestabre,
Bom Portugues,
Conde de Arrayolos,
Barcelos e Ourem . . .
Santo Condestabre,
Bom Portugues!

Em campanha sois
Alem duma vez,
E mais outra vez,
E mais outra vez . . .
Santo Condestabre,
Bom Portugues!

Pelo prol da Patria
Tudo isto fez:
Mata os Castelhões
Salva a nossa grei,
E mais outra vez,
E mais outra vez!

Não me lo digais
Que demais o sei:
Livra as ovelhinhas
Do Leão de Castel.
E mais outra vez,
E mais outra vez!

Aqui é o heroi santificado e é a salvação da Patria, o esforço tantas vezes repetido do condestavel para resgatar as ovelhinhas do Leão de Castela, que constitui o motivo para a sagração popular.

Pelo aniversario de D. Nuno iam os moradores de Sacavem e eram então cantados os seus milagres: dava vista aos cegos, curava os coxos e os paraliticos, sarava as lesões organicas, valia ás mulheres nas aflições do parto e até havia muitos casos em que fizera resuscitar os mortos e o hino terminava, invocando o omnipotente valimento do Santo:

E bem condestabre santo,
Cobri-nos com vosso manto,
Com vosso manto de Gales,
Defendimento dos males,
E faça-nos muito bem
E bem! E bem!

E da Povia, Camarate, Unhos, Almada, de toda a parte o povo accorria em canticos e bailados a celebrar sobre a sepultura do Condestavel as suas virtudes e milagres, a sagração legendaria do homem pela imaginação deslumbrada e agradecida.

Mas o ciclo das legendas épicas não terminava aqui. Quando o último Rei-heroi morria em Alcacerquibir e com ele todo um passado magnifico, então é todo um Povo, que ergue a propria lealdade a uma religião nacional—o Sebastianismo. Podem-lhe dar o Cardeal-rei, os Filipes ou os Braganças que o povo lealissimo, fiel á sua tradição épica, continúa apenas a ter um Rei-D. Sebastião, refu-

gia-se na sua misteriosa saúde, que durante séculos resume para ele o clarão vacilante, mas nunca extinto, da consciência nacional, o alento embaladôr a meio do seu angustiôso naufrágio e a esperança resistente e maravilhosa dum Quinto Império, fundado pelo Encoberto, duma nova Era de heroísmo e beleza lusitana.

Lá está o profeta português, o sapateiro Bandarra, em cujo coração se enraizaram as mais nobres e sérias esperanças dum Povo, para anunciar inspiradamente:

Augural, gentes vindouras,
Que o rei que daqul ha de ir,
Vos ha de tornar a vir
Passadas trintas tesouras.

Este sonho que sonhei,
É verdade muita certa,
Que lá da Ilha Encoberta
Vos hade chegar este rei.

Pouco importa que o nosso Gonçalo Annes Bandarra se identifique com o profeta Merlin e D. Sebastião com o Rei Artur, provando origens célticas á legenda sebastianista, como pretende Teófilo Braga e Oliveira Martins; que assim seja, não é menos profundo o valôr intrinseco da legenda, em que firmemente se radica o espirito, a vitalidade e unidade moral do Povo português. Um povo que durante tres séculos (as trinta tesouras do Bandarra. . .) se mantem fiel á sua esperança criadora e dela faz uma religião, não obstante quantos esforços se tentaram para o desnacionalizar, mau grado o abandono a que o votaram e os angustiosos sofrimentos que curtiu, revela uma tenacidade de character, uma lealdade nos sentimentos e um tal desejo de viva e gloriosa continuidade historica, que esse facto é para nós a maior certeza e o mais certo e sólido argumento contra todos as elegias dos pessimistas e scépticos nacionais.

Aqui a imaginação do Povo, ferida pela desventura do heroi e pela desgraça da nação, fez dum rei impulsivo, violento, caprichoso e possesso duma ambição alucinada, cujo único e grande feito foi honrar a sua divisa — *Um bel morir, tuta la vita honora*, o heroi perfeito, o guia, o amparo, a custódia das virtudes e destinos da Pátria. O que ao rei falecia para tornar o epilogo da tragédia duma perfeição impecavel, idealisou-o a sua imaginação, concedendo-lhe dadivosamente, os tesoiros duma Alma eternamente anciosa de se ofertar.

Mas não se vá, porventura, julgar que a nossa beleza moral existe apenas poeticamente imaginada nas legendas. O mais belo simbolo da lealdade lusitana vive para sempre, numa presença dominadora, na historia: é o Conde de Avranches. Esse tenebroso passo d'Alfarrobeira, cortado pelo relampago trágico da sua nobreza, fecha a mais bela vida de cavaleiro de toda a nossa historia.

Já não é a generosidade popular, reflectindo sobre a cabeça do

herói a auréola épica, mas sim o génio do homem unido ao da raça, que pela omnipotência da lealdade e da desventura, cria a sua epopeia, dando alicerces de sangue a todas as lendas.

O seu grito final, ao tombar já sem forças, na batalha: «*Oh! corpo, já sinto que não podes mais, e tu, minha alma já tardas!*» esse grito, que ficou trespassando da perpetua aflicção o coração dos portugueses, aparece geralmente desligado do seu fundo natural, pois é a realização duma promessa contida em certa fala sua, que vamos arrancar à Crónica de D. Afonso v, de Ruy de Pina.

O Infante D. Pedro, quando já claramente se prenunciava o desastre de Alfaroqueira e quando se faziam, por parte da sua facção, todos os preparativos guerreiros, mortalmente agoniado com a infamia que o ia precipitar, tomou a resolução de morrer a todo o custo, e chamou um dia o Conde de Avranches, a quem comunicou a tristíssima resolução e perguntou: *... e por tanto quero saber de vós, se no dia que deste mundo eu partir, quereis também ser meu companheiro, e com isso lembro-vos para satisfazerdes aos primores de vossa honra, que sendo vós tam conhecidamente meu criado e servidôr e tam publico imigo do Conde de Ourem e Arcebispo de Lisboa, depois de minha morte não podeis ter vida, salvo reservada para com mãos d'algozes a perderdes em logares vis, e com pregões desonrados.* Então o Conde teve um faiscar sublime nos olhos, assentou a mão no peito e exclamou, como quem se dirige a um fantasma e fala já num outro mundo: *Senhor, para caso de tamanho contentamento, como fol sempre e é para mim viver e morrer por vosso serviço, muitas palavras nem os encarecimentos não são necessarios, eu vos tenho muito em mercê escolherdes-me para tal serviço, e eu sou muito contente ter-vos essa companhia na morte, assim como vossa tive na vida, e se Deus ordenar que deste mundo vossa alma se parta, sede certo que a minha seguirá logo a vossa, e se as almas no outro mundo podem receber serviço umas das outras, a minha nesse dia irá acompanhar e servir para sempre a vossa!*

Eis a lealdade que se quer perpetuar para além da morte, a amizade que promete servir o amigo no outro mundo, a alma humana, ansiando a eternidade, para que eternamente se possa entregar em fidelidade e sacrificio!

E quando, emfim, na batalha uma seta varara já o coração do Infante, enquanto ele, a cavalo, combatia noutro ponto, chegou-se-lhe um moço chorando e disse: *Senhor Conde, que fazeis; porque o Infante Dom Pedro é morto,* respondeu-lhe com animo seguro: *Cala-te e aqui o não digas a ninguem;* e encaminhou-se para a tenda, onde pediu pão e vinho e logo mais esforçado, tomou as armas e seguiu para o encontro mais bravo da peleja, a combater, até que, falecendo-lhe de todo as forças, exclamou: *oh! corpo, já sinto que não podes mais e tu minha alma já tardas!* E acrescentou num último grito de raiva e desespero: *Ora fartar, rapazes, vingar vilanagem!*

Tardava-lhe a alma a partir deste mundo! Pois que o Infante era morto e a infamia se consumara, o seu dever agora era, fiel à promessa, abalar para além desse logar de lástima e insulto, a ser-



MOFINA MENDES

De M. Gustavo Bordalo Pinheiro

vir para sempre o amigo, afirmando eternamente a sua lealdade de cavaleiro.

Sim! estamos num dos mais altos píncaros a que a Alma lusitana se elevou e daqui podemos contemplar a Humanidade resgatando-se de muito crime por esta só afirmação de virtude sublime!

E, como este caso do Conde de Avranches, muitos outros vivem na historia patria, realizando as virtualidades generosas da legenda. Quantos e quantos cavaleiros, de peito fidalgo, ali ficaram na mísera batalha! E entre eles, Fernão da Fonseca, o alcaide de Lisbôa, que fôrçado a seguir o exército real, já na batalha, certo do desbarato, se lança na hoste do Infante e por acaso salvo da mortandade, enlouqueceu de saúde e vergonha.

Mas regressemos ao encantado paiz das legendas.

Acabamos de ver como a lealdade e o amor português anseiam afirmar-se na eternidade. O amor desgraçado, mas fiel, tinha de ser também tema predilecto para a idealisação legendária do Povo.

Qual o coração doidamente apaixonado e dolorido capaz de acrescentar ainda algum novo e enternecido canto a esse poema trágico dos amôres de D. Pedro e D. Inez, cuja ultima estrofe foi burlada pelo monarca nos dois túmulos finissimos de Alcobça? Poderse-hia supôr nessa tragédia real mais furioso desespero, mais passional arranque ou magestade e pompa teatral nas representações de saúde, realisadas pelo alucinado amante?! Tudo ali houve, que bastasse a uma imaginação exaltada para formar o quadro completo duma paixão desencadeando-se em sangue e loucura: a assoladôra revolta contra o pai; a dôr, espumando raivas tempestuosas; o orgulho ferido, que jámais perdôa; a vindicta, cevando-se em torturas cruéis; essa trasladação única do convento de Santa Clara em Coimbra para Alcobça, de noite, por uma estrada imensa toda ladeada de tochas; e até a providencia, a meio duma saúde alucinada, na disposição dos túmulos, permitindo que ao soar a trombeta no dia de Juizo final, apenas erguidos de pé, os dois amantes, logo se podessem fitar! Pois bem: a esse quadro digno do genio dum Shakespeare, veio o povo acrescentar mais uma culminância, porventura a última e de mais efeito, não só a de mais profunda significação, mas também a mais impressionante. A tradição legendária imagina o rei, à saída de Santa Clara ou à entrada em Alcobça, mandando erguer sobre um trono o cadaver putrefacto da amante, vestida e coroada de Rainha, e ordenando que todos os fidalgos do reino beijem a mão descarnada ao espectro, no claro escuro do templo, manchado dos clarões trémulos das tochas acesas. Era o último preito da saúde enlouquecida, mandando curvar os vivos perante aquela sombra dum corpo a desfazer-se, mas triunfando da humilhada morte, que o bárbaro amante insultava nesse desesperado reptol!

No seu poetico imaginar, o Povo humilde excedeu em magestade régia o coração do proprio Rei.

Esta predilecção pelo tom crepuscular ou nocturno que embebe o entrecho das suas legendas, manifesta-se ainda na legenda dos amôres e vida de Camôis.

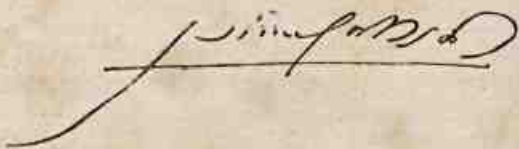
Que importa que Catarina de Ataíde casasse e vivesse feliz, esquecida do Poeta e que este, por sua vez, esquecido dos enlevos doutroa, lá pelas Índias malbaratasse o ardente coração em galanteios amorosos, como os de *Barbora cativa*? O Povo imagina-os fieis a um amor purissimo, morrendo nas torturas duma saúde, nunca desmentida. E para dar em seu coração mais carinhoso lugar àquele que foi ultima e maior encarnação da Pátria, imagina tambem o Poeta, aureolado por essa corôa de suprema desgraça — a de mendigar nas ruas de Lisboa e a de morrer com a propria nação, após o desastre de Alcacer-Quibir, como se as duas vidas gloriosas estivessem fundidas no mesmo Destino.

Assim a idealisação legendária é a historia feita segundo uma lógica de absoluto; é a que adivinha os movimentos secretos duma alma para alem dos mentirosos accidentes diários; é o processo de eleição dos momentos mais altos da Vida, daqueles que romperam a crosta superficial do quotidiano e mergulharam na eternidade, como os cumes nevados, que olham apenas os astros, mas aos quais todos os olhos extáticos podem contemplar!

A nossa, a Alma lusitana, revela-se nas suas legendas leal e cavalheiresca, arrostando bravamente a Morte e a Desgraça, capaz de todo o esforço na Vida e ansiosa de continuar as suas virtudes na Eternidade.

Sursum corda! Lutemos ainda e sempre, identificando-nos o mais possivel com esse sublime espirito adivinhado nas legendas de Portugal.

Sim! Que novos tesouros, descobertas, criações de Beleza, tu podes dar ainda ao mundo, latente virtualidade legendária, alma generosa e visionaria do Povo — lealdade, constancia, bravura, amor saudoso e eterno, — oh! coração da Pátria querida?!



PELA GREY

Os que sonham

a Augusto Casimiro,
em resposta á sua carta.

Uma nação que não está *a par do seu tempo* é forçosamente uma nação miserável... O genero humano, que sempre caminha ávante, deixará acaso após si esta porção de seus membros, chamada nação portuguesa?

ALEXANDRE HERCULANO.

SONHAIS, amigos meus: sonhais, vagando
No saudoso jardim das illusões;
Entre um povo de Espectros e Visões
Teceis um sonho etéreo, ingénuo e brando...

A Sombra dos avós — nevoento bando —
Num nimbo vos cercou de cerrações:
A chama, o ardor da vida, os seus clarões,
Ela os muda em sol-pôr, crepusculando...

Ah! meus amigos, como é bela a vida
E a mente clara que se arroja á lida,
E á acção, e á idéa, vai chamando os povos,

Revolve a terra, cruza o mar profundo,
— Olhos na busca de horizontes novos,
— Pulso na faina directriz do mundo!

Antonio Fargio

FAIANÇAS PORTUGUESAS

NO DIA 2 de Abril abriu Gustavo Bordallo Pinheiro na Sociedade de Bellas Artes uma nova exposição ceramica com os productos da sua recente fabrica que funciona ha uns seis annos. A antiga, fundada por seu pae, cessou ha muito a sua producção. Marcou epoca na actividade local, porque determinou a transformação de uma industria popular e concorreu para alargar a influencia de uma arte decorativa de valor excepcional para todo o paiz.

Bordallo Pinheiro, pae, julgou poder transformar um esforço, que fôra no seu inicio um novo ensaio industrial, em uma campanha que havia de abranger toda a ceramica, em ultima analise, até a propria esculptura ceramica.



JARRA DAS SEREIAS

O seu plano de decoração para as novas capellas do Bussaco, vasto, arrojado, ficou incompleto. Na parte executada, que ainda ha dous annos examinamos cuidadosamente nas Caldas da Rainha, o resultado artistico não correspondeu á intençaõ. Querendo interpretar com rigor historico as scenas da paixãõ de Cristo, despiu a lenda do encanto ingenuo com que o sentimento popular a rodeou em todo o mundo christão. A erudição que sublinha os episodios interpretados, a archeologia da *mise en scene* não nos indemnisa da falta de verdade e de fé que impressionava as poucas pessoas que haviam ainda visto as antigas figuras, embora mutiladas, do meado do seculo xvii.

Não creio que Bordallo Pinheiro houvesse augmentado a sua fama já grande de artista decorador com a conclusãõ dos Passos do Bussaco, para os quaes seria preciso construir novas capellas *ad hoc*, porque as dimensões excessivas das novas figuras não caberiam nos antigos abrigos.

Seu filho, creando as modestas porporções dos seus grupos decorativos (figuras dos Autos de Gil Vicente — lendas de Santo Antonio, de São Francisco, etc.) de feição

popular, reconduz a arte á sua verdadeira fonte de inspiração; entra novamente em contacto com a tradição. É sincero, é expressivo, é portuguez.

Nunca as dimensões de uma obra d'arte influíram no seu valor intrinseco. É por isso tambem que não pudémos, em tempos, approvar a criação dos grandes jarrões monumentaes, como p. ex. o que foi baptisado com o nome de Beethoven. Apesar de enriquecido com numerosos episodios ornamentais, de valor, que os predecessores não tinham, essa consideravel composição não convenceu, não consolou os amigos sinceros do artista.

Seu filho não quiz tambem imital-o n'essa parte; e fez bem. Os seus vasos maiores conservam dimensões modestas; a Jarra das Serreias 0,^m60; o Vaso Romano 0,^m94; e são estes os maiores, de forma graciosa e de seguro effeito decorativo.

Não devemos esquecer que os preços das peças de M. Gustavo Bordallo Pinheiro são discretos; e contrastam, vantajosamente, com os que seu pae marcava na maior parte da sua ceramica. Sob este ponto de vista ha agora cordeal *entente* com o publico portuguez que, sendo de poucas posses, gosta de levar para casa uma lembrança que não lhe pese na memoria, no dia em que a sorte transforme uma linda fórma em cacos sem valor.

Um exame cuidadoso da exposição prova que o filho não só mantem as variedades mais valiosas do fabrico original de seu pae, mas que enriqueceu a colleccção com novos grupos.

Já me referi ás lendas dos santos nacionaes. Gil Vicente apparece-nos com um episodio interessante da *Mofina Mendez*;—Lafontaine deu assumpto para uma serie de pratos (0,^m27 preço 1\$500 reis). Essas fabulas podiam e deviam ter como complemento as figuras e episodios dos contos populares portuguezes, emfim a reproducção dos typos provinciaes com seus trages populares, os quaes vão desaparecendo rapidamente.—Se não fosse a curiosidade dos nossos *santeiros* da Rua dos Clerigos e o capricho de alguns viajantes estrangeiros, que os visitam no verão, já ninguém saberia vestir-se á moda do Minho ou da Beira. Havemos de ficar reduzidos aos trages de Vianna do Castello, á peixeira e á varina da beira-mar, no carnaval?

As figurinhas de costumes populares vendem-se no Porto durante todo o anno, ha mais de meio seculo; não envelheceram.

Bordallo pae iniciou a criação de uma serie de typos satyricos



PADRE

que tiveram grande popularidade, as chamadas *figuras de movimento*, compostas de diferentes peças articuladas. Eram e ficaram célebres, com sympathias que ainda duram: o Senhor Padre Cura, o



VASO DANÇA DE RÃS

Menino do côro, o Policia, o José Povinho que o desafia (com ou sem albarda) n'um gesto eloquente; o John Bull, a criada de capote e lenço, o fadista, etc. A galeria poderia e deveria conter ainda numerosas figuras se o velho Bordallo quizesse fixar no barro os vultos politicos da geração passada que nos conduziram tão habilmente á tragica situação em que nos encontramos! Seu filho continúa com a reprodução de algumas das impagaveis figuras em barro vidrado; mas parece affeição-se mais ás figurinhas em *terra-cotta*, minusculas, porém de execução perfeita.

Como novidade apresenta M. Gustavo as *terras-cottas polychromicas*, que são fôrmas de barro cosido, na côr natural, com o desenho (fauna, flora e figuras humanas estilizadas) incrustado em diversas côres. Sendo a invenção sua, apenas iniciada n'uma exposição anterior, não deve estranhar-se o preço um tanto elevado dos objectos expostos.

São ainda novidade os grandes medalhões (João de Deus) em faiança polychromica no genero italiano Della Robbia (sec. xv); e as grinaldas correspondentes, se bem que as côres me pareçam um tanto amortecidas. Seria bom que o artista se lembrasse do proximo Centenario da tomada de Ceuta (1415 — 1915), que Lisboa pretende celebrar condignamente, e concorresse com os medalhões historicos correspondentes. Os retratos dos Infantes e Príncipes que jazem na Batalha, dos poetas e chronistas que os celebraram, dos capitães de navios e conquistadores — que galeria incomparavel para o ceramista decorador! As divisas, os escudos e os emblemas!

Quem algum dia visitou a quinta da Bacalhôa que foi dos Albuquerque (proximo de Azeitão), pôde estudar alli a arte suprema com que os artistas oleiros do sec. xvi ornamentaram o palácio, os pateos os jardins, as fontes, n'uma profusão admiravel, incluindo os medalhões historicos no genero italiano, e um thesouro inesgotavel de azulejos.

E a proposito d'este ultimo genero é justo consignar que Gustavo não descurou a decoração mural. Os seus *panneaux*, alguns de grandes dimensões, teem muito merecimento; comtudo, quer-me parecer que o quadro maior, com uma paisagem trabalhada em alto relevo ultrapassa os limites que a esthetica impõe á arte decorativa,

pois imita já os efeitos de um quadro pintado; deixou de ser azulejo, embora conserve a sua technica e as suas côres brilhantes. É um *tour de force*, mas não creio que o artista possa tirar resultados praticos de um processo que já pelo elevado preço da factura difficilmente encontrará amadores.

Os azulejos correntes, de relevo, polychromaticos, consignados no catalogo da Exposição, apresentam-se com preços rasoaveis, muito reduzidos do que foram outr'ora.

Resumindo as nossas impressões em poucas palavras: é merecido todo o louvor a quem trabalha com tanta coragem, intelligencia e talento evidente para manter a memoria de um grande artista que a todos deixou infinita saudade.

Porto, Maio 914.

João de Deus



BUSTO DE JOÃO DE DEUS

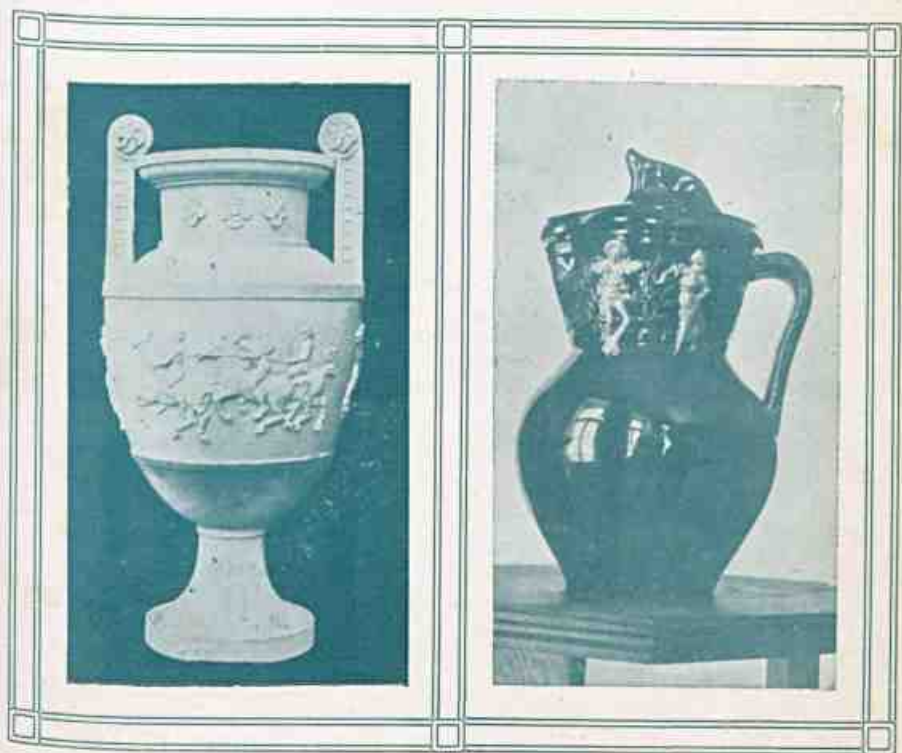
Os conflictos da Historia



MAIOR organização poetica do seculo XIX, Goëthe, comprehendeu a Historia o desdobramento da lucta para o homem se libertar das fatalidades cosmicas e sociaes; nota-o Richelot: «No seu ponto de vista elevado, a *Historia*, apparece-lhe como uma lucta incessante e necessaria, das extravagancias e paixões contra os interesses mais elevados da Civilização.» (*Mem. de Goëthe*, t. IV, p. 442.) Os philosophos metaphysicos e positivistas acham-se de accôrdo sobre esta concepção da Historia. A's fatalidades das pristinas edades, Schelling faz succeder o esforço de uma vontade, como reagindo em lucta, avançando para uma realidade impellido pelo ideal de *Liberdade*. Hegel considera esse momento em que a individualidade humana se afirma consciente na sua lucta, que lhe dá relêvo a todas as suas capacidades, — a Logica da Historia, revelada na successão grandiosa como conseguiram conceber e realizar a *Liberdade*.

São o preludio da grande lucta da Historia, conflictos de Raças, de Religiões e de Instituições, realisando-se os progressos como revoltas ou reacções contra as condições staticas sociaes. «A Civilização não se desenvolve se não á custa do trabalho constante da Europa repellindo a Asia; do Direito contra a Fôrça. Desde Homero, o espirito europeu não tem cessado de luctar contra o espirito oriental e invadil-o ou por assim dizer, dominal-o.» (PHILARÈTE CHASLES, *Orient*, p. III.) Importa caracterisar esses dois espiritos, que a Legenda representou nos dois eponymos das Raças. Diante do Mytho tragico da Vida, o Oriente cae na apathia contemplativa e morbida: elabora Religiões, sonha Paraisos, considera a Vida como uma queda, da qual só pode levantar-se pela intervenção de um Deus, ou seu Mediador ou Messias. Emquanto se abandona ao acaso d'essa esperanza, busca o esquecimento das dôres na bebida allucinante que o leva ao delirio do Orgasmo divino.

O Occidente lança-se á Acção, occupa a Terra, forma Nações, Ligas federativas, o individuo fortifica-se na sociabilidade. Na Era da *Fatalidade*, a Fome e o Amor, como profundamente notou o Thalmud, governaram o mundo o Amor e Fome conduzindo á Lucta pela existencia (*Struggle for Life*), que organisou o Trabalho, systematisou-o na Industria, descarregando as fadigas do escravo e do servo nas forças da Natureza apropriadas nas Machinas, fecundando a Terra e adaptando-a ao bem-estar da existencia. O *Amor*, tornou-se um ideal de altruismo, um estimulo da perfeição moral e de belleza artistica, estabeleceu a familia, a sympathia na cooperação e por ultimo a Con-



VASO ROMANO :: CANGIRÃO DE BARCELOS

De M. Gustavo Bórdalo Pinheiro.

fraternidade, a Igualdade perante a Dôr e a Concordia revelando a unidade das Raças, perante a *Humanidade*. Japhet libertando-se da miragem mental, e forte pelo trabalho, sentiu a *Alegria da Vida* (*Joie de Vivre*) e no accidente da propria lucta *dominou Sem, pondo-lhe o pé sobre a cerviz, e fez de Cham o seu escravo*. Mas esse triumpho foi perturbado pelo contagio oriental do Orgiasmo religioso e imperial; e emquanto os seus Philosophos e Poetas se elevam á utopia da Concordia humana e da fraternidade universal, vêm da Asia os cultos dionysiacos obnublado a Rasão, fazer recuar a mente para a credulidade do Mytho, e—*Sem converteu Japhet em seu escravo espiritual por mais de dois mil annos*.

Este duello, que é toda a historia da mais alta Civilisação, observa-se no occaso do genio hellenico, na formação do Imperialismo romano apoz um systema de guerras de incorporação de povos que não deixou constituir em Nações, e n'essa vertigem do Christianismo, que veio derrocar toda a ordem social por uma exaltação anarchica, que favoreceu a vinda da invasão dos barbaros germanos, n'essa apathia da *Noite de Mil Annos* da Edade Média.

No seu discurso *De la part des Peuples semites*, affirma Renan: «Nós não devemos aos Semitas nem a nossa vida politica, nem a nossa arte, nem a poesia, nem a nossa philosophia, nem a nossa sciencia. Que lhe devemos nós? Devemos-lhe a religião. O mundo inteiro, se se exceptuar a India, a China e Japão e os povos completamente selvagens, adoptou as religiões semitas.» (Pag. 17.)

N'esta escravidão espiritual em que cahiu Japhet, entenebreceu-lhe a mente a preocupação da Morte, reflectindo implacavel e fatal sobre o Mundo e a Vida uma concepção pathetica que só podia esquecer pelo abandono da Rasão, e na apathia mental ancian a morte e pelo suicidio voluntario das penitencias e sacrificios vêr a cova como a entrada para uma outra vida. O Christianismo foi a transmissão oriental d'essa vertigem dionysiaca, manifestada na resignação diante da tyrannia, pela infinda esperança da vinda a nós do *Reino de Deus*, o Millenium, em que a Egreja simulava a nova Arca de Salvação. Os Poderes temporaes aproveitaram-se d'este retrocesso e depressão causados pelo Christianismo para explorarem a servidão feudal em que o arbitrio da auctoridade senhorial parodiava o arbitrio da Graça divina. Como voltaria o *espirito europeu* a equilibrar-se na Justiça? Eis a grande crise da Historia, que se resume na palavra — *Revolução*. O Imperio é devastado pelas raças que acabara de incorporar, e que o Christianismo allucinava arrojando-as contra Roma: Gaulezes, Germanos, Iberos, Saxões, em que a avalanche da Gothia triumphante, favoreceu na sua crédula rudeza a Theocracia dos Papas.

Não lhe bastava o dominio temporal; a Egreja cimentou a escravidão espiritual embrutecendo os cerebros pela lenda do peccado original, pela hereditariedade da culpa adâmica, a barbarie pela maldição da Natureza, pela obsessão da Morte e egoismo da propria salvação.

Fôram o *veneno semita*; bem o observou Zola: «Vae já para dois mil annos que o Christianismo embaraça a marcha da Humani-

dade para a Verdade e para a Justiça...» Todo o progresso tem sido uma lucta incessante: revolução mental e moral nos seculos xiii, xvi xviii, e todo o objectivo d'essas luctas obedece a um pensamento de *Amor*, sendo pelos Philosophos e pelos Artistas concebido e expresso o Ideal da Humanidade.

No seculo xiii os Trovadores crearam a Poesia moderna, proclamando a Igualdade humana perante o Amor; no seculo xvi, a Renascença effectua-se quebrando a apathia da Edade Média, pela Acção das grandes Navegações dos Portuguezes e pelo Espirito scientifico firmado n'esses Descobrimientos; o Hellenismo, pelo seu renascimento, vem preparar a revivescencia da esquecida Occidentalidade; o Seculo xviii, pela *Declaração dos Direitos do Homem* e concepção scientifica do *Systema do Mundo*, cria as bases da ordem moderna, que no seu desenvolvimento pleno restitue ao homem a *Alegria*, a sanção intima da Lei moral.

Thomé de Sousa

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE UM CALÃO ESCOLAR

(O CALÃO DA CASA PIA)

1

POR varias vezes e logo no começo do exercicio do meu logar de Director da Casa Pia me vi embaraçado com o vocabulario especial de que os alumnos, e por vezes tambem os empregados usavam na participação de algumas occurrencias do internato em que eu tinha de intervir. Havia na Casá Pia, pelo menos uma linguagem especial, bastante antiga, como pude verificar, porque empregados, antigos alumnos, com cincoenta annos de casa a conheciam desde pequenos, linguagem especial ou calão que primeiro por necessidade e depois por curiosidade me lembrei de estudar. Encarreguei o professor Pinto Ferreira e o prefeito Salgueiro de colligir os vocabulos e as expressões mais caracteristicas e, mais tarde, quando vi que eram de molde a poder interessar philologos, psicologos e pedagogos, resolvi-me a pedir uma pequena noticia sobre ellas ao distincto alumno da Faculdade de Letras de Lisboa, Canuto Soares, noticia que com algumas considerações minhas trago a lume.

A linguagem especial da Casa Pia é fundamentalmente um

calão; tem os característicos que Niceforo indica no seu livro: *Le Génie de l'argot* (pag. 97). Tem muitos vocabulos e expressões creadas intencionalmente com o fim de occultar e servir de meio de defeza, e remonta a um tempo em que a disciplina do internato se mantinha quasi exclusivamente á custa de um regimen policial severo, com castigos corporaes e prisões e á custa de um apertado serviço de espionagem e delação.

É muito curioso e muito comprovativo da utilidade dos calões escolares, como processo de investigação da psicologia e ethnographia do internato, ver como o calão da Casa Pia é particularmente fértil em vocabulos e expressões que se referem a castigos, designações e actos dos vigilantes, ludibrio, pancadas, etc. (Vd. na lista os vocabulos e expressões: *caldo, cambio, fôsqeiro e fôsquice, batata, batateiro, chispe, metter o chispe, chispeiro, baia, farnil, combinar, grelo, palêta, patêla, ir á queixa*, etc.)

Ha vocabulos e expressões que merecem menção especial. A expressão *andar* ou *marchar á forte*, que se emprega quando alguém anda de cabeça levantada e bamboleando-se, vem do tempo em que todos os dias, a hora certa, em regra antes das refeições, formavam os *collegios* todos para assistirem á applicação dos castigos corporaes, na presença do Director ou seu representante, hora em que o prefeito geral ia chamando os alumnos condemnados para lhes applicar as palmatoadas que a auctoridade superior prescrevia. Os *fortes* estendiam alternativamente e á altura do hombro, ora uma, ora outra mão, e depois iam para o seu logar com os olhos enxutos, de cabeça erguida e bamboleando-se, caminhando *á forte*.

A expressão *ir á queixa* é tambem da mesma época, do tempo em que todos os dias os rapazes que queriam, se faziam inscrever para irem a uma hora certa e sob chamada, fazer as suas queixas e denuncias ao Director que solemnemente os recebia no seu gabinete.

Os termos *manicar* e *vinhaça* referem-se a duas praticas de que os alumnos usavam e ainda hoje uma ou outra vez usam para conseguirem escapar-se das aulas ou comprometter um companheiro ou empregado. *Manicam*, aggravam uma ferida, ou intencionalmente ferem a mucosa do nariz para conseguir fazer saltar o sangue (*a vinhaça*).

Os costumes têm-se modificado e os termos e expressões do calão vão cahindo em desuso ou mudando de significação.

Na actualidade, no meu tempo introduziu-se um vocabulo novo, o termo *idonea*, empregado como substantivo para designar a pessoa a quem a Casa Pia, mediante subsidio, confia alguns dos seus pupillos, regimen de protecção que eu adoptei e de que já em tempos se usara. Resultou o apparecimento do novo termo do facto de eu ter empregado num annuncio a palavra *idoneas* para qualificar as pessoas a quem a Casa desejava confiar algum dos seus alumnos. A maioria desconhecia e desconhece a significação do termo e d'ahi vem alumnos e até empregados o usarem como substantivo.

Desejo acabar com o calão da Casa Pia, mas não prohibindo-o, modificando o meio. Oxalá que daqui a alguns annos ninguem o

possa encontrar ou que então em logar delle se encontre uma linguagem especial á Casa, muito embora, mas que mais favoravelmente do que o que eu encontrei, deponha sobre o meio, os habitos e o regimen deste internato.

Abril — 1914.



II

Estudando as diferenças que existem entre o calão e a linguagem vulgar, chegamos á conclusão de que, ao passo que esta na sua origem e evolução, se bem que condicionada por factores de ordem variadissima, deve ser considerada um producto natural, o calão ou giria, como linguagem especial é um producto social e como tal determinado por duas especies de causas—individuaes e externas.

As modificações da lingua fazem-se naturalmente, espontaneamente, consoante as leis que a glottologia e as outras sciencias congeneres têm descoberto; no calão essas modificações operam-se na maioria dos casos, como manifestação da vontade individual ou collectiva.

A idéa de defesa é o característico, é o fundamento logico do calão e consoante a necessidade de defesa, proveniente da luta com o meio exterior, é maior ou menor, assim tambem o calão se vae diferenciando, adquirindo caracteres proprios, que o tornam mais ou menos complexo. O calão é, pois, um meio de defesa pelo qual o grupo social que o emprega, occulta os seus designios áquelles que desconhecem a sua technica.

Segundo Niceforo, o calão é uma linguagem especial que fica intencionalmente secreta, ou que forja, todas as vezes que a necessidade o reclama, palavras e phrases intencionalmente mantidas na sombra, porque o seu fim consiste essencialmente na defesa do grupo que o emprega.

O Snr. Dr. Adolpho Coelho considera duas especiaes de giria: uma caracterizada por simples modificações phoneticas e outra por, a par das modificações desta ordem, consignar modificações de ordem morphologica e semiologica. No vocabulario especial da Casa Pia, encontramos alguns termos que se podem incluir no primeiro tipo de giria v. g. *cornado* por *encarnado*, *caveca* por *caveira*; no entanto quer-nos parecer que neste caso as alterações phoneticas que registamos, são espontaneas, não obedecendo a nenhum intuito preconcebido. As alterações de sentido são as que mais vulgarmente occorrem na lista que apresentamos. Sob este ponto de vista têm particular interesse o verbo *abalar*, não pela significação que é *fugir*, mas por excluir todos os synonymos que em caso algum se empregam, e a expressão, *mandar á vida*, que inicialmente se applicando aos pardaes que no tempo da criação cahindo dos ninhos eram objecto de mil cuidados por parte dos alumnos que os recolhiam, d'elles cuidavam e por fim os libertavam, isto é *os mandavam*

à vida, com o decorrer dos tempos se generalizou, passando a significar *dar liberdade*.

Cotejando os vocabulos que abaixo reproduzimos, com os dos vocabularios especiaes até hoje publicados, veremos que afóra alguns casos esporadicos, taes como *purria, pêssego, pinha, caldo*, etc., o calão (da Casa Pia) não se filia em nenhum outro calão estudado, tendo caracteres proprios que determinam bem manifestamente a sua autochtonia.

ABALAR — fugir.

ALEGRE — Desengraçado; applica-se de preferencia a estampas, narrativas, trabalhos, etc.

BAIA — Servente.

BATATA — Valido — *Ser batata de alguém*: ter a sua protecção, o seu valimento.

BATATEIRO — O que é useiro em metter a batata.

BUCHA — Pedaco de pão.

BUCHITES — Comilão.

CALDO — Palmada na cabeça ou no pescoço.

CATRAIA — Tem a mesma significação que o precedente.

CAMBIO — Rasteira.

CANGICA — Guloseima.

CAVECA — Caveira — Cabeça. *Ser um caveca*: ser muito magro. Brincar as *cavecas* (no Carnaval): com caraças imitando caveiras.

CHISPE — Na expressão: *metter o chispe*: significa o mesmo que *metter a batata*. *Metter a batata, a lanca, a planca*, significa num sentido geral: *insinuar-se, pretender agradar* e em sentido restricto diz-se quando qualquer alumno pretende captar as boas graças de qualquer prefeito.

CHISPEIRO — O que mette o chispe.

COMBINAR — Pretender enganar. *Não combines*: Não me enganes.

CORNADO — Feijão encarnado.

DESANDAR } Afastar-se, ir-se embora. Desanda! Desapega-te! (vae-te

DESAPEGAR } embora.

FARNIL — Servente da sentina.

FORTE — Que dispõe de um bom physico para a luta. Energico. Brutal. *Marchar a forte*: a passos largos, cadenciados, bamboleando-se.

FOSQUEIRO — Amigo de fazer fôsquice, isto é, de castigar. *Um prof., empregado ou comandante fôsqueiro*: que mantem a disciplina com o maior rigor, castigando continuamente.

GANSO — Novato. Expressão de desprezo. *F. é um ganso*: fraco, pequeno. *Fazer ganso de alguém*: troçar, desfeitear. *F. fez ganso de um empregado*: desfeiteou-o, não ligando importancia ás ameaças ou castigos. *O collegio dos gansos*: é o collegio dos mais pequenos. Antigamente *gansos* eram os rapazes mais fracos que rodeavam os *commandantes*, constituindo por assim dizer a sua escolta.

- GANSO PATROLHO — Mau estudante.
- GIRO — Bonito, engraçado. *É tão giro!*: É tão bonito! Tem muitas vezes um sentido ironico.
- GRELO — Mentira.
- IDONEA — Pessoa ou familia a quem, mediante snbsidio, a Casa Pia confia os alumnos.
- LAZEIRA — *Brincar, jogar a lazeira*: cavalgando outro, isto é, *às cavalitas*. A *lazeira* é simultaneamente um jogo e um negocio, sendo o *papel* a moeda: uma folha de papel, ordinariamente dá direito a uma volta ao recinto do recreio.
- MAÇÃ D'ALBARDA — Cabeça.
- MANICAR — Mexer com a mão. *Manicar uma ferida*: aggravá-la com a mão. É muito vulgar a phrase: *Não maniques*: Tira a mão, não mexas.
- MARRECO — *Estar marreco com alguem*: estar zangado, de relações cortadas.
- MATRELA — Chagado, cheio de feridas.
- MIOLITOS — Que come muito pão.
- MOCHO — Feio.
- PALÊTA — Mentira.
- PATÊLA — Burla. *Fazer patêla de alguem*: burlar. Durante a época dos banhos costuma apparecer na praia uma vendedeira que os alumnos alcunharam: *a tia Maria da patêla*, porque, emquanto alguns delles lhe compram bolos, outros lh'os vão subtrahindo, aproveitando-se da sua distracção.
- PATAÇA, PATAQUEIRO — Alumno que suja as ceroulas.
- PATROLHO — Feio, desengraçado.
- PESSEGO — Bonito.
- PINHA — Cabeça.
- PURRIA — Diz-se quando estão zangados e muitos contra um.
- QUEIXA — *Ir á queixa*: o mesmo que *ir á réla*. *Vae-te á queixa*. *Vae-te á grande queixa*. Tem uma significação obscena.
- QUICO — Elevação da parte superior ou posterior da cabeça. *Ser ou ter quico*: alumno que possui a deformação indicada. N. B. Como é caso vulgar, raras vezes deriva alcunha para o alumno.
- RANTAR — Rentar — *Não me rantes*: phrase muito empregue.
- ROÇA — Sodomia.
- SONSO — Aborrecido, sem graça.
- SOPA DE PESTANAS — Sopa de arroz (pelas cascas que o acompanham).
- SOPA DE SEM MAIS NEM MAIS — Canja.
- VIDA — *Mandar á vida*: libertar.
- VINHAÇA — Sangue pelo nariz.

Abril — 1914.

Urbanus Camuto Tracy

O IMPERIALISMO DE HOJE E O IMPERIALISMO PENINSULAR

EMPREGAR um termo, que compete a uma classe definida de fenómenos, para designar fenómenos de outra classe, ainda que semelhantes sob determinados pontos de vista, pode trazer o inconveniente de nos levar a esquecer a natureza íntima e diferencial dos processos designados pelo mesmo termo, a par da vantagem puramente fictícia de nos apresentar com vocabulário novo ideias e doutrinas já velhas e banais.

É o que vai sucedendo com a palavra *imperialismo*, agora usada para designar os processos gerais de expansão individual, vontade de domínio, etc. Além de mascarar com designação nova a banalidade de teorias morais e psicológicas já velhas, esta generalização da palavra conduz-nos a esquecer as molas concretas do imperialismo político moderno, e a não discernir as diferenças características dos imperialismos das varias épocas.

Assim, creio que o imperialismo de hoje é um fenómeno de natureza essencialmente capitalística, e que o imperialismo peninsular do século XVI foi essencialmente um caso de psicologia e organização guerreira das sociedades espanholas; uma empresa militar, e não colonizadora, para abrir nova estrada ao commercio do Oriente.

A diminuição da taxa do juro leva hoje o capital a lançar-se ás regiões de atrazo económico, para se empregar em obras audaciosas, de um juro superior ao que encontram no país. A conquista dessas regiões, onde a terra é livre e baratissima, onde falta o capital, onde a resistencia do operario não existe, constitue o melhor meio de uma orgia capitalística; e como o capital é senhor do Estado, facilmente faz vibrar as fanfarras sonoras dos batalhões conquistadores, que vão bater-se, crêem eles, pela bandeira sacrosanta, e realmente pelo maior juro de uma empresa industrial.

O capital abunda, o juro abaixa, o canhão tróa...

Em 1888 escrevia Bryce na sua *American Commonwealth*: «Os Estados-Unidos não são ainda um país imperialista, se bem que rodeados de nações infinitamente mais fracas; mas se os capitais se tornarem superabundantes e o juro decrescer, os Estados-Unidos, como a Europa, sentirão irresistivelmente a necessidade da expansão imperialista e da conquista colonial».

As previsões de Bryce realizaram-se; o juro decresceu; e a primeira vítima foi D. Quixote, — foi o imperialismo depredador, Cavaleiro, dos povos peninsulares. O imperialismo industrial venceu o imperialismo quixotesco, filho este da decomposição sob forma militar (Cavalaria) do verdadeiro e saudavel feudalismo, de forma agricola.

Já escrevi algures que o que distingue a nossa conquista por exemplo da conquista inglesa, é que a nossa foi um fim em si, teve a forma saqueadora, ao passo que a inglesa teve forma colonizadora e se integrou, como meio, numa expansão agricola-industrial. Mandámos ao ultramar soldados, e não colonos.

Disse Melchior de Vogué que a sintese do povo inglês se acha estampada em Robinson Crusoe, romance do bom-senso e do ideal pratico da vida, enquanto D. Quixote sintetisa a existencia do espanhol. Assim é, com effeito: e a historia encarregou-se de realizar até á ultima o simbolo maravilhoso do genialissimo Cervantes.

Os proprietarios dos *trusts* do assucar e do tabaco impuseram aos Estados-Unidos a guerra com a Espanha. A Espanha foi vencida, e tomou julzo: pois não é o que succede com a personagem de Cervantes?

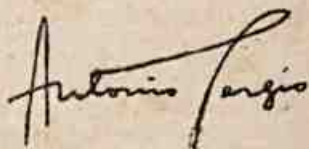
Vindo D. Quixote á consciencia do seu vencimento e da loucura da sua vida, jazido no seu leito de moribundo a que o trouxe finalmente o pendor incontrastavel da realidade, «despertó al cabo, y dando una gran voz, dijo: — Bendito sea el poderoso Dios, que tanto bien me ha hecho! En fin sus misericordias no tienen limite, ni las abrevian ni impiden los pecados de los hombres».

Que misericordias eram essas? Que pecados?

«Las misericordias, respondió Don Quijote, son las que en este instante ha usado Dios conmigo, á quien, como dije, no las impiden mis pecados. *Yo tengo juicio, ya, libre y claro, sin las sombras caliginosas de la ignorancia que sobre él me pusieron mi amarga y continua leyenda de los detestables libros de las caballerías.* Ya conosco sus disparates y sus embelecós, y no me pesa, sino que este desengaño ha llegado tan tarde, que no me deja tiempo para hacer alguna recompensa, leyendo otros que sean luz del alma. Yo me siento a punto de muerte; querria hacerla de tal modo, que diese a entender que no habia sido mi vida tan mala, que dejase renombre de loco: que, puesto que lo he sido, no querria confirmar esta verdad en mi muerte».

As sociedades porém não morrem como os individuos: a emenda significa nelas renascimento; a Espanha parece mudar de rumo. Nós, caídos, esfarrapados, continuamos a declamar o romance da Cavalaria, sem já crer em cavalarias nem romances, mas como quem julga isso necessário, e talvez sufficiente, para electrizar com frémits de vida o nosso pancismo acomodaticio de bachareis do Terreiro do Paço. A drogaria da tradição pretende ainda mascarar a pança; e uma mesquinha realidade, repintalgada de poesia fácil, foge pudibunda do realismo inteiro que afunda raizes no subsolo, para elevar a flôr do ideal na luz claríssima do sol meridio...

Quando diremos nós, como D. Quixote: temos juizo já, livre e claro, sem a sombra caliginosa que nele pôs o detestavel genio da Cavalaria?



O estudo do sr. Joaquim de Vasconcellos publicado nos n.ºs 25, 26 e 27 sob o titulo: *Monumentos de arte considerados como subsidio para a Historia da Civiização portuguesa* é a reimpressão de uma Dissertação (inedita) para concurso á 8.ª cadeira da Escola de Bellas-Artes do Porto. Porto 1913. 8.º de 31 pag. Esta dissertação, impressa sómente em poucos exemplares, não entrou no commercio.

Esta nota, que publicamos a pedido do auctor, explica a inserção, no fim: dos «Theoremas para o estudo da Historia da arte na peninsula e especialmente em Portugal» — Theoremas que elle offercia á discussão no concurso referido, e para os quaes chamamos a attenção especial dos leitores.

ERRATA — No numero anterior, a pag. 124, onde se diz o *Desterrado* de T. Lopes deve ler-se o *Desterrado* de Soares dos Reis, o mestre de T. Lopes.

BIBLIOGRAFIA — Por absoluta falta de espaço, fica para o proximo numero esta Secção.

La Psychologie des Poètes Nouveaux et La Vie Moderne

EN QUELQUES lustres quel renversement complet des notions et combien de nouvelles valeurs se sont fait jour créant un rythme neuf sur lequel évoluent les poètes de la présente génération, ceux que l'on a appelés d'un nom extrêmement juste, des « paroxystes » ou si l'on veut des « lyriques actifs ». Un jour, il sera bon de fixer leur exacte psychologie si curieuse, si représentative de notre époque de vie intense, d'effort quotidien et d'affirmation en la vie.

Dès maintenant on peut en noter les principales lignes, dessiner à grands traits ces poètes qui, tous indifféremment sont sortis d'eux mêmes, de leurs petites douleurs, pour participer à la vie multanime et mondiale; de là aussi le nom que certains leur ont justement donné de « poètes cosmogoniques » en qui s'intègre l'univers.

Des multiples aspects qui les caractérisent, il reste toujours que le premier et le plus important est sans contredit l'amour de la vie sous toutes ses formes. A la mortelle fatigue de vivre, au sentiment de la vanité de tout effort succède l'espérance, la foi en l'avenir, la passion ardente du futur. Comme l'écrivait M. Karel Capek dans *La Vie des Lettres*: « La sensibilité de cette époque cherche à abolir la distance entre la vie et la poésie. L'inspiration... quitte l'atmosphère suffocante ou subtile où florissait la subjectivité des poètes symbolistes... L'idylle des mélodies simples disparaît, le poète ne chante plus comme l'oiseau pour faire plaisir à lui-même; on entendant la grande voix de l'univers, il sent le désir d'embrasser dans ses poésies tout l'ensemble de cet univers... L'époque de repliement sentimental est passée... »

L'aristocratie, le dilettantisme ne sont plus, c'est vers *l'humain* que marchent les phalanges nouvelles. Les soi-disant thérapeutiques morales chères à l'esprit « suisse » de la génération précédente les font sourire; elles n'en ont pas besoin. A la destruction nihiliste de tous les ordres succède un vif désir de reconstruire la vie sur des bases nouvelles.

Comme on l'a constaté, aucun conflit pour nous entre la pensée et l'action. Nous ignorons ce désaccord entre l'intelligence et la vie qui accablait tant nos aînés. Nous agissons par spontanéité, nos poèmes jaillissent directement du réel et de notre âme, atteignent à la plénitude et sont issus de cet état riche de la conscience que nous appelons paroxysme. Nous sommes ainsi non seulement plus près de

la vie, mais au cœur même de la vie; et cette tendance à l'intériorité, à l'intuition, à la sympathie est aux antipodes de l'intellectualisme romantique, parnassien, voire symboliste, et de leurs formules abstraites.

Cet instinct vital nous pousse à affirmer, nous conduit à une synthèse génératrice d'action.

Le doute souriant ou angoissé n'a plus rien qui nous attire. Nous ne nous complaisons pas dans le dillettantisme ricaneur. Nous avons su choisir et l'incrédule ne nous semble plus supérieur au croyant. A l'instabilité, au vide intérieur, à l'incohérence, à la voluptueuse inertie nous opposons l'équilibre, la confiance en soi propre aux aviateurs, l'activité créatrice chère aux «trustees», aux grands industriels du monde et aux rois de la finance.

Aux élixirs frelatés de Renan et de Taine, aux anesthésiques d'Anatole France et de Loti, aux voluptueuses liqueurs du premier Bourget et du Barrés jeune, nous préférons le vin rouge et généreux d'Emerson et de Whitman. Si Julien Sorel nous plaît toujours par ce sens éminemment stendhalien du réel et de l'immédiat, le Robert Grestou du *Disciple* ne nous intéresse plus que comme un cas pathologique, une espèce disparue dont la psychologie ne peut nous être que complètement étrangère. Le Patrice de Renan ne nous émeut plus; les héros d'Anatole France, avec leur air souriant dans leur fausse bonhomie, nous agacent et nous font l'effet de petits vieux clignotants et insupportables. Nous ne relisons plus Amiel, encore moins Maine de Biran.

Le catholicisme satanique de Huysmans nous écoëure. Les spectres qui le hantaient se sont évanouis: D'ailleurs à la compagnie des fantômes, des mages, des rose-croix, des chevaliers du Graal, au domaine des abstractions, du vide et de l'ennui, nous préférons la réalité concrète, l'amour et la joie d'agir. Nous ne cherchons plus ce sens de la vie qui torturait tant Edouard Rod, nous le possédons. Nous ne cherchons plus de système d'action, nous agissons. Nos poèmes sont nos actes.

Notez que l'on ne peut même pas nous dire optimistes, l'optimisme en un sens est une doctrine et nous n'en avons pas, nous n'éprouvons pas le besoin d'en avoir. Nous ne connaissons qu'une chose: la vie, l'élan amoureux de tout notre être vers elle; à ses appels nous répondons avec enthousiasme, avec ferveur—et voilà le grand secret de notre paroxysme—sachant que plus nous nous mêlerons à elle, plus nous participerons à sa plénitude.

La vie n'a pas pour nous de mensonges, d'illusions. (Bergson ne nous a pas rendu pour rien le sentiment de notre liberté): tout ce que nous lui donnons dans toute la conscience de notre volonté elle nous le rend au centuple.

Les idées ne nous intéressent plus spécialement comme idées. L'idée pure qui n'est pas réalisable en acte ne nous passionne guère. C'est pourquoi tous nos enthousiasmes vont aux aviateurs, à ceux

qui colonisent la brousse africaine, aux inventeurs, à tous les champions anonymes de la science et de l'effort humain.

Nous voulons vivre ce que nous pensons et *vice versa*. Nous n'admettons pas de dissociation entre le fait et l'idée.

A l'idéalisme exalté, au platonisme de nos aînés, nous opposons le goût du positif, du réalisable. Nous aimons ceux qui agissent, nous les exaltons en prose ou en vers; mais nous n'oeuvrons pas à l'élaboration d'une science de l'action. Celle-ci nous est inutile.

Emerson nous a appris que « la vie n'est pas une dialectique... Elle n'est ni intellectuelle, ni critique, mais vigoureuse... » Ce n'est pas une idée que nous prenons pour modèle, mais un héros. Partout nous sentons ce besoin violent autour de nous; tous, plus ou moins, nous portons en notre coeur quelque personnage héroïque sur lequel nous voulons nous modeler.

Ainsi toujours la réalité humaine nous attire, répond à nos sentiments intimes, augmente notre activité intérieure. Notre plénitude de vie nous ne la puisons plus dans des livres mais dans la réalité quotidienne, dans tout ce qui nous entoure, souffre et lutte sur la planète. L'humain! rendre plus complètement homme! Voilà surtout l'art qui possède toutes nos sympathies.

Le scepticisme, le dilettantisme élégant et autres formes d'ironie égoïste nous répugnent profondément. A ces différentes attitudes « inhumaines » nous préférons tout ce qui comprend, compatit, coopère. Nous voulons trouver de la foi du désintéressement de la souffrance active, de l'amour humain, de la vie. L'analyse détachée, la raison pure, le « sourire supérieur » ne nous disent rien qui vaille. Pour arriver à notre esprit, il faut d'abord prendre le chemin de notre coeur.

Depuis plus de cinquante ans, la poésie française s'est presque exclusivement nourrie du catholicisme faisandé de Baudelaire d'abord, du mysticisme sentimental de Verlaine ensuite. Aujourd'hui, à l'étrange et au morbide nous préférons le monde réel, la souffrance joyeuse, la vie et l'humain.

L'esthétique du vice a vécu, l'art pour l'art de Mallarmé également.

Comme on l'a dit déjà, c'est bien une nouvelle inspiration qui anime les poètes. Elle semble grosse de conséquences pour tous ceux qui savent en reconnaître la portée dans l'avenir; et Louis Estève dans ses travaux sur « l'Impérialisme esthétique » remarquait encore tout dernièrement avec quel à propos les pragmatistes savaient eux aussi utiliser ce tonique de l'action, venu des sources profondes de la vie à titre d'auxiliaire appréciable du progrès humain.

C'est en définitive l'avènement d'une beauté neuve, active et dynamique, qui s'oppose à l'ancienne esthétique laquelle abhorrait « le mouvement qui déplace les lignes ».

Qu'est-ce d'ailleurs vraiment que le poème nouveau, cette extériorisation des états radiants de l'âme, tel que nous le concevons? *Un mouvement de vie en relation directe avec tous les autres mouvements de la vie universelle.*

Le statisme, c'est l'état neutre; le mouvement, c'est la vie. Et nous avons conclu avec Bergson: la vie c'est le mouvement.

Le professeur Esch dans une conférence donnée dernièrement au cercle de *l'Alliance Française* de Diekirch, en Luxembourg, constatait en ces termes l'avènement de la poésie nouvelle: «Au renouveau d'action, à l'exaltation de toutes les énergies humaines, à cette courageuse affirmation de l'existence, à la glorification de tous les aspects et de tous les élans de la vie contemporaine, en un mot, à la grandeur morale de notre temps, devait répondre un art nouveau, une beauté nouvelle... La physionomie particulière et inédite de notre époque, la pulsation de la vie innombrable, inventions, conquêtes, héroïsmes humains, et surtout l'essor de la vie technique devaient peu à peu dégager une beauté neuve non plus comme la beauté classique, une beauté statique, c'est à dire immobile et figée dans une attitude éternelle, ni comme celle du romantisme, une beauté qui consiste dans la volupté de l'oeil et de l'oreille, mais une beauté vivante, dynamique, une beauté en mouvement... La poésie moderne sera en partie, une poésie résultant précisément de l'effort moderne, des gestes, des cris, des tumultes de la vie contemporaine, beauté en action, non plus contemplative; beauté barbare et brutale peut-être où il passe comme des secousses violentes des vertiges inconnus, comme des trépidations de moteurs et des halètements de machines et qui sera animée du rythme exaspéré de l'existence moderne. Cet art n'aura pas les qualités convenues qui plaisent, les qualités gracieuses et proprement féminines; il faudra nous y faire et y habituer nos nerfs. Ce sera non une révolution mais un élargissement du domaine de la poésie lyrique telle qu'on l'entendait jusqu'ici. Car enfin on peut se demander avec raison pourquoi la poésie demeurerait toujours essentiellement sentimentale alors qu'il y a dans la vie moderne bien d'autres émotions, bien d'autres frissons, bien d'autres secousses...

Eh bien, c'est à l'aurore de cette esthétique lyrique nouvelle que nous assistons en ce moment; elle monte dans les horizons gigantesques qu'a ouverts devant nous la pensée scientifique, brutale encore et sanglante comme tout ce qui est productif, mais déjà nous saisissons dans les voix encore mal disciplinées comme un vaste *Te Deum* à la gloire du xx.^e siècle».

Déjà des pays les plus lointains des contributions nous arrivent. Aux États Unis le poète de «*Optimos*» Horace Traubel à la suite de Witman, chante en des «*poems electric*» les aspirations de la grande Démocratie Américaine. Dans les pays de langue allemande Stefan Zweig, Alfons Paquet, Nicolas Welter avec Paul Friedrich entendent

En France la floraison lyrique est plus grande encore et plus variée. A mes œuvres, *La Cité des Hommes* et *La Beauté Vivante*, qui sont une vision des nouveaux aspects du monde, à *L'Homme Cosmogonique*, qui renferme comme on l'a dit non sans justesse, je crois, une « métaphysique moderne », viennent s'ajouter d'autres réalisations d'écrivains d'avant-gard, celles de Georges Turpin, de Henry Guilbeaux, de Jules Leroux, de Philéas Lebesgue, de Mercereau, de Pierre Hamp, de Fernand Divoire, Henri Hertz et Louis Piérard.

Nous sommes loin d'envisager la poésie comme le passe temps des heures oisives. Elle est pour nous un état lyrique inspiré; c'est une foi; un désir passionné d'extérioriser les manifestations du moi profond, de les muer en *actes* et de les rendre sensibles au moyen de rythmes adéquats, éminemment expressifs.

L'exaltation n'est-elle pas la meilleure part de l'homme! Alors que tant d'individus s'amoindrissent dans les banalités coutumières, nourrissons plutôt le désir d'une vie plus intense qui nous élève plus haut dans la réalité de l'Être.

Et que nous importe si les néo-classiques de notre époque osaient nous opposer ce qu'ils appellent « l'école bourgeoise du bon sens »! Une fois de plus ils en seraient pour leurs frais.

Notes Beaudry

O PAROXISMO



M França, Nicolas Beauvuin, (1) acompanhado de outros poetas, cria a *escola paroxista*. Esta palavra deixa já perceber qual é a alma da nova poesia francesa: — a Acção, no significado actual e europeu d'esta palavra.

Eles amam sómente as ideias convertíveis em actos immediatos. Têm assim o sentido da realidade, embora restringindo a sua área no tempo e no espaço.

Nos seus Poemas, vibra e palpita, não o impeto amoroso da alma para uma nova Luz redentôra, mas a grande vida industrial e scientifica dos grandes centros da Europa, Londres, Paris, Berlím, que sonha alastrar e dominar.

Ha um verso de Philéas Lebesgue, um dos mais belos poetas da França moderna e nosso querido amigo, que sintetisa admiravelmente este novo estado de alma poetico francês: «Où la Force sourit devant la Mort.»

A Força, mas a Força conquistadora, eis a sua Muza vigorosa que quer sentir sob os pés o mundo conquistado. A Força que sorri deante da Morte é, sem duvida, a que leva os exercitos á victoria; mas ha tambem uma *Fraqueza* no homem, digna de ser cantada, — a Fraqueza que nos dá o *sentido etéreo* das cousas e da Vida, sem o qual o mundo é áspero e frio, demasiadamente revelado, pondo um limite material ao vôo da nossa Esperança... E quando a Esperança bate com as azas de encontro a qualquer cousa que a estorva de voar, ela soffre, e a sua dôr nocturnamente se repercute em todo o nosso sêr, — porque ella, a Esperança, a faculdade que temos de crear Ilusão, é a parte mais viva e sensível da creatura humana. N'ella se origina uma outra vida, além de nós, o novo Reino Espiritual, o Céu, a divina Flôr eterna de que sômos a haste dolorosa e fragil.

A Ilusão é uma outra Realidade. A nuvem pairando no infinito é tão verdadeira como a onda debatendo-se no pélagos.

Sim: ha duas Realidades. Na immediata, a civilisação elabora o seu corpo; na outra o seu espirito.

Os jovens poetas franceses adoram a primeira, como a devem adorar todos os povos que são grandes e ricos, e aspiram a dominar materialmente, de facto.

Mas nós, os portuguezes, sômos pouca gente e vivemos n'um pequeno territorio. O movimento scientifico, industrial, militar, etc., não atingirá, no nosso meio, uma grandeza capaz de se tornar inspiradora. Faltam-nos grandes cidades cheias d'um grande Ruído... O imperialismo não é para as nações pequenas, e cantar o das outras seria, sobretudo, ridiculo.

O nosso campo de Acção é diferente. Queremos movimento e vida viva, mas num espaço infinito... A *nossa Realidade* não pode ser immediata. Ao impeto conquistador dos grandes povos oponhamos sentimentos que o suavisem. Tentemos dar uma alma ao grande corpo...

A nós pertence-nos atingir o *Sentido da Ilusão*, o segredo de crear para além d'um mundo que está sob o dominio dos Bancos, dos Trusts, dos Dreadnoughts...

(1) Agradecemos a este grande poeta francês, a honra que deu á nossa revista, enviando-lhe o artigo admiravel — La Psychologie des Poètes Nouveaux et la Vie Moderne.

Nós sómos um povo ainda barbaro, rural, dominado por vagos sentimentos...

Alma de antemanhã, sonhamos um novo Sol espiritual. E é muito possível que os povos cultos da Europa, a certa altura do seu vertiginoso avanço industrial e científico, descancem um pouco e volvam os olhos para nós. Pois toda a sua vida se resume em duas palavras: sciencia e industria. São um corpo esplendoroso em movimento.

Mas a vida será toda condensavel em materia? A sciencia e a industria respondem precisamente a todo o anseio humano? Isso a que chamamos o Sêr, contém-se todo na sua presença tangivel? O vôo do aeroplano corresponde ao vôo da alma? Todas as energias do homem são mecanicamente traduziveis? A contemplação não será tambem actividade? E o paroxismo da acção, acaso poderá cair n'uma especie de nova retorica, sub-verbo, atingindo a propria Vida, desproporcionando-a, mechanizando-a com violencia? Não haverá perigo em restringir as energias da alma, absolutamente irreductiveis, ás leis da mechanica, a uma forma, muito embora transcendente, da velocidade no seu valor scientifico? E, enfim, esta civilização scientifico-industrial satisfaz realmente a alma? A alma moderna está, na verdade, satisfeita?

Eu compreendo que o Inglês, o Francês, o Alemão regresse, á noite, a casa, orgulhoso do seu paiz, com os olhos cheios do magnifico espectáculo do seu ruidoso poder dominador. Mas esse Inglês, Francês ou Alemão, ao vêr-se a sós na sua alcova, não terá nada que responder a misteriosas perguntas da sua alma? Não a sentirá inquieta e interrogadora no fundo do seu sêr?

Tudo isto são perguntas que eu faço, e ás quaes responde o meu temperamento, talvez a minha propria raça inculta e a minha terra exigua, incapaz de dominar o mundo pela Força.

Para mim, a Vida é a actividade, mas, antes de tudo, actividade de alma, contemplação inquieta, ansiosa de penetrar, com uma prece nos labios, no Templo escuro do Misterio, onde as estrelas ardem como cirios e as montanhas são altares.

A vida é a actividade religiosa, sonho de immortalidade. A vida verdadeira é o que era no seu periodo de inocencia, de espontaneidade, no seu ciclo de instincto, de expressão ingenua e directa—, e não a vida trabalhada, afeiçoada a escolas, theorias, preconceitos, a vida sujeita a modas, que se pinta, que se cria o seu figurino. Se nós a surpreendermos na sua aurora de sinceridade, vemos logo que ela é, por natureza e nascimento,—religiosa. Os poetas que cantaram n'este periodo feliz, amanhecendo, foram todos religiosos: Homero, os primeiros tragicos gregos, os poetas hindus, egypcios, persas, etc.

Depois, a Vida artificialisou-se tanto, desviou-se de tal maneira do seu verdadeiro sentido, que os poetas de hoje, tendo de ser, como sempre, os seus sacerdotes, precisam de ir beber ás fontes religiosas, que murmuram no inicio remoto dos Povos e das Patrias.

A tendencia para a dissolução de certas Nacionalidades, é de tal maneira assustadora, que se lhes torna urgente o culto da sua infancia. Impõe-se a criação d'um novo ciclo mitologico, dando-se ás qualidades essenciaes d'uma raça, personalidade propria e divina que a inspire e desperte e lhe insuffle um novo alento creador... É o que tentei fazer em Portugal, sintetizando o genio do Povo na *Saudade* divinizada...

Precisamos de rejuvenescer, de crear aquele estado de alma em que se desenhou a aparição do Christo de Ourique...

Sem poder mythico não ha poeta, no sentido primitivo e eterno desta palavra. Por isso, o poeta missionario aparece, em certos momentos da vida d'um paiz; nos seus momentos de fraqueza, em que as suas reservas de *sonho e ilusão* (a força as-

cional, creadora e progressiva) se extinguem, roubando-lhes a carne, o sangue, o colorido vivo ao esqueleto.

Mas o instinto de viver, mais poderoso nos Povos que nos individuos, gera, então, novas almas que tenham a faculdade de lhes crear um novo estado de encanto e de ilusão que as dinamise e rejuvenesça.

A ilusão é a Fôrça das forças, o Sol dos soes de que falam os hymnos védicos.

Ai do homem ou do povo ao atingir aquele poder de visão que penetra a essencia morta de tudo, o vacuo infinito onde resôam lugubrememente estas palavras: *Não vale a pena!*

Quando uma Patria se torna outomnal, é preciso chamá-la á Primavera que é o ciclo mythologico, legendario do anno...

Precisamos de rejuvenescer, não para repetirmos a vida já vivida, em vida transviada, artificial, cheia de mossas das varias formas em que tem sido, com mais ou menos violencia, encarcerada; mas uma vida nova e natural, d'acordo com a divina vontade do Universo.

Voltemo-nos, portanto, para a alma da nossa Patria, desprezada, incompreendida, quasi morta. Erijamo-la n'um corpo que principie a viver a sua vida, mas vida eterea, religiosa, de amor e sacrificio, vida universal aceza na esplendorosa escuridão electrica do mundo. Se aos outros Povos compete progredir, porque vivem, nós precisamos de reviver primeiramente. Respondamos ao Verbo profano do Progresso com o Verbo divino da Resurreição.

Isto quanto á poesia; quanto á poetica estamos de acôrdo. É inegavel que a evolução do verso se faz no sentido de aproximar a *expressão do expresso*, a mascara da alma.

As velhas formas geometricas, opprimidas, endurecidas sob o pêso classico do metro e da medida, como que repassadas d'um fluido electrico, estremeceem, adquirem movimento e sensibilidade, novas atitudes, impostas pela expansão da intima vida nova que as anima. O verso moderno vive livremente; mas a sua liberdade tem um limite, além do qual é a Prosa. Este limite não será ultrapassado, como os criticos prudentes imaginam. A forma poetica (o verso) é indestructivel, pois corresponde a *um certo estado* do Pensamento:—o seu estado visionario, acezo, delirante.

Quando o Pensamento alcança uma alta temperatura, ilumina-se dentro em nós, e o Canto nasce da alma. Se a luz é uma forma eterea do som, a prosa é som e a poesia é luz. Entre os dois aspectos da mesma energia, ha uma eterna barreira. Porisso, eu aplaudo, sem mêdo, os novos ritmos livres, em que os poetas modernos condensam as fugas do seu espirito em delirio.

De resto, a poesia que saiba falar ao que ha de essencial e constante na creatura, é verdadeira e a sua mocidade não tem fim, ou essa poesia seja triste ou alegre, ou cante a vida ou a morte, ou seja paroxista ou contemplativa, comica ou dramatica, profana ou sagrada.

Que Nicolas Beauduin, o grande poeta paroxista, me perdoe este obscuro comentario ao seu esplendido artigo, feito por um obscuro poeta lusitano e sebastianista.

Teixeira de Passos



RACHEL

De Antonio Carneiro

AMOR



QUANDO é noite, e na voz da Immensidade
Um alto sonho em lagrimas crepita,
Tua graça de Morte me visita,
Teu olhar é um sorriso de saudade . . .

E a tua Ausencia intimamente invade
Meu coração que, morto, ainda palpita;
E a lagrima que eu sangro se illimita,
Reflecte em sua dôr a eternidade !

Vens de Alem ; são de sombra teus vestidos ;
Tua noite de Morte me illumina,
Confundimos em extase os sentidos . . .

Um canto ri na cruz da nossa dôr ;
Canto onde résa uma oração divina,
Morre o Desejo e principia o Amor !

Ancêde, Abril de 1914

Mario Bairo

EXPLICAÇÕES NECESSARIAS DO HOMEM DA ESPADA DE PAU AO ARCANJO DA ESPADA DUM RELAMPAGO

MEU QUERIDO ARCANJO SONHADOR:



SUA Carta põe os pontos nos *il* duma duvida velha: não somos um rouxinol e um peixe, como julgara: somos um homem e um Arcanjo, como insinua o meu amigo. Vá lá isso!

Pois, bondoso e arcangelical amigo: contra todos os meus projectos tenho de voltar ás nossas cartas, por haver, entre os seus caprichos de imaginação, alguns que deixados sem resposta poderiam dificultar a compreensão do que vou expôr na ultima parte (desta *Agua* e das futuras) sobre o sistema de educação que proponho ao nosso povo. Tomarei por ideal o estilo telegráfico.

Primeiro ponto: porque levam as tendencias saudosistas (sentimentais, contemplativas, horrorizando a «materia») a mocidade ao bacharelismo, á secretaria, ao comunarismo? Não se faz mister o citar a opinião unânime dos pedagogos: o simples senso vulgar não ignora que a educação sentimental cria o desafecto á iniciativa, aos contratempos e necessidades dos negocios, aos esforços e decisões de todos os instantes que as profissões usuais ⁽¹⁾ exigem, principalmente quando exercidas á moderna, anti-rotineiramente. A educação sentimental só permite quatro estradas: a fortuna herdada, o casório rico, as profissões liberais, o funcionalismo. Em tudo um sentimental puro é um contemplativo, um devaneadôr, ou um palrador e remexido, como a mosca de Lafontaine: nunca um disciplinador, concentrador e canalizador de energias uteis; pode revolucionar e abater muita coisa, mas nunca constroi coisa de geito. O bacharelismo é uma má orientação profissional, improduttiva, ligada a uma má educação da vontade: não tem relação alguma com a falta de estudos «lusitanos». Ha bacharelismo na Russia, na Espanha, no Brasil; ha bacharelismo em toda parte onde falta iniciativa e energia *produtora*: o bacharel é mesmo frequentemente patrioteiro e chauvinista. Se quer livros, comece por «A que se prende a superioridade dos Anglo-Saxões», de Edmundo Demolins, «A Educação Nova», do mesmo autor, «As três formas essenciais da educação», de Paulo Descamps. Por enquanto estes bastam.

Sonhou o Pascoais que eu attribui «a actual prosperidade da

(1) Esta expressão opõe-se a profissões *liberais*; designa as da industria (cultura, fabricação) e do commercio.

França á distribuição pelos camponêses das terras da nobreza (até aqui está certo), *á identificação da sociedade com o Estado*, etc., como se tudo isso não fosse (segundo o meu poeta) o produto real dum sonho anterior, o sonho que animou os escritores do seculo xviii.» A questão das terras está certa, mas a segunda é precisamente o contrario do que eu disse: apresentei tal identificação como um obstaculo ao progresso, e não como estimulante. Vejo-me obrigado a chamar para isto a atenção dos meus leitores, porque a absorpção da sociedade pelo Estado é um dos males a combater na nossa terra. Aliás, por ser muito ruim a minha prosa, o facto de lê-la sem atenção demonstra, pelo menos, o bom gôsto do meu amigo. Pelo que toca ao resto da sua frase, todos sabem que a venda aos camponêses das terras da nobreza emigrada foi um expediente imposto pelas circunstancias, e que não teve nada a vêr com os sonhos dos escritores. A sua fantasia de poeta, quando escreve sobre historia, é que é uma gentil criancinha que dorme e sonha: — sonhos maravilhosos de criancinha...

Desta forma sonhou que «o que é verdadeiro em França pode ser mentira em Portugal»; que «se concorreu a distribuição da terra para a prosperidade da França, na Grã-Bretanha aconteceu precisamente o contrario». Valha-nos Deus, meu poeta: sempre sonhos, devaneios, caprichos, fantasias... Não, não é nada disso... As leis da economia social teem valor para todos os povos; acreditar o contrario é o mesmo que presumir sêr a hygiene individual — o ar livre, a luz, a alimentação natural, o exercicio, etc., — muito util para os Joões e os Franciscos, mas muito pernicioso para os Antonios e os Josés... Desçamos a este mundo. Aqui está o que aconteceu:

A terra era possuida em França por senhores que andavam na côrte, que a não cultivavam. Exactamente o contrario na Inglaterra: solo possuido pela população rural, que o cultivava, a ponto de fazer dele o maior mimo de cultura que a Europa jamais viu. A aristocracia inglêsa era uma aristocracia rural, não uma aristocracia de salamaques e de «fieis vassallos»: não se conhecia em Inglaterra o «todos del-rei» tão português. Um dos documentos para esta comparação é a viagem de Young em França, de que Taine se aproveitou nas «Origens da França Contemporanea». Já adivinhou o Pascoais que em França, uma vez possuida a terra pela gente camponêsa, passou ela a sêr cultivada. E' este o ponto capital: terra cultivada ou não cultivada. Tudo que suscita a cultura é bom, e tudo que estorva a cultura é mau, em todos os territorios e todas as nações. Neste ponto uma citação de Boutmy: «O sistema de grande propriedade aristocratica que se observa *hoje* em Inglaterra não foi de forma alguma herdado da Idade-média: *é uma criação do seculo passado*» (XVIII). («O desenvolvimento da Constituição em Inglaterra», 515). (1)

(1) A leitura desta mesma obra lhe faria saber porque é que o morgadio não produziu na Inglaterra até esse século, acumulação de propriedade. Saiu o livro em 1877: «seculo passado» é pois o XVIII.

Ora esta recente criação foi um mal; não logo tão grande como seria em França, por dois motivos: 1.º, a aristocracia inglesa não tinha os maus hábitos sociais da francesa; 2.º, a Inglaterra possuía outras terras, onde continuou a agricultural, sustentando a industria da mãe-patria: as colonias. Apesar disto não deixou a novidade de ser um mal. Os mesmos erros sociais produzem em todos os povos os mesmos efeitos; mais depressa nos de menos força resistente; mais devagar nos organismos sociais mais robustos:—o mesmo succede com os individuos. Para remediar os efeitos d'este mal, de que a Inglaterra sofre agora como outrora soffreu a França, é que Lloyd George hoje em dia empreendeu a sua legislação sobre a terra: o que ele hoje pretende fazer a bem da Inglaterra é aquilo mesmo que já fez bem á França, pois o que hoje faz mal á Inglaterra é aquilo mesmo que já fez mal á França. Em resumo: até ao fim do seculo XVIII a França esteve num mau sistema, que lhe fez mal; a Inglaterra tinha o sistema contrario, que lhe fez bem; do seculo XVIII em diante recíprocam-se os papeis: a França dá-se bem com o antigo bom processo da Inglaterra, a Inglaterra dá-se mal tomando o mau processo da França antiga. No seculo XX a Inglaterra, com Lloyd George, pensa em voltar ao seu antigo sistema, que lhe fez bem a ela e á vizinha. Foi o meu amigo que escolheu o exemplo, e como vê, ele é eloquente—da eloquencia saudavel das ideas claras, oposta á eloquencia anestesiante dos palavriados obscuros. Se consegui falar tão nitidamente como penso, o proprio Capricho em pessoa concluiria que a *mesma* orientação salutar fez bem *aos dois* países, e a *mesma* orientação viciosa fez mal *aos dois* países; que as regras da economia social são igualmente applicaveis a todos os povos e sociedades. E' claro que se o meu poeta sonhar agora, por exemplo, que o Lloyd George não existe, que a revolução francesa foi no seculo III antes de Cristo, que o viajante Young era zarólho,—lá terei eu de recommençar a historia em todos os numeros da nossa *Águia*, para lhe demonstrar que o homenzinho existe, que a revolução francesa foi no século XVIII, e tudo mais que lhe aprouver.

Ao sonho seguinte evapora-o a simples cronologia. Sonhou o meu poeta que o movimento místico italiano foi obra de um só homem, S. Francisco de Assis; mas eu e os seus leitores sabemos muito bem que S. Francisco não foi o iniciador, não foi o ponto de partida, mas o ponto de chegada d'esse grande movimento; S. Francisco (o mais popular dos santos italianos, como diz Villari, o santo nacional por excelencia) é a flôr, de que a raiz, o tronco, a seiva, é o esto de misticismo italiano *que o precedeu*. Que o precedeu, Pascoais, que o precedeu! (1) Que o precedeu e o suscitou! Muitas faculdades milagreas lhe atribuem, mas não o efeito r'etro-activo; fez milagres mas depois de nascer: antes de nascer, nem o próprio Cristo! Sobre este longo movimento que culminou no santo escreveu

(1) Ainda quando assim não fôra, é sabido que um homem só consegue produzir um grande movimento popular quando vibra em unisono com o sentimento do seu povo.

Gebhart um livro ameníssimo que se chama, não «S. Francisco de Assis», mas *A Italia mistica*: aí veria como o povo italiano deu o solo e a atmosfera àquele lírio cristianíssimo; o povo italiano que foi para a obra, empregando palavras de Renan, «*l'inspirateur, le collaborateur, l'appréciateur*». (1) «Après le christianisme, diz ainda Renan, le mouvement franciscain est la plus grande *oeuvre populaire* dont l'histoire se souvienne.» (2)

Como sabe, um dos mais célebres historiadores de S. Francisco de Assis é Paulo Sabatier. Vou arrancar á sua «Historia de S. Francisco de Assis» (1894) algumas citações:

«Si l'on cherche les origines de ses idées (de S. Francisco) on les trouve exclusivement parmi le peuple de son temps, et c'est pour cela *qu'il incarne l'âme italienne* au commencement du XIII.^{ème} siècle... Il était du peuple et le peuple se reconnût en lui.» (*Introduction*, ix)

O capitulo iv desta obra, que trata dos factos sucedidos *antes* de «a luz se fazer nas trevas do seu espirito», como dizia S. Francisco, começa desta forma: «les biographies de S. François nous ont conservé un trait qui montre *comment la fermentation religieuse était grande*, jusque dans la petite ville d'Assis» (p. 60). A fermentação religiosa era grande, até na pequena cidade de Assis, *antes* da crise religiosa de Francisco...

Antes de S. Francisco não houve somente uma intensa e prolongada vibração anónima: individualidades eminentes se haviam erguido nessa atmosfera saturada de misticismo, entre as quais Joaquim de Flora, do qual nos diz Sabatier: «Joachim de Flore forme le dernier anneau d'une suite de moines prophètes *qui se succédèrent durant près de quatre cents ans*... Ses idées, repandues ça et là par des disciples enthousiastes, germèrent sans bruit dans les coeurs» (pag. 52). Veja o que fez S. Francisco, durante quatro séculos, *antes de nascêr!*

Como vê, participam da minha «teima» Renan, Villari, Gebhart, Sabatier. Participa toda a gente, menos o Saudosismo, que sonhou e decretou o contrário. Participa a propria cronologia. O Saudosismo, como a personagem de Molière, *a changé tout cela*: decretou que os tempos de *depois* vieram *antes*, que os predecessores e precedentes foram sucessores e consequentes. Todo o Saudosismo é uma série de sonhos decretados pelo meu amigo: o que o caracteriza, ao Saudosismo, é a audacia de olhos puros, o santo descaramento da invenção. *Hay que comprimirse!* Porquê inventar em coisas tão sabidas como a vida de S. Francisco, a revolução francesa, ou a propriedade rural em Inglaterra?

Eu reconheço que é por virtude, por bondade, por amor á sua terra que o meu amigo tudo inventa. Respeito e admiro a sua paixão; somente o quisera convencer de que erra supondo as invenções necessárias e prestimosas. Cumpre aceitar a *realidade, inteira*, e estu-

(1) *Nouvelles études d'histoire religieuse: S. Fr. d'Assise*, pag. 341.

(2) *Ibid.*

dá-la carinhosamente sob *todas* as suas formas; de nada serve mutilá-la:

«Willst du ins Unendliche schreiten,
Geh' nur im Endlichen nach allen Seiten».

Carlyle definiu o herói «a bringer-back of men to reality» — um que faz voltar os homens á realidade: são esses os heróis necessários á nossa terra.

Tambem se sabe que não fomos só nós que chamámos ao Papa o bispo de Roma; que *todas* as igrejas viveram a principio separadas de Roma. (1) Ainda o Saudosismo descobrirá que uma das sublimes originalidades dos portuguezes é ter pernas, tronco, braços e cabeça. Para poder dizer que uma dada qualidade é característica dum povo, faz-se mister estudar os outros povos: simples observação que deveria varrer a «deusa», com todos os seus apêndices. Mas não varre, eu bem sei que não varre: cada vez mais vitoriosa, mais deusa, mais tonante! Sobre as conquistas, etc., não respondo, porque o meu caro se limita a requestrar uma açôrda que eu já atirei para as quimeras nos meus artigos da *Vida Portuguesa*; (2) sobre o «estranjeirismo» e o meu discurso eu o elucido num momento: diz o meu amigo que o que caracteriza a nossa decadencia é o «estranjeirismo», e esse discurso demonstra que, pelo contrario, a nossa decadencia se caracteriza pelo furioso horror ao «estranjeirismo», enquanto o periodo de ascensão foi fecundo pela assimilação da cultura estrangeira. Aqui, *como sempre*, as afirmações saudosistas são *precisamente o contrario* da realidade.

Vejo agora diante de mim estes periodos da sua carta:

«Oh! se admiro a alma inglesa! alma séria, silenciosa, profunda, nascida dum raio de luar coado pela névoa, em vagas scintillações de melancolia, sobre a agua de um lago ensombrado de arvores...» «A luz é ingenuidade, e a Cór, e o Som! A virtude é ingenuidade, e o crime é ingenuidade. O mundo é uma esfera de inocencia gravitando através da infinita inocencia do Infinito. No meio da simplicidade que nos cerca, eu só vejo uma face desiludida, êrma de inocencia, cadaverica... — e essa face é a face mortal da Lua, essa Caveira fosforescente, radiando o pavor, o mêdo e a tristeza,

(1) Fala no «meu» catolicismo; já me chamou positivista; parece que me chama agora catolico; devo declarar que não sou uma coisa nem outra, se bem que não tenha sobre o catolicismo as ideas dos livre-pensadores portuguezes e do saudosismo. Como muitas das virtudes do catolicismo norte-americano lhe foram transmitidos pela gente norte-americana, muitos dos defeitos do catolicismo portuguez são simplesmente os da gente portuguesa. O mesmo se diria do nosso liberalismo, do nosso positivismo, etc., etc.

(2) É evidente, para quem leu o meu discurso, que eu não condeno as descobertas e a colonização, mas a maneira por que nós entendemos esta ultima. A verdadeira colonização faz-se sob a forma trabalho, e não sob a forma lambada. Ante a sua afirmativa de que navegámos para beneficiar os outros, e os holandêses para exclusivo bem das suas pessoas, pergunto a mim mesmo quem sustentou a teoria do *mare clausum* (mar fechado, só para nós) contra a teoria holandêsa do *mare liberum*:

a agoireira antevisão do Fim, nesse banquetê deslumbrante dos mundos a que preside o Rei-Sol.»

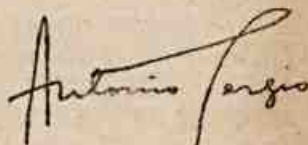
Ah, meu poeta, só agora compreendo o Evangelho de S. João: «No principio era o Verbo, e o Verbo era Deus!» E Deus transmitiu (certamente) aos Arcanjos as suas propriedades de Verbo! Agora sim, meu amigo, que me vejo obrigado a dar homem por mim! Dou o professor de poesia do «Fidalgo aprendiz», o qual, se bem me lembro, se apresenta desta forma:

Ante vossa presença jaz extático
Um culto professor de estudo crítico
A que ousam chamar humor frenético!

Esgrima contra ele a sua «espada de Arcanjo, feita dum relâmpago», que eu já meto dentro do saco o meu «pau.» Quanto á retórica de que uso, que a seu ver se substitue ao pensamento (só um saudosista me diria isto, rapazes!) tenho-a empregado com algum exito cá fóra, onde verdadeiros homens de sciencia me teem dito... Adiante: nada de imodestias! Não são as leis sociais, mas as definições da retórica que variam com as latitudes, ou melhor com as declinações e ascensões rectas, visto que o meu amigo é do céu — e felizmente da terra tambem, para ventura de todos aqueles que, como eu, o estimam e o veneram, como homem e como poeta.

Camarada e amigo

Genebra, 27 de Maio.



Por absoluta falta de espaço, só poderei responder a esta carta no proximo numero da «Águia».

TEIXEIRA DE PASCOAES.

SINFONIA DO MAR-ALTO

A Vila Moura
e Mario Beirão

I

SERRA Leôa, ceu de chumbo, mar parado...
E o navio lá vai ansioso, obstinado,
Coração a pulsar, ofegante, rasgando
O ventre cinzeo e lizo, o mar de estanho...

Africa por bombordo... O aroma estranho,
Afago ardente do deserto, esvoaçando,
Acarícia as faces, turva as almas...
E o navio lá vai nas aguas calmas,
Coração a pulsar, quilha feita ao bom rumo...

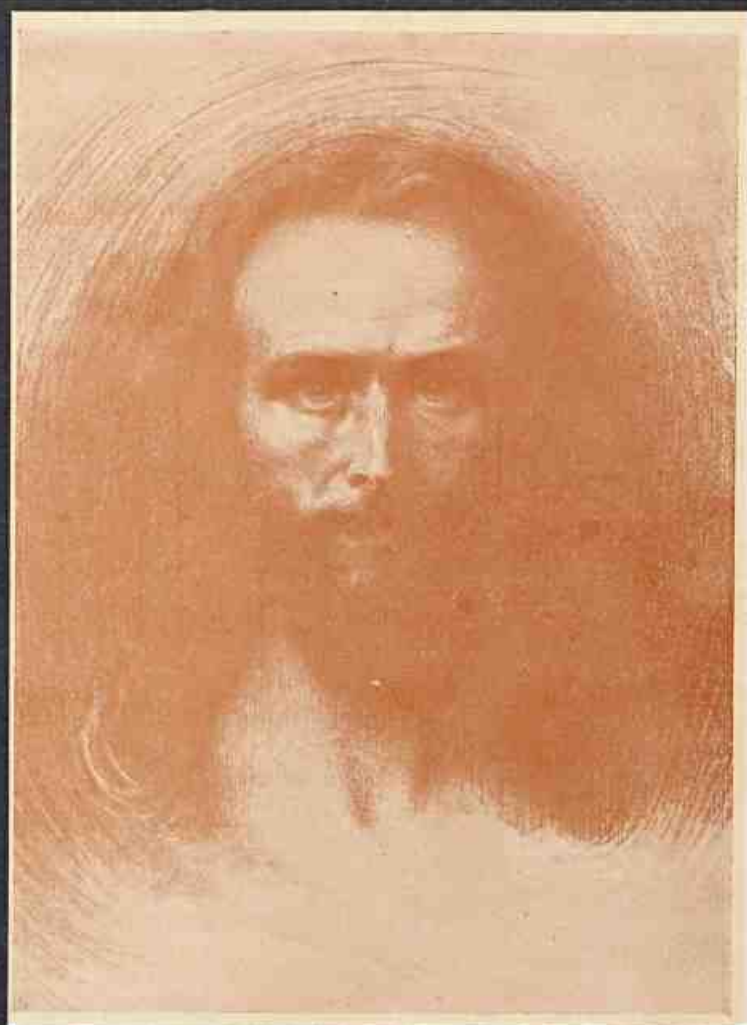
E no fundo do Mar, nos seus palacios de água,
Nereidas e tritões, vendo esbater-se o fumo
Do monstro a respirar,—choram de mágua...
—Que é das velas de Cristo assinaladas
Ao mar alto e ao misterio desfraldadas,
Azas de sonho, vélas de alma em oração?...
E as cavernas do monstro ardem em chama
E em vão o vento sopra de feição...

—Ó comandante, mande içar as vélas!

E no fundo do mar, nos seus palacios de agua,
Nereidas e tritões numa saudósa mágua,
Lembram o tempo da Aventura, as caravélas!...

E o navio lá vai, no embalado alvoroço,
A prôa erguida, numa audácia, abrindo o Mar,
Que é presença de Deus, que é divino, e é nosso
Porque o amamos e o soubémos violar...

Os tritões e as nereidas aprendêram
A saudade comnosco... Em nós a lêram,
Em nosso olhar de amor constante e nostalgia,
Entre a lembrança duma auzente e a ouzadia
Dum caminho a seguir, da gloria conquistar.



CRISTO

De António Carneiro

E do fundo do mar, por saberem que somos
Homens de Portugal,—poetas e marinheiros,—
Surgem á flôr da agua os niveos pômos
Das sereias, a arfar, numa oferta de amantes,
Num abandono, alvinitentes, deslumbrantes...

E a espuma á prôa lembra alventes jasmineiros...

Aza submersa, a debater-se, aprisionada,
Sem um descanço, à pôpa, a helice cansada
Fustiga o mar, escrava leal dos timoneiros...
—Que belo manto, ó minha nau, tam apressada,
Cachões de lírios, borbotões de espuma algente...

E a esteira da nau é uma florida estrada
A recordar outras eguaes de antigamente.

Cinge, alta noite, a nau uma ignea cintura,
Um efluvio de incendio a desmaiar,
Ó novêlos de luz florindo a noite escura,
Vias lácteas do mar, astros alvorecendo...
E entre os cachões de lírios, resplendendo,
Rubis de sangue e esmeraldas de luar...

II

«Quer-me na Ponte, Comandante?

—«*Quero.*

Se é companheiro e nosso irmão...» E eu vou.

—Ó timoneiro firme, ó vulto austéro,
Escultura que a raça esculptou!...—

«Meu camarada oficial,—eu venho
Fazer consigo o quarto. Quer-me cá?—»
—«*Fez bem em vir!...*» Se sou da terra, tenho
Alma do mar, fui marinheiro já!...

Hora do rumo!...—Venha vêr, Poeta...
«*Meio dia!—Equipagem, boina fóra!*»
Ó minha mãe auzente, ó noiva inquieta,
Vinde ver como eu vim na boa hora!...

«Meu camarada oficial: eu vejo
A altura do sol, se me consente...»
Em minh'alma é sol alto de desejo,
De sonho e ancia e de aventura ardente!...

«*Senhor Poeta—venha vêr cá baixo
Em que ponto da carta nos achamos.*»
E eu desço á casa do comando e acho
A grande carta em cujo mar nós vamos,
Auto de posse real duma conquista
Que as velhas naus lavraram mar adeante...
—«*Comandante, a bombordo, ha terra á vista!*»
«—Será a minha Índia, comandante?»

.
.

III

Nos mastros altos falam as antenas
Suas vozes electricas, chamando...
Do alem respondem... Ao redor apenas
Ha céu e mar e solidão, vogando...

As naus antigas, ó Marconi,—aquelas
Em que os avós se fôram ao Mar fundo,
Tinham tambem antenas sobre as vélas,
Cuja voz era ouvida em todo o mundo...

Ó Voz do Heroismo, ó vozes dominando
A distancia e o Tempo e as solidões;
Voz de gloria imortal, eterna, soando
Na voz do mar, nos versos de Camões!

Alma da raça, alma fremente e delirante!...
Ó voz antiga a soluçar:—«*Patria distante,
Ó mães, ó noivas, o naufragio ai vem!...*»
E a outra voz respondia-lhes: «*Avante!*»

E as naus lá iam pela morte além!...

IV

Principe pela prôa... Ó camarada
Que está de quarto, é terra aquela bruma?...
«*Ilha do Principe*»... E a quilha abre uma estrada
Nas ondas calmas, flôre o mar de espuma...

Ó sonho ao longe, ó bruma ao longe erguida
Como um espétro, ó sombra do horizonte...
—Morre a distancia... Ei-la por fim, florida,
Uma verde grinalda sobre a frente...

Parada, a nau descansa na baía
Entre a cintura verde aberta ao mar...
Ó praia verde ao sol do Meio dia,
Ó verde mar da terra erguido ao ar!

Ó vaga verde e vegetal, suspensa...
Ó oferta real do mar ao ceu...
Ó flôr anadiomenica e imensa,
Venus, divina, como tu nasceu!...

Depois, á noite, o luar treme e desmaia, —
Luar tropical... E as ondas, dormitando,
Bordam com prata e luar, florindo, a praia...
—Espuma, rendas, gaze, arminho brando...

Ah! Portugal distante, ó muito amado,
Como a distancia e o mar te fazem grande!
E o meu amor de Poeta, e de soldado,
Numa rude altivez em mim se expande...

Tantos dias no Mar!... E mal se avista
Terra a bombordo, a estibordo, á prôa,
Terra da nossa esplendida conquista,
Um hino igual de orgulho em nós resôa...

Patria grande, ó altar da minha prece,
Ó pão do meu orgulho, ó minha résa!
—Viagem tamanha, e a terra que alvoresce
Sobre as ondas é sempre portugêsa!...

Augusto Pasiniro

MULHERES E TOILETES



QUEM em Lisbôa pode assistir á evolução que desde 1908 veio magnificando a arte vulgarmente dita de toilette, uma coisa constatou, evidentissima, certa, aphorismal: que cada vez mais a beleza é um accessorio inutil na mulher.

E' vê-la passar nas ruas, *à la tombée du jour*, á hora violeta em que os horizontes são palidos como fundos de Raphael, as arvores não são arvores mas os seus phantasmas e até nos pobres amanuenses que recolhem do cepo das suas occupações ha um livôr de sêres d'alem-mundo: á hora-sôpro, á hora-nubil em que por toda a cidade, no fecundar das luzes, se esculpe o maravilhamento supersticioso que devia sentir a Virgem ao conceber a graça de Jesus e as noites vêem lentas, das suas landes de misterio, como se já receassem o travo das ignominias e corrupções, das sodomias e stupros, e dos esfalecimentos e dos pânicos em que as multidões as crucificam, grandes maters-dolorosas das Visões...; é vê-la passar nas ruas, esguia, desenvolta, com movimentos de libélula e passos chimericos de *musmé*, seu palido perfil de columelo, o nankim hipnótico dos seus olhos, em que penumbras dormem como em nichos fumózos de catedral; é vê-la passar num desses vestidos côr d'alga marinha ou fôlha sêca, côr de bronze oxidado e velha ulcera, em cujo estofa, que parece feito de *morbidezza* e esgoto nervoso, copúlam, esmaecidas, todas as nuances de musgo e vitral gótico; é vê-la passar com sua aigrete de rei pèrsico no chapéu quando não é uma aza que se abate sobre um riso de fivêla prata-fôska, — rispida, frenetica, crispações de gula nas remiges, como as dos milhafres quando descem a pilhar frangos nas herdades...

Olhem-lhe p'r'ó rosto: feia quase sempre, dessa fealdade gesticulante, agitante, suasiva, capciosa, que é um répto triumphal aos insignificantes chrômos bestiagas que os ukases dos povos, na sua milenária cegueira, teimam em classificar de «caras bonitas»; dessa fealdade sortilega, composta de infinitesimales encantos, despolarizados pelo capricho d'alguma ciosa fada maléfica e que aos nossos olhos faz um hymno de todas as catividades barbaras em apoteose.

Mulheres bonitas... eis, contemporaneamente, uma *scie* de velhos quinquilheiros, em ideal de bric-à-brac que desapareceu com o chouto das liteiras e as novelas hidromelósas de Camilo, em que o grande Adultero, esfuriado de genio e bexigas, depois de as desgrenhar, lôbas heraldicas cobrindo-se do oiro-purpura das suas frâses, pelo yoskiwhara das torpitudes mais lôbregas, as acompanhava a convento, repêzas, com galanerias versalhêscas de Rei-Sol...; um bacôco logarcommum do tempo em que o vestido era num corpo o apagado in-

cidente ameiçoento, rígido, hirto, especie de creado bronco servindo a olhos tábidos pudins de formas planturosas, sem imprevisito, sem enigma ou rosiclér de audacia nos contornos; quando a dispepsia era privilegio d'alguns raros, a que estourados folhetinistas colavam o apôdo sedição de—philisteus; ainda a nevróse não mostrára ao mundo a sua horrível cabeça de sombrio deus púnico hermafrodita, espalhando nas artes o pesadêlo mediêvo da sua Noite, onde azas farpadas de morcêgos circuitam vôos, pupilas oblongas estagnam loucuras e halitos suspirosos de fantasmas acampam nos cérebros as larvas disformes do Medo; ainda na literatura não tinham aparecido Verlaine e Wilde, com o seu dualismo do Jeovahs e monstros, d'infancia e incesto, crucificando-se, convulsos, entre auroras e hecatombes...

Ser bonita... mas é quase sempre ser estúpida!

A eurtmia das linhas fisionomicas—diagnosticou Lombroso—mui raro é arauto de excelencias reconditas de intelecto: o galbo heleno dum perfil só esporadicamente forma vestibulo adequado ao lampadario crepitante dum espirito.

Sois charmante et tais-toi... resumiu Baudelaire, o sagitario dandy do Epigrama, numa das suas sínteses-luzeiros, como querendo significar que o papel da formosa é não abrir bico, limitando-se a irradiar, calada, no seu trôno de vulgaridade, quinquilha exótica de mostruario, bôca d'idolo maquilhado, olhos d'uva e um coração inquietadoramente poligamo.

Nas sociedades d'hoje, atáxicas, delirantes, desviadas dos seus eixos pela guerra russo-japoneza que creou o assombro pelo flamejante paiz dos dragões e das chiméras e o impreterível extase pela sua estética de Apocalypse, vinda a escavar no chão as noções europeias da Belêza,—nas sociedades d'hoje o que é preciso é que os corpos sejam esveltos, afusados, corpos de vaga alta, esfolhando-se em morrentes espreguiçamentos... As toilettes vêm depois, e ei-los transformados, esses complexos sistemas de nervos tenuísimos, numa Grand'Opera da carne, maravilhosa, unica, instrumentando as ruas de extranho...—as toilettes hodiernas, com a sua perturbante magia outônial, tão opiada de seduções preraphaelitas que parece que Rosseti, Burne Jones ou Holman Hunt sugeriram o *tom* nevrálgico dos estofos e a etereal assimetria da Linha!

Maio, 2-1914.

Carlos Parreira

O Pintor António Carneiro



PINTOR que dirige a parte artística desta revista, segue a esta hora sobre o Atlantico a caminho do Brasil, onde pela primeira vez vai expôr os seus trabalhos.

A sua nobre e amiga camaradagem e a devota admiração de todos os que, ao seu lado, trabalhamos as fainas da Arte, trazem-nos aqui a dizer as palavras de fraterno carinho com que de longe o acompanhamos. Que elas sejam tambem um protesto à gelada e insultante indiferença com que esta Pátria torna, tantas vezes, bem dolorosamente inglório o trabalho honesto até ao heroismo dos seus maiores filhos.

António Carneiro é hoje, em plena maturidade do talento, ao lado de Columbano e Malhóa, um dos melhores representantes do renascimento lusitano, numa Arte, que ainda conta devotos de méritos estranhos.

Aos detractôres da própria Terra, que estólidamente afirmam a esterilidade do génio nacional e clamam que não ha poesia, nem pintura, nem escultura, nem . . . o que eles querem, medindo o esforço alheio pela sua miséria moral, oferecemos em resposta os triunfos que esses tres artistas têm alcançado em terras estrangeiras. E, se houveramos de medir o mérito real dum Pintôr pela quantidade e qualidade de prémios, conferidos pelos juris de Exposições, sobejamente se provava o valôr deste artista com os prémios alcançados em Exposições, como a de Paris em 1900, de S. Luiz (América do Norte) em 1904, de Barcelona em 1907 e Rio de Janeiro em 1908.

Mas a consagração de António Carneiro está hoje unanimamente proclamada por todas as Almas de melindrosa emotividade, que houveram o fundo prazer de contemplar-lhe os desenhos e pinturas. É que a sua Arte foi longamente trabalhada pela dôr, pelo silêncio e pela solidão, fazendo de si o Artista das profundidades e revelações.

A posse, em subido grau, de duas opostas qualidades: o instinto tactil dos relevos de estrutura íntima, próprio do escultôr e do desenhadôr, e a visão pictórica da névoa espiritual, que exalam as pessoas e as coisas, dá à sua Arte a extranha originalidade, o supremo interesse, a comoção vitoriosa que acende no espectadôr a chama de entusiasmo em que ardem igualmente a satisfação sensual e o extasis das contemplações íntimas.

Dessas duas qualidades essenciais derivam tambem as suas devoções em Arte: o extraordinário desenhadôr, que ele é, confessa uma « adoração beata » pelos gregos e faz que levante dentre os artistas da Renascença, Miguel Angelo e Leonardo da Vinci às últimas cul-

minâncias admirativas; mas o Pintôr, que possui o secreto instinto dos mistérios da Alma, rende-se na mesma admiração, perante Puvís de Chavannes ou Carriére.

Dai o supôrmos perante certas das suas figuras, designadamente nos desenhos, que o Artista possui as virtudes jeóvicas de trabalhar o primitivo barro adâmico, tanta a sua brava rizeza de construção e a inédita frescura carnal de flôr desabrochante; ou que os seus lábios, por graça divina, lhes insuflaram o Verbo, a chama do Espírito— e jei-las que surgem na nossa frente como apariçõis puras, vultos radiando intíma emoção, figuras sagradas do génio criadôr, que as faz viver apenas em nimbo de glória e claridade astral!

É ele próprio que declara o seu culto da Forma, porque a considera «o Verbo supremo da Expressão» e define a Arte como «a interpretação ardente de todo o Movimento».

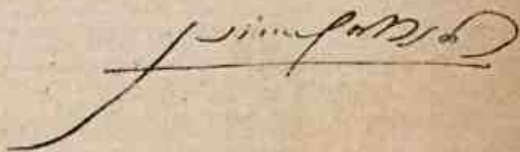
É bem de vêr que aqui o Movimento se resume em alegria, dôr e esforço, isto é, em idílio, em drama, ou epopeia.

E aqui se explica a sua predilecção pelo retrato, porque, através da máscara humana, os seus olhos de visionário contemplan a labareda da vida, movendo-se perpetuamente e ora aquecendo a fogo brando uma face de mulher ou de criança, como em tantas das suas *Maternidades* e retratos de *bambinos*, ora varrendo e crestando as faces dos artistas dolorosos, tal nos admiráveis retratos de Soares dos Reis e Camilo.

Na nossa revista e em tres bem diversas das suas criaçõis se documentam essas belas qualidades:— no angélico bucolismo da *Raquel*, na face máscula do *Cristo*, cheia de febre e visão, e nessa graciosa aparição duma vida que se esbate em sombra e humildade escusa.

Nas terras do Brasil, onde a Vida é ardente e tumultuosa, como ha de ser grata e refrigerante a contemplação da sua Arte, feita de silêncio, graça ingénua, bondade cristã, e remotos clarõis da face divina que a Natureza entremostra aos seus eleitos!

Tão remotos e abismais, que ao dissolvermos a consciência na estesia das suas criaçõis nos sentimos, já longe da realidade terrestre, nadar serenamente no Eter, vogar de azas pandas em páramos de Ideal e, partilhando a essência divina, regressarmos à primeira consciência do Cáos, quando, na sublime frase bíblica,— *o Espírito de Deus era levado sobre as águas!*



Nova teoria do Sacrificio

XVI

MUITOS mitos do pecado original temos exposto (e muitos mais, por incaracteristicos ou por insuficiencia de informação, omitimos) para darmos ao leitor a convicção de que este tema da queda do homem tem, nas diversas mitologias, uma consideravel importancia. A sua extensão é, a bem dizer, a terra toda, e as narrativas em que ele aparece são geralmente reconhecidas como da mais remota antiguidade.

É tempo agora de estudarmos a contra-parte deste mito, isto é, o seu rito, a sua representação, afim de vermos se nos aparecem as diferentes fases do sacrificio.

A representação das narrativas é universal. O Cristianismo nas suas procissões, nos seus ritos, dramatiza os capitaes passos das suas legendas. Identicamente as outras religiões. Se fizéssemos obra de vulgarisação, informariamos com minucia o leitor dos diferentes mitos, tradições, simples contos que são representados com mais ou menos cerimonial, por todos os povos, mercê da tendencia psicologica a que aludimos no começo deste trabalho. Passariamos revista ás obras de Spencer e Gillen, Strehlow, Howitt, Van Gennep etc, que dão abundante noticia de mitos associados a ritos entre as tribus australianas; citariamos os principaes factos do mesmo genero contidos no livro tão injustamente esquecido de Magnin — «Les Origines du Theatre», nas obras de Reinach, etc; fariamos farta colheita em Frazer, Sébillot e outros, de ritos, festas, pantomimas, correspondentes a mitos ainda hoje correntes. A tarefa é, porém, inutil. Todos os que estudam estes assumptos conhecem essas associações.

Num livro recentissimo, falando seu auctor da anterioridade do mito ou do rito, conclue a enumeração de possibilidades: «Emfim, é corrente que o mito e o rito sejam intimamente ligados porque, instituidos ao mesmo tempo, procedem da mesma idéa. O valor religioso e primitivo do mito vem-lhe da sua recitação, frequentemente acompanhada de mimica, nas cerimoniaes do culto. Identifica-se o grupo, por estes exercicios, com os personagens míticos, etc.» (1)

Não cremos, pois, que nos contestem o facto de o mito do pecado original ser representado como os outros mitos. De resto, veremos no decurso destes artigos que mitos do pecado já referidos se acompanharam do respectivo rito.

Se alguns, segundo parece, não foram dramatisados, é que nos

(1) René Dussaud — «Introduction à l'Histoire des Religions», Leroux, 1914 Pag. 271 a 272.



À JANELA

De Antonio Carneiro

chegaram por via literária, embora esta os haurisse da tradição popular ou sacerdotal. A forma literária surpreendeu-os numa dada fase de sua existencia, visão do momento presente, e immobilizou-os. A distancia, depois, é difícil discriminar-se-lhes o rito, que, mesmo, já devia ser excedido pela fase fixada do mito, pois que a forma oral evolve mais rapidamente do que a forma activa. Assim, ainda que o rito exista, a forma literaria, derivada da tradição mas augmentada dum coeficiente, embora minimo, de invenção, difficilmente lhe poderá corresponder. Terá tão somente um vago ar de parentesco, a não ser que, sendo muito antiga, o rito, evolucionando, a fosse encontrar, convergencia em todo o caso improvavel, dados o subjectivismo que afecta a forma literária e os agentes externos da modificação dos ritos.

Do facto da passagem do antropeide para homem e suas consequencias, origem do mito do pecado original, foi-nos possível organizar um esquema; possível será também formar o esquema da dramatisação desse mito, visto como lhe conhecemos a estrutura e sentido. Esse esquema será ao mesmo tempo o esquema do sacrificio. Ulteriormente veremos se existe ou não correspondencia entre as particularidades rituaes e as particularidades míticas.

Dissemos no nosso primeiro artigo que o esquema dos mitos da queda do homem seria: «um alimento (ou derramamento de sangue) foi uma acção funesta que trouxe á humanidade ou ao seu simbolo, um homem, grandes desgraças. Eis o facto central que devemos esperar se mantenha. Os acessórios—começo da espécie, felicidade anterior á queda, especificação das desgraças succedidas, essas, ou cairão ou se virão desfigurando, etc., etc.

A este esquema dos mitos do pecado original, corresponderia nos ritos a morte violenta e manducação dum animal e qualquer sofrimento aparente ou real inflingido ao sacrificante, representando alguma ou algumas das consequencias do pecado. Dissemos a morte dum animal e sua manducação (e não consumo de outro qualquer alimento vegetal, p. ex.) pela razão de que a atribuição da queda do homem ao consumo dum vegetal é certamente muito posterior á instituição do sacrificio (vem desde o inicio da tradição, sem duvida). Uma das causas da confusão é até, como já dissemos, a intervenção da planta da vida (a alimentação primitiva, os frutos) que veremos figurar mais ou menos claramente no sacrificio. Como a narrativa se modifica mais rapidamente do que o rito, deveria o sacrificio continuar empregando a carne dos animaes, em vez de se adaptar ás novas formas do mito. O sacrificio do soma e do haoma, que parece contrariar o que dizemos, será mais adeante estudado e reduzido ás suas mais verosimeis proporções.

Mas outras circunstancias do mito aparecem com singular constancia no sacrificio, em muitos povos, que, neste capitulo de generalidades, convem mencionar. Citemos como mais frequentes o estado paradisiaco, de santidade, o uso dum alimento maravilhoso, os frutos, (dado que muitas vezes degenera em qualquer alimento vegetal

ou mesmo em líquido,) o jejum representando a ausencia do alimento pecaminoso, antes do assassinato do animal (a *queda*), a realisação de actos correspondentes a miudas particularidades da consequência da queda, a esperança na ressurreição da vítima. (Ha muitas victimas que nos mitos ressuscitam, Dyonisos, por exemplo); Com efeito, a humanidade foi sempre infeliz. Como a tradição, a sua sciencia nesses tempos remotos, lhe ensinava sibilinamente que todo o seu mal provinha de ter matado e comido certo animal, tendo como castigo a perda dum alimento maravilhoso, que lhe dava a imortalidade, a cura de todas as doenças, a plena felicidade em que vivera antes dessa queda; e o trabalho e as dores de toda a espécie; a humanidade, diziamos, acharia duas soluções para tamánhos males: ou a ressurreição da vítima, que lhe perdoaria o crime, e que ela propria a guiaria para os maravilhosos logares da sua origem e do seu descanso; ou então que um santo ou um matador de monstros, ou um iluminado, a levaria a essa terra santa.

Eis toda a filosofia do messianismo. Expondo ao meu querido amigo José Pereira de Sampaio (Bruno) esta idea de que um messias era um iluminado ou um heroe a quem a humanidade attribuia o poder de o conduzir ao paraíso, isto é, ao logar da origem, ao logar a que os mitos se referiam como séde da felicidade, e não ao céu, derivação ulterior, tive a felicidade de ouvir ao genial pensador, uma das mais autenticas glorias de Portugal, que egualmente essa idea lhe viera, no decorrer dos seus estudos sobre a *Odyssea* e origem arctica da humanidade. Como de modo independente chegamos á mesma conclusão, era um dever de lealdade exarar o facto.

(*Continúa*).

Matosinhos, 11-5-14

O SELF-GOVERNMENT E A ESCOLA

«Essa imensa tutela de milhões de homens por seis ou sete homens é forçaosamente absurda».

ALEXANDRE HERCULANO.

É BALDA nossa inveterada o adormecer a propria mente com noções vagas, sentimentais e fumarentas, e resolver tudo por uma inane idéa geral que não mais facilmente se applica a tudo quanto a coisa nenhuma é applicavel com precisão e nitidez. Tal succede com o velho tema da importação de instituições estrangeiras. Jeremiamos da inefficácia do parlamentarismo: e com effeito, a importação de instituições inglesas por todos os povos não ingendrou por toda a parte uma administração como a inglesa, e menos ainda improvisou nos países importadores outras tantas Inglaterras. «O grande erro, — declama agora a critica fácil, — o grande erro foi importar»; e eu rogo licença aos preopinantes para lhes dizer que *o grande erro foi não importar suficientemente*. Somos como um cavalheiro que mandou vir um carro automovel sem motor, ou uma aperfeiçoada ventoinha electrica sem ter instalado a energia electrica. Despachou os caixotes, abriu, montou o carro, deu-lhe de volante, tocou a buzina, bateu o pé, gesticulou, ruiu, estrafejou: «Eh, home! Arreda, arreda, que a coisa agora vai marchar!» — e a traquitana, apesar de tudo, não buliu; acomodou a ventoinha, e ventoinha parada. Depois arrancou, gemeu, carpiu-se, e concluiu redondamente: «o automovel é incompativel com o meu Genio; a ventoinha é inadaptable á minha Raça!»

Voltemos pois aos coches de D. João V, ás caravelas de Gil Eanes, ás mulas de Afonso Henriques, e resignemo-nos ás soalheiras que apanhou, sem ventoinha, o seu neto veneravel, D. Afonso II o gordo...

Ora, nós imitamos como toda a gente a maquina da Inglaterra, — «a civilizadora do mundo», «o país modelo», como lhe chamou Herculano; avezamos constituição, avezamos camaras, ministerios saídos dessas camaras, e uns catitinhas duns pais da patria que não são como os ingleses, mas enfim, são pais da patria; e não são — nem somos — como os ingleses, porque copiamos a maquina mas esquecemos do motor...

O motor, neste caso, é a educação dos ingleses.

Sabeis que a mola do sistema britanico consiste numa coisa que por ser deles lhe chamaremos como elles lhe chamam: o *self-government*. Sem dúvida a sociedade, a familia, o ambiente, educam o inglês no *self-government*; mas lá está tambem a escola a infundi-los nesse molde. ¿É a nossa escola, sabe ella ao menos o que isso é? Não, não faz a minima idéa: — e eis aí uma das razões por que a maquina não marcha.

Torrencialmente se proclama — por discursos, canções e ditirambos — a necessidade de uma «educação lusitana». É claro que ninguém sabe o que é uma educação lusitana, e porisso mesmo ella aparece tão fecunda e milagrosa: — effeitos transcendentés das palavras mágicas! Pois se tivermos de definir pelo nome de algum povo a educação que nos falece, hemos de nos resignar ao «estranjeirismo», e a sustentar prosaica, mas conscientemente, a urgencia de uma educação anglo-saxonica, adaptada a uma escola do trabalho e da organização social do trabalho. Os motivos desta ultima deduzem-se da análise da nossa historia, como a deixei esboçada em artigos anteriores. (1) Seria esta a verdadeira educação portuguesa, porque pedida pelas necessidades portuguesas, pela historia portuguesa, e pelas condições portuguesas; seria ella a verdadeira educação nacional.

(1) V. especialmente no n. 27 da *Agua* o artigo *Pela pedagogia do trabalho*, e a conferencia *O problema da cultura*, etc. Em ultima análise, poder-se-ia dizer que a causa da prosperidade dos povos é sempre o trabalho, a iniciativa particular produtora, e a causa da decadencia o «oclo ignaro», o communitarismo de Estado.

Estampava ultimamente nesta revista o inspirado poeta Jaime Cortesão um artigo em que se dava como peculiaridade nossa característica e virtude nacional por excelência—a fidelidade de vassalo. Acertadamente notou um facto que fôra sem-ração meter a escuro; só lamentamos que o fúlgido autor da «Gloria Humilde» se não aprouvesse de ir além do superficial no seu tema, proporcionando-nos uma explicação de tal fenómeno, a seus olhos de poeta tão bemquisto. Que significa socialmente essa fidelidade de vassalo? Foi ela socialmente uma virtude ou foi um vicio? Foi ela um bem ou foi um mal?

Canôes exclamou, a propósito de Egas Moniz:

Oh grão fidelidade portuguesa
De vassalo!...

e Bocage, reportando-se a D. Sebastião:

Ah! Segue-o *submissa grei*,
Lusas mãos pendões deslerem
E até na injustiça querem
Dar a vida pelo rei!

¿Pois não fôra muito melhor que em vez de dar a vida pelo rei até na injustiça, eles houvessem preferido meter na justiça—e no juízo—o pedaço de asno do seu rei? Assim faria, certamente, a nobreza da Inglaterra.

Aquela «fidelidade de vassalo», se produziu formosos lances de galhardia individual, denuncia socialmente um mal gravíssimo: a estrutura cavaleiresca da sociedade portuguesa, visceral imperfeição da nossa estirpe. A assiduidade dos pretendentes no Terreiro do Paço é hoje a forma degenerativa dessa antiga fidelidade. Exaltar a fidelidade de vassalo e condenar ao mesmo tempo a monarquia absoluta é contrassenso rematado, pois são os ditos feis vassallos que geram os reis absolutos. Como escravos revoltados, vemos na liberdade um presente que nos dão ou que nos tiram, não uma virtude do nosso espirito que criamos diariamente ou diariamente abandonamos...

Aos fidelísimos vassallos, leitor amigo,

Que até na injustiça querem
Dar a vida pelo rei,

poderíamos chamar em prosa chã, e segundo a delicadeza do teu ouvido,—os frêguês, os lambareiros, ou os parasitas da gamela pública, como o são os partidários mais feis dos chefes politicos hoje em dia. «Comendas», «direitos reais», etc., enchem a gamela absolutista; enchem a gamela liberal as varias formas complicadas do carneiro com batatas. Todos pretendiam ser del-rei, e todos pretendem ser do Estado: as formas variam, as almas ficam...

«Dar a vida pelo rei» era o imperativo categorico; sêr armado cavaleiro, a ambição dos portugueses. Pois bem: uma citação de Boutmy, se a compararmos com isto, vem muito a ponto de nos inculcar a disparidade fundamental de que saiu a diferença de destinos da nossa patria e da Inglaterra.

Tempos depois da conquista normanda, os cavaleiros ingleses deram em fugir totalmente aos deveres da Cavalaria, como faziam os saxões, seus vassallos. Adivinhaes que a realeza, privada de servidores, recalcitrou. E neste passo diz Boutmy: «Les ordonnances qui enjoignent de recevoir cet honneur (ser armado cavaleiro) reviennent incessamment au cours du XIII.^e siècle: cela prouve clairement qu'on ne s'y prêtait que de mauvaise grâce. La recrudescence de l'esprit chevaleresque sous Edouard III ne fut qu'un accident et une mode éphémère. Dès 1278, le roi commande aux sheriffs de *contraindre de recevoir l'accolade* (obrigar a receber a honra da Cavalaria!! que pensaria disto um português?) non pas seulement les personnes appartenant à la classe des chevaliers, mais tous les hommes dont le revenu foncier égale 20 livres sterling, de quelque seigneur et à quelque titre qu'ils tiennent leurs terres. Cette prescription fut répétée depuis à plusieurs reprises; elle montre à quel point s'étaient mélangées les deux classes. En somme, dès le XIII.^e siècle, les chevaliers paraissent avoir pris en majorité les goûts et les mœurs d'une simple classe de propriétaires ruraux.» (*Le développement de la Constitution en Angleterre*, 81-83).

Jaz nesta comparação, leitor paciente, o nó vital do problema: iniciativa particular ou reboque de outrem, contar com sigo ou com o chefe, esperar de si próprio ou esperar do Estado:—*that is the question*. Lá, os senhores tratavam das suas terras, e deixavam a majestade a ruminar os seus projectos; cá — « todos del-rei! todos del-rei! » — o ideal supremo era o soldado, o fiel servidor de Sua Alteza...

De certo fidalgo da familia dos Hortas li eu algures, que para festejar o trânsito da rainha por suas terras lhe deu um fogo de artifício; e como desejasse um remate digno de tão grande honorificencia, condenou ao fogo o seu solar, onusto das riquezas de gerações (não dizia o livro por que processo tanta riqueza se acumulara; mas calcula-se). Tempos passados... e tempos presentes! Não faltariam hoje republicanos, monarcólagos de primeira, que lhes desse oiras de fazer o mesmo por um chefe — político — providencia: tempos passados, — tempos presentes!...

Por aqui translúo o que eu tenho em mente pedindo uma educação anglo-saxonica: uma disciplina do caracter que ao invés das tendencias fantasistas, sentimentais e sonhadoras que se al loam, fosse um desenvolvimento da iniciativa, da vontade criadora, da responsabilidade, do auto-dominio, — do *self-government*!

Escrevia Herculano em 58, no belo tratado de educação civica que é a sua « Carta aos eleitores de Cintra »: « Quereis encontrar o governo central? Do berço á cova encontrai-lo por todas as fases da vossa vida, raramente para vos proteger, de continuo para vos incomodar. Nada, a bem dizer, se move na vida colectiva do povo, que não venha de cima o impulso... Essa imensa tutela de milhões de homens por seis ou sete homens é forçosamente absurda... É preciso que o país da realidade, o país dos casais, das aldeias, das villas, das cidades, das provincias, acabe com o país nominal, inventado nas secretarias, nos quartéis, nos clubs, nos jornais, e constituido pelas diversas camadas do funcionalismo que é, e do funcionalismo que quer e ha-de sêr... Os partidos, sejam quais forem as suas opiniões e os seus interesses, ganham sempre com a centralização... A administração do país pelo país é a realização material, palpavel, efectiva, da liberdade na sua plenitude, sem anarquia, sem revoluções, de que não vem quasi nunca senão mal... A centralização, na copia portuguesa, como hoje existe e como a soffremos, é o fidei-commisso legado pelo absolutismo aos governos representativos, mas enriquecido, exagerado; é, perdoai-me a frase, o absolutismo liberal. (1) A differença está nisto: dantes os frutos que dá o predomínio da centralização supunha-se colhê-los um homem chamado rei; hoje colhem-nos seis ou sete homens chamados ministros. Dantes os cortesãos repartiam entre si os frutos, e diziam ao rei que tudo era dele e para ele; hoje os ministros reservam-nos para si ou distribuem-nos pelos que lhes servem de voz, de braços, de mãos; pelo partido que os defende, — e dizem depois que tudo é do país, pelo país e para o país. E não mentem. O país de que falam é o seu país nominal; é a sua clientela, o seu funcionalismo; é o próprio governo; é a tradução moderna da frase de Luis XIV — *l'état c'est moi*, menos a sinceridade »...

(Devo dizer aos Senhores Politicos atuais que tudo isto era no tempo de Herculano: hoje... sim, Vossas Excelencias percebem...)

E esse Mestre incomparavel proseguia: « Não acuso ninguém em particular; descrevo um facto geral; não sirvo, nem combato nenhum partido; pago-vos com a franqueza um pouco rude da minha linguagem a vossa benevolencia ».

Creio, leitor amigo, que temos materia de um proémio; percebes já porque vou falar-te, no próximo numero, do *self-government* escolar entre gente anglo-saxonica, — se a tua provada benevolencia consentir em me aturar.

Antonio Sérgio

(1) Feito pela *nossa* passividade e carneirismo de pseudo-cidadãos, como o absolutismo antigo se estribava na « fidelidade » do vassallo. Está visto que para o portuguezinho valente a culpa é sempre... dos governos!

BIBLIOGRAFIA

«DOENTES DA BELEZA» — Contos do *Visconde de Villa-Moura*. Edição da «Renascença Portuguesa» — Pôrto. Quando a Beleza se transfigura em fatalidade, e o genio da dôr esculpe os sentimentos em sombras de mysterio, bem se pode dizer que a alma é doente, e doente de Beleza máxima. Pois, são assim os personagens deste livro estranho, modelado na carne viva das mais absorventes paixões. *Ismael, Destino, Casa das Sombras* — marcam uma estatura superior, pela agitante harmonia que lhes dá relevo e tom. *Delito de Amor* — é um pequeno claro-escuro de febre e martirio. *Humildes* — são a innocencia da Natureza revolviendo desgraças na ingenuidade dos simples. Aqui se revela o Autor em nova forma, grandemente bela, de emoção e poder criador.

«GLORIA HUMILDE» — Versos de *Jaime Cortesão* — Edição da «Renascença Portuguesa» — Pôrto. No próprio encantador lirismo deste livro, de infinitas ternuras e gloriosissimas humildades, palpita e freme a cada instante o impeto heroico do Autor, o deslumbramento epico da sua raça. É que Jaime Cortesão, pela vibratilidade natural dos seus nervos, pelos entusiasmos febris do seu sangue, mesmo quando fala baixinho de comovido amor ou enleante saudade — é ainda um arrebatamento em delirio de ascensão para as divinas atitudes da alma. «Terra Mãe», «Paisagens» e «Tardes de Portugal», «Alma do Povo», e «Da Minha Arte», «Sonetos d'Amor» e «Orações» são os belos capitulos do grande livro, em que o poeta gravou para todo o sempre os mais puros cimos da sua estranha emoção.

«VERBO ESCURO» — *Teixeira de Pascoaes* — Edição da «Renascença Portuguesa» — Pôrto. Teixeira de Pascoaes juntou numa grandiosa nave de catedral um infinito cortejo de sombras e aparições, as geniais sombras e aparições do seu altissimo pensamento poetico, animou-as do poder maravilhoso da Saudade e fê-las depôr sobre os mais intimos mysterios do Universo. Falaram, disseram assombros, tiveram revelações supremas. «Verbo Escuro» é a collecção desses depoimentos, necessario complemento a tão

notavel obra do A., a quem só os Estrangeiros sabem considerar como o maior Poeta portuguez da sua geração.

«Á CATALUNHA» — Versos de *Augusto Casimiro*. Edição da «Renascença Portuguesa» — Pôrto. É vibrante e cheio de entusiasmo o novo poemeto de Augusto Casimiro, em louvor e glória da Catalunha, que o poeta vê irmanada a Portugal na mesma ancia heroica de aventura, sonho e Saudade. Ribera y Rovira, o illustre escritor catalão, verteu para a sua lingua o poemeto, em que brilham versos admiraveis.

«MISS DOLLY» — por *Costa Macedo*. Edição da «Renascença Portuguesa» — Delicada novela, é a história duma riquissima miss a quem o pai queria transformar em castidade perdida os muitos milhões, á custa do deslumbramento dum nostálgico portuguez a quem, afinal, o amor da Pátria salvou para o amor da patria que o esperava.

«O PROBLEMA DA CULTURA» — Por *António Sérgio*. Edição da «Renascença Portuguesa» — Pôrto. António Sérgio devia ter realisado no Rio de Janeiro uma conferência sobre a feição educativa da «Renascença Portuguesa». Motivos vários impediram que ela se fizesse, mas não que se publicasse. E aqui temos, numa lúcida exposição de factos e opiniões, o desenvolvimento das doutrinas brilhantemente expostas pelo A. na *Águia*, sobre a orientação a seguir no resurgimento da nacionalidade.

«NA AZA DO SONHO» — Versos de *João Lucio* — França Amado. O A. do «Descendo» e do «Meu Algarve» tem na «Aza do Sonho» um novo marco de gloria para as suas já extraordinárias qualidades de Poeta. Este livro é um hino soberbo de Beleza ao Sonho e ao Amor, as duas eternas fontes de Vida e Saudade. Erguendo-se sempre na vertigem da Aza, o A. vai subindo cada vez mais para essas alturas do espirito em que o verso é já fala de Anjos e luz de Sol.

«A MINHA TERRA» — Versos de *João de Matos Betencourt*. O A. canta em lindos versos de Saudade os encantos da sua terra, a encantadora ilha de S. Jorge. Simples e comovidas são as composições deste livro!

«AÇOREANAS» — Versos de *Manoel Augusto do Amaral* — Ponta Delgada, 1913. É o livro dum incansavel poeta açoreano cuja musa tem a face multipla do lirismo enternecido, do sarcasmo e do humor, lembrando-nos por vezes a musa de Bartrina. Nas *Açoreanas* ha versos que o povo bem podia cantar como os seus, e outros que não ficariam mal na bagagem de muito poeta em evidencia. Irregular, por vezes, o poeta fez um livro cuja leitura agrada e que honra de certo a sua ilha atlantica, eterna pela morte de Antero, e os Açores que ele canta.

«L'HORA TRANQUILA» — Versos de *Josep Massó Ventós*. Livro de enternecimento, é o produto das horas de solidão da alma, em que ella contempla melhor a vida por mais afastada do seu torvelinho. Ventós é dos bons poetas catalães, sempre ardentes no amor á sua terra.

«DÁLIAS» — Versos de *Mario Pacheco*. Já aqui registámos o mérito do Poeta dos *Hinos á Vida e ao Amor*, que vai seguindo a natural evolução para o mais Belo e mais Perfeito. Este livro accusa já mais intensa vida interior e melhor segurança de expressão.

«PETALAS DE ROSA» — Versos de *Carvalho Mourão*. Para ensaio literario — não pode exigir-se muito mais. É mesmo possível que o A. venha um dia a ter o sentimento exacto do verso.

«NA VESPERA DA INCURSÃO» — Peça em 1 acto pela S^{ra}. *D. Alice Moderno*, com um simples episodio de adulterio iminente, que é impedido por um rasgo de nobreza do sedutor. A partida para a fronteira é um pretexto para o acordar desse lance.

«BUCOLICAS» — Versos de *Pinto Ferreira*. Tem o A. aperfeiçoado successivamente a sua maneira de fazer o Verso. Neste livro sobressae uma interessante «Balada» plena de intima beleza.

«SILHOUETTES» — por *A. Sarmiento Beja*. Genero de literatura dos mais dificeis, é tambem dos mais ingratos este de pintar pessoas com palavras. O snr. Sarmiento Beja, porém, numa prosa brilhante conseguiu sair-se da dificuldade com intelligencia. As *Silhouettes* foram publicadas no *Primeiro de Janeiro* com o pseudonimo de *João d'Alem* e aparecem agora em volume illustrado pelo snr. Manuel Monterroso que, á parte uma ou outra, lhes deu, pelo lapis, a exacta solução.

«A CONFISSÃO DE LUCIO» — por *Mario de Sá Carneiro*. Creemos nós que o assunto de qualquer trabalho literario ou artistico é fundamental para a questão

do juizo critico a fazer da obra. Rafael a pintar uma scena de filicidio ou de stupro seria sempre mal visto. Shakespeare a tomar como tema dominante duma sua obra repugnâncias similhantes seria igualmente reparado. Nas devidas proporções, o snr. Sá-Carneiro não foi feliz na escolha do seu assunto. Tratou-o com talento e original expressão, não obstante a febre tumultuária de duas ou tres noites em que o escreveu, mas não pode ter a nossa simpatia pelo processo que seguiu.

«DISPERSÃO» — Versos de *Mario de Sá Carneiro*. Já aqui é o caso muito diferente. Podemos não concordar com a maneira do poeta, com a sua concepção de poesia; o que não podemos negar-lhe é que na sua forma, no que se traçou, entre delirios e labirintos, desvaios e rodopios, fez um livro singular.

«EL GRECO» — de *Ricardo Jorge*. Este notabilissimo trabalho, nova contribuição biographica, critica e médica ao estudo do pintor Doménico Theosocópuli, separata da Revista da Universidade de Coimbra, tem já a merecida consagração de toda a critica nacional e estrangeira.

«O MEDICO PENITENTE» — de *Ricardo Jorge*. Assim se titula o discurso proferido pelo eminente Professor na sessão de abertura da Faculdade das Sciencias Medicas de Lisboa, em 6 de dezembro ultimo. Scintilante de purissimo português, salpicado donde em onde pelo sal da mais fina graça, é um primor de doutrina e forma.

«O ENSINO AGRICOLA EM PORTUGAL» — É o tema duma conferencia realizada pelo professor Eduardo Alberto Lima Basto na sede da Associação Central da Agricultura portuguesa. O A., com grande proficiencia, mostra o atrazo da agricultura e faz votos por que do Instituto Superior de Agronomia saia algum remédio a tão pernicioso mal.

«O MATERIALISMO HISTÓRICO» — por *Bento Carqueja*. Separou o A. dos Anaes da Academia Politecnica do Porto este seu trabalho, em que vê ter o materialismo histórico contribuido poderosamente para reunir na sciencia sociologica a Economia, o Direito e a História.

«PLICATURA E RECORTE» — É bem curioso e util o desenvolvimento que ultimamente tem experimentado o ensino dos trabalhos manuaes educativos. Os distintos professores snrs. J. da Silva Fialho e E. Moreira de Sá ordenaram esse estudo num livro e complementar caderno, que sobremaneira auxiliam o ensino da geometria intuitiva.

«CAMPO DE FLORES», de *João de Deus*. — Poesias líricas completas em 2 vol., 4.ª ed. — Devemos ao filho do Poeta a nova edição dalgumas das mais belas poesias líricas portuguesas, coordenadas sob as vistas do Autor pelo Sr. Teófilo Braga. Que mais dizer do divino mestre das crianças? Ele já está fora da crítica, pela altura a que a sua arte ascendeu.

«A CONCEPÇÃO DA ALEGRIA NALGUNS POETAS CONTEMPORANEOS» — por *Carlos Maíl*. É uma conferência lida em 1913 no Rio de Janeiro, em que o Autor analisa com subtil intenção o assunto do título, mostrando que a Alegria está em alcançarmos a harmonia do ambiente que nos cerca; em aprendermos a contemplar com serenidade.

«A ARTE NA EDUCAÇÃO DA MULHER» — por *Antero de Figueiredo*. Conferência lida pelo Autor no Pôrto, em Abril de 1914. — Partindo de que na Mulher o instinto é sciência, o Autor, em deliciosas páginas do mais formoso estilo, mostra como ela deve procurar no culto da Arte, sob todos os aspectos, a Educação que a tornará a companheira sonhada e a mãe ideal.

«A MORTE DO MAU LADRÃO» — Versos de *Gomes Leal*. Apesar de tão batido pelas inclemencias dos últimos tempos, ainda se sente neste recente opúsculo o Autor das frêchadas do *Fim dum Mundo* e das puras *Claridades do Sul*. Aspira-se mesmo, de longe a longe, o grato perfume da tão bela «Historia de Jesus».

«MINHA TERRA» — Versos de *Santos Luz*. Em singelos versos, canta o Autor a Saudade da sua terra, tecendo-a de recordações das diferentes quadras do ano. Tem o poema lindas trovas, que chegam a compensar a fraqueza dalguns sonetos.

«A ALMA DAS ARVORES» — Versos de *António Correia d'Oliveira*. Livrarias Aillaud e Bertrand. É este volume uma adaptação e escolha da «Criação — I, Vida e Historia da Arvore», de que já aqui fizemos as melhores referências.

«EVANGELHO DA SOMBRA E DO SILENCIO» — Versos de *Olegario Mariano*. Rio de Janeiro. Poeta das Cigaras, das Arvores e do Amor, no seu proprio dizer, o Autor possui já bastante perfeição de técnica, para dar colorido relêvo ás suas interessantes composições.

«O THEATRO EM FRALDA» — por *Oldemiro Cesar e Rocha Junior*. Quando dois irreverentes se juntam para criticar descaramente um bom assunto, e quando esse assunto é o teatro, que lindas coisas vêm a lume! Os autores deste *escandaloso* conhecem o caso e trataram-no com talento. Não devia, porém, iazer-se tal crítica apenas uma vez por outra. Da forma venal e repugnante como andam as coisas de teatro, indispensavel era que cada jornal tivesse, pelo menos, um visitante assim *malcriado*.

«SOL DO CORAÇÃO» — Versos de *Matias de Lima*. Cremos tratar-se duma estreia, com as naturais hesitações. Com mais recolhimento interior, e menos sedução de palavras, o sur. *Matias Lima* ha de fazer livros cheios de encanto. O volume tem um belo desenho de Antonio Carneiro.

La Vie des Lettres — Assim se denomina a esplendida revista francesa dirigida pelo illustre Poeta francês Nicolas Beaudin, o criador duma nova escola poética que tem por fim dar a divina expressão artistica ás poderosas energias em movimento nos grandes povos de hoje. A poesia de Beaudin é titanica, impetuosa, condensadora de grandes aspirações de dominio e representa bem o actual despertar da sua Raça, tão heroiicamente progressiva. Essa será, sem duvida, a nova orientação da bela Revista trimestral, de 164 paginas, que, além disso, vai realisando uma admiravel collecção antologica e critica de poemas e prosas e que, para o estrangeiro, custa apenas 12 francos ao ano.

Revista da Universidade de Coimbra.

Revista de Historia. — Lisboa.

Revista de Educação. — Lisboa.

A Renascença. — Lisboa — N.º 1.

O Lusitana. — Braga.

Universidade Livre. — Boletim Mensal — Lisboa.

Ideia Livre. — Porto.

Iris. — Pôrto.

A Tutoria. — Lisboa.

A Povoação do Varzim. — Povoação.

O vóo mecanico. — Lisboa.

Revista da India. — Nova-Goa.

Heliopolis. — Recife.

Ilustração Paraense. — Belem.

A Cigarra. — São Paulo.

ÍNDICE DA COLABORAÇÃO

LITERATURA

Regeneração e Tradição, Moral e Economia	1	A Era Lusitana	97
Ilibiscus Mirabilis	9	Cartas ineditas de Camilo—102 e	140
A minha aldeia	10	Versos do Mar Atlantico	104
A Canção do Novo Restelo	17	Versos da Alma Ausente	106
A Canção do Luar	18	Despedida de Julieta	109
Bibliografia—29, 58 e	190	Charneca das Naves	113
Resposta a António Sérgio	33	A Idealisação legendaria do povo portuguez—116 e	141
Dois Estudos para os versos das <i>Scenas Infantis</i> de Schumann		Ultima Carta?	129
— Orações. Adormecendo—39	40	Ankises	138
Mistério	41	Os que sonham	147
O velho e a arvore antiga	50	La psychologie des Poètes Nouveaux et la Vie Moderne	161
O Derradeiro Bucolista	165	O Paroxismo	166
Cantares	69	Amor	169
Visão	73	Explicações necessarias do homem da espada de pau ao arcanjo da espada dum relampago	170
Da minha Janela	74	Sinfonia do Mar-Alto	176
O Lobo Humano	78	Mulheres e toilettes	180
Estudo para o romance de dois caracteres	79		

ARTE

(ILUSTRAÇÕES)

Ao fim da tarde	8-A	Caveiricatura de Leal da Camara.	120-A
Maria	16-A	Grupo de Santo António	136-A
Torre da Igreja de S. Domingos (Vila-Rial de Trás-os-Montes)	24-A	Mofina Mendes.	144-A
Non omnis moriar.	40-A	Jarra das Sereias,	148
Madona	48-A	Padre	149
Moinhos nos arredores de La- mego	56-A	Vaso dansa de rãs,	150
Estudo.	72-A	Busto de João de Deus,	151
Antero de Quental	80-A	Vaso Romano. Cangirão de Bar- celos	152-A
Sagrador.	88-A	Rachel.	168-A
A Anfora do Saudosismo	104-A	Cristo	176-A
O Faraó Pascoaes.	112-A	À janela	184-A

ARTIGOS

Monumentos da Arte considera- dos como subsidio para a Historia da Civilização portu- guesa — 79, 51 e	87	O Aguarelista Alberto Sousa	55
		A Exposição Correia Dias	122
		Faianças portuguesas.	148
		O Pintor Antonio Carneiro.	182

SCIÊNCIA, FILOSOFIA E CRÍTICA SOCIAL

Nova Teoria do Sacrificio — 26, 92, 122 e	184	Os Conflitos da Historia	158
Pela Pedagogia do Trabalho	95	Algumas considerações sobre um colégio escolar	154

NOTAS E COMENTÁRIOS

O Imperialismo de hoje e o impe- rialismo peninsular	159	O <i>self-government</i> e a escola	186
---	-----	---	-----

ÍNDICE DOS AUTORES

Afonso Lopes Vieira—39 e . . .	40	Joaquim Vitorino Ribeiro, . . .	72-A
Alberto Sousa—24-A e . . .	56-A	João Saraiva,	78
António Carneiro—16-A, 48-A, 80-A, 168-A, 176-A e . . .	184-A	José Teixeira Rego—26, 92, 122 e	184
António Sérgio—1, 95, 109, 147, 159, 170 e	186	Júlio Ramos,	8-A
Aubrey Bell,	58	Leonardo Coimbra,	69
Augusto Casimiro—17, 18, 104, 106 e,	176	Leopoldo Batistini,	88-A
Aurelio da Costa Ferreira . . .	154	Manoel Gustavo Bordaio Pinhei- ro—136-A, 144-A, 148, 149, 150, 151 e	158-A
Camilo Castelo Branco, 102, e . .	140	Mário Beirão—73, 113 e	169
Candida Aires de Magalhães . . .	50	Mário de Sá Carneiro,	41
Carlos Maul,	138	Nicolas Beauduin,	161
Carlos Parreira—79 e	180	Philéas Lebesgue,	29
Correia Dias—104-A, 112-A, e, . .	120-A	Ricardo Jorge,	65
Cristiano de Carvalho	40-A	Teixeira de Pascoaes—10, 33, 74, 97, 129 e	166
Emílio de Menezes	9	Tcofilo Braga,	152
Jaime Cortesão—116, 141, e . . .	182	Urbano Canuto Soares,	156
Joaquim de Vasconcelos—19, 51, 87 e	148	Virgílio Correia—55 e	122